

Jane Austen

Orgullo
y Preconceito

MARTIN  CLARET

Orgulho
preconceito

Jane Austen
**Oíglho
preconceito**

Tradução
ROBERTO LEAL FERREIRA

MARTIN  CLARET

Sumário

[Anterosto](#)

[Folha de rosto](#)

[Sumário](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Página de direitos autorais](#)



orgulho
preconceito

Capítulo 1

É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro e muito rico precisa de uma esposa.

Por menos conhecidos que sejam os sentimentos ou as ideias de tal homem ao entrar pela primeira vez em certo lugarejo, tal verdade está tão bem arraigada na mente das famílias que o rodeiam, que ele vem a ser considerado propriedade legítima de uma ou outra de suas filhas.

— Meu caro sr. Bennet — disse-lhe a esposa certo dia —, sabia que Netherfield Park foi enfim alugado?

Respondeu o sr. Bennet que não.

— Mas foi — tornou ela —, pois a sra. Long acaba de vir aqui e me contar tudo sobre o assunto.

O sr. Bennet não deu nenhuma resposta.

— Não quer saber quem o alugou? — exclamou a mulher com impaciência.

— Você quer contar, e eu não tenho nada contra ouvir o que tem a me dizer.

Isso já lhe pareceu um bom convite.

— Ora, meu querido, como você sabe, a sra. Long diz que Netherfield foi alugado por um jovem de amplas posses do norte da Inglaterra; que ele chegou para ver o lugar na segunda-feira, numa *chaise* puxada por quatro cavalos, e ficou tão encantado com o que viu, que de imediato entrou em acordo com o sr. Morris. Ele deve mudar-se antes do dia de São Miguel, e alguns dos seus criados já devem chegar no fim da semana que vem.

— Qual é o nome dele?

— Bingley.

— É casado ou solteiro?

— Ah! Solteiro, meu querido, com toda a certeza! Um rapaz solteiro de muitas posses; quatro ou cinco mil libras por ano. Que maravilha para as nossas meninas!

— Como assim? Que tem isso a ver com elas?

— Meu querido sr. Bennet — tornou a mulher —, como você é aborrecido! Já devia ter entendido que estou pensando em casá-lo com uma delas.

— É essa a intenção da vinda dele para cá?

— Intenção! Bobagem, como pode falar uma coisa dessas! Mas é muito provável que ele *possa* apaixonar-se por uma delas, e por isso você deve visitá-lo assim que ele chegar.

— Não vejo por quê. Você e as meninas podem ir, ou pode mandá-las sozinhas, o que talvez seja ainda melhor, pois, como você é tão bonita quanto qualquer uma delas, talvez o sr. Bingley eleja você como a melhor do grupo.

— Meu querido, fico lisonjeada. Eu certamente *tive* a minha beleza, mas não tenho mais a ilusão de ser nada de extraordinário. A mulher que já tem cinco filhas crescidas deve deixar de se preocupar com a própria beleza.

— Em tais casos, é raro a mulher ainda ter alguma beleza com que se preocupar.

— Mas, querido, você deve mesmo ir ver o sr. Bingley quando ele se mudar para cá.

— Fique sabendo que não vou garantir-lhe isso.

— Mas pense nas suas filhas. Pense na boa situação que seria para uma delas. *Sir William* e *Lady Lucas* estão decididos a ir, simplesmente por esse motivo, pois em geral, você sabe, eles não visitam os recém-chegados. Você tem de ir, pois será impossível que *nós* o visitemos se você não for.

— Isso é excesso de zelo, sem dúvida. Estou certo de que o sr. Bingley ficará muito contente em vê-la; e eu vou mandar a ele um bilhete por seu

intermédio, garantindo-lhe o meu caloroso consentimento ao casamento dele com qualquer uma das minhas filhas, à escolha dele; mas devo escrever umas palavrinhas em favor da minha pequena Lizzy.

— Não quero que você faça isso. Lizzy não é nem um pouco melhor do que as outras; e tenho certeza de que não tem a metade da beleza de Jane, nem metade do bom humor de Lydia. Mas você sempre dá a *ela* a preferência.

— Nenhuma delas tem muita coisa que as recomende — replicou ele —; são todas tolas e ignorantes, como as meninas sempre são; mas Lizzy é um pouco mais esperta do que as irmãs.

— Sr. Bennet, como *pode* insultar assim suas próprias filhas? Você adora aborrecer-me. Não tem pena dos meus pobres nervos.

— Engano seu, querida. Tenho muito respeito por seus nervos. São meus velhos amigos. Ouvi você mencioná-los com muita consideração nos últimos vinte anos, pelo menos.

— Ah, você não sabe como eu sofro.

— Mas espero que você supere o problema e viva o bastante para ver muitos jovens de quatro mil libras de renda virem para o nosso lugarejo.

— De nada adiantaria para nós se vinte deles viessem e você não fosse visitá-los.

— Não seja por isso, querida. Quando os vinte tiverem chegado, vou visitar todos eles.

Era o sr. Bennet uma mistura tão estranha de agudeza, de humor sarcástico, de reserva e de capricho, que a experiência de vinte e três anos não fora suficiente para que sua esposa entendesse o seu jeito de ser. A mente *dela* era menos difícil de descrever. Era uma mulher de inteligência medíocre, pouca cultura e temperamento inconstante. Quando se contrariava, imaginava estar doente dos nervos. Seu objetivo na vida era ver as filhas casadas; seu consolo, as visitas e as fofocas.

Capítulo 2

Esteve o sr. Bennet entre os primeiros a visitar o sr. Bingley. Sempre tivera a intenção de visitá-lo, embora até o fim garantisse à mulher que não iria; e até uma noite depois de a visita ter sido feita a sra. Bennet não teve conhecimento dela. Foi informada a respeito da seguinte maneira. Ao observar a segunda filha ocupada em enfeitar um chapéu, o sr. Bennet de repente se dirigiu a ela com estas palavras:

— Espero que o sr. Bingley o aprecie, Lizzy.

— Não temos como saber de *que* o sr. Bingley gosta — disse a mãe, ressentida —, já que não vamos visitá-lo.

— Mas a senhora esquece, mamãe — disse Elizabeth —, que vamos encontrá-lo nas festas e que a sra. Long prometeu apresentar-nos a ele.

— Não creio que a sra. Long faça isso. Ela tem duas sobrinhas, é egoísta e hipócrita. Não tenho boa opinião sobre ela.

— Nem eu — disse o sr. Bennet —, e fico feliz em saber que você não depende dos serviços dela.

A sra. Bennet não se dignou responder, mas, incapaz de se conter, começou a repreender uma das filhas.

— Pare de tossir, Kitty, pelo amor de Deus! Tenha um pouco de pena dos meus nervos. Assim você acaba com eles.

— Kitty não é discreta quando tosse — disse o pai. — Sempre escolhe a hora errada para tossir.

— Não tusso por diversão — replicou Kitty, irritada. — Quando vai ser o seu próximo baile, Lizzy?

— Daqui a quinze dias.

— É isso mesmo — exclamou a mãe —, e a sra. Long só volta na véspera; vai ser impossível que ela o apresente, pois nem ela o conhecerá.

— Então, querida, você estará em vantagem sobre a sua amiga e poderá apresentar o sr. Bingley a *ela*.

— Impossível, sr. Bennet, impossível, se nem eu mesma o conheço. Como você consegue me provocar!

— Louvo a sua prudência. É decerto superficial o conhecimento que se tem por apenas quinze dias. Não podemos saber o que um homem realmente é ao cabo de uma quinzena. Mas se *nós* não arriscarmos, outras pessoas o farão; e, afinal, a sra. Long com as filhas devem arriscar a sorte; e, portanto, já que ela considerará tal ato uma gentileza, se você negar-se a fazê-lo, eu mesmo o farei.

As meninas olharam para o pai, espantadas. A sra. Bennet só disse:

— Bobagens, bobagens!

— Qual será o significado de tão enfática exclamação? — comentou ele. — Você considera bobagem as formalidades de apresentação e a importância que é dada a elas? Não concordo com você *nesse* ponto. Que você me diz, Mary? Sei que você é uma mocinha profundamente reflexiva, que lê grandes livros e faz resumos deles.

Mary queria dizer algo inteligente, mas não sabia o quê.

— Enquanto Mary concatena as ideias — prosseguiu ele —, voltemos ao sr. Bingley.

— Estou cansada do sr. Bingley — exclamou a mulher.

— Lamento saber *disso*; mas por que não me disse antes? Se o soubesse hoje de manhã, decerto não teria ido visitá-lo. É muito azar. Mas, agora que eu já fiz a visita, não podemos deixar de conhecê-lo.

O espanto das mulheres era exatamente o que ele queria; o da sra. Bennet talvez superasse o das demais; passado o primeiro arroubo de alegria, porém, ela declarou que contara com aquilo desde o começo.

— Quanta bondade a sua, querido sr. Bennet! Mas eu sabia que o convenceria, afinal. Tinha certeza de que você ama demais as filhas para

desdenhar tal relação. Estou tão contente! E foi muito engraçado, também, você ter ido de manhã, sem dizer nada até agora.

— Kitty, agora você pode tossir à vontade — disse o sr. Bennet; e, ao dizer isso, saiu da sala, cansado dos arroubos da esposa.

— Que excelente pai vocês têm, meninas! — disse ela, quando a porta se fechou. — Não sei como vocês vão poder retribuir essa gentileza dele; ou eu mesma, aliás. Garanto a vocês que nesta altura da vida não é agradável conhecer novas pessoas a cada dia; mas, por vocês, nós faríamos qualquer coisa. Lydia, meu amor, apesar de ser a mais moça, aposto que o sr. Bingley vai dançar com você no próximo baile.

— Ah! — disse Lydia com decisão. — Não estou com medo; pois, apesar de *ser* a mais moça, sou também a mais alta.

Passaram o resto do tempo a calcular quando ele iria retribuir a visita do sr. Bennet, e a determinar quando poderiam convidá-lo para jantar.

Capítulo 3

Nem as inúmeras perguntas, porém, que a sra. Bennet, com a ajuda das cinco filhas, fez sobre o assunto bastaram para arrancar do marido uma descrição satisfatória do sr. Bingley. Atacaram-no em diversas frentes — com perguntas diretas, hipóteses inteligentes e vagas conjeturas; mas ele se furtou das astúcias de todas elas, e por fim elas tiveram de aceitar o relato de segunda mão feito pela vizinha, *Lady* Lucas. Sua descrição foi muito favorável. *Sir* William ficara encantado com ele. Era muito jovem, de grande beleza, extremamente agradável e, coroando tudo isso, planejava ir à próxima festa com um grupo numeroso de pessoas. Nada podia ser mais delicioso! Gostar de dançar já era um passo certo na direção da paixão; o que fez nascerem as mais vivas esperanças quanto ao amor do sr. Bingley.

— Se eu puder ver uma das minhas filhas bem estabelecida em Netherfield — disse a sra. Bennet ao marido —, e todas as outras igualmente bem-casadas, não vou querer mais nada.

Poucos dias depois, o sr. Bingley retribuiu a visita do sr. Bennet e permaneceu por cerca de dez minutos com ele na biblioteca. Viera na esperança de lhe ser permitido ver as jovens senhoritas, de cuja beleza ouvira muito falar; mas pôde ver apenas o pai. As senhoritas tiveram melhor sorte, pois puderam verificar de uma das janelas de cima que ele vestia um sobretudo azul e montava um cavalo negro.

Pouco depois foi enviado um convite para jantar; e a sra. Bennet já havia planejado os pratos que dariam lustro aos seus dons de boa dona de casa, quando chegou uma resposta que postergou tudo aquilo. O sr. Bingley

tinha de ir a Londres no dia seguinte, e, por esse motivo, não podia aceitar a honra do convite, etc. A sra. Bennet ficou muito desconcertada. Não conseguia imaginar que negócios ele podia ter em Londres logo depois da chegada a Hertfordshire; e começou a temer que talvez ele vivesse sempre indo de um lado para outro, e nunca se estabelecesse em Netherfield como devia. *Lady* Lucas acalmou um pouco os seus temores ao aventar a ideia de que ele tivesse ido a Londres só para reunir um numeroso grupo de amigos para o baile; e logo veio a notícia de que o sr. Bingley traria consigo doze senhoritas e sete cavalheiros à festa. As meninas lamentaram a grande quantidade de senhoritas, mas se reconfortaram um dia antes do baile ao saber que, em vez de doze, ele trouxera apenas seis de Londres — suas cinco irmãs e uma prima. E, quando o grupo entrou no salão de baile, compunha-se no total de só cinco pessoas, o sr. Bingley, duas irmãs, o marido da mais velha e outro rapaz.

O sr. Bingley tinha boa aparência e modos de cavalheiro; feições agradáveis e maneiras simples, sem nenhuma afetação. As irmãs eram mulheres lindas, com ar muito elegante. O cunhado, o sr. Hurst, não tinha a aparência de um cavalheiro; mas seu amigo, o sr. Darcy, logo chamou a atenção do salão pela figura elegante e alta, as belas feições, o porte nobre e a notícia, que passou a circular cinco minutos depois da chegada, de que dispunha de uma renda de dez mil libras por ano. Os cavalheiros declararam-no um belo espécime de homem, as moças declararam-no muito mais bonito do que o sr. Bingley, e ele foi observado com grande admiração durante metade da festa, até que seus modos provocaram certo descontentamento, que virou a maré da sua popularidade; pois descobriram todos que ele era orgulhoso, achava-se superior aos presentes, e não podiam agradar-lhe; e nem todas as suas propriedades em Derbyshire podiam evitar que tivesse as mais desagradáveis e insuportáveis feições e fosse indigno de ser comparado ao amigo.

O sr. Bingley logo fez amizade com todas as principais pessoas do salão; era animado e expansivo, dançava todas as danças, zangou-se porque o baile acabou tão cedo e falou em dar ele mesmo um baile em Netherfield. Tais qualidades simpáticas falavam por si mesmas. Que contraste entre ele e

o amigo! O sr. Darcy só dançou uma vez com a sra. Hurst e outra com a srta. Bingley, recusou-se a ser apresentado a qualquer mulher e passou o resto da festa a caminhar pelo salão, conversando de quando em quando com alguém de seu próprio grupo. Não havia dúvida sobre seu caráter. Era o mais orgulhoso e desagradável homem do mundo, e todos esperavam que nunca mais aparecesse por ali. Entre os mais violentamente contrários a ele estava a sra. Bennet, cuja repulsa a tal comportamento fora exacerbada por ter ele desdenhado uma de suas filhas.

Elizabeth Bennet fora obrigada pela escassez de homens a tomar chá de cadeira por duas danças; e durante parte desse tempo o sr. Darcy esteve de pé junto a ela, que estava próxima o bastante para ouvir uma conversa entre ele e o sr. Bingley, quando este, descansando da dança por cinco minutos, insistia com o amigo para que também dançasse.

— Vamos, Darcy — disse ele —, tenho de fazer você dançar. Odeio ver você aí, sozinho, como um bobo. Seria muito melhor que viesse dançar.

— Não, mesmo. Você sabe que detesto dançar, a menos que já conheça bem a parceira. Numa festa como esta, seria insuportável. As suas irmãs já estão acompanhadas e não há outra mulher na sala cuja companhia não seria um suplício para mim.

— Eu não seria tão rabugento como você — exclamou o sr. Bingley —, com toda a certeza! Palavra de honra, nunca encontrei tantas meninas divertidas na vida como esta noite; e muitas delas são incrivelmente lindas.

— *Você* está dançando com a única menina linda do salão — disse o sr. Darcy, olhando para a mais velha das srtas. Bennet.

— Ah! Ela é a criatura mais linda que já vi! Mas uma das irmãs dela, sentada logo atrás de você, é muito bonita e parece ser muito divertida também. Deixe-me pedir ao meu par que a apresente a você.

— A quem você se refere? — e, voltando-se, olhou por um momento para Elizabeth, até que, cruzando seu olhar com o dela, o desviou e disse friamente: — É suportável, mas não bonita o bastante para *me* animar; não estou com paciência no momento para dar atenção a mocinhas que foram desdenhadas por outros homens. Vá, volte para junto do seu par e aprecie os sorrisos dela, pois está perdendo tempo comigo.

O sr. Bingley seguiu o conselho. O sr. Darcy afastou-se; e não foram sentimentos cordiais os que Elizabeth sentiu por ele. Ela contou a história, porém, com muito humor para os amigos; pois tinha um temperamento animado e bem-humorado, que se divertia com tudo que fosse ridículo.

A festa passou-se agradavelmente para toda a família. A sra. Bennet viu sua filha mais velha sendo muito admirada pelos convidados de Netherfield. Dançara o sr. Bingley com ela duas vezes, e as irmãs dele deram-lhe muita atenção. Jane ficou tão contente com isso quanto a mãe, mas de um jeito mais discreto. Elizabeth percebeu a satisfação de Jane. Mary soubera que fora descrita à srta. Bingley como a mocinha mais culta da vizinhança; e Catherine e Lydia tiveram a boa sorte de nunca ficarem sem par, o que era a sua única preocupação num baile, segundo o que tinham aprendido. Voltaram todas, portanto, de bom humor para Longbourn, a aldeia onde viviam, e da qual eram os principais habitantes. Encontraram o sr. Bennet ainda acordado. Com um livro nas mãos, perdia a noção do tempo; e no presente caso tinha muita curiosidade em saber as novidades da festa que provocara tão esplêndidas expectativas. Nutrira até a esperança de que os planos da mulher acerca do estranho fossem frustrados; mas logo descobriu que iria ouvir uma história diferente.

— Ah! Meu querido sr. Bennet — disse ela ao entrar na sala —, estivemos numa festa deliciosa, num baile excelente. Você devia ter ido. Jane foi tão festejada, que mais não podia ser. Todos comentaram como estava linda; e o sr. Bingley se encantou com a sua beleza e dançou com ela duas vezes! Pense *nisso*, querido; ele realmente dançou com ela duas vezes! E foi ela a única criatura no salão que ele tirou duas vezes para dançar. Primeiro, ele chamou a srta. Lucas. Fiquei tão irritada em vê-lo com ela! Mas ele não se encantou nem um pouquinho com ela; na verdade, isso não acontece com ninguém. Mas pareceu muito impressionado com Jane ao acabar de dançar. Então ele perguntou quem era ela e lhe foi apresentado e a convidou para as duas danças seguintes. Dançou, então, as duas terceiras com a srta. King, depois as duas quartas com Maria Lucas e mais as duas quintas com Jane de novo, e depois as duas sextas com Lizzy, e o *Boulanger*...

— Se ele tivesse alguma compaixão de *mim* — exclamou seu marido, com impaciência —, não teria dançado nem metade disso tudo! Pelo amor de Deus, não me fale mais nada dos seus pares. Ah! Se ele tivesse torcido o tornozelo na primeira dança!

— Ah! Querido, eu o achei encantador. Ele é bonito até demais! E as irmãs são mulheres maravilhosas. Nunca na vida vi nada mais elegante do que os vestidos delas. Acho até que o laço sobre a saia da sra. Hurst...

Nesse ponto ela foi interrompida mais uma vez. O sr. Bennet protestava contra qualquer descrição dos trajes. Foi, portanto, obrigada a procurar outro assunto, e se referiu, num tom muito amargo e com algum exagero, à chocante grosseria do sr. Darcy.

— Mas posso garantir-lhe — acrescentou ela — que Lizzy não perde muito por não corresponder às fantasias *dele*; pois se trata de um homem desagradabilíssimo, medonho, que não merece consideração. Tão convencido e com tanta empáfia, que ninguém o suportava! Andava para lá e para cá, imaginando-se tão superior! Não bonita o bastante para dançar com ele! Gostaria que você estivesse lá, querido, para lhe aplicar uma de suas tiradas ferozes. Ah, como detesto aquele homem.

Capítulo 4

Quando Jane e Elizabeth ficaram sozinhas, a primeira, que antes fora discreta em seus elogios ao sr. Bingley, confidenciou à irmã o quanto o admirava.

— Ele é exatamente como um jovem deve ser — disse ela —: sensato, bem-humorado, animado; e nunca vi modos tão alegres! Tanta desenvoltura com tanta educação!

— Ele também é lindo — replicou Elizabeth —, o que um jovem também deve ser, se possível. Seu caráter fica assim completo.

— Fiquei muito lisonjeada quando ele me convidou a segunda vez para dançar. Não esperava um tal cumprimento.

— Ficou mesmo, não é? Pois eu fiquei orgulhosa por você. Mas esta é a maior diferença entre nós. Os cumprimentos sempre pegam *você* desprevenida, e nunca a *mim*. O que poderia ser mais natural do que ele tirar você de novo para dançar? Ele não podia deixar de reparar que você era cinco vezes mais bonita do que qualquer outra mulher no salão. Você nada deve à galanteria dele por isso. Ele é mesmo muito simpático, e eu lhe dou minha permissão para gostar dele. Você já gostou de muitas pessoas mais estúpidas.

— Lizzy, querida!

— Ah! Você sabe que tem muita propensão a gostar das pessoas em geral. Nunca vê defeito em ninguém. Todos são bons e simpáticos aos seus olhos. Nunca vi você falar mal de um ser humano em toda a minha vida.

— Não gostaria de ser precipitada ao censurar alguém; mas sempre digo o que penso.

— Sei disso; e é *isso* que me dá o que pensar. Com o *seu* bom-senso, ser tão sinceramente cega para as loucuras e absurdos dos outros! Afetar candura é uma coisa muito comum (topamos com isso a toda hora). Mas ser cândida sem ostentação ou intenção (pegar o que há de bom no caráter de todos e torná-lo ainda melhor, e nada dizer do que há de mal), só mesmo você. E então, gostou das irmãs do rapaz, não é? O comportamento delas não é igual ao dele.

— Certamente não; no começo. Mas são mulheres muito agradáveis quando conversamos com elas. A srta. Bingley vem morar com o irmão e tomar conta da casa; e ou estou muito enganada, ou teremos nela uma vizinha das mais encantadoras.

Elizabeth ouviu em silêncio, mas não ficou convencida; o comportamento delas na festa não fora calculado para agradar a todos; e com uma observação mais aguda e um temperamento menos dócil do que o da irmã, e com um juízo sem qualquer compromisso com seus interesses pessoais, estava muito pouco disposta a aprová-las. Eram elas, na verdade, mulheres muito finas; não lhes faltava o bom humor quando se divertiam, nem a capacidade de se tornar agradáveis quando o queriam, mas eram orgulhosas e presumidas. Eram bonitas, haviam sido educadas num dos principais colégios particulares de Londres, tinham um capital de vinte mil libras, o hábito de gastar mais do que deviam e de se associar a pessoas de alta condição, e dispunham, portanto, de todas as razões para pensar bem de si mesmas e mal dos outros. Eram de uma respeitável família do norte da Inglaterra; circunstância mais profundamente gravada em suas memórias do que o fato de a riqueza do irmão e delas mesmas ter sido obtida no comércio.

Herdara o sr. Bingley bens avaliados em cerca de cem mil libras do pai, que tivera a intenção de adquirir um imóvel, mas não viveu o bastante para pôr em prática o plano. O sr. Bingley tinha a mesma intenção e às vezes se punha a escolher um condado; mas, como agora tinha uma boa casa e a liberdade de um proprietário, muitos dos que mais conheciam a

desenvoltura de seu caráter não duvidavam que ele iria passar o resto da vida em Netherfield e deixar as aquisições para a próxima geração.

Suas irmãs estavam ansiosas por vê-lo com uma propriedade que lhe fosse própria; mas, embora por enquanto não passasse de um inquilino, a srta. Bingley de modo algum estava menos disposta a presidir a sua mesa — nem a sra. Hurst, que se casara com um homem mais elegante do que rico, estava menos disposta a considerar a casa dele como sua, quando lhe convinha. Ainda não se haviam passado dois anos desde que o sr. Bingley atingira a maioridade, quando se sentiu tentado por uma recomendação accidental a ir ver a casa de Netherfield. Foi, de fato, vê-la e passou meia hora percorrendo-a — gostou da localização e dos cômodos principais, ficou satisfeito com os elogios que o proprietário fez ao imóvel, e fechou o negócio de imediato.

Entre ele e Darcy havia uma amizade muito firme, apesar da grande diferença de personalidades. Bingley havia conquistado a admiração de Darcy pela desenvoltura, pela franqueza e pela docilidade de natureza, embora nenhum temperamento pudesse oferecer maior contraste com o seu e embora nunca se mostrasse insatisfeito com sua própria disposição. Bingley tinha total confiança na energia do olhar de Darcy, e a mais alta opinião sobre o julgamento dele. Quanto à inteligência, Darcy era o mais dotado. A inteligência de Bingley não era de modo algum deficiente, mas a de Darcy era superior. Era ao mesmo tempo arrogante, reservado e exigente, e os seus modos, embora educados, não eram convidativos. Nesse aspecto, o seu amigo levava ampla vantagem. Bingley tinha a certeza de agradar onde quer que aparecesse, e Darcy era sempre desagradável.

O modo como falaram a respeito da festa de Meryton foi bastante característico. Bingley jamais encontrara na vida gente mais divertida nem mocinhas mais bonitas; todos para com ele haviam sido muito gentis e atenciosos; com ele não havia formalidades nem rigorismos; logo se viu em bons termos com todo o salão; e, no que se referia à srta. Bennet, não podia imaginar um anjo mais belo. Darcy, ao contrário, vira um grupo de pessoas em que não havia beleza nem elegância, por nenhuma das quais sentira o

mínimo interesse e das quais não recebera nem atenção nem prazer. Reconhecia que a srta. Bennet era bonita, mas excessivamente sorridente.

A sra. Hurst e a irmã concordaram — mas mesmo assim tiveram admiração e apreço por ela e a consideraram uma doce menina, alguém sobre quem não se recusariam a saber mais. Declararam a srta. Bennet, portanto, um amor de menina, e seu irmão se sentiu autorizado por tal elogio a pensar sobre ela o que quisesse.

Capítulo 5

À distância de uma breve caminhada de Longbourn vivia uma família de que os Bennet eram especialmente íntimos. *Sir* William Lucas praticara havia tempo o comércio em Meryton, onde juntara uma riqueza razoável e obtivera a honra de receber o título de cavaleiro por um discurso ao rei pronunciado enquanto era prefeito. A honraria talvez tenha sido demasiada para ele. Levou-o a perder o gosto pela profissão e pela pequena cidade comercial onde vivia; e, abandonando ambas as coisas, mudara-se com a família para uma casa a cerca de uma milha de Meryton, chamada a partir de então de Mansão Lucas, onde podia meditar prazerosamente sobre a própria importância e, livre dos negócios, ocupar-se exclusivamente em ser gentil com todos. Pois, embora orgulhoso de sua nova condição, não se tornou arrogante; ao contrário, era só atenção com todo o mundo. Inofensivo por natureza, afetuoso e atencioso, a apresentação em St. James tornara-o cortês.

Era *Lady* Lucas uma excelente mulher, mas não inteligente demais para ser uma ótima vizinha da sra. Bennet. Tinham muitos filhos. O mais velho deles, uma moça sensata e inteligente de cerca de vinte e sete anos, era amiga íntima de Elizabeth.

Que as srtas. Lucas e as srtas. Bennet se reunissem para conversar sobre o baile era algo absolutamente necessário; e a manhã seguinte à festa trouxe as primeiras a Longbourn para ouvir e falar.

— *Você* começou bem a noite, Charlotte — disse a sra. Bennet com gentil comedimento à srta. Lucas. — *Você* foi a primeira escolha do sr.

Bingley.

— Sim, mas ele pareceu preferir a segunda.

— Ah! Você deve estar referindo-se a Jane, pois ele dançou com ela duas vezes. Com certeza *pareceu* que ele a tivesse admirado... de fato, estou propensa a acreditar que *sim*... Ouvi algo a esse respeito... mas não sei bem o quê... alguma coisa sobre o sr. Robinson.

— Talvez você esteja referindo-se ao que escutei sobre ele e o sr. Robinson; eu não lhe contei? Quando o sr. Robinson perguntou a ele o que achava das nossas festas de Meryton, e se não achava que havia muitíssimas mulheres lindas no salão e *qual*, em sua opinião, era a mais bonita, ele respondeu de imediato à última pergunta: “Ah! A mais velha das srtas. Bennet, sem dúvida; não pode haver duas opiniões a esse respeito”.

— Meu Deus! Bom, isso é muito enfático... até parece que... mas, afinal, pode não querer dizer nada...

— O que *eu* ouvi foi mais interessante do que o que *você*, Eliza, ouviu — disse Charlotte. — O sr. Darcy não é tão digno de ser ouvido quanto o amigo, não é verdade?... coitada da Eliza!... ser só *suportável*.

— Por favor, não ponha na cabeça de Lizzy que ela deva zangar-se com essa afronta, pois ele é um homem tão desagradável, que seria uma verdadeira desgraça ser apreciada por ele. Disse-me a sra. Long a noite passada que ele se sentou ao seu lado durante meia hora e nem sequer abriu a boca.

— Tem certeza, minha senhora?... Não haverá aí algum pequeno engano? — disse Jane. — Tenho certeza de ter visto o sr. Darcy a conversar com ela.

— Ah... porque ela enfim lhe perguntou se estava gostando de Netherfield, e ele não teve como deixar de responder. A sra. Long me disse que ele ficou irritadíssimo por terem dirigido a palavra a ele.

— Disse-me a srta. Bingley — tornou Jane — que ele não é nunca de falar muito, a não ser com os conhecidos mais íntimos. Com *eles*, ele é muitíssimo agradável.

— Não acredito numa só palavra disso tudo, querida. Se ele fosse assim tão agradável, teria dirigido a palavra à sra. Long. Mas posso imaginar o

que se passou; todos dizem que ele tem o rei na barriga, e aposto que ele ouviu falar que a sra. Long não tem carruagem e chegou ao baile numa *chaise* alugada.

— Não me importa que ele não tenha conversado com a sra. Long — disse a srta. Lucas —, mas gostaria que ele tivesse dançado com Eliza.

— Da próxima vez, Lizzy — disse sua mãe —, eu não dançaria com *ele* se eu fosse você.

— Acho, minha senhora, que posso prometer-lhe que *jamais* dançarei com ele.

— O orgulho dele — disse a srta. Lucas — não *me* ofende tanto quanto de costume, pois tem uma desculpa. Não é de admirar que um jovem tão distinto, com família, riqueza, tudo a seu favor, tenha a si mesmo em alta consideração. Ele tem o *direito* de ser orgulhoso, por assim dizer.

— Isso é verdade — replicou Elizabeth —, e eu não teria dificuldade em perdoar o orgulho *dele*, se ele não tivesse ferido o *meu*.

— O orgulho — observou Mary, que se gabava da solidez de suas reflexões — é um defeito muito comum. Por tudo que já li, tenho certeza de que é muitíssimo comum mesmo; a natureza humana tem uma inclinação especial para esse defeito, e muito poucos dentre nós não nutrem um sentimento de complacência para consigo mesmos, sob pretexto de uma ou outra qualidade, real ou imaginária. Vaidade e orgulho são coisas diferentes, embora sejam palavras usadas muitas vezes como sinônimos. A pessoa pode ser orgulhosa sem ser vaidosa. O orgulho está mais ligado à opinião que temos de nós mesmos, e a vaidade, ao que os outros pensam de nós.

— Se eu fosse tão rico quanto o sr. Darcy — exclamou um dos meninos Lucas, que viera com as irmãs —, não ia preocupar-me em ser orgulhoso. Teria uma matilha de cães de caça e beberia uma garrafa de vinho por dia.

— Então você beberia muito mais do que deveria — disse a sra. Bennet — e, se eu pegasse você fazendo isso, tiraria imediatamente a garrafa da sua frente.

O menino protestou que ela não faria isso; e ela continuou a declarar que sim e a discussão só terminou quando a visita acabou.

Capítulo 6

As damas de Longbourn logo foram visitar as de Netherfield. A visita em breve foi devidamente retribuída. Os modos agradáveis da srta. Bennet aumentaram a estima da sra. Hurst e da srta. Bingley; e, embora a mãe fosse considerada insuportável e as jovens irmãs pouco dignas de participar de uma conversa, expressaram o desejo de ter melhores relações com *elas*, no que se referia às duas mais velhas. Jane recebeu essa atenção com o maior prazer, mas Elizabeth ainda viu altivez no tratamento que davam a todos, sem exceção até da irmã, e não conseguiu gostar delas, embora essa gentileza com Jane, tal como era, tivesse valor por ter origem muito provavelmente na admiração do irmão. Era em geral evidente, todas as vezes que se encontravam, que ele a *admirava* e para *ela* era igualmente evidente que crescia em Jane o sentimento que começara a ter por ele desde a primeira vez que o vira, e que tal sentimento caminhava para se transformar num grande amor; mas via com prazer que isso provavelmente não seria descoberto pelas pessoas em geral, uma vez que Jane unia à intensidade de sentimentos um temperamento moderado e um constante bom humor que a protegeriam das suspeitas dos impertinentes. Falou sobre isso com a amiga, a srta. Lucas.

— Talvez seja divertido — replicou Charlotte — poder enganar o público num caso como esse; mas às vezes é uma desvantagem ser tão reservada. Se a mulher esconder o seu afeto do seu objeto com muita habilidade, pode perder a oportunidade de cativá-lo; e não servirá de muito consolo achar que todos igualmente ignorem o que se passa. Há tanta

gratidão ou vaidade em quase todos os relacionamentos amorosos, que não é seguro deixar nenhum deles entregue a si mesmo. Todos podemos *começar* espontaneamente (uma ligeira preferência é muito natural); mas muito poucos de nós somos corajosos o suficiente para nos apaixonarmos de verdade sem um incentivo. Em nove de cada dez casos, seria melhor a mulher demonstrar *mais* afeição do que sente. Sem dúvida, Bingley gosta da sua irmã; mas talvez nunca vá além disso, se ela não encorajá-lo de algum modo.

— Mas é o que ela faz, tanto quanto o permite a sua natureza. Se eu consigo perceber seu amor, ele teria de ser muito simplório para não descobri-lo também.

— Lembre-se, Eliza, ele não conhece a Jane tão bem quanto você.

— Mas se uma mulher gosta de um homem, e não se preocupa em esconder isso, ele deve descobrir.

— Talvez ele descubra, se a vir com frequência. Mas, apesar de Bingley e Jane se encontrarem com razoável frequência, nunca passam muitas horas juntos; e, como sempre se veem em festas com muitas pessoas diferentes, é impossível que passem o tempo inteiro juntos a conversar. Jane deve, portanto, tirar o máximo proveito de cada meia hora em que consiga tomar conta de sua atenção. Quando estiver segura dele, terá todo o tempo do mundo para apaixonar-se.

— O seu plano é bom — replicou Elizabeth —, e nele tudo gira ao redor do desejo de conseguir um bom casamento, e, se eu estivesse decidida a conquistar um marido rico, tenho certeza de que o adotaria. Mas os sentimentos de Jane são outros; ela não está planejando o que faz. Por enquanto, ela não tem sequer certeza sobre a intensidade dos próprios sentimentos, nem de sua sensatez. Ela o conheceu há apenas quinze dias. Dançou quatro vezes com ele em Meryton; viu-o uma manhã na casa dele, e desde então jantou quatro vezes com ele, sempre acompanhada. Isso não é o suficiente para que possa conhecer o caráter dele.

— Não como você pinta as coisas. Se ela só tivesse *jantado* com ele, só poderia ter descoberto que ele tem bom apetite; mas você deve lembrar-se

de que passaram juntos quatro saraus... e quatro saraus podem significar muita coisa.

— Sim; esses quatro saraus permitiram-lhes descobrir que ambos gostam mais de jogar vinte e um do que *commerce*; mas, no que se refere a qualquer outra característica importante, não me parece que algo se tenha revelado.

— Bom — disse Charlotte —, eu desejo a Jane todo o sucesso do mundo, de coração, e, se ela casasse com ele amanhã, acho que teria boas possibilidades de ser feliz, como se tivesse estudado o caráter dele por um ano. A felicidade no casamento é uma questão de pura sorte. Se os modos de ser de um e de outro forem bem conhecidos com antecedência ou até se forem muito semelhantes, isso pouco importa para a felicidade do casamento. As diferenças vão-se acentuando com o tempo até se tornarem insuportáveis; e é melhor conhecer o mínimo possível dos defeitos da pessoa com que teremos de passar a vida.

— Você me dá vontade de rir, Charlotte; mas não tem razão. Você sabe que não tem razão e que você mesma nunca vai agir assim.

Entretida em observar as atenções do sr. Bingley com sua irmã, Elizabeth estava longe de suspeitar que ela mesma se estava tornando alvo de certo interesse por parte do amigo dele. No começo, o sr. Darcy mal admitia que ela fosse bonita; olhara para ela sem nenhum entusiasmo durante o baile; e, quando voltaram a se encontrar, observou-a apenas para criticá-la. Mas, assim que se convenceu a si mesmo e aos amigos de que seu rosto não tinha nenhum traço belo, começou a descobrir que ele se tornava excepcionalmente inteligente pela bela expressão de seus olhos negros. A tal descoberta se seguiram algumas outras igualmente torturantes. Embora tivesse detectado com seu olho crítico mais de uma falha nas formas dela, em relação à perfeita simetria, foi obrigado a reconhecer que suas feições eram suaves e agradáveis; e, embora afirmasse que os modos dela não eram os da sociedade mais elegante, ficou cativado por sua graça simples. Disso ela não tinha a mínima ideia; para ela, Darcy era apenas o homem sempre desagradável que não a achava bonita o bastante para dançar com ele.

Ele começou a querer conhecê-la melhor e, preparando-se para conversar com ela, passou a prestar atenção no que ela dizia aos outros. Ao fazer isso, chamou sua atenção. Foi na casa de *Sir William Lucas*, onde muita gente estava reunida.

— Quais são as intenções do sr. Darcy — disse ela a Charlotte —, ao ouvir a minha conversa com o coronel Forster?

— Essa é uma pergunta que só o sr. Darcy pode responder.

— Mas, se ele continuar assim, vou dizer a ele que sei muito bem o que está fazendo. Ele tem uma mente muito irônica, e, se eu não começar a ser impertinente também, logo vou ficar com medo dele.

Quando, logo em seguida, o sr. Darcy se aproximou delas, ainda que sem parecer ter nenhuma intenção de falar, a srta. Lucas desafiou a amiga a mencionar o assunto com ele; o que, provocando de imediato Elizabeth, levou-a a voltar-se para ele e dizer:

— O senhor não acha, sr. Darcy, que me expressei excepcionalmente bem há pouco, quando estava provocando o coronel Forster para que ele nos oferecesse um baile em Meryton?

— Com grande energia; mas esse é um assunto que sempre faz as mulheres se entusiasmarem.

— O senhor é severo conosco.

— Agora é a vez *dela* de ser provocada — disse a srta. Lucas. — Eu vou abrir o piano, Eliza, e você sabe o que vem depois.

— Para uma amiga, você é uma criatura muito esquisita!... Sempre querendo que eu toque ou cante na frente de todos! Se a minha vaidade tivesse assumido um aspecto musical, você teria sido inestimável; mas, como as coisas são, eu prefiro não me sentar diante de gente habituada a ouvir os melhores executantes.

Como a srta. Lucas insistisse, porém, ela acrescentou:

— Muito bem; se tem de ser assim, que seja.

E lançando um olhar grave ao sr. Darcy:

— Há um velho ditado muito sábio, que todos aqui com certeza conhecem: “Guarde o ar para esfriar a sopa”; e eu vou guardar o meu para cantar.

Tocou agradavelmente, mas de modo algum com perfeição. Depois de uma ou duas canções, e antes que pudesse responder aos pedidos de muitos que queriam que cantasse de novo, foi avidamente sucedida no instrumento por sua irmã Mary, que, por ser a única da família carente de dotes naturais, tinha dado duro para adquirir conhecimentos e habilidades e estava sempre impaciente para se exhibir.

Mary não tinha nem talento nem bom gosto; e, embora a vaidade lhe tivesse dado aplicação, também lhe dera um ar pedante e modos afetados, que já a prejudicariam se ela tivesse obtido um grau de brilhantismo mais alto do que o que alcançara. Elizabeth, simples e sem afetação, fora ouvida com muito mais prazer, embora não tocasse nem a metade do que tocava a irmã; e Mary, ao fim de um longo concerto, ficou feliz por obter elogios e agradecimentos com uma série de árias escocesas e irlandesas, a pedido das irmãs mais novas, que, com algumas das Lucas, e dois ou três oficiais, se reuniram entusiasmadas para dançar num dos cantos do salão.

O sr. Darcy permaneceu perto delas, silenciosamente indignado com tal maneira de passar o tempo, deixando de lado qualquer tipo de conversação, e, tão absorvido estava em seus pensamentos, que não percebeu que *Sir William Lucas* estava a seu lado, até *Sir William* dar início à conversa:

— Que encantadora diversão para os jovens, sr. Darcy! Não há nada como a dança, afinal. Considero-a um dos principais refinamentos das sociedades civilizadas.

— Sem dúvida, meu senhor; e tem a vantagem de também estar em voga entre as menos civilizadas sociedades do mundo. Todo selvagem sabe dançar.

Sir William limitou-se a sorrir.

— Seu amigo dança deliciosamente — prosseguiu ele depois de uma pausa, ao ver Bingley juntar-se ao grupo —, e não tenho dúvida de que você também é versado nessa ciência, sr. Darcy.

— Creio que me viu dançar em Meryton, senhor.

— De fato, e não foi medíocre o prazer que tive ao vê-lo. Você dança com frequência em St. James?

— Nunca.

— Não acha que seria um cumprimento adequado ao lugar?

— É um cumprimento que não faço jamais a nenhum lugar, quando posso evitá-lo.

— Posso deduzir que você tem casa na capital?

O sr. Darcy curvou-se, em sinal afirmativo.

— Durante um tempo eu também pensei em me estabelecer em Londres... pois sou um apreciador da alta sociedade; mas tive receio de que o ar da capital não fizesse bem para *Lady* Lucas.

Fez uma pausa à espera de uma resposta, que, porém, o seu interlocutor não estava disposto a dar; e, como Elizabeth se aproximasse deles naquele momento, ocorreu-lhe a ideia de fazer um elegantíssimo galanteio e a chamou:

— Querida srta. Eliza, por que não está dançando? Sr. Darcy, permita-me apresentá-lo à mais desejável jovem parceira. Você não pode recusar-se a dançar, é claro, quando tem tanta beleza à sua frente. E, tomando a mão dela, fez o gesto de dá-la ao sr. Darcy, que, embora extremamente surpreso, não estava disposto a recusá-la, quando ela bruscamente lhe deu as costas e disse a Sir William em tom alterado:

— Meu senhor, realmente não tenho a menor intenção de dançar. Rogo-lhe que não pense que passei por estes lados em busca de um par.

Com grave elegância, o sr. Darcy pediu que lhe fosse dada a honra de sua mão, mas em vão. Elizabeth estava decidida; nem *Sir* William a abalou em seu propósito com suas tentativas de convencê-la.

— Você dança tão divinamente, srta. Eliza, que é crueldade negar-me a felicidade de vê-la; e, embora este cavalheiro não aprecie as diversões em geral, ele não pode opor-se, tenho certeza, a nos entreter por meia hora.

— O sr. Darcy é a gentileza em pessoa — disse Elizabeth, sorrindo.

— De fato; mas com tal inspiração, minha querida srta. Eliza, não é de admirar tal cortesia... pois quem poderia recusar-se a um tal par?

Elizabeth lançou-lhe um olhar malicioso e se retirou. A resistência dela não a rebaixara aos olhos de Darcy, e ele estava pensando nela com certa complacência quando foi abordado pela srta. Bingley:

— Posso adivinhar o objeto dos seus devaneios.

— Acho que não.

— Está pensando em como seria insuportável passar muitos saraus assim... nesta sociedade; e confesso que estou de pleno acordo. Nunca me aborreci tanto! Essa insipidez, e mais o barulho... a nulidade e a empáfia dessa gente! Que não daria eu para ouvir as suas críticas a eles!

— Garanto-lhe que a sua conjectura está completamente errada. Entretinha-se a minha mente de um jeito bem mais agradável. Estava a meditar sobre o enorme prazer que pode provocar um par de lindos olhos no rosto de uma bela mulher.

De imediato, a srta. Bingley cravou os olhos no rosto dele, e desejou que ele lhe dissesse qual mulher pudera inspirar-lhe tais reflexões. O sr. Darcy replicou com grande intrepidez:

— A srta. Elizabeth Bennet.

— A srta. Elizabeth Bennet! — repetiu a srta. Bingley. — Estou pasma. Desde quando ela vem sendo a favorita?... E, por favor, quando devo dar-lhe os parabéns?

— Era exatamente essa a pergunta que eu esperava que você fizesse. A imaginação das mulheres é muito veloz; salta da admiração para o amor, do amor para o matrimônio num piscar de olhos. Eu sabia que você iria felicitar-me.

— Ora, se você estiver falando sério sobre isso, vou considerar o caso absolutamente encerrado. Você terá uma sogra muito encantadora; e, é claro, ela sempre estará em Pemberley com você.

Ele a ouviu com completa indiferença enquanto ela assim se divertia; e, como a serenidade dele a convenceu de que tudo ia bem, deu livre curso à sua ironia.

Capítulo 7

Consistiam os bens do sr. Bennet quase inteiramente numa propriedade de duas mil libras de rendimento por ano, que, para desgraça das filhas, estava vinculada, na falta de herdeiro varão, a um parente distante; e os bens da mãe, embora consideráveis para a sua condição, mal podiam suprir as deficiências dos dele. O pai dela fora advogado em Meryton e lhe legara quatro mil libras.

Tinha ela uma irmã casada com certo sr. Phillips, que fora empregado de seu pai e sucedera a ele no comando do negócio, e um irmão estabelecido em Londres num respeitável ramo do comércio.

O lugarejo de Longbourn ficava a apenas uma milha de Meryton; uma distância muito conveniente às mocinhas, que costumavam ser tentadas a percorrê-la três ou quatro vezes por semana, em atenção à tia e a uma chapelaria que ficava no caminho. As mais jovens da família, Catherine e Lydia, eram especialmente assíduas a essas visitas; a cabecinha delas era mais vazia do que a das irmãs, e, quando nada melhor ocorria, um passeio até Meryton fazia-se necessário para animar as manhãs e fornecer assunto para as conversas da noite; e, por mais carente de novidades que seja o interior, elas sempre conseguiam saber de alguma pela tia. No momento, de fato, estavam bem supridas tanto de novidades quanto de felicidade pela recente chegada de um regimento da Guarda Nacional às vizinhanças; este deveria permanecer durante todo o inverno, e o quartel-general ficava em Meryton.

Suas visitas à sra. Phillips agora eram férteis em informações do mais alto interesse. A cada dia aumentava o seu conhecimento dos nomes e das relações dos oficiais. Seus alojamentos não permaneceram por muito tempo um segredo, e com o tempo elas passaram a conhecer os próprios oficiais. O sr. Phillips visitou todos eles, e isso abriu para as sobrinhas um estoque de felicidade antes desconhecido. Só falavam de oficiais; e a vasta fortuna do sr. Bingley, cuja menção era a alegria da mãe, tornava-se insignificante aos olhos delas, em comparação com o uniforme de um alferes.

Certa manhã, depois de ouvi-las discutir com veemência o assunto, o sr. Bennet observou friamente:

— Pelo que posso deduzir do modo de falarem, vocês devem ser duas das meninas mais tolas da região. Há algum tempo venho suspeitando disso, mas agora tenho certeza.

Catherine ficou desconcertada e não respondeu; mas Lydia, com total indiferença, continuou a expressar a sua admiração pelo capitão Carter, e a sua esperança de vê-lo aquele dia, pois ele partiria na manhã seguinte para Londres.

— Estou pasma, querido — disse a sra. Bennet —, de ver que você não hesita em chamar de tolas as suas próprias filhas. Se eu quisesse pensar mal dos filhos de alguém, por certo não seria dos meus próprios.

— Se minhas filhas são tolas, espero pelo menos estar sempre ciente do fato.

— Sim... mas acontece que todas elas são muito inteligentes.

— Presumo que esse seja o único ponto sobre o qual não estamos de acordo. Eu tinha esperança de que os nossos sentimentos coincidissem em todos os pormenores, mas tenho de discordar de você nesse ponto, pois acho que as nossas duas filhas mais moças são incrivelmente bobas.

— Meu querido sr. Bennet, não deve esperar que as meninas tenham tanto juízo quanto o pai e a mãe. Quando tiverem a nossa idade, tenho certeza de que não vão pensar mais em oficiais do que nós. Lembro-me de uma época em que eu mesma adorava um uniforme vermelho... e, na verdade, ainda gosto, no fundo do coração; e, se um coronel jovem e valente, com cinco ou seis mil libras por ano, quiser uma das nossas

meninas, não vou dizer não a ele; e acho que o coronel Forster parecia muito elegante em seu uniforme a outra noite na casa de *Sir William*.

— Mamãe — exclamou Lydia —, titia diz que o coronel Forster e o capitão Carter não vão com tanta frequência à casa da srta. Watson como quando vieram pela primeira vez para cá; ela os tem visto sempre na biblioteca de Clarke.

A sra. Bennet foi impedida de responder pela chegada de um criado com um bilhete para a srta. Bennet; vinha de Netherfield, e aguardou a resposta. Os olhos da sra. Bennet brilharam de contentamento, e ela implorava ansiosa enquanto a filha lia:

— De quem é, Jane? De que trata? O que diz? Vamos logo, Jane, contenos; vamos, querida.

— É da srta. Bingley — disse Jane; e passou a lê-lo em voz alta:

Minha querida amiga,

Se você não tiver a bondade de jantar hoje com Louisa e comigo, correremos o risco de nos detestar uma à outra pelo resto da vida, pois um *tête-à-tête* de um dia inteiro entre duas mulheres sempre acaba em briga. Venha assim que receber este bilhete. Meu irmão e os demais cavalheiros vão jantar com os oficiais. — Sua amiga,

CAROLINE BINGLEY

— Com os oficiais! — exclamou Lydia. — É de admirar que titia não nos tenha contado *isso*.

— Jantar fora! — disse a sra. Bennet — Isso é muito azar.

— Posso usar a carruagem? — disse Jane.

— Não, querida, é melhor você ir a cavalo, pois é provável que chova; e então você vai ter de passar a noite lá.

— Esse seria um bom plano — disse Elizabeth —, se você tivesse certeza de que eles não se ofereceriam para trazê-la de volta para casa.

— Ah! Mas os cavalheiros usarão a *chaise* do sr. Bingley para ir a Meryton, e os Hurst não possuem cavalos.

— Eu gostaria muito de ir de carruagem.

— Mas, querida, seu pai não pode dispensar os cavalos, estou certa disto. Eles são necessários na fazenda, não é, sr. Bennet?

— São necessários na fazenda com muito maior frequência do que posso dispor deles.

— Mas se você os levasse à fazenda hoje — disse Elizabeth — os objetivos de mamãe seriam alcançados.

Por fim, ela conseguiu fazer que o pai admitisse que os cavalos estariam ocupados. Jane foi, portanto, obrigada a ir a cavalo, e sua mãe a acompanhou até a porta com muitas alegres previsões de mau tempo. Suas esperanças foram satisfeitas; mal partiu Jane e já começou a chover forte. Suas irmãs ficaram preocupadas com ela, mas a mãe estava contente. A chuva prosseguiu por toda a tarde, sem parar; Jane por certo não poderia voltar.

— Tive uma excelente ideia, mesmo! — disse a sra. Bennet mais de uma vez, como se o crédito por chover fosse todo seu. Até a manhã seguinte, porém, ela não teve consciência plena de quão bem-sucedido fora seu plano. O desjejum mal acabara quando um criado de Netherfield trouxe o seguinte bilhete para Elizabeth:

Minha caríssima Lizzy,

Sinto-me muito mal esta manhã. Deve ser por ter-me molhado muito ontem. Meus gentis amigos não querem ouvir falar no meu retorno até eu melhorar. Pedem-me insistentemente também que veja o sr. Jones — portanto, não se assustem se souberem que ele foi chamado por minha causa —, e, com exceção da dor de garganta e de cabeça, não sinto mais nada. Sua amiga, etc.

— Pois bem, minha querida — disse o sr. Bennet quando Elizabeth leu o bilhete em voz alta —, se a doença de sua filha tomar um rumo perigoso... se ela vier a morrer, será um consolo saber que foi tudo pelo sr. Bingley e por ordem sua.

— Ah! Não tenho medo de que ela morra. Ninguém morre de um resfriado à toa. Ela vai ser bem tratada. Enquanto estiver lá, tudo estará muito bem. Eu gostaria de ir vê-la, se pudesse usar a carruagem.

Sentindo-se realmente nervosa, Elizabeth estava decidida a ir até lá, embora a carruagem não estivesse à disposição; e, como não sabia montar, sua única opção era ir a pé. Ela comunicou sua decisão.

— Como você pode ser tão tola — exclamou a mãe — para pensar uma coisa dessas, com toda essa lama! Você não estará em estado de se apresentar ao chegar lá.

— Estarei em ótimo estado para ver Jane... e isso é tudo o que eu quero.

— Será que isso é uma indireta — disse o pai — para que eu mande os cavalos?

— Não, não quero evitar a caminhada. A distância não é nada quando se tem um motivo; são só três milhas. Vou estar de volta para o jantar.

— Admiro a vitalidade da sua bondade — observou Mary —, mas todo impulso sentimental deve ser guiado pela razão; e, na minha opinião, o esforço deve ser proporcional ao objetivo.

— Nós vamos com você até Meryton — disseram Catherine e Lydia.

Elizabeth aceitou a companhia delas e as três moças partiram juntas.

— Se nos apressarmos — disse Lydia enquanto caminhavam —, talvez consigamos ver o capitão Carter antes de ele partir.

Em Meryton, elas se separaram; as duas mais jovens dirigiram-se para os alojamentos da esposa de um dos oficiais, e Elizabeth prosseguiu sua caminhada sozinha, atravessando campos e mais campos com o passo rápido, saltando sobre cercas e pulando poças com impaciente agilidade, e achando-se por fim à vista da casa, com os tornozelos doídos, meias sujas e o rosto brilhante pelo calor do exercício.

Introduziram-na na copa, onde estavam reunidos todos, menos Jane, e onde sua chegada causou grande surpresa. Que ela tivesse caminhado três milhas de manhã tão cedo, com um tempo tão ruim e ainda sozinha, era algo quase inacreditável para a sra. Hurst e para a srta. Bingley; e Elizabeth teve a certeza de que isso fez que a desdenhassem. Foi recebida por elas, porém, com toda a cortesia; e nos gestos do irmão havia algo melhor do que cortesia; havia bom humor e delicadeza. O sr. Darcy pouco falou, e o sr. Hurst, absolutamente nada. O primeiro estava dividido entre a admiração pelo brilho que o exercício dera às feições dela e a dúvida sobre se a ocasião justificava que viesse de tão longe sozinha. O segundo estava pensando só no desjejum.

Suas perguntas sobre a irmã não tiveram respostas animadoras. A srta. Bennet passara a noite doente, e, embora se tivesse levantado, tinha febre e não estava bem o bastante para sair do quarto. Elizabeth ficou satisfeita por ser levada a ela imediatamente; e Jane, que só fora refreada pelo medo de criar alarme ou inconvenientes se mencionasse no bilhete o quanto esperava essa visita, ficou contentíssima ao vê-la entrar. Não estava em condições, porém, de conversar muito, e, quando a srta. Bingley deixou-as sozinhas, só conseguiu exprimir sua gratidão pela extraordinária gentileza com que era tratada. Elizabeth ouviu-a em silêncio.

Terminado o desjejum, as irmãs juntaram-se a elas; e Elizabeth começou a gostar delas, quando viu quanto afeto e solicitude demonstravam por Jane. O farmacêutico chegou e, tendo examinado a paciente, disse, como era de se esperar, que ela havia pegado um violento resfriado, e que deveriam fazer de tudo para curá-la; aconselhou-a a voltar para a cama e lhe receitou alguns remédios. O conselho foi obedecido à risca, pois os sintomas se agravaram e a cabeça passou a doer muito. Elizabeth não deixou o quarto nem por um momento; nem as outras mulheres se ausentavam muito; como os cavalheiros haviam saído, elas não tinham, na verdade, nada para fazer em outro lugar.

Quando o relógio deu as três horas, Elizabeth sentiu que devia ir embora, e muito contra a vontade disse isso. A srta. Bingley ofereceu-lhe a carruagem, e ela só queria um pouco de insistência para aceitá-la, quando Jane mostrou tanto desejo de partir com ela, que a srta. Bingley foi obrigada a converter a oferta da *chaise* num convite para que ela permanecesse por enquanto em Netherfield.

Elizabeth, muito agradecida, aceitou, e foi enviado um criado até Longbourn para comunicar à família a sua estada e trazer alguns agasalhos.

Capítulo 8

Às cinco da tarde, as duas jovens se recolheram para se vestir e às seis e meia Elizabeth foi chamada para o jantar. Às numerosas e educadas perguntas que lhe foram dirigidas, entre as quais teve o prazer de discernir a finíssima solicitude do sr. Bingley, ela não pôde dar uma resposta positiva. Jane não havia melhorado em nada. Ao ouvir isso, as irmãs repetiram três ou quatro vezes como aquilo as afligia, quão desagradável é ter um forte resfriado, e como detestavam ficar doentes; e em seguida não pensaram mais no assunto: e a indiferença delas por Jane quando não estavam na presença dela trouxe de volta a Elizabeth toda a repulsa que antes sentira por elas.

O irmão delas, de fato, era o único por quem sentia simpatia. A preocupação dele com Jane era evidente, e suas atenções com ela, muito gentis, o que a impediu de se sentir uma completa intrusa, como acreditava ser considerada pelos demais. Só ele parecia dar-se conta da sua presença. A srta. Bingley estava absorvida pelo sr. Darcy, e o mesmo se podia dizer de sua irmã; e quanto ao sr. Hurst, ao lado do qual se sentou Elizabeth, era um homem indolente, que vivia só para comer, beber e jogar baralho; que, quando viu que ela preferia um prato simples a um *ragout*, nada mais teve a lhe dizer.

Terminado o jantar, Elizabeth logo voltou para junto de Jane, e a srta. Bingley começou a falar mal dela assim que ela deixou a sala. Suas maneiras foram consideradas péssimas, um misto de orgulho e

impertinência; não sabia conversar, não tinha nem estilo nem beleza. Tal era também o parecer da sra. Hurst, que acrescentou:

— Ela nada tem que a recomende, salvo o fato de ser uma excelente andarilha. Nunca me esquecerei de quando ela apareceu, hoje de manhã. Parecia uma selvagem.

— É verdade, Louisa. Mal pude conter-me. Foi um completo absurdo ter vindo! Que tinha ela de percorrer os campos, só porque a irmã estava resfriada? E os cabelos, tão despenteados, tão desgrehados!

— E as saias? Espero que você tenha visto as saias dela, mergulhadas em seis polegadas de lama, tenho certeza; e o sobretudo que ela usou para escondê-las não fez bem o seu trabalho.

— Seu retrato pode ser exato — disse Bingley —, mas tudo isso me passou despercebido. Achei que a srta. Elizabeth Bennet estava muitíssimo bem quando entrou na sala esta manhã. Realmente não notei as saias sujas.

— *Você* as notou, sr. Darcy, tenho certeza — disse a srta. Bingley —, e tenho certeza de que não gostaria de ver a *sua* irmã dando uma tal exibição.

— Certamente, não.

— Caminhar três ou quatro milhas ou quantas forem, a pé na lama, e sozinha, completamente sozinha! Que será que ela quis com isso? Acho que isso revela um tipo detestável de independência e presunção, uma provincianíssima indiferença ao decoro.

— Mostra uma agradabilíssima afeição pela irmã — disse Bingley.

— Receio, sr. Darcy — observou a srta. Bingley quase sussurrando —, que essa aventura tenha afetado um pouco a sua admiração pelos belos olhos dela.

— Nem um pouco — replicou ele. — Eles estavam brilhando por causa do exercício.

Seguiu-se a essas palavras uma breve pausa, que foi interrompida pela sra. Hurst:

— Tenho grande consideração pela srta. Jane Bennet. Ela é um doce de menina, e desejo de coração que ela logo se estabeleça na vida. Mas com esse pai e essa mãe, e com parentes tão baixos, receio que sejam poucas as suas possibilidades de sucesso.

— Creio ter ouvido você dizer que o tio delas é advogado em Meryton.

— Sim; e elas têm outro, que vive perto de Cheapside.

— Gente muito importante! — acrescentou a irmã, e ambas deram gargalhadas.

— Se elas tivessem uma quantidade de tios suficiente para lotar *todo* o Cheapside — exclamou Bingley —, isso não as tornaria nem um pouquinho menos encantadoras.

— Mas isso deve reduzir substancialmente as suas possibilidades de se casarem com homens respeitáveis da sociedade — replicou Darcy.

A essas palavras, Bingley não deu nenhuma resposta; mas suas irmãs concordaram enfaticamente com elas, e deram rédea solta à sua hilaridade por certo tempo, à custa dos parentescos vulgares da querida amiga.

Com renovada ternura, porém, elas voltaram ao quarto de Jane ao deixarem a sala de jantar, e permaneceram com ela até serem chamadas para o café. Ela ainda estava bem mal, e Elizabeth não quis deixá-la em nenhum momento, até o cair da tarde, quando, satisfeita, a viu adormecer, e lhe pareceu mais correto do que agradável descer ao andar de baixo. Ao entrar na sala de estar, deu com todo o grupo a jogar *loo*, e foi de imediato convidada a juntar-se a eles; mas, desconfiando de que estivessem jogando com apostas caras, recusou o convite e, usando a irmã como desculpa, disse que se divertiria durante o pouco tempo que poderia passar no andar de baixo com a leitura de um livro. O sr. Hurst olhou espantado para ela.

— Você prefere ler a jogar cartas? — disse ele. — Isso é muito curioso.

— A srta. Eliza Bennet — disse a srta. Bingley — tem desprezo pelo baralho. É uma grande leitora e não sente prazer em mais nada.

— Não mereço nem tal elogio nem tal censura — exclamou Elizabeth. — *Não* sou uma grande leitora e sinto prazer em muitas coisas.

— Tenho certeza de que sente prazer em cuidar da irmã — disse Bingley —, e espero que tal prazer logo aumente ao vê-la curada.

Agradeceu-lhe Elizabeth de coração, e se dirigiu para uma mesa sobre a qual havia alguns livros. Ele logo se ofereceu para trazer-lhe outros — todo o acervo da biblioteca.

— E, por você e para meu próprio crédito, eu queria que a minha coleção fosse maior; mas sou um sujeito preguiçoso e, embora não tenha muitos livros, tenho mais do que os que abri em toda a minha vida.

Elizabeth garantiu-lhe que os volumes que estavam na sala lhe eram mais do que suficientes.

— Muito me espanta — disse a srta. Bingley — que meu pai tenha deixado uma coleção de livros tão pequena. Que deliciosa biblioteca você tem em Pemberley, sr. Darcy!

— Ela só podia ser boa — replicou ele. — É fruto do trabalho de muitas gerações.

— E depois você mesmo acrescentou tanta coisa a ela, pois está sempre comprando livros.

— Não consigo compreender o desdém pela biblioteca da família nos dias de hoje.

— Desdém! Tenho certeza de que você não desdenha nada que possa aumentar a beleza daquele nobre lugar. Charles, quando você construir a *sua* casa, queria que ela tivesse metade das delícias de Pemberley.

— Tomara.

— Mas eu o aconselho vivamente a escolher uma casa nesta vizinhança e tomar Pemberley como uma espécie de modelo. Não há na Inglaterra condado mais encantador do que Derbyshire.

— É o que mais quero; eu compraria a própria Pemberley se Darcy a vendesse.

— Estou falando de coisas possíveis, Charles.

— Palavra de honra, Caroline, acho mais possível adquirir Pemberley pela compra do que por imitação.

Elizabeth estava tão preocupada com o que se passara, que dava pouca atenção ao livro; e logo o deixou de lado, dirigiu-se para a mesa de jogo e ficou entre o sr. Bingley e sua irmã mais velha, observando.

— A srta. Darcy cresceu muito desde a primavera? — perguntou a srta. Bingley. — Será que ela vai ser tão alta quanto eu?

— Acho que sim. Ela tem hoje mais ou menos a altura da srta. Elizabeth Bennet ou até mais.

— Que vontade de tornar a vê-la! Nunca encontrei ninguém que me agradasse tanto. Que porte, que modos! E tão prendada para a idade! Toca piano maravilhosamente.

— Muito me espanta — disse Bingley — como todas as mocinhas conseguem ter paciência para serem tão prendadas.

— Todas as mocinhas prendadas! Meu querido Charles, que quer dizer com isso?

— Sim, todas elas, acho eu. Todas elas pintam mesas, forram biombos e fazem bolsas de malha. Conheço pouquíssimas que não façam tudo isso e tenho certeza de que nunca ouvi alguém se referir pela primeira vez a uma jovem senhorita sem mencionar que ela é muito prendada.

— A sua lista das prendas mais comuns — disse Darcy — é muito bem observada. A palavra é aplicada a muitas moças que só a merecem por fazerem bolsinhas de malha ou forrarem biombos. Mas estou muito longe de concordar com você na sua avaliação das mulheres em geral. Não posso gabar-me de conhecer mais do que meia dúzia delas, entre todas as minhas relações, que sejam realmente prendadas.

— Nem eu, com certeza — disse a srta. Bingley.

— Então — observou Elizabeth —, a sua ideia de uma mulher prendada deve ser muito exigente.

— Sim, é muito exigente.

— Ah! Com toda certeza — exclamou seu fiel assistente — nenhuma mulher pode ser considerada prendada se não superar em muito o que se costuma fazer. Deve ter um conhecimento profundo da música, do canto, do desenho, da dança e dos idiomas modernos para merecer a qualificação; e, além de tudo isso, deve possuir algo no modo de ser e na maneira de caminhar, no tom de voz, no trato e nas expressões, para que a palavra não seja merecida senão em parte.

— Tudo isso ela deve ter — acrescentou Darcy —, e a tudo isso ela deve acrescentar algo mais essencial: o cultivo da inteligência pelas amplas leituras.

— Já não estou surpresa por você conhecer só seis mulheres prendadas. Meu espanto agora é por você conhecer *tantas*.

— Será que você é tão severa com seu próprio sexo para duvidar da possibilidade de tudo isso?

— Nunca vi uma mulher assim. Nunca vi assim juntos o bom gosto e a capacidade e a aplicação e a elegância, como você os descreve.

A sra. Hurst e a srta. Bingley protestavam contra a injustiça de sua dúvida implícita, alegando ambas conhecerem muitas mulheres que correspondiam à descrição, quando o sr. Hurst chamou a atenção delas, com amargas queixas sobre a desatenção ao jogo. Com isso, a conversa chegou ao fim, e logo em seguida Elizabeth deixou a sala.

— Eliza Bennet — disse a srta. Bingley, quando a porta se fechou atrás dela — é uma dessas mocinhas que procuram chamar para si a atenção do outro sexo menosprezando o seu próprio; e com muitos homens, tenho certeza, isso dá certo. Mas na minha opinião trata-se de um truque baixo, um estratagema sórdido.

— Sem dúvida — replicou Darcy, para quem essa observação se dirigia em especial —, há baixeza em *todos* os truques de que as mulheres por vezes se valem para seduzir. É desprezível tudo o que tenha alguma afinidade com a astúcia.

A srta. Bingley não ficou muito satisfeita com a resposta, nem quis dar continuidade ao assunto.

Juntou-se Elizabeth a elas de novo só para dizer que a irmã havia piorado e que não podia deixá-la. Bingley mandou imediatamente chamar o sr. Jones, enquanto suas irmãs, convictas da inutilidade dos conselhos de um provinciano, recomendaram que mandassem alguém a Londres para trazer algum dos médicos mais eminentes. Disso ela não quis saber; mas estava inclinada a aceitar a proposta de Bingley; e ficou decidido que o sr. Jones seria chamado de manhãzinha, se a srta. Bennet não estivesse claramente melhor. Bingley estava bastante preocupado; suas irmãs afirmaram estar arrasadas. Elas, porém, consolaram-se de sua tristeza cantando duetos após o jantar, enquanto ele não conseguia encontrar melhor expressão aos seus sentimentos do que pelas ordens dadas à governanta para que a doente e sua irmã recebessem toda a atenção possível.

Capítulo 9

Elizabeth passou a maior parte da noite no quarto da irmã, e de manhã teve o prazer de poder dar uma resposta razoável às perguntas que lhe foram dirigidas bem cedo pelo sr. Bingley, por intermédio de uma criada e, algum tempo depois, das duas elegantes damas que serviam as irmãs dele. Apesar das melhoras, pediu que enviassem um bilhete a Longbourn, solicitando à mãe que viesse visitar Jane e tirasse suas próprias conclusões acerca da situação. O bilhete foi enviado de imediato, e seu conteúdo rapidamente aceito. A sra. Bennet, acompanhada das suas duas filhas mais moças, chegou a Netherfield logo depois do desjejum da família.

Se tivesse encontrado Jane numa situação de claro perigo, a sra. Bennet muito se afligiria; mas, ficando satisfeita ao vê-la por constatar que a doença não era alarmante, passou a desejar que não se recuperasse logo, pois sua cura provavelmente a afastaria de Netherfield. Não deu ouvidos, portanto, à proposta da filha de que ela fosse levada para casa; tampouco o farmacêutico, que chegou mais ou menos ao mesmo tempo, julgou aquilo aconselhável. Depois de permanecer por alguns instantes com Jane, por convite feito em pessoa pela srta. Bingley, a mãe e as três filhas a acompanharam à copa. Bingley saudou-as com votos de que a sra. Bennet não tivesse achado a srta. Bennet pior do que esperava.

— Foi o que aconteceu, meu senhor — foi a resposta dela. — Ela está doente demais para fazer a viagem. O sr. Jones diz que levá-la daqui está fora de cogitação. Teremos de abusar um pouco mais da sua gentileza.

— Levá-la daqui! — exclamou Bingley. — Nem pensar. Tenho certeza de que a minha irmã não vai querer nem ouvir falar nisso.

— Pode ter certeza, minha senhora — disse a srta. Bingley, com fria polidez —, de que a srta. Bennet receberá todos os cuidados possíveis enquanto estiver conosco.

A sra. Bennet agradeceu profusamente.

— Posso garantir — acrescentou ela — que, se não fosse por bons amigos como vocês, não sei o que seria dela, pois está muito doente e sofre muito, ainda que com a maior paciência do mundo. Com Jane é sempre assim, pois ela tem, sem exceção, o temperamento mais doce que já encontrei. Sempre digo às minhas outras filhas que, perto *dela*, não são nada. Esta sua sala é deliciosa, sr. Bingley, e tem uma vista linda para o jardim. Não conheço nenhum lugar na região como Netherfield. Espero que o senhor não tenha de sair daqui logo, apesar de ter alugado por pouco tempo.

— Tudo que faço é feito com pressa — replicou ele —, e portanto, se decidisse sair de Netherfield, provavelmente já estaria com as malas prontas em cinco minutos. No momento, porém, considero-me bem instalado aqui.

— Isso é exatamente o que eu esperava do senhor — disse Elizabeth.

— Parece que a senhorita está começando a me entender, não é? — exclamou ele, voltando-se para ela.

— Claro... entendo-o perfeitamente.

— Gostaria de considerar isso um cumprimento; mas temo que seja lamentável ser tão transparente.

— Pois é. Mas isso não significa que um caráter profundo e complexo seja mais ou menos estimável do que um como o seu.

— Lizzy — exclamou a mãe —, não se esqueça de onde está e não seja tão agressiva como lhe permitem ser lá em casa.

— Eu não sabia — prosseguiu Bingley imediatamente — que a senhorita é uma estudiosa dos caracteres. Deve ser um estudo divertido.

— Sim, mas os caracteres complexos são os mais divertidos. Eles têm pelo menos essa vantagem.

— O interior — disse Darcy — em geral só proporciona poucos exemplares para tal estudo. Nos lugarejos do interior, vivemos numa sociedade muito restrita e monótona.

— Mas as pessoas mudam tanto, que sempre há algo de novo a ser observado.

— É verdade — exclamou a sra. Bennet, ofendida pelo modo como ele se referiu aos lugarejos do interior. — Garanto-lhe que há tanto *disso* no interior quanto na capital.

Todos se surpreenderam, e Darcy, depois de considerá-la por um instante, afastou-se calado. A sra. Bennet, que imaginava ter obtido uma grande vitória sobre ele, prosseguiu triunfal.

— Eu, por meu lado, não vejo que Londres tenha alguma grande vantagem sobre o interior, a não ser as lojas e os lugares públicos. O interior é muito mais agradável, não é, sr. Bingley?

— Quando estou no interior — respondeu ele —, não quero nunca sair; e quando estou na capital acontece a mesmíssima coisa. Cada lugar tem as suas vantagens, e eu posso ser igualmente feliz em ambos.

— Ah... isso é porque o senhor tem o temperamento correto. Mas aquele cavalheiro — e olhou para Darcy — parece achar que o interior não vale nada.

— Ora, mamãe, a senhora está enganada — disse Elizabeth, corando pela mãe. — A senhora interpretou mal o sr. Darcy. Ele só quis dizer que no interior não há tanta variedade de pessoas como na capital, o que a senhora há de reconhecer que é verdade.

— Com certeza, querida, ninguém aqui disse que há; mas, quanto à questão de não se encontrarem muitas pessoas nesta aldeia, acho que há poucas aldeias maiores do que esta. Sei que jantamos com vinte e quatro famílias.

Nada, a não ser a consideração por Elizabeth, podia permitir que Bingley conservasse a tranquilidade. Sua irmã era menos delicada e cravou os olhos no sr. Darcy com um sorriso muito expressivo. Elizabeth, na tentativa de dizer algo que pudesse mudar o objeto dos pensamentos da

mãe, perguntou-lhe se Charlotte Lucas estivera em Longbourn desde que *ela* partira.

— Sim, veio ontem nos visitar com o pai. Que homem encantador *Sir* William, não é mesmo, sr. Bingley? Que elegância! Tão gentil e simples! Tinha sempre algo a dizer para cada pessoa. *Essa* é a ideia que faço de uma boa educação. As pessoas que se imaginam muito importantes e nunca abrem a boca ainda têm muito que aprender.

— A Charlotte jantou com vocês?

— Não, pois tinha de voltar para casa. Acho que precisavam dela para os bolinhos de carne. Quanto a mim, sr. Bingley, sempre tenho criados para fazer o seu trabalho; as *minhas* filhas são educadas de um jeito bem diferente. Mas cada um é juiz de si mesmo, e as Lucas são meninas muito boazinhas, isso eu garanto. É uma pena que não sejam bonitas! Não que eu ache Charlotte *tão* feia... mas é que ela é nossa amiga particular.

— Ela parece ser muito simpática.

— Ah! Querida, é verdade; mas a senhorita tem de reconhecer que ela é muito feia. A própria *Lady* Lucas disse isso muitas vezes e tem inveja da beleza de Jane. Não gosto de me gabar da minha própria filha, mas não há dúvida de que Jane... não é todo dia que se vê alguém tão atraente. É o que todos dizem. Não me baseio no meu afeto. Quando Jane tinha só quinze anos, havia um homem na casa do meu irmão Gardiner, em Londres, que ficou tão apaixonado por ela, que a minha cunhada tinha certeza de que ele a pediria em casamento antes de partirmos. Mas não pediu. Talvez tenha achado que ela era jovem demais. Escreveu, porém, alguns versos sobre ela, e muito bonitos, por sinal.

— E assim terminou o amor que ele tinha por ela — disse Elizabeth, com impaciência. — Imagino que muitos amores foram superados assim. Gostaria de saber quem foi o primeiro a descobrir a eficácia da poesia em acabar com o amor!

— Eu costumo considerar a poesia o alimento do amor — disse Darcy.

— É até possível, se se tratar de um grande amor, forte e saudável. Tudo serve de alimento para o que já é robusto. Mas, se for só uma inclinação

fraquinha e mirrada, estou convencida de que um bom soneto acaba de uma vez com ela.

Darcy limitou-se a sorrir; e a pausa geral que se seguiu fez Elizabeth estremecer à ideia de que sua mãe desse início a outro de seus números. Queria falar, mas não conseguia achar nada para dizer; e, após um breve silêncio, a sra. Bennet começou a repetir os seus agradecimentos ao sr. Bingley por sua gentileza com Jane, com um pedido de desculpas por incomodá-lo também com Lizzy. O sr. Bingley respondeu educadamente, mas sem afetação, e obrigou sua irmã mais moça a ser educada também e dizer o que a ocasião exigia. Ela desempenhou o seu papel sem muita graça, mas a sra. Bennet ficou satisfeita, e logo em seguida mandou chamarem a carruagem. A esse sinal, a mais moça das suas filhas adiantou-se. As duas meninas vinham sussurrando uma com a outra durante toda a visita, e o resultado disso foi que a mais jovem cobrou do sr. Bingley a promessa que fizera ao chegar, de dar um baile em Netherfield.

Lydia era uma menina de quinze anos, forte e bem desenvolvida, de belo porte e expressão bem-humorada; a favorita da mãe, cujo afeto a apresentara à sociedade quando ainda era muito jovem. Tinha um humor muito exuberante e uma espécie de segurança natural, que a atenção dos oficiais, atraída pelos bons jantares de seu tio e pelo seu jeito desvolto, só fez aumentar. Era, pois, a pessoa certa para questionar o sr. Bingley acerca do baile, e abruptamente o fez lembrar-se da promessa, acrescentando que seria a maior vergonha do mundo se não mantivesse a palavra dada. A resposta dele a esse súbito ataque foi deliciosa para os ouvidos da mãe:

— Garanto a você que estou pronto para honrar o meu compromisso; e, quando a sua irmã estiver restabelecida, peço-lhe que marque a data do baile. Mas não creio que você queira dançar enquanto ela estiver doente.

Lydia declarou-se satisfeita.

— Ah! Claro... será muito melhor esperar até Jane ficar boa, e a essa altura com certeza o capitão Carter estará de novo em Meryton. E, quando o senhor der o *seu* baile — acrescentou ela —, vou insistir para que eles também deem o deles. Vou dizer ao coronel Forster que será uma vergonha se não o derem.

Em seguida, a sra. Bennet e as filhas partiram, e Elizabeth voltou imediatamente para junto de Jane, deixando o seu próprio comportamento e o de suas parentas entregue às observações das duas damas e do sr. Darcy; este, porém, não quis juntar-se a elas em suas críticas, apesar de todas as ironias a respeito dos *lindos olhos*.

Capítulo 10

O dia se passou igualzinho ao anterior. A sra. Hurst e a srta. Bingley passaram algumas horas da manhã com a enferma, que continuava a se recuperar, embora lentamente; e ao fim da tarde Elizabeth juntou-se ao grupo na sala de estar. A mesa de jogos, porém, não foi montada. O sr. Darcy escrevia e a srta. Bingley, sentada ao seu lado, observava o progresso de sua carta e repetidas vezes chamava a sua atenção com mensagens à irmã dele. O sr. Hurst e o sr. Bingley jogavam *piquet*, e a sra. Hurst assistia.

Elizabeth entregou-se a um trabalho de costura e se divertiu razoavelmente observando o que se passava entre Darcy e sua companheira. Os ininterruptos elogios da moça, tanto à letra quanto à regularidade das linhas ou ao tamanho da carta, com uma perfeita indiferença ao modo como seus louvores eram recebidos, formavam um curioso diálogo e estavam perfeitamente de acordo com a opinião que tinha de cada um deles.

— Como a srta. Darcy ficará contente ao receber essa carta! Ele não respondeu.

— Você escreve incrivelmente rápido.

— Engano seu. Escrevo até devagar.

— Quantas cartas você deve escrever por ano! Cartas de negócios, também! Como eu as odiaria!

— É uma sorte, então, que elas caibam a mim, e não a você.

— Diga, por favor, à sua irmã que estou louca para vê-la.

— Já disse isso a ela uma vez, a seu pedido.

— Receio que você não goste da sua pluma. Deixe-me apará-la para você. Eu aparo plumas de escrever incrivelmente bem.

— Obrigado... mas eu mesmo gosto de apará-las.

— Como você consegue escrever com essa regularidade?

Ele permaneceu calado.

— Diga à sua irmã que adorei saber dos seus progressos na harpa; e por favor diga a ela que estou extasiada com o desenhinho que ela fez para uma mesa, e o acho infinitamente superior ao da srta. Grantley.

— Você me permite adiar os seus êxtases até a próxima carta? No momento, não tenho espaço para fazer-lhes justiça.

— Ah! Não tem importância. Vou vê-la em janeiro. Mas você sempre escreve a ela essas lindas e longas cartas, sr. Darcy?

— Elas costumam ser longas; mas, se são sempre encantadoras, não cabe a mim decidir.

— Para mim é uma regra: aquele que consegue escrever uma carta com facilidade não pode escrever mal.

— Isso não serve como cumprimento para o Darcy, Caroline — exclamou seu irmão —, porque ele *não* tem facilidade para escrever. Ele sai em longas buscas de palavras de quatro sílabas. Não é, Darcy?

— O meu estilo de escrever é muito diferente do seu.

— Ah! — exclamou a srta. Bingley. — Charles escreve do jeito mais descuidado que se possa imaginar. Deixa de fora metade das palavras e borra o resto.

— As minhas ideias fluem com tal rapidez que não tenho tempo para exprimi-las... Com isso as minhas cartas às vezes não transmitem nenhuma ideia aos meus correspondentes.

— A sua humildade, sr. Bingley — disse Elizabeth —, desarma qualquer crítica.

— Nada é mais enganador — disse Darcy — do que a aparência de humildade. Muitas vezes não passa de indiferença pelas opiniões ou de uma forma indireta de se gabar.

— E, segundo você, a qual das duas pertence o pequeno ato de modéstia que acabo de executar?

— À forma indireta de se gabar; pois você tem um verdadeiro orgulho dos seus defeitos de escrita; considera-os frutos da rapidez de pensamento e de descuido na execução, o que, se não é uma qualidade, você acha muitíssimo interessante. A capacidade de fazer qualquer coisa com rapidez é sempre muito prezada por quem a possui, e não raro sem qualquer atenção à imperfeição do desempenho. Quando você disse à sra. Bennet de manhã que, se alguma vez resolvesse sair de Netherfield, faria a mudança em cinco minutos, disse aquilo como uma espécie de panegírico ou cumprimento a você mesmo... E, no entanto, o que há de tão elogiável numa precipitação que deve deixar por fazer muitas coisas necessárias e não pode ser de nenhum proveito verdadeiro para você ou para qualquer pessoa?

— Não — exclamou Bingley —; já é demais lembrarmos à noite todas as coisas estúpidas que foram ditas de manhã. E mesmo assim, palavra de honra, acho que o que disse de mim mesmo é verdade e creio nisso neste momento. Pelo menos, então, não se pode dizer que assumi a minha precipitação desnecessária só para me exhibir diante das damas.

— Tenho certeza de que você acreditava naquilo; mas não estou de modo algum convencido de que faria as malas com tal celeridade. Sua conduta seria totalmente dependente do acaso, com a de qualquer pessoa que eu conheça; e se, ao montar no cavalo, um amigo lhe dissesse: “Bingley, seria melhor você ficar até a semana que vem”, você provavelmente aceitaria o conselho, provavelmente não partiria... e, dependendo das palavras que lhe dirigissem, poderia ficar até mais um mês.

— Com isso o senhor só provou — exclamou Elizabeth — que o sr. Bingley não faz justiça ao seu próprio temperamento. Revelou-o agora com maior nitidez do que ele próprio seria capaz.

— Sou-lhe imensamente grato — disse Bingley — por transformar o que o meu amigo diz num cumprimento acerca da brandura do meu temperamento. Mas receio que a senhorita lhe esteja dando um sentido que o cavalheiro de modo algum pretendia; pois, com certeza, ele teria melhor opinião sobre mim se em tal situação eu respondesse com uma pura e simples negação e saísse cavalcando o mais rápido que pudesse.

— Mas então será que o sr. Darcy consideraria mitigada a precipitação de suas intenções originais pela obstinação em se apegar a elas?

— Palavra de honra, isso eu não posso afirmar; Darcy vai ter de falar por si mesmo.

— Você espera que eu explique opiniões que chama de minhas, mas que eu jamais reconheci. Admitindo, porém, que as coisas se passem de acordo com a sua representação, a senhorita há de se lembrar, srta. Bennet, que o amigo que supostamente deseja a volta dele para casa e o adiamento de seu plano simplesmente desejou isso, solicitou isso sem oferecer nenhum argumento em favor de sua justeza.

— Ceder pronta e facilmente à *persuasão* de um amigo não constitui mérito para o senhor.

— Ceder sem convicção não é um cumprimento à inteligência de ninguém.

— Parece-me, sr. Darcy, que o senhor nada concede à influência da amizade e do afeto. A consideração por quem solicita muitas vezes pode fazer ceder prontamente a um pedido, sem esperar os argumentos. Não estou falando em particular de casos como o que o senhor imaginou acerca do sr. Bingley. Podemos também aguardar, talvez, até aparecer uma oportunidade e então discutirmos a razão de seu comportamento. Mas nos casos corriqueiros entre dois amigos, em que um deles deseja que o outro mude uma sua decisão de menor importância, será que o senhor teria má opinião da pessoa por ceder ao desejo sem esperar as razões para tanto?

— Não seria mais aconselhável, antes de prosseguirmos com o tema, determinarmos com maior precisão o grau de importância que se deva atribuir a tal pedido, bem como o grau de intimidade entre as partes?

— Sem nenhuma dúvida — exclamou Bingley —; ouçamos todos os pormenores, sem esquecer sua altura e tamanho relativos; pois isso terá maior peso na argumentação, srta. Bennet, do que a senhorita possa imaginar. Garanto-lhe que se Darcy não fosse um sujeito tão alto, em comparação comigo, eu não teria por ele nem metade da consideração que lhe dedico. Afirmo que não conheço objeto mais aterrorizante que Darcy

em certas ocasiões e lugares; sobretudo em sua casa, domingo à tarde, quando não tem nada para fazer.

O sr. Darcy sorriu; mas Elizabeth julgou perceber que ele se ofendera e portanto reprimiu o riso. A srta. Bingley ressentiu-se profundamente com a afronta feita a ele, repreendendo o irmão por falar tais absurdos.

— Compreendo a sua intenção, Bingley — disse seu amigo. — Você não gosta de debates e quer dar um ponto-final a este.

— Talvez seja isso. Debates parecem-se demais com discussões. Se você e a srta. Bennet o adiarem para quando eu estiver fora da sala, ficarei muito agradecido; e então poderão dizer o que quiserem a meu respeito.

— O que o senhor pede — disse Elizabeth — não é um sacrifício para mim; e para o sr. Darcy seria melhor acabar a carta.

O sr. Darcy aceitou o conselho e pôs-se de novo a escrever.

Terminada a carta, pediu à srta. Bingley e a Elizabeth que lhe dessem o prazer de ouvi-las tocar. A srta. Bingley correu alegremente até o pianoforte; e, depois de pedir delicadamente a Elizabeth que fosse a primeira a tocar, o que a outra recusou com igual delicadeza e maior sinceridade, ela própria se sentou ao instrumento.

A sra. Hurst cantou com a irmã, e, estando assim entretidas, Elizabeth não pôde deixar de observar, enquanto folheava algumas partituras jogadas sobre o piano, com quanta frequência os olhos do sr. Darcy se fixavam nela. Não podia suspeitar que pudesse ser objeto da admiração de um homem tão importante; e, no entanto, era ainda mais estranho que ele estivesse olhando para ela porque ela lhe desagradasse. Por fim, só conseguiu imaginar que chamara a atenção dele por ter em si mais coisas erradas e repreensíveis, segundo as ideias dele sobre o que é certo, do que em qualquer outra pessoa presente. Essa ideia não a afligiu. Gostava pouco demais dele para se preocupar com sua aprovação.

Depois de tocar algumas canções italianas, a srta. Bingley diversificou o repertório com uma alegre ária escocesa; e logo em seguida o sr. Darcy, aproximando-se de Elizabeth, lhe disse:

— Não gostaria, srta. Bennet, de aproveitar esta oportunidade para dançar um *reel*?

Ela sorriu, mas não respondeu. Ele repetiu a pergunta, surpreso com o silêncio dela.

— Ah! — disse Elizabeth. — Eu ouvi o que disse, mas não consegui decidir logo o que dizer em resposta. O senhor gostaria, eu sei, que eu dissesse “Sim”, para ter o prazer de desprezar o meu gosto; mas eu sempre adorei desarmar esse tipo de armadilha e confundir aqueles que premeditam o desprezo. Resolvi, portanto, dizer-lhe que não quero dançar absolutamente um *reel*... E agora ouse desprezar-me!

— De fato, não ouse.

Tendo esperado humilhá-lo, Elizabeth ficou pasma com a galanteria; mas havia um misto de doçura e de malícia nos gestos dela que lhe tornava difícil humilhar quem quer que fosse; e Darcy jamais fora tão atraído por uma mulher quanto por ela. Realmente acreditou que, se não fosse a inferioridade da família dela, estaria em apuros.

A srta. Bingley viu ou desconfiou o suficiente para ter ciúme; e sua grande ansiedade pela recuperação de sua querida amiga Jane ganhou certo reforço com o desejo de se livrar de Elizabeth.

Ela sempre tentava provocar Darcy a antipatizar com a hóspede, falando do suposto casamento e projetando a felicidade dele em tal aliança.

— Espero — disse ela, enquanto caminhavam juntos pelo bosque no dia seguinte — que você dê à sua sogra algumas sugestões, quando esse desejável evento ocorrer, sobre as vantagens de manter a boca fechada; e, se tiver voz no capítulo, tente evitar que as meninas mais jovens corram atrás dos oficiais. E, se é que posso tocar em assunto tão delicado, tente refrear essa ponta de presunção e impertinência que a sua querida possui.

— Tem mais alguma coisa a propor quanto à minha felicidade doméstica?

— Tenho, sim. Faça que os retratos do titio e da titia Phillips sejam pendurados na galeria, em Pemberley. Coloque-os junto ao seu tio-avô juiz. Têm a mesma profissão, como você sabe, só que em campos diferentes. Quanto ao retrato da sua Elizabeth, seria melhor que ele não fosse feito, pois que pintor poderia fazer justiça àqueles lindos olhos?

— Não seria fácil, de fato, captar a expressão deles, mas a cor e a forma e as pestanas, tão admiravelmente finas, podem ser copiadas.

Naquele momento, eles cruzaram com outros passeantes, a sra. Hurst e a própria Elizabeth.

— Não sabia que vocês pretendiam passear — disse a srta. Bingley, um tanto confusa com a possibilidade de terem sido ouvidos.

— Vocês se portaram conosco terrivelmente mal — respondeu a sra. Hurst — ao sair correndo sem nada nos dizer.

Tomando, então, o braço livre do sr. Darcy, deixou Elizabeth caminhando sozinha. Pelo caminho só podiam passar três. O sr. Darcy logo percebeu a grosseria e se apressou em dizer:

— Esta trilha não é larga o bastante para nós quatro. Seria melhor que fôssemos até a avenida.

Mas Elizabeth, que não tinha nenhuma intenção de permanecer com eles, respondeu rindo:

— Não, não; fiquem onde estão. Vocês formam um grupo mais do que encantador. Perder-se-ia o efeito pitoresco acrescentando-se uma quarta pessoa. Adeus!

Afastou-se, então, alegremente, feliz, enquanto caminhava, ante a esperança de voltar para casa em um ou dois dias. A recuperação de Jane já estava adiantada o bastante para que fizesse planos de deixar o quarto por algumas horas à tarde.

| Capítulo 11

Quando as damas se levantaram da mesa após o jantar, Elizabeth subiu correndo até o quarto da irmã e, ao vê-la bem protegida contra o frio, acompanhou-a até a sala, onde ela foi recebida pelas duas amigas com alegres expressões de boas-vindas; e Elizabeth jamais as havia visto tão agradáveis como durante a hora que se passou antes da chegada dos cavalheiros. Tinham uma considerável capacidade de conversação. Podiam descrever com precisão um entretenimento, contar anedotas com graça e rir dos conhecidos com muito bom humor.

Mas, à chegada dos cavalheiros, Jane deixou de ser a figura principal; os olhos da srta. Bingley voltaram-se instantaneamente para Darcy e já tinha algo a lhe dizer antes que ele pudesse dar alguns passos. Ele saudou delicadamente a srta. Bennet; o sr. Hurst também fez diante dela uma breve reverência e disse estar “muito contente”; mas a efusividade e a cordialidade ficaram para a saudação de Bingley. Ele era só júbilo e atenção. A primeira meia hora foi passada avivando-se o fogo, para que Jane não sofresse com a mudança de ambiente; e ela passou, por vontade dele, ao outro lado da lareira, para ficar mais longe da porta. Ele, então, sentou-se ao lado dela e mal falou com mais ninguém. Elizabeth, ocupada no canto oposto, assistiu a tudo aquilo com muito prazer.

Acabado o chá, o sr. Hurst sugeriu à cunhada a mesa de carteados... mas em vão. Ela soubera que o sr. Darcy não apreciava o baralho; e o sr. Hurst logo viu até mesmo o seu pedido expresso rejeitado. A cunhada lhe garantiu que ninguém pretendia jogar, e o silêncio de todos pareceu justificá-la. Ao

sr. Hurst, portanto, não restava nada a fazer senão esticar-se num dos sofás e dormir. Darcy pegou um livro; a srta. Bingley fez o mesmo; e a sra. Hurst, ocupada principalmente em brincar com seus braceletes e anéis, participava esporadicamente da conversa do irmão com a srta. Bennet.

A atenção da srta. Bingley concentrou-se tanto em observar o progresso do sr. Darcy na leitura do livro *dele* quanto em ler o seu próprio; e ela não parava de fazer perguntas ou de olhar para a página do livro que ele lia. Não conseguiu, porém, animá-lo a nenhuma conversa; ele simplesmente respondia à pergunta e continuava a ler. Por fim, cansada da tentativa de se divertir com seu próprio livro, que ela só escolhera porque era o segundo volume do dele, abriu um profundo bocejo e disse:

— Como é agradável passar a tarde assim! Garanto que não há nada mais divertido do que ler! Tudo cansa, menos um livro! Quando tiver a minha própria casa, não serei feliz até ter uma excelente biblioteca.

Ninguém respondeu. Ela bocejou de novo, deixou de lado o livro e olhou ao redor da sala em busca de alguma diversão; ao ouvir o irmão referir-se a um baile com a srta. Bennet, voltou-se bruscamente para ele e disse:

— Por falar nisso, Charles, você está pensando seriamente em dar um baile em Netherfield? Eu aconselharia você, antes de se decidir, a consultar os aqui presentes; ou estou muito enganada, ou para alguns de nós um baile seria mais um castigo do que um prazer.

— Se você se refere a Darcy — exclamou o irmão —, ele pode ir dormir, se preferir, antes de começar... Mas, quanto ao baile, já é coisa decidida; e, assim que São Nicolau tiver trazido um pouco de neve, vou enviar os convites.

— Eu gostaria infinitamente mais dos bailes — replicou ela —, se fossem organizados de um jeito diferente; mas há algo de insuportavelmente tedioso no andamento normal dessas festas. Seria muito mais racional se a ordem do dia fosse a conversação, e não a dança.

— Muito mais racional, minha querida Caroline, tenho certeza disso, mas não se pareceria nem um pouco com um baile.

A srta. Bingley não respondeu, e logo em seguida se levantou e começou a andar pela sala. Seu porte era elegante e ela caminhava com graça; mas Darcy, que era o alvo de tudo aquilo, permanecia inflexivelmente estudioso. Em desespero de causa, ela tentou mais um esforço e, voltando-se para Elizabeth, disse:

— Srta. Eliza Bennet, gostaria de convencê-la a seguir o meu exemplo e dar uma volta pela sala. Garanto a você que é muito restaurador, depois de ficarmos tanto tempo na mesma posição.

Elizabeth surpreendeu-se, mas aceitou de imediato. A srta. Bingley não teve menos sucesso no que se referia ao verdadeiro objeto de sua cortesia; o sr. Darcy tirou os olhos do livro. Estava tão admirado com a novidade daquelas atenções quanto a própria Elizabeth, e inconscientemente fechou o livro. Foi logo convidado a juntar-se a elas, mas recusou, observando que só conseguia imaginar dois motivos para que elas optassem por andar juntas para um lado e para o outro na sala, e a sua presença seria um obstáculo para ambos.

— Que será que ele quis dizer? Estou louca para saber o que ele quis dizer. — E perguntou a Elizabeth se conseguia compreendê-lo.

— De modo algum — foi a resposta —, mas estou certa de que ele teve a intenção de ser duro conosco, e a melhor forma de desapontá-lo é não perguntar nada.

A srta. Bingley, porém, era incapaz de desapontar o sr. Darcy no que quer que fosse e prosseguiu, portanto, pedindo a ele uma explicação sobre aqueles dois motivos.

— Não faço a mínima objeção a explicá-los — disse ele, assim que ela lhe permitiu falar. — Ou vocês escolheram esse modo de passar a tarde porque têm segredos a discutir uma com a outra, ou porque têm consciência de que suas pessoas exibem o melhor de suas belezas ao caminharem; se for o primeiro, eu seria um completo estorvo, e, se o segundo, posso admirar vocês muito melhor sentado junto à lareira.

— Ah! Que horror! — exclamou a srta. Bingley. — Nunca ouvi nada mais odioso. Como poderemos puni-lo por tais palavras?

— Nada mais fácil, basta a senhorita querer — disse Elizabeth. — Todos nós podemos atormentar e punir uns aos outros. Provoque-o... ria dele. Íntimos como vocês são, já deve saber o que deve fazer para isso.

— Mas dou-lhe a minha palavra de honra de que *não* sei. Garanto-lhe que a nossa intimidade ainda não me ensinou *isso*. Provocar suas maneiras calmas e presença de espírito! Não, não... sinto que nisso ele ganha de nós. E, quanto a caçoar dele, não vamos expor-nos, por favor, a rir sem motivo. O sr. Darcy tem motivos para orgulhar-se de si mesmo.

— Não é possível rir do sr. Darcy! — exclamou Elizabeth. — Eis aí uma vantagem extraordinária, e espero que continue a ser extraordinária, pois seria uma grande desgraça para *mim* ter muitos conhecidos como ele. Eu adoro rir.

— A srta. Bingley — disse ele — deu-me mais crédito do que é de justiça. O mais sábio e o melhor dos homens... não, o mais sábio e o melhor dos seus atos... pode ser ridicularizado por alguém cujo primeiro objetivo na vida seja a pilhéria.

— Espero nunca ridicularizar o que é sábio e bom. Loucuras e bobagens, caprichos e incoerências são coisas que me divertem, *sim*, eu confesso, e rio delas sempre que posso. Mas suponho que essas sejam precisamente as coisas de que você carece.

— Talvez ninguém consiga isso. Tem sido, porém, o objetivo da minha vida evitar essas fraquezas, que muitas vezes expõem ao ridículo as mais amplas inteligências.

— Como a vaidade e o orgulho.

— Sim, a vaidade é sem dúvida uma fraqueza. Mas o orgulho... Onde houver uma autêntica superioridade mental, o orgulho sempre terá os seus direitos.

Elizabeth virou-se para esconder um sorriso.

— Acho que o seu exame do sr. Darcy já acabou — disse a srta. Bingley —, e, por favor, qual foi o resultado?

— O sr. Darcy me convenceu completamente de que não tem defeitos. Ele próprio o admite sem rodeios.

— Não — disse Darcy —; não tenho tal pretensão. Já tenho muitos defeitos, mas não, espero, de inteligência. Não ousou recomendar o meu temperamento. Creio que ele seja um pouco intransigente demais... Certamente muito pouco para a conveniência do mundo. Não posso esquecer as loucuras e defeitos dos outros com tanta rapidez como deveria, nem as ofensas contra mim. Meus sentimentos não se curvam a todas as tentativas de modificá-los. Talvez o meu temperamento devesse ser chamado de ressentido. Quando perco a boa opinião que tinha de uma pessoa, é para sempre.

— Isso é com certeza um defeito! — exclamou Elizabeth. — O ressentimento implacável é uma falha de caráter. Mas o senhor escolheu bem o seu defeito. Eu realmente não posso *rir* dele. Não tem nada a temer de mim.

— Creio que há em cada personalidade uma tendência a algum mal particular... Um defeito natural, que nem a melhor educação pode superar.

— E o *seu* defeito é odiar a todos.

— E o seu — replicou ele, com um sorriso — é adorar interpretar mal a todos.

— Que tal um pouco de música? — exclamou a srta. Bingley, cansada de uma conversa de que não participava. — Louisa, poderia fazer-me o favor de acordar o sr. Hurst?

Sua irmã não fez nenhuma objeção, e o pianoforte foi aberto; e Darcy, após alguns momentos de recolhimento, não o lamentou. Começava a perceber o perigo de dar muita atenção a Elizabeth.

| Capítulo 12

Por um acordo entre as irmãs, Elizabeth escreveu na manhã seguinte para a mãe, pedindo que a carruagem lhes fosse enviada naquele mesmo dia. Mas a sra. Bennet, que calculara que as filhas permaneceriam em Netherfield até a terça-feira seguinte, o que completaria exatamente uma semana desde que Jane adoecera, não podia sentir-se contente em recebê-las de volta antes disso. Sua resposta, portanto, não foi favorável, pelo menos não tanto quanto Elizabeth gostaria, pois estava impaciente para voltar para casa. A sra. Bennet enviou-lhes um bilhete dizendo que provavelmente não poderia mandar-lhes a carruagem antes da terça-feira; e no pós-escrito acrescentou que, se o sr. Bingley e sua irmã insistissem para que elas ficassem por mais tempo, poderia passar muito bem sem elas. Elizabeth, porém, estava decididamente contra a ideia de ficar por mais tempo — nem esperava que isso lhe fosse oferecido; e, temendo, ao contrário, ser considerada uma intrusa por permanecer ali desnecessariamente por tanto tempo, solicitou a Jane que pedisse imediatamente emprestada a carruagem do sr. Bingley, e enfim ficou decidido que deveriam mencionar, ao fazer o pedido, seus planos originais de partirem de Netherfield aquela mesma manhã.

O comunicado provocou muitas expressões de preocupação; e muito foi dito no sentido de que ficassem pelo menos até o dia seguinte, pela saúde de Jane; e a partida delas foi, então, adiada para o dia seguinte. A srta. Bingley lamentou, então, ter proposto o adiamento, pois o ciúme de uma das irmãs, unido à antipatia por ela, superava em muito o seu afeto pela outra.

O dono da casa soube com real pesar que elas iam partir mais cedo, e repetidas vezes tentou convencer a srta. Bennet de que aquilo não era seguro para ela — que ainda não estava recuperada o bastante; Jane, porém, mostrava-se firme quando sentia estar certa.

Para o sr. Darcy essa era uma notícia bem-vinda — Elizabeth já permanecera o bastante em Netherfield. A atração que exercera sobre ele fora maior do que ele gostaria que fosse — e a srta. Bingley era desaforada com *ela* e mais provocadora do que de costume com ele. Ele sabiamente decidiu usar da maior prudência para não demonstrar *agora* nenhum sinal de admiração, nada que pudesse dar a ela a esperança de influir na felicidade dele, consciente de que, se tal ideia fosse sugerida, o comportamento dele no último dia devia ter um peso importante na confirmação ou na refutação dessa ideia. Firme em seu propósito, ele mal pronunciou dez palavras com Elizabeth durante todo o sábado, e, embora ficassem sozinhos um com o outro durante meia hora, ele mergulhou na leitura de seu livro e nem sequer olhou para ela.

No domingo, depois do serviço da manhã, ocorreu a separação, tão agradável para quase todos. A gentileza da srta. Bingley com Elizabeth enfim cresceu muito rapidamente, bem como o seu afeto por Jane; e quando elas partiram, depois de garantir à segunda que sempre teria imenso prazer em vê-la em Longbourn ou em Netherfield, e abraçando-a com muito carinho, chegou até a dar a mão à primeira. Elizabeth despediu-se de todos no melhor dos humores.

Em casa, não foram muito bem recebidas pela mãe. A sra. Bennet admirou-se com a chegada delas e achou que haviam feito muito mal em causar tantos problemas, e tinha certeza de que Jane logo pegaria um novo resfriado. Mas o pai, embora muito lacônico nas expressões de prazer, ficou de fato contente em vê-las; sentira a importância delas no círculo familiar. Na conversa da noite, quando estavam todos reunidos, perdera muito da sua animação e quase todo o bom-senso com a ausência de Jane e de Elizabeth.

Encontraram Mary, como sempre, mergulhada no estudo do baixo contínuo e da natureza humana; e admiraram certos trechos e ouviram novas observações de uma moralidade caduca. Catherine e Lydia tinham

para elas informações de um tipo bem diferente. Muito se fizera e muito se dissera no regimento desde a quarta-feira passada; muitos oficiais haviam jantado com o tio delas, um soldado fora chicoteado e corria o boato de que o coronel Forster ia casar-se.

Capítulo 13

— Espero, querida — disse o sr. Bennet à esposa durante o café, na manhã seguinte —, que tenha organizado um bom jantar hoje, pois tenho razões para esperar um convidado adicional ao nosso grupo familiar.

— A quem se refere, meu querido? Não sei de ninguém que venha, a menos que Charlotte Lucas apareça... E espero que os *meus* jantares sejam bons o bastante para ela. Não creio que ela veja muitos iguais aos nossos em sua casa.

— A pessoa a que me refiro é um cavalheiro, e um forasteiro.

Os olhos da sra. Bennet brilharam.

— Um cavalheiro e um forasteiro! É o sr. Bingley, tenho certeza! Bem, é claro que ficarei muitíssimo contente em ver o sr. Bingley. Mas... meu Deus! Que azar! Não há nem um toco de peixe para servir hoje. Lydia, meu amor, toque a campainha... tenho de falar com a Hill agora mesmo.

— Não é o sr. Bingley — disse o seu marido —; é alguém que eu nunca vi na vida.

Isso provocou um espanto geral; e ele teve o prazer de ser questionado com impaciência pela mulher e pelas cinco filhas ao mesmo tempo.

Depois de se divertir por algum tempo com a curiosidade delas, ele se explicou:

— Cerca de um mês atrás, recebi esta carta; e, cerca de quinze dias atrás, eu a respondi, pois julguei que se tratasse de um caso um tanto delicado, que exigia pronta atenção. É do meu primo, o sr. Collins, que, quando eu morrer, poderá expulsar todas vocês desta casa, quando quiser.

— Ah! Meu querido — exclamou sua esposa —, não aguento ouvir você mencionar isso. Por favor, não fale desse homem odioso. Acho a coisa mais dura do mundo ver esta propriedade retirada de suas filhas; e tenho certeza de que, se eu fosse você, há muito teria tentado fazer alguma coisa a esse respeito.

Jane e Elizabeth tentaram explicar a ela o que era um morgadio. Já haviam tentado isso muitas vezes, mas esse era um assunto que para a sra. Bennet estava além do alcance da razão, e ela continuou a queixar-se amargamente da crueldade de se retirar uma propriedade de uma família de cinco filhas, em favor de um homem com quem ninguém se importava.

— Não resta dúvida de que se trata de um negócio muito injusto — disse o sr. Bennet —, e nada pode absolver o sr. Collins da culpa de herdar Longbourn. Mas, se vocês ouvirem a sua carta, talvez se acalmem um pouco pela maneira com que ele se exprime.

— Não, com certeza, não; e considero muita impertinência da parte dele escrever para você, e muita hipocrisia. Detesto esses falsos amigos. Por que não continuar às turras com você, como o pai dele costumava estar?

— Ah, é claro. Sobre esse ponto, parece que foi acometido de certos escrúpulos filiais. Ouçam.

Hunsford, perto de Westerham, Kent, 15 de outubro.

Prezado senhor,

Sempre me senti constrangido com o desentendimento entre o senhor e o meu falecido e honrado pai, e desde que tive a desgraça de perdê-lo tenho desejado sanar o problema; mas por algum tempo fui retido por minhas próprias dúvidas, temendo que fosse desrespeitoso à memória dele ter boas relações com alguém com quem sempre teve desavenças.

— Veja só, sra. Bennet.

Agora, porém, já tomei uma decisão sobre o assunto, pois, tendo-me ordenado na Páscoa, tive a boa sorte de ser distinguido pelo patrocínio da excelentíssima *Lady Catherine* de Bourgh, viúva de *Sir Lewis* de Bourgh, cuja generosidade e beneficência me elegeram para a digníssima reitoria desta paróquia, onde me empenharei com o máximo afinco em servir Sua Senhoria com agradecido respeito, e em estar sempre pronto para executar os ritos e as cerimônias instituídos pela Igreja da Inglaterra. Como eclesiástico, aliás, sinto ser o meu dever promover e levar a bênção da paz a todas as famílias ao alcance da minha influência; e, fundamentando-me nisso, gabo-me de que as minhas presentes ofertas de boa vontade sejam muito recomendáveis e de

que a circunstância de vir eu a ser próximo herdeiro da propriedade de Longbourn será gentilmente desconsiderada pelo senhor e não o fará rejeitar o ramo de oliveira que lhe ofereço. Não posso deixar de me preocupar em ser ocasião de prejuízo para suas amáveis filhas, e peço vênica para me desculpar por isso e para lhe garantir que estou disposto a compensá-las de todas as maneiras possíveis. Tratemos disso mais tarde, porém. Se o senhor não tiver objeções em receber-me em sua morada, proponho a mim mesmo a satisfação de visitar o senhor e a sua família, segunda-feira, 18 de novembro, às quatro horas. Provavelmente abusarei da sua hospitalidade até o sábado da semana seguinte, o que posso fazer sem nenhum inconveniente, pois *Lady Catherine* nenhuma objeção faz a que eu me ausente por um domingo, contanto que algum outro eclesiástico se encarregue de executar os serviços do dia. Aceite, caro senhor, os respeitosos cumprimentos e votos a sua esposa e filhas, do seu amigo,

WILLIAM COLLINS

— Às quatro horas, portanto, aguardaremos esse cavalheiro pacificador — disse o sr. Bennet, enquanto dobrava a carta. — Ele parece ser um rapaz muito consciencioso e gentil, palavra de honra, e não tenho dúvida de que será uma relação valiosa, sobretudo se *Lady Catherine* tiver a bondade de deixá-lo vir outras vezes.

— Há algum bom-senso no que ele diz sobre as meninas, porém, e, se ele estiver disposto a compensá-las de algum modo, não serei eu a desencorajá-lo.

— Embora seja difícil — disse Jane — adivinhar de que maneira ele possa compensar-nos como julga de direito, ele tem certamente o mérito da intenção.

O que mais chamou a atenção de Elizabeth foi sua extraordinária deferência perante *Lady Catherine* e sua boa intenção de batizar, casar e sepultar seus paroquianos sempre que necessário.

— Acho que ele deve ser meio esquisito — disse ela. — Não consigo imaginá-lo... Há algo de pomposo em seu estilo... E o que quer dizer com essas desculpas por ser ele o futuro herdeiro?... Não é de crer que ele mudasse isso se pudesse... É possível que ele seja um homem sensato, papai?

— Não, querida, acho que não. Tenho grandes esperanças de que seja o exato oposto disso. Há um misto de subserviência e de presunção em sua carta que é bem promissor. Estou impaciente por vê-lo.

— Em matéria de redação — disse Mary —, a carta não parece má. A ideia do ramo de oliveira talvez não seja totalmente nova, mas acho que foi bem a propósito.

Para Catherine e Lydia, nem a carta nem seu autor apresentavam o menor interesse. Era quase impossível que seu primo aparecesse em uniforme escarlate, e já havia algumas semanas que as únicas companhias masculinas que lhes causavam satisfação só vestiam essa cor. Quanto à mãe, a carta do sr. Collins acabara com boa parte de sua má vontade com ele, e ela se preparava para conhecê-lo com um grau de serenidade que muito admirou seu marido e as meninas.

Chegou o sr. Collins com pontualidade e foi recebido com grande cortesia pela família inteira. O sr. Bennet, de fato, pouco falou; mas as mulheres estavam muito dispostas a falar, e o sr. Collins não parecia nem precisar de incentivos para conversar, nem ser inclinado ao silêncio. Era um jovem alto e corpulento, de vinte e cinco anos. Tinha ares graves e solenes, e seus modos eram muito formais. Mal chegara e já cumprimentava a sra. Bennet por ter tão lindas filhas; disse que já ouvira falar muito da beleza delas, mas que nesse caso a fama não estivera à altura da verdade; e acrescentou que não duvidava de que no devido tempo as encontraria todas bem-casadas. Tal galanteria não era muito do gosto de algumas das ouvintes; mas a sra. Bennet, que não reclamava de nenhum cumprimento, respondeu prontamente:

— É muita gentileza de sua parte, e eu desejo de coração que assim seja, pois caso contrário elas estarão em apuros. Foi muito estranho o modo como as coisas foram arranjadas.

— A senhora faz referência, talvez, ao morgadio desta propriedade.

— Ah, meu senhor, a isso mesmo. O senhor há de admitir que foi um duro golpe contra as coitadas das minhas filhas. Não que eu ache que a culpa é *sua*, pois sei muito bem que essas coisas são questão de sorte. Não há como saber o que será de uma casa quando ela entra num morgadio.

— Tenho plena consciência, minha senhora, das dificuldades de minhas garbosas primas, e muito poderia dizer sobre o assunto, mas receio mostrar-me atrevido ou precipitado. Posso, porém, garantir às jovens senhoritas que

vim preparado para admirá-las. No momento, nada mais direi; quem sabe, no futuro, quando nos conhecermos melhor...

Foi interrompido pelo chamado para o jantar; e as meninas sorriram umas para as outras. Não eram elas os únicos alvos da admiração do sr. Collins. O *hall*, a sala de jantar e toda a mobília foram examinados com satisfação; e seu elogio a tudo aquilo teria tocado o coração da sra. Bennet, não fosse a torturante suposição de que ele estaria vendo todas aquelas coisas como sua futura propriedade. Também o jantar, por sua vez, foi muito admirado; e quis ele saber a qual das lindas primas se devia a excelência do cardápio. Foi, porém, corrigido pela sra. Bennet, que lhe garantiu, com certa rudeza, que podia muito bem pagar um bom cozinheiro e que suas filhas nada tinham que fazer na cozinha. Ele se desculpou por tê-la desagradado. Em tom gentil, ela declarou não estar de modo algum ofendida; ele, porém, continuou a se desculpar por cerca de quinze minutos.

Capítulo 14

Durante o jantar, o sr. Bennet quase não falou; mas, quando os criados se retiraram, julgou ter chegado a hora de ter uma conversa com o hóspede e, assim, introduziu um assunto em que esperava que ele brilhasse, observando que ele parecia ter tido muita sorte quanto a sua patroa. A atenção de *Lady Catherine* de Bourgh com seus desejos e a consideração dela por seu bem-estar pareciam imensos. O sr. Bennet não poderia ter escolhido assunto melhor. O sr. Collins foi eloquente em seu louvor. O assunto guindou-o a uma solenidade de modos maior do que a de costume e, com ares de grande importância, protestou que nunca na vida vira tal comportamento numa pessoa de tão alta condição... tamanha afabilidade e condescendência, como as que observara em *Lady Catherine*. Ela tivera a bondade de aprovar ambos os sermões que ele tivera a honra de pronunciar diante dela. Ela também o convidara por duas vezes a jantar em Rosings e ainda no sábado anterior o chamara para completar a quadrilha do sarau. *Lady Catherine* era tida como uma mulher orgulhosa por muita gente que ele conhecia, mas *ele* nunca havia visto nada nela além de afabilidade. Ela sempre falava com ele como o faria com qualquer outro cavalheiro; não fez a menor objeção a que ele conhecesse a sociedade da vizinhança, nem que ocasionalmente deixasse a paróquia por uma ou duas semanas, para visitar parentes. Dignou-se até a aconselhá-lo a se casar o quanto antes, desde que escolhesse com prudência; e o visitara uma vez em seu modesto presbitério, onde aprovou todas as alterações feitas por ele, e até se dignou sugerir outras... algumas prateleiras no *closet* do andar superior.

— Tudo isso é muito correto e gentil, sem dúvida — disse a sra. Bennet —, e tenho certeza de que ela é uma mulher muito agradável. É uma pena que as grandes damas em geral já não sejam assim. Ela mora perto do senhor?

— O jardim onde fica a minha humilde morada está separado só por uma viela de Rosings Park, a residência de Sua Senhoria.

— Creio que o senhor nos disse que ela é viúva, não é mesmo? Tem alguma família?

— Só uma filha, a herdeira de Rosings e de muitíssimos bens.

— Ah! — disse a sra. Bennet, balançando a cabeça. — Então ela está em melhor situação do que muitas moças. E que tipo de jovem é ela? É bonita?

— É uma jovem mais do que encantadora. A própria *Lady Catherine* diz que, em matéria de autêntica beleza, a srta. de Bourgh é muito superior às mais belas do seu sexo, pois há em suas feições algo que assinala o berço nobre. Infelizmente, sua constituição é doentia, o que a impediu de fazer grandes progressos em muitos campos. Se não fosse isso, certamente os teria realizado, como fui informado pela senhora que supervisiona a sua educação e que ainda mora com elas. Ela é, porém, simpaticíssima e muitas vezes se digna ir até a minha residência em seu pequeno faeton de pôneis.

— Já debutou na corte? Não me lembro de ter visto o nome dela entre as damas.

— Seu estado de saúde infelizmente a impede de permanecer na capital; e com isso, como eu disse a *Lady Catherine* certo dia, privou a corte britânica de seus mais brilhantes ornamentos. Sua Senhoria pareceu gostar da ideia; e a senhora imagina que me sinto muito contente toda vez que posso oferecer esses pequenos cumprimentos delicados que agradam às damas. Mais de uma vez observei a *Lady Catherine* que sua encantadora filha parecia ter nascido para ser duquesa e que a mais alta nobreza, em vez de lhe dar brilho, seria adornada por ela. Esse é o tipo de coisa que agrada a Sua Senhoria e é uma espécie de atenção que me sinto especialmente obrigado a lhe prestar.

— O senhor julga com muita propriedade — disse o sr. Bennet —, e é bom possuir o talento de lisonjear com delicadeza. Permitiria que lhe perguntasse se essas agradáveis atenções vêm do impulso do momento ou são resultado de estudo prévio?

— Vêm principalmente do que se passa na hora, e, embora às vezes me divirta sugerindo e articulando esses cumprimentos elegantes tais como podem adaptar-se às ocasiões do dia a dia, sempre procuro dar-lhes o ar mais espontâneo possível.

As expectativas do sr. Bennet foram plenamente correspondidas. Seu primo era tão extravagante quanto ele esperava e o ouviu com a mais viva satisfação, conservando ao mesmo tempo a mais perfeita compostura e, exceto algum ocasional olhar a Elizabeth, sem compartilhar com ninguém o seu prazer.

Na hora do chá, porém, já saciado, o sr. Bennet se sentiu feliz em levar o hóspede de volta à sala de estar, e, ao terminar o chá, em convidá-lo a ler em voz alta para as mulheres. O sr. Collins prontamente aceitou o convite, e recebeu um livro; mas, ao olhar para o volume (pois tudo sugeria que viesse de uma biblioteca circulante), estacou e, desculpando-se, afirmou que jamais lia romances. Kitty cravou os olhos nele e Lydia soltou um grito. Foram-lhe apresentados outros livros e depois de certa deliberação ele escolheu os *Sermões* de Fordyce. Enquanto ele abria o livro, Lydia começou a bocejar e antes que ele tivesse, com monotoníssima solenidade, lido três páginas, interrompeu-o dizendo:

— Sabe, mamãe, que o tio Phillips está falando em despedir o Richard? E, se fizer mesmo isso, o coronel Forster quer contratá-lo. Titia me contou isso no sábado. Vou até Meryton amanhã para ter mais notícias do caso e para perguntar quando o sr. Denny volta de Londres.

As duas irmãs mais velhas pediram a Lydia que se calasse; mas o sr. Collins, ofendidíssimo, pôs de lado o livro e disse:

— Observei amiúde quão pouco as jovens senhoritas se interessam por livros sérios, ainda que escritos para elas. Isso muito me espanta, confesso; pois, decerto nada mais vantajoso pode haver para elas do que a instrução. Mas não vou mais importunar a minha jovem prima.

Voltando-se, então, para o sr. Bennet, propôs-lhe uma partida de gamão. O sr. Bennet aceitou o desafio, observando que agira com muita sabedoria deixando as meninas entregues a seus divertimentos triviais. A sra. Bennet e suas filhas pediram educadamente desculpas pela interrupção de Lydia, e prometeram que aquilo não se repetiria, se ele quisesse retomar a leitura do livro; o sr. Collins, porém, depois de garantir-lhes que não guardava ressentimentos contra a sua jovem prima e jamais tomaria o seu comportamento como uma afronta, foi sentar-se a outra mesa com o sr. Bennet e preparou-se para a partida de gamão.

Capítulo 15

Não era o sr. Collins um homem sensato, e o defeito de natureza pouca ajuda recebera da educação ou da sociedade, tendo passado a maior parte da vida sob a orientação de um pai analfabeto e avaro; e, embora pertencesse a uma das universidades, limitara-se a conquistar os créditos necessários, sem adquirir ali nenhum conhecimento útil. A submissão em que o pai o criara dera-lhe inicialmente modos muito humildes; estes, porém, eram agora contrabalançados pela vaidade de uma inteligência medíocre, que vive retirada, e pelos sentimentos decorrentes de uma precoce e inesperada prosperidade. Um acaso feliz o recomendara a *Lady Catherine* de Bourgh quando o benefício eclesiástico de Hunsford estava vago; e o respeito que ele sentiu pela altíssima condição social dela, e a sua veneração por ela como sua protetora, unindo-se a uma muito boa opinião de si mesmo, de sua autoridade eclesiástica e de seus direitos como reitor fizeram dele a um só tempo uma mistura de orgulho e obsequiosidade, de empáfia e humildade.

Tendo agora uma boa casa e uma excelente renda, pretendia casar-se; e ao buscar reconciliar-se com a família de Longbourn tinha em mira uma esposa, pois pretendia escolher uma das filhas, se as achasse tão belas e tão simpáticas como ouvira dizer. Tal era o plano de compensação — de expiação — por herdar a propriedade do pai delas; e julgou que se tratasse de um projeto excelente, muito legítimo e prático, além de generosíssimo e desinteressadíssimo de sua parte.

O sr. Collins não mudou de planos ao vê-las. O lindo rostinho da srta. Bennet confirmou suas ideias e determinou todas as mais estritas noções sobre o que era devido à precedência etária; e na primeira tarde *ela* foi a escolhida. Na manhã seguinte, porém, houve uma alteração; pois em quinze minutos de *tête-à-tête* com a sra. Bennet antes do desjejum, tendo-se iniciado uma conversa sobre o presbitério que levou naturalmente a que ele admitisse as suas esperanças de encontrar uma dona de casa para ele em Longbourn, ela, entre sorrisos afáveis e em meio ao encorajamento geral, alertou-o contra a mesma Jane que fora o objeto de sua escolha. No que se referia às filhas *mais moças*, ela não podia dizer com certeza... não podia afirmar positivamente... mas não *sabia* de nenhum compromisso anterior; quanto à sua filha *mais velha*, ela tinha de mencionar... tinha o dever de informar que provavelmente ela se tornaria noiva muito em breve.

Ao sr. Collins bastou passar de Jane para Elizabeth — o que foi feito rapidamente — enquanto a sra. Bennet atiçava o fogo. Elizabeth, que vinha imediatamente depois de Jane quanto ao nascimento e à beleza, sucedeu a ela, naturalmente.

A sra. Bennet logo compreendeu a insinuação e se convenceu de que em breve poderia ter duas filhas casadas; e o homem de quem nem podia ouvir falar um dia antes gozava agora de alto prestígio junto a ela.

A intenção de Lydia de ir a Meryton não caiu no esquecimento; todas as irmãs, salvo Mary, concordaram em ir com ela; e o sr. Collins devia acompanhá-las, a pedido do sr. Bennet, que estava louco para se ver livre dele e ter a biblioteca só para si; pois o sr. Collins o seguira até lá depois do café; e ali permaneceria, aparentemente entretido com um dos maiores infólios da coleção, mas na verdade falando ao sr. Bennet, quase sem cessar, da casa e dos jardins de Hunsford. Tais coisas irritavam ao mais alto ponto o sr. Bennet. Na biblioteca, ele sempre encontrava lazer e tranquilidade; e, embora preparado, como disse a Elizabeth, para topa com a loucura e a presunção em qualquer outro aposento da casa, lá ele costumava achar-se livre delas; sua boa educação, portanto, apressou-se em convidar o sr. Collins a unir-se às filhas naquele passeio; e o sr. Collins, tendo na verdade

muito mais de andarilho do que de leitor, sentiu-se contentíssimo em fechar aquele pesado volume e partir.

Passou-se o tempo em pomposas trivialidades da parte dele e em educados assentimentos da parte das primas, até chegarem a Meryton. A partir daí, ele não mais obteria a atenção das mais moças. Os olhos delas imediatamente passaram a varrer as ruas em busca de oficiais, e nada os poderia desviar, a não ser algum chapéu lindíssimo ou alguma musselina nova na vitrine de uma loja.

Mas a atenção de todas as moças logo foi capturada por um jovem que nunca haviam visto antes, de porte sumamente nobre, a caminhar com outro oficial do outro lado da rua. O oficial era o próprio sr. Denny, acerca de cujo retorno de Londres Lydia procurara informar-se, e ele fez uma reverência enquanto elas passavam. Todas ficaram impressionadas com a figura do forasteiro, imaginando quem poderia ser; e Kitty e Lydia, decididas a descobrir a identidade dele, atravessaram a rua, sob o pretexto de buscarem algo numa loja, e para felicidade delas, assim que subiram à calçada, os dois cavalheiros, voltando-se, haviam chegado ao mesmo ponto. O sr. Denny dirigiu-se a elas imediatamente e pediu permissão para lhes apresentar o amigo, o sr. Wickham, que retornara de Londres com ele na véspera, e acerca do qual tinha a alegria de poder dizer que aceitara um posto no regimento. Aquilo era perfeito; pois o jovem só precisava do uniforme para completar o seu encanto. Sua aparência era toda a seu favor; era homem de grande beleza, de traços finos, bom porte e trato muito agradável. A apresentação foi seguida, da parte dele, por uma alegre disposição para a conversa — disposição essa ao mesmo tempo perfeitamente correta e natural; e o grupo inteiro ainda estava de pé a conversar quando o ruído de cavalos lhes chamou a atenção, e puderam ver Darcy e Bingley, que desciam a rua a cavalo. Ao distinguirem as moças do grupo, os dois cavalheiros logo vieram até elas e deram início às cortesias de sempre. Bingley era quem mais falava, e a srta. Bennet, de quem mais se falava. Ele disse que estava a caminho de Longbourn justamente para ter notícias dela. O sr. Darcy corroborou, curvando-se, essas palavras, e estava começando a se decidir a não voltar os olhos para Elizabeth, quando eles

foram subitamente detidos pela vista do forasteiro. Tendo Elizabeth visto a expressão de ambos, que se entreolhavam, ficou muito espantada com o efeito do encontro. Ambos mudaram de cor, um ficou vermelho e o outro, branco. O sr. Wickham, depois de alguns instantes, tocou o chapéu — uma saudação que o sr. Darcy mal se dignou retribuir. Qual seria o sentido de tudo aquilo? Era impossível imaginar; era impossível não morrer de vontade de saber.

Um minuto depois, o sr. Bingley, sem, porém, parecer ter notado o que se passara, se despediu e seguiu caminho com o amigo.

O sr. Denny e o sr. Wickham caminharam com as jovens senhoritas até a porta da casa do sr. Phillips e então fizeram as suas reverências de despedida, apesar dos insistentes convites da srta. Lydia para que entrassem, e até mesmo apesar de a sra. Phillips aparecer à janela para reforçar enfaticamente os convites.

A sra. Phillips sempre se sentia feliz em ver as sobrinhas; e as duas mais velhas, em razão da recente ausência, foram especialmente bem recebidas. Ela exprimia com vivacidade a sua surpresa pela súbita volta delas para casa, sobre a qual, como não foram levadas por sua própria carruagem, ela nada saberia, se não calhasse de encontrar o criado do sr. Jones na rua, que lhe disse que não devia mais mandar remédios para Netherfield, pois as rtas. Bennet já haviam partido, quando suas gentis atenções se voltaram para o sr. Collins, que era apresentado por Jane. Ela o recebeu com grande cortesia, o que ele retribuiu com outra ainda maior, desculpando-se pela intromissão, pois não tinha nenhum conhecimento prévio dela, mas que não podia deixar de gabar-se de poder justificá-la pelo parentesco com as jovens que o apresentaram. A sra. Phillips assustou-se com tal excesso de boa educação; mas seu espanto diante de um estranho logo chegou ao fim com exclamações e perguntas sobre o outro; sobre o qual, porém, só podia contar às sobrinhas o que já sabiam, que o sr. Denny o trouxera de Londres e que ele ocuparia o posto de tenente em ***shire. Vinha observando-o havia uma hora, disse ela, enquanto ele caminhava para cima e para baixo pela rua, e, se o sr. Wickham aparecesse naquele momento, Kitty e Lydia certamente teriam prosseguido naquela ocupação, mas infelizmente ninguém passou

diante das janelas, a não ser alguns oficiais que, em comparação com o forasteiro, passaram a ser “sujeitos estúpidos e desagradáveis”. Alguns deles deviam jantar com os Phillips no dia seguinte, e a tia delas lhes prometeu fazer que o marido visitasse o sr. Wickham e também o convidasse, se a família de Longbourn viesse à noite. Aquilo ficou combinado, e a sra. Phillips afirmou que elas teriam um agradável e animado jogo de bingo e uma ceia quente em seguida. A perspectiva de tais delícias era muito sedutora, e elas partiram todas muito entusiasmadas. O sr. Collins repetiu suas desculpas ao deixar a sala, e recebeu de uma incansável delicadeza todas as garantias de que eram perfeitamente desnecessárias.

Enquanto voltavam para casa, Elizabeth contou a Jane o que vira acontecer entre os dois cavalheiros; mas, embora Jane tivesse defendido a cada um deles ou a ambos, se parecessem ter cometido algo errado, como a irmã ela tampouco sabia explicar tal comportamento.

Ao voltar, o sr. Collins fez as delícias da sra. Bennet, ao exprimir sua admiração pelos modos e pela polidez da sra. Phillips. Afirmou que, com exceção de *Lady Catherine* e da filha, jamais vira mulher mais elegante; pois não só o recebera com a maior cortesia, mas até o incluía expressamente no convite para o próximo sarau, embora fosse um completo desconhecido para ela. Algo, especulou ele, que podia ser atribuído ao parentesco dele com elas, mas mesmo assim nunca se deparara com tantas atenções em toda a sua vida.

Capítulo 16

Como ninguém levantou nenhuma objeção contra o compromisso das jovens com a tia, e como os escrúpulos do sr. Collins em ter de se separar do sr. e da sra. Bennet por um único sarau durante a visita foram apaziguados, numa hora conveniente a carruagem levou o sr. Collins e as cinco primas a Meryton; e as moças tiveram o prazer de ouvir, ao entrar no salão, que o sr. Wickham aceitara o convite do tio e estava presente na casa.

Quando receberam essa informação e todas se assentaram em seus lugares, o sr. Collins pôde olhar ao redor e admirar, e tanto se impressionou com o tamanho e o mobiliário do recinto, que declarou ter quase acreditado estar na salinha de desjejum de Rosings; comparação que inicialmente não foi recebida com muita gratidão; mas, quando a sra. Phillips soube por ele o que era Rosings e quem era a sua proprietária, quando ouviu a descrição de apenas um dos salões de *Lady Catherine* e soube que só a lareira custara oitocentas libras, ela sentiu toda a força do cumprimento e nada objetaria até mesmo contra uma comparação com o quarto da governanta.

Ele se entreteve descrevendo toda a grandiosidade de *Lady Catherine* e de sua mansão, com uma e outra digressão em louvor de sua humilde morada e das melhorias que estava recebendo, até que os cavalheiros se uniram a eles; e encontrou na sra. Phillips uma ouvinte muito atenta, cuja boa opinião sobre ele aumentava com o que ouvia, e que estava decidida a esmiuçar tudo aquilo para a vizinhança assim que pudesse. Para as jovens, que não podiam ouvir o primo e nada tinham para fazer, a não ser suspirar por um pianoforte e examinar suas próprias insignificantes imitações de

porcelana sobre a prateleira da lareira, o intervalo de espera pareceu interminável. Ele chegou ao fim, porém. Os cavalheiros aproximaram-se e, quando o sr. Wickham entrou no recinto, Elizabeth sentiu que nunca o vira, nem antes nem depois, sem admiração, o que nada tinha de insensato. Os oficiais de ***shire formavam em geral um grupo muito respeitável e cavalheiresco, e a elite deles estava presente ali; mas o sr. Wickham estava tão acima de todos eles quanto à pessoa, ao porte, às maneiras e ao andar, como eles estavam acima do tio Phillips, que entrou depois deles na sala com seu rosto rechonchudo e cheirando a vinho do Porto.

O sr. Wickham era o alvo feliz de quase todos os olhares femininos, e Elizabeth era a felizarda junto a quem ele finalmente se sentou; e o modo agradável com que ele logo iniciou a conversa, embora fosse apenas um comentário sobre a umidade da noite e sobre a probabilidade de uma estação chuvosa, levou-a a sentir que o assunto mais comum, insípido e mais batido pode tornar-se interessante pelo talento do interlocutor.

Com rivais como o sr. Wickham e os oficiais na busca das atenções das senhoritas, o sr. Collins pareceu cair na insignificância; para as mocinhas, ele certamente não era nada; mas de quando em quando ele ainda tinha uma boa ouvinte na sra. Phillips, e por suas atenções recebia uma farta provisão de café e de bolo. Quando se armou a mesa de jogo, ele teve a oportunidade de retribuir-lhe as gentilezas, apresentando-se para jogar uíste.

— Não conheço muito o jogo, por enquanto — disse ele —, mas adoraria aprender mais, pois em minha situação na vida...

A sra. Phillips ficou muito contente com a gentileza, mas não pôde aguardar as explicações dele.

O sr. Wickham não jogava uíste, e com prazer foi logo recebido na outra mesa, entre Elizabeth e Lydia. No começo, parecia haver o risco de que Lydia o absorvesse completamente, pois era muito falante; mas, como também adorava jogar bingo, ela logo se interessou demais pelo jogo, concentrou-se demais nas apostas e nos prêmios para dar atenção a quem quer que fosse em particular. Dentro dos limites das exigências normais do jogo, o sr. Wickham teve, então, tempo para falar com Elizabeth, e ela estava muito disposta a ouvi-lo, embora não tivesse esperança de ouvir o

que mais queria: a história de suas relações com o sr. Darcy. Ela nem sequer ousou mencionar o nome dele. Sua curiosidade, porém, foi inesperadamente satisfeita. O próprio sr. Wickham tocou no assunto. Perguntou qual era a distância entre Netherfield e Meryton; e, depois de ouvir a resposta, perguntou com certa hesitação havia quanto tempo o sr. Darcy estava ali.

— Cerca de um mês — disse Elizabeth; e em seguida, não querendo deixar que morresse o assunto, acrescentou: — Soube que ele é um homem com muitas propriedades em Derbyshire.

— É verdade — respondeu o sr. Wickham —; sua propriedade é nobre. Dez mil libras líquidas por ano. Você não poderia encontrar ninguém mais capaz de lhe dar certas informações a esse respeito do que eu, pois estou de certa forma ligado à família dele desde a infância.

Elizabeth não pôde esconder a surpresa.

— Não é de admirar o seu espanto, srta. Bennet, ante tal asserção, depois de ver, como provavelmente viu, a frieza do nosso encontro de ontem. A senhorita é muito amiga do sr. Darcy?

— Tanto quanto gostaria de ser — exclamou Elizabeth, com animação. — Passei quatro dias na mesma casa que ele e o considero muito desagradável.

— Não tenho direito de dar a minha opinião — disse Wickham — sobre se ele é ou não uma pessoa agradável. Não estou em condições de formar tal juízo. Conheço-o há tempo demais e bem demais para ser um árbitro justo. Para mim, é impossível ser imparcial. Mas creio que a sua opinião sobre ele causaria em geral certo espanto... e talvez a senhorita não a exprimisse com tanta ênfase em nenhum outro lugar. Aqui a senhorita está em família.

— Dou-lhe a minha palavra, nada mais digo *aqui* do que diria em qualquer outra casa da vizinhança, exceto Netherfield. Ninguém gosta dele em Hertfordshire. Todos criticam o seu orgulho. O senhor não ouvirá de ninguém palavras mais favoráveis a ele.

— Não vou fingir que me desagrade — disse Wickham, depois de uma breve pausa — que ele ou qualquer outro homem seja estimado conforme os seus méritos; mas não creio que com *ele* isso aconteça muitas vezes.

Deslumbra-se o mundo com a riqueza e a importância dele, ou se assusta com seus modos altivos e imponentes e o vê só como ele gosta de ser visto.

— Eu diria, pelo pouco que o conheço, que se trata de um homem de mau caráter.

Wickham limitou-se a balançar a cabeça.

— Imagino — disse ele na oportunidade seguinte de falar — se é provável que ele permaneça muito tempo aqui.

— Isso eu não sei mesmo; mas quando estive em Netherfield não *ouvi* ninguém dizer que ele esteja para ir embora. Espero que os seus planos de se estabelecer em ***shire não sejam prejudicados pela presença dele nas vizinhanças.

— Ah! Não... Não serei *eu* a partir por causa do sr. Darcy. Se *ele* não quiser ver-me, ele que se retire. Nossas relações não são boas e sempre me desagrada encontrá-lo, mas não tenho razões para evitá-lo, a não ser o que proclamo aos quatro ventos, a consciência de ter sido maltratado e o mais profundo pesar por ser ele o que é. O pai dele, srta. Bennet, o falecido sr. Darcy, era um dos melhores homens que jamais viveram e o mais verdadeiro amigo que jamais tive; e jamais posso encontrar-me com este sr. Darcy sem a mais funda dor no coração por mil lembranças carinhosas. A conduta dele para comigo foi escandalosa; mas creio sinceramente que poderia desculpá-lo por tudo, exceto por decepcionar as esperanças e desgraçar a memória do pai.

Elizabeth passou a se interessar ainda mais pelo assunto, e ouvia com toda a atenção; mas a delicadeza do tema impediu que fizesse mais perguntas.

O sr. Wickham começou a falar de assuntos mais gerais, Meryton, a vizinhança, a sociedade, mostrando-se muito satisfeito com tudo que já vira e falando a esse respeito com galanteria gentil, mas bastante evidente.

— O que mais pesou na minha decisão de vir para ***shire — acrescentou ele — foi a perspectiva de poder gozar de uma boa e constante sociedade. Sabia que se tratava de um grupo respeitável e agradável, e o meu amigo Denny me atraiu ainda mais com a descrição do novo quartel e das grandes atenções e das excelentes relações que Meryton lhes

proporcionara. Confesso que a vida de sociedade me é necessária. Tive muitas decepções, e não suporto a solidão. Eu preciso de ocupação e companhia. A vida militar não é o que eu pretendia, mas agora as circunstâncias a tornaram uma boa opção. Eu *deveria* ter sido um homem de igreja; fui criado para a igreja e no momento deveria ter uma excelente situação, se tal fosse a vontade do cavalheiro de que falávamos há pouco.

— É mesmo?

— Sim... o falecido sr. Darcy deixou escrito que eu devia ocupar o melhor benefício eclesiástico de seu patronato. Ele era o meu padrinho, e muito apegado a mim. Sua delicadeza era indescritível. Sua intenção era dar-me um bom meio de vida e julgava ter feito isso; mas, quando a vaga surgiu, foi dada para outra pessoa.

— Meu Deus! — exclamou Elizabeth. — Mas como *isso* foi possível? Como pôde o seu testamento ser desrespeitado? Por que o senhor não procurou o amparo da lei?

— Havia tal informalidade nos termos do legado, que estes não me permitiam nenhuma esperança de obter algo das leis. Um homem honrado não poderia duvidar da intenção, mas o sr. Darcy preferiu duvidar... ou ver naquilo só uma recomendação meramente condicional, e afirmar que eu havia perdido todos os direitos a ela com minha extravagância e imprudência... Em suma, ou tudo ou nada. O certo é que o benefício ficou vago dois anos atrás, exatamente quando completei a idade necessária para ocupá-lo, e que ele foi dado a outro homem; e não é menos certo que não posso acusar-me de ter feito algo para merecer perdê-lo. Tenho um temperamento ardente e talvez tenha expressado a minha opinião a respeito *dele* e *a ele* um pouco livremente demais. Não consigo lembrar-me de nada mais grave do que isso. Mas o fato é que somos tipos muito diferentes de homem e que ele me odeia.

— Isso é terrível! Ele merece a desgraça pública.

— Mais cedo ou mais tarde ele a *terá*... mas não por *meu* intermédio. Até eu conseguir esquecer-me de seu pai, jamais poderei desafiá-lo ou denunciá-lo.

Elizabeth elogiou-o por tais sentimentos e julgou-o mais belo do que nunca enquanto os exprimia.

— Mas quais — disse ela, depois de uma pausa — podem ser os motivos dele? Que pode tê-lo levado a comportar-se com tamanha crueldade?

— Uma profunda e violenta antipatia por mim... antipatia que só posso atribuir ao ciúme. Se o falecido sr. Darcy houvesse gostado menos de mim, talvez o filho me tivesse tratado melhor; mas o extraordinário apego de seu pai a mim irritou-o, creio, muito cedo na vida. Seu temperamento não era capaz de tolerar o tipo de competição em que estávamos... o tipo de preferência que muitas vezes me era dado.

— Nunca pensei que o sr. Darcy fosse assim tão mau... apesar de nunca ter gostado dele. Não tinha pensado tão mal dele. Julguei que ele desprezasse as outras criaturas em geral, mas não suspeitava que descesse a tão mesquinhas vinganças, a tamanha injustiça, a tal desumanidade.

Após alguns minutos de reflexão, porém, ela prosseguiu:

— Eu me lembro, *sim*, de um dia tê-lo ouvido gabar-se, em Netherfield, do caráter implacável de seus ressentimentos, de ter um temperamento incapaz de perdoar. Sua personalidade deve ser horrenda.

— Eu não confiarei em mim quanto a esse assunto — tornou Wickham.
— Não posso ser muito justo com ele.

Elizabeth mergulhou de novo em seus pensamentos, e depois de certo tempo exclamou:

— Tratar assim o afilhado, o amigo, o favorito do próprio pai! — E poderia ter acrescentado: “E ainda por cima um jovem como *o senhor*, cujo simples aspecto já demonstra a boa índole”. Mas contentou-se em dizer: — E ainda por cima alguém que provavelmente teria sido seu companheiro desde a infância, unido a ele, como acho que o senhor disse, da maneira mais íntima!

— Nascemos na mesma paróquia, dentro da mesma fazenda; passamos juntos a maior parte da juventude; habitando na mesma casa, compartilhamos as mesmas diversões, fomos objetos das mesmas atenções paternas. O *meu* pai começou a vida na mesma profissão a que o seu tio, o

sr. Phillips, parece dar tanto crédito... mas desistiu de tudo para servir ao falecido sr. Darcy e devotou todo o seu tempo a cuidar da propriedade de Pemberley. O sr. Darcy o estimava muitíssimo e nele via um amigo muito íntimo, de toda confiança. O próprio sr. Darcy muitas vezes admitia ter uma grande dívida pela ativa superintendência de meu pai, e quando, pouco antes da morte de meu pai, o sr. Darcy fez a ele uma promessa voluntária de cuidar do meu sustento, estou convencido de que sentiu que aquilo era tanto uma dívida de gratidão por *ele* quanto de afeto por mim.

— Que esquisito! — exclamou Elizabeth. — Que abominável! É espantoso que o próprio orgulho desse sr. Darcy não o tenha feito ser justo com o senhor! Na falta de outro motivo, ele deveria ser orgulhoso demais para ser desonesto... Pois é de desonestidade que se trata.

— É assombroso *mesmo* — replicou Wickham —, pois quase todos os seus atos podem ser atribuídos ao orgulho; e o orgulho tem sido quase sempre o seu melhor amigo. Ele o ligou mais à virtude do que a qualquer outro sentimento. Mas nenhum de nós é coerente, e em seu comportamento para comigo havia impulsos até mais fortes do que o orgulho.

— É possível que um orgulho tão odioso tenha feito algum bem a ele?

— Fez, sim. Muitas vezes levou-o a ser magnânimo e generoso, a dar seu dinheiro sem contar, a ser hospitaleiro, a ajudar seus inquilinos e os pobres. Isso é fruto do orgulho de família, e do orgulho *filial*, pois ele tem muito orgulho do pai. Não desonrar a família, não perder as qualidades que a tornaram popular ou perder a influência da Casa de Pemberley são motivos poderosos. Ele também tem o orgulho *fraternal*, o que, unido a *certo* afeto fraterno, faz dele um protetor muito carinhoso e solícito da irmã, e a senhorita ouvirá muitas vezes dizerem que ele é o mais atencioso e o melhor dos irmãos.

— Que tipo de moça é a srta. Darcy?

Ele balançou a cabeça.

— Gostaria de dizer que ela é um doce. Não gosto de falar mal de um Darcy. Mas ela se parece demais com o irmão... é muito, muito orgulhosa. Quando criança, era carinhosa, simpática e gostava muito de mim; e eu dedicava horas e horas a diverti-la. Hoje, porém, ela não é nada para mim.

É uma moça bonita, com quinze ou dezesseis anos e muito prendada, eu sei. Desde a morte do pai, passou a morar em Londres com uma dama que supervisiona a sua educação.

Depois de muitas pausas e de muitas tentativas de mudar de assunto, Elizabeth não conseguiu deixar de voltar ao primeiro e dizer:

— Estou admirada com a intimidade dele com o sr. Bingley! Como pode o sr. Bingley, que parece ser o bom humor em pessoa e é, como creio sinceramente, uma pessoa muito simpática, ter amizade com um homem desses? Como podem entender-se um com o outro? O senhor conhece o sr. Bingley?

— De modo algum.

— É um homem dócil, simpático, encantador. Ele não pode saber quem é realmente o sr. Darcy.

— Provavelmente, não; mas o sr. Darcy causa boa impressão onde quiser. Não lhe faltam habilidades. Pode tornar-se um companheiro interessante, se achar que vale a pena. Entre os seus pares quanto à riqueza, é muito diferente de quando está entre os menos prósperos. Seu orgulho jamais o abandona; mas com os ricos ele é um homem de mente aberta, justo, sincero, racional, honrado e talvez até agradável... levando-se também em conta sua fortuna e boa aparência.

Tendo-se desfeito logo em seguida o grupo do uíste, os jogadores reuniram-se ao redor da outra mesa e o sr. Collins posicionou-se entre a prima Elizabeth e a sra. Phillips. Esta última dirigiu a ele as perguntas de sempre sobre o jogo. Não fora para ele muito brilhante; perdera todas as mãos; mas, quando a sra. Phillips começou a expressar sua preocupação, ele lhe garantiu com a mais profunda gravidade que aquilo não tinha a menor importância, que considerava o dinheiro uma trivialidade e pediu a ela que não se preocupasse com isso.

— Sei muito bem, minha senhora — disse ele —, que quando as pessoas se sentam a uma mesa de jogo devem correr certos riscos, e felizmente estou numa situação em que cinco xelins nada significam para mim. Sem dúvida muitos há que não podem dizer o mesmo, mas, graças a

Lady Catherine de Bourgh, estou muito além da necessidade de me preocupar com ninharias.

Isso chamou a atenção do sr. Wickham; e, após observar o sr. Collins por alguns momentos, perguntou a Elizabeth em voz baixa se o seu parente tinha ligações muito estreitas com a família De Bourgh.

— *Lady Catherine de Bourgh* — respondeu ela — deu-lhe recentemente uma pensão. Não sei como o sr. Collins a conheceu, mas com certeza não faz muito tempo.

— A senhorita sabe, é claro, que *Lady Catherine de Bourgh* e *Lady Anne Darcy* são irmãs; por conseguinte, ela é tia do atual sr. Darcy.

— Não, eu não sabia. Não sabia absolutamente nada sobre as relações de *Lady Catherine*. Não sabia sequer da existência dela até anteontem.

— A filha dela, a srta. de Bourgh, herdará uma imensa fortuna, e corre o boato de que ela e o primo unirão as duas propriedades.

A informação fez Elizabeth sorrir, ao pensar na pobre srta. Bingley. Pois vãs serão todas as suas atenções, vão e inútil, o seu carinho pela irmã dele e seu afeto por ele, se ele já estiver destinado a outra mulher.

— O sr. Collins — disse ela — fala muito bem de *Lady Catherine* e de sua filha; mas, por alguns detalhes que ele nos contou de Sua Senhoria, suspeito que a gratidão o iluda e, apesar de ser a sua protetora, seja uma mulher arrogante e presunçosa.

— Acho que ela é as duas coisas em alto grau — tornou Wickham. — Há anos não a vejo, mas me lembro muito bem de nunca ter gostado dela e de que seus modos eram ditatoriais e insolentes. Ela tem a reputação de ser muito sensata e esperta; para mim, porém, parte das suas habilidades vem de sua condição social e fortuna, parte de suas maneiras autoritárias e o resto do orgulho pelo sobrinho, que pretende que todos os que se relacionem com ele tenham uma inteligência de primeira classe.

Elizabeth admitiu que ele dera uma explicação muito racional e continuaram a conversar, com mútua satisfação, até que a ceia pôs um ponto-final no cartado e deu às demais damas sua parte nas atenções do sr. Wickham. Não se conseguia conversar em meio ao barulho da ceia da sra. Phillips, mas seus modos garantiam-lhe a aprovação de todos. Tudo que ele

dizia era dito com propriedade; e tudo que fazia era feito com graça. Elizabeth partiu totalmente absorvida nele. Durante todo o caminho para casa, ela só conseguia pensar no sr. Wickham e no que ele lhe dissera; não teve, porém, tempo sequer de mencionar o nome dele, pois nem Lydia nem o sr. Collins se calavam. Lydia não parava de falar do bingo, do peixe que perdera e do outro que ganhara; e o sr. Collins, ao descrever a boa educação do sr. e da sra. Phillips, ao afirmar que não dava a menor importância à quantia que perdera no uíste, ao enumerar todos os pratos da ceia e ao dizer ter medo de incomodar as primas, tinha mais a dizer do que conseguia fazê-lo antes que a carruagem chegasse à casa de Longbourn.

Capítulo 17

No dia seguinte, Elizabeth contou a Jane o que se passara entre o sr. Wickham e ela. Jane escutou com espanto e preocupação; não conseguia acreditar que o sr. Darcy fosse tão indigno da consideração do sr. Bingley; não era, porém, da sua natureza questionar a veracidade de um rapaz de aspecto tão elegante como Wickham. A possibilidade de ele ter passado por tais humilhações já era o bastante para despertar todos os seus mais ternos sentimentos; e nada mais restava a fazer, portanto, senão ter uma boa opinião dos dois, defender a conduta de cada um deles e tachar de acidente ou de engano o que não pudesse ser assim explicado.

— Aposto que ambos — disse ela — foram enganados, de um jeito ou de outro, e sobre isso não podemos ter nenhuma ideia. Pessoas mal-intencionadas talvez tenham caluniado um para o outro. Em suma, é impossível imaginarmos as causas ou as circunstâncias que os tenham separado, sem que nem um nem outro seja culpado.

— Isso mesmo; e agora, minha querida Jane, o que você tem a dizer a respeito das pessoas mal-intencionadas que provavelmente estavam envolvidas no caso? Arrume uma desculpa para *elas* também ou seremos obrigadas a pensar mal de alguém.

— Ria quanto quisesse, mas não vai rir da minha opinião. Minha caríssima Lizzy, veja sob que desgraciosa luz o sr. Darcy é posto, maltratando assim o xodó de seu pai, que prometera sustentá-lo. Isso é impossível. Nenhum homem com algum coração, nenhum homem de algum

valor pelo caráter seria capaz disso. É possível que os amigos mais íntimos estejam tão enganados a respeito dele? Isso, não.

— Acho muito mais fácil acreditar que o sr. Bingley tenha sido iludido do que crer que o sr. Wickham pudesse inventar uma história como a que me contou a noite passada, com nomes, fatos, tudo mencionado, sem nada esconder. Se não é assim, cabe ao sr. Darcy provar o contrário. Além disso, havia sinceridade nos olhos dele.

— Isso é duro, mesmo... e angustiante. Não sabemos o que pensar.

— Perdão, mas sabemos exatamente o que pensar.

Jane, porém, só tinha certeza de uma coisa: que o sr. Bingley, se *tivesse* sido iludido, viria a sofrer muito quando o caso se tornasse público.

As duas moças foram chamadas do jardim, onde essa conversa se desenrolava, pela chegada das próprias pessoas sobre as quais falavam; o sr. Bingley e suas irmãs vieram convidá-las pessoalmente para o muito esperado baile de Netherfield, marcado para a próxima terça-feira. As duas damas estavam muito contentes por rever a querida amiga, disseram que havia séculos que não se viam e perguntaram várias vezes como vinha passando desde que se separaram. Ao resto da família deram pouca atenção, evitando ao máximo a sra. Bennet, pouco se dirigindo a Elizabeth e nunca às outras. Logo partiram, erguendo-se de seus assentos com uma presteza que surpreendeu o irmão e saindo correndo como se estivessem impacientes para fugir das cortesias da sra. Bennet.

A perspectiva do baile em Netherfield era extremamente agradável a todas as mulheres da família. A sra. Bennet preferiu pensar que o baile era dado em honra de sua filha mais velha, e se sentiu particularmente lisonjeada por receber o convite do sr. Bingley em pessoa, e não por meio de um cartão. Jane pôs-se a imaginar uma noite deliciosa na companhia das duas amigas e com as atenções do irmão delas; e Elizabeth pensou com prazer em dançar bastante com o sr. Wickham e em ver a confirmação de tudo no aspecto e no comportamento do sr. Darcy. A felicidade antecipada por Catherine e Lydia dependia menos de algum fato específico ou de alguma pessoa determinada, pois, embora as duas, como Elizabeth, planejassem dançar metade da noite com o sr. Wickham, ele não era de

modo algum o único par que podia satisfazê-las, e, afinal, baile é baile. E até mesmo Mary garantiu à família que a perspectiva da festa não lhe era desagradável.

— Enquanto eu puder ter as manhãs só para mim — disse ela —, já é o bastante. Não será um sacrifício participar ocasionalmente de alguma festa. A sociedade exige algo de todos nós; e eu me incluo entre aqueles que julgam os intervalos de recreio e diversão desejáveis para todos.

A animação de Elizabeth era tamanha, que, embora não costumasse falar nada além do necessário com o sr. Collins, não conseguiu deixar de lhe perguntar se pretendia aceitar o convite do sr. Bingley e, em caso afirmativo, se julgaria correto participar das diversões do baile; e ficou um tanto surpresa ao descobrir que ele não tinha nenhum escrúpulo quanto a isso, e estava muito longe de temer uma admoestação do arcebispo ou de *Lady Catherine de Bourgh* por entregar-se à dança.

— Garanto-lhe que absolutamente não compartilho a opinião — disse ele — de que um baile desse tipo, oferecido por um jovem de caráter a pessoas respeitáveis, possa predispor ao mal; e estou tão longe de opor-me à dança, que espero ser honrado com a mão de todas as minhas guapas primas durante o sarau; e aproveito a ocasião para solicitar a sua, srta. Elizabeth, para as duas primeiras danças em especial, preferência que confio minha prima Jane atribua a causa justa, e não a algum desrespeito por ela.

Elizabeth sentiu-se encurralada. Pelos seus planos, aquelas eram precisamente as danças a que esperava ser convidada pelo sr. Wickham; e ter no lugar dele o sr. Collins! Sua vivacidade nunca se manifestara mais fora de hora. Não havia, porém, nenhuma saída. A alegria do sr. Wickham e a dela mesma foram obrigadas a sofrer um pequeno atraso, e a proposta do sr. Collins foi aceita com a máxima graça que ela pôde exprimir. Tampouco lhe agradou a galanteria dele, por sugerir algo mais. Ocorreu-lhe agora que *ela* fora eleita dentre as irmãs como aquela que merecia ser a dona de casa da residência paroquial de Hunsford e ajudar a formar uma mesa de jogo de *quadrille* em Rosings, na ausência de visitantes mais qualificados. A ideia logo passou a ser uma certeza, quando observou as gentilezas cada vez maiores para com ela e ouviu suas frequentes tentativas de cumprimento

sobre a inteligência e vivacidade dela; e, embora mais pasma do que satisfeita com os resultados de seus próprios encantos, não demorou muito para que sua mãe lhe desse a entender que a probabilidade de tal casamento era extremamente agradável a *ela*. Elizabeth, porém, preferiu não aproveitar a deixa, sabedora de que qualquer resposta poderia dar lugar a uma discussão séria. O sr. Collins talvez nunca fizesse a proposta de casamento, e, até que a fizesse, era inútil brigar por causa disso.

Se não houvesse os preparativos e as conversas sobre o baile de Netherfield, as mais moças das srtas. Bennet estariam àquela altura em estado lastimável, pois do dia do convite até o dia do baile choveu tanto, que não puderam caminhar até Meryton nenhuma vez. Sem tia, sem oficiais, sem mexericos, até os sapatos de baile tiveram de ser comprados por intermediários. A própria Elizabeth pôs à prova sua paciência com o mau tempo, que suspendeu completamente os progressos em sua relação com o sr. Wickham; e nada, a não ser um baile na terça-feira, poderia ter feito a sexta, o sábado, o domingo e a segunda serem suportáveis para Kitty e Lydia.

Capítulo 18

Até entrar no salão de Netherfield e procurar em vão pelo sr. Wickham em meio à multidão de casacas vermelhas ali reunidas, não ocorrera a Elizabeth nenhuma dúvida de que ele estaria presente. A certeza de encontrá-lo não fora desafiada por nenhuma dessas recordações que poderiam, não sem razão, tê-la alarmado. Ela se vestira com um esmero maior do que o de costume e se preparara com a máxima animação para a conquista de tudo o que ainda permanecia por subjugar no coração dele, na certeza de que não era mais do que poderia ser conquistado durante o baile. Num instante, porém, lhe ocorreu a terrível suspeita de que ele tivesse sido propositadamente omitido, para o prazer do sr. Darcy, no convite de Bingley aos oficiais; e, embora esse não fosse precisamente o caso, a confirmação absoluta da ausência foi pronunciada por seu amigo Denny, a quem Lydia sollicitamente se dirigira, e que lhe disse que Wickham fora obrigado a ir a Londres na véspera, a negócios, e ainda não voltara; acrescentando, com um sorriso significativo:

— Não imagino que espécie de negócios o teria afastado daqui bem agora, se ele não tivesse querido evitar um determinado cavalheiro aqui presente.

Essa parte da fala, embora não por Lydia, foi ouvida por Elizabeth e, como lhe dava a certeza de que Darcy não era menos responsável pela ausência de Wickham do que se a sua primeira suposição estivesse correta, seus sentimentos de antipatia contra Darcy tornaram-se tão agudos pela imediata decepção, que ela mal conseguiu responder com tolerável

educação às delicadas perguntas que mais tarde ele lhe dirigiu diretamente, aproximando-se. Gentileza, tolerância e paciência para com Darcy eram injúria a Wickham. Estava decidida a evitar qualquer tipo de conversa com ele e se afastou com um mau humor que mal conseguiu superar, mesmo ao falar com o sr. Bingley, cuja cega parcialidade a irritava.

Elizabeth, porém, não nascera para o mau humor; e, embora todos os seus planos para o baile tivessem sido arruinados, esse sentimento não poderia permanecer por muito tempo em seu ânimo; tendo contado todas as suas aflições a Charlotte Lucas, que não via durante uma semana, logo foi capaz de mudar voluntariamente de assunto para as esquisitices do primo e de assinalá-lo à atenção dela. As duas primeiras danças, contudo, trouxeram de volta a angústia; foram duas torturas. O sr. Collins, desajeitado e solene, desculpando-se em vez de ser atencioso e dando muitas vezes passos em falso sem perceber, proporcionou-lhe toda a vergonha e desgosto que um parceiro desagradável pode causar num par de danças. Separou-se dele com uma sensação de êxtase.

Dançou em seguida com um oficial, e teve o prazer de falar sobre Wickham e de ouvir que todos gostavam muito dele. Terminadas as danças, voltou a procurar Charlotte Lucas e estava conversando com ela, quando se viu subitamente abordada pelo sr. Darcy, que tanto a pegou de surpresa com o pedido de sua mão para a dança, que, sem saber o que fazia, ela aceitou. Ele se afastou em seguida, deixando-a a se lamentar sobre sua falta de presença de espírito; Charlotte tentou consolá-la:

— Tenho certeza de que você vai achá-lo um encanto.

— Deus me livre! *Essa* seria a maior das desgraças! Achar um encanto o homem que estamos determinadas a odiar! Não me deseje tamanho mal.

Quando a dança recomeçou, porém, e Darcy se aproximou para tomar sua mão, Charlotte não pôde evitar aconselhá-la a não ser boba e não deixar que suas fantasias com Wickham a fizessem parecer desagradável aos olhos de um homem dez vezes mais rico do que ele. Elizabeth não respondeu e tomou seu lugar na pista, admirada com a honra que lhe fora conferida de ficar diante do sr. Darcy, e lendo nos olhos dos que estavam próximos o mesmo espanto. Permaneceram por algum tempo sem dizer palavra; e ela

começou a imaginar que o silêncio iria perdurar por todas as duas danças e inicialmente estava decidida a não rompê-lo; até que, imaginando que seria o maior castigo para o seu par obrigá-lo a falar, ela fez algumas rápidas observações sobre a dança. Ele respondeu, e se fez silêncio novamente. Depois de uma pausa de alguns minutos, ela se dirigiu a ele uma segunda vez, dizendo:

— É a *sua* vez agora de dizer alguma coisa, sr. Darcy. Eu falei sobre a dança, e o *senhor* deve fazer algum tipo de observação sobre o tamanho do salão ou o número de pares.

Ele sorriu e garantiu a ela que diria tudo que ela quisesse que ele dissesse.

— Muito bem. Essa resposta basta por enquanto. É possível que de vez em quando eu observe que os bailes particulares são muito mais divertidos do que os bailes públicos. Mas *agora* podemos ficar calados.

— É para você uma norma, então, conversar enquanto dança?

— Às vezes. Temos de falar um pouco, é claro. Poderia parecer estranho ficarmos juntos totalmente calados durante meia hora; mas, para proveito de *alguns*, a conversa deve ser tal, que só tenham o incômodo de falar o mínimo possível.

— Neste caso, você está consultando os seus próprios sentimentos ou acredita estar satisfazendo aos meus?

— As duas coisas — replicou Elizabeth, brejeira —, pois sempre observei haver grande semelhança em nossas mentes. Somos ambos de caráter taciturno e antissocial, não gostamos de falar, a menos que esperemos dizer algo que faça a admiração de todo o salão e passe para a posteridade com todo o *éclat* de um provérbio.

— Isso certamente não tem uma semelhança muito impressionante com a sua personalidade — tornou ele. — O quanto esteja próximo da *minha*, não sei dizer. A *senhorita*, sem dúvida, acha que seja um retrato fiel.

— Não posso julgar a minha própria obra.

Ele nada respondeu, e ficaram de novo em silêncio até terminar a dança, quando ele perguntou se ela e suas irmãs não iam com frequência a

Meryton a passeio. Ela respondeu que sim e, incapaz de resistir à tentação, acrescentou:

— Quando o senhor nos encontrou outro dia, tínhamos acabado de fazer uma nova amizade.

O efeito foi imediato. Uma sombra mais profunda de *hauteur* cobriu suas feições, mas ele não disse nada e Elizabeth, embora censurando-se por sua própria fraqueza, não pôde seguir adiante. Por fim, Darcy falou, e, com um ar constrangido, disse:

— O sr. Wickham foi favorecido com maneiras tão gentis, que sempre lhe permitem *fazer* amizades... Mas não estou certo de que ele seja igualmente capaz de *conservá-las*.

— Ele teve o grande azar de perder a *sua* amizade — replicou Elizabeth, com ênfase —, e de maneira tal que é capaz de sofrer com isso a vida inteira.

Darcy nada respondeu e pareceu querer mudar de assunto. Nesse momento, *Sir* William Lucas apareceu perto deles, na intenção de passar pela pista até o outro lado do salão; mas, ao perceber o sr. Darcy, estacou com uma reverência de alta cortesia, para cumprimentá-lo pela dança e pelo par.

— Fiquei realmente encantado, meu caro senhor. É raro poder assistir a tão refinado espetáculo de dança. É evidente que o senhor pertence às altas rodas. Permita-me dizer, porém, que sua linda parceira não o desmerece e que espero ter ainda muitas vezes este prazer, sobretudo quando ocorrer certo auspicioso acontecimento, minha querida Eliza — lançando um olhar para sua irmã e Bingley. — Quantas felicitações não afluirão! O sr. Darcy que o diga... Mas não quero interrompê-lo, meu senhor. O senhor certamente não me será grato por privá-lo da encantadora conversação desta jovem dama, cujos olhos brilhantes também já me censuram.

A última parte dessa fala mal foi ouvida por Darcy; mas a alusão de *Sir* William a seu amigo pareceu tocá-lo muito, e seus olhos se voltaram com expressão muito séria para Bingley e Jane, que estavam dançando juntos. Caindo rapidamente em si, porém, ele se voltou para seu par e disse:

— A interrupção de *Sir William* fez-me esquecer sobre que conversávamos.

— Não acho que estivéssemos conversando. *Sir William* não poderia ter interrompido duas pessoas na sala com menos coisas para dizerem uma à outra. Já tentamos dois ou três assuntos, sem êxito, e, sobre o que vamos falar em seguida, não posso sequer imaginar.

— Qual é a sua opinião sobre os livros? — disse ele, com um sorriso.

— Livros... ah! Não. Tenho certeza de que nunca lemos o mesmo, ou pelo menos não com os mesmos sentimentos.

— Lamento que a senhorita pense assim; mas, se for esse o caso, pelo menos não pode haver falta de assunto. Podemos comparar as nossas diferentes opiniões.

— Não... não consigo falar de livros num salão de baile; minha cabeça está sempre em outro lugar.

— O *presente* sempre a ocupa em tais cenários, não é? — disse ele, com um olhar de dúvida.

— Sempre — respondeu ela, sem saber o que dizia, pois seus pensamentos voaram para longe do assunto, como ficou claro logo em seguida, quando exclamou de repente: — Lembro-me de ouvir o senhor dizer uma vez, sr. Darcy, que dificilmente perdoava, que, uma vez criado, seu ressentimento era implacável. Suponho, então, que tome muito cuidado para que ele não *seja criado*.

— Tomo cuidado, sim — respondeu ele com voz firme.

— E nunca se deixa cegar pelo preconceito?

— Espero que não.

— É especialmente importante para os que jamais mudam de opinião ter certeza de que seu primeiro juízo esteja correto.

— Posso saber qual é o objetivo dessas perguntas?

— Simplesmente revelar *seu* caráter — disse ela, tratando de disfarçar o tom sério. — Estou tentando decifrá-lo.

— E conseguiu?

Ela balançou a cabeça.

— De modo nenhum. Ouço coisas tão díspares a seu respeito, que fico totalmente perplexa.

— Não tenho dificuldade em acreditar — tornou ele com seriedade — que varie muito o que se diz a meu respeito; e espero, srta. Bennet, que não tente retratar o meu caráter no presente momento, pois há razões para temer que a obra não faça justiça nem a mim nem a você.

— Mas, se não captar o seu aspecto agora, talvez nunca mais apareça outra oportunidade.

— Eu jamais me oporia a qualquer prazer de sua parte — respondeu ele com frieza.

Ela nada mais disse; terminaram a dança e se separaram em silêncio, e com os dois lados insatisfeitos, embora não na mesma medida, pois no peito de Darcy ardia por ela um sentimento de certa intensidade, o que logo o fez perdoá-la e dirigir todo o seu rancor contra outra pessoa.

Pouco depois de se separarem, a srta. Bingley veio até ela e, com uma expressão de polido desdém, dirigiu-lhe a palavra:

— Então, srta. Eliza, soube que está encantada com George Wickham! Sua irmã tem-me falado a respeito dele e feito mil perguntas; e vejo que o rapaz se esqueceu completamente de lhe dizer, entre as outras informações, que era filho do velho Wickham, o intendente do falecido sr. Darcy. Aconselho-a, porém, como amiga, a não confiar cegamente em tudo que ele diz; pois, quanto a dizer que o sr. Darcy o prejudicou, trata-se de algo absolutamente falso. Ao contrário, ele sempre foi muitíssimo gentil para com George Wickham, embora este tenha tratado o sr. Darcy da maneira mais infame. Não conheço os detalhes, mas sei muito bem que o sr. Darcy não tem nenhuma culpa no caso, que ele não tolera ouvir citarem o nome de George Wickham e que, embora o meu irmão julgasse que não podia deixar de incluí-lo em seu convite aos oficiais, ficou felicíssimo em saber que ele mesmo se esquivou de aceitá-lo. A mera vinda dele para cá já é uma grande insolência, e não consigo imaginar como se atreveu a tanto. Lamento, srta. Eliza, revelar-lhe a culpa do seu favorito; mas, francamente, tendo em vista a ascendência dele, não era de se esperar algo muito melhor.

— A culpa e a ascendência dele parecem ser, por sua explicação, uma só e mesma coisa — disse Elizabeth, zangada —, pois a pior acusação que fez a ele foi a de ser filho do intendente do sr. Darcy, e sobre *isso* posso garantir-lhe que ele próprio me informou.

— Queira desculpar-me — replicou a srta. Bingley, voltando-se com um sorrisinho — pela minha intromissão... Foi com a melhor das intenções.

— Menina insolente — disse Elizabeth com seus botões. — Está muito enganada se espera influenciar-me com um ataque tão mesquinho. Nada vejo nessas críticas senão a teimosa ignorância da srta. Bingley e a malícia do sr. Darcy.

Ela, então, procurou a irmã mais velha, que se encarregara de se inteirar do mesmo assunto junto a Bingley. Jane encontrou-a com um sorriso de tão doce complacência, uma expressão de tão radiante felicidade, que ficava evidente o quanto estava satisfeita com os acontecimentos da noite. Elizabeth logo leu seus sentimentos e naquele momento o desvelo por Wickham, o ressentimento contra os inimigos dele e todos os outros problemas desapareceram ante a esperança de que Jane estivesse em plena viagem rumo à felicidade.

— Quero saber — disse ela, com uma expressão não menos sorridente do que a da irmã — o que você conseguiu saber sobre o sr. Wickham. Mas talvez você tenha estado muito agradavelmente entretida para pensar em qualquer outra pessoa; neste caso, pode ter certeza de que a perdoo.

— Não — tornou Jane —; não me esqueci dele; mas nada tenho de positivo para lhe contar. O sr. Bingley não conhece a história inteira e ignora completamente o que tanto ofendeu o sr. Darcy; mas garante a boa conduta, a probidade e a honra do amigo, e está plenamente convencido de que o sr. Wickham merecia muito menos consideração da parte do sr. Darcy do que recebeu; e lamento dizer que, segundo ele e também segundo a sua irmã, o sr. Wickham não é de modo algum um jovem de respeito. Temo que ele haja sido muito imprudente e tenha merecido perder a estima do sr. Darcy.

— O sr. Bingley não conhece o sr. Wickham?

— Não; nunca o havia visto até aquela manhã, em Meryton.

— Então tudo o que ele sabe vem do sr. Darcy. Estou satisfeita. Mas que diz ele sobre a pensão?

— Ele não se lembra bem das circunstâncias, embora tenha ouvido o sr. Darcy contá-las mais de uma vez, mas acredita que a pensão lhe tenha sido deixada apenas *condicionalmente*.

— Não duvido da sinceridade do sr. Bingley — disse Elizabeth, excitada —, mas, sinto muito, só afirmações não bastam para me convencer. A defesa que o sr. Bingley fez do amigo foi muito hábil, sem dúvida; mas, uma vez que ele não está a par de diversas partes da história e tomou conhecimento do resto por intermédio do amigo, minha opinião sobre os dois cavalheiros continuará sendo a mesma de antes.

Ela, então, mudou de assunto para outro mais agradável a todos e sobre o qual não havia diferenças de sentimento. Elizabeth ouviu com prazer as felizes, mas modestas, esperanças que Jane alimentava quanto ao amor do sr. Bingley e disse tudo o que podia para aumentar a confiança dela. Quando o próprio sr. Bingley se juntou a elas, Elizabeth retirou-se e foi conversar com a srta. Lucas; às perguntas desta sobre a elegância de seu último par, ela mal respondeu, até encontrarem o sr. Collins, que lhes contou, exultante, que acabara de ter a boa sorte de fazer uma importantíssima descoberta.

— Descobri — disse ele —, por um curioso acaso, que está presente no salão um parente próximo da minha protetora. Acidentalmente ouvi o próprio cavalheiro referir-se à jovem dama que faz as honras da casa os nomes de sua prima, a srta. de Bourgh, e da mãe dela, *Lady Catherine*. Como acontecem coisas maravilhosas! Quem diria que eu poderia encontrar, talvez, um sobrinho de *Lady Catherine de Bourgh* nesta festa! Dou graças a Deus por tal descoberta ocorrer a tempo de eu lhe apresentar meus cumprimentos, o que estou indo fazer agora, confiante de que ele me perdoará por não tê-lo feito antes. Minha total ignorância justificará as minhas desculpas.

— O senhor não vai apresentar-se ao sr. Darcy!

— Claro que vou. Vou rogar a ele que me perdoe por não tê-lo feito antes. Creio que ele seja *sobrinho* de *Lady Catherine*. Poderei garantir a ele que Sua Senhoria estava muito bem a semana passada.

Elizabeth tudo fez para dissuadi-lo, garantindo-lhe que o sr. Darcy julgaria, não um cumprimento à sua tia, mas uma impertinência, o fato de ele lhe dirigir a palavra sem ser apresentado; que não havia nenhuma necessidade disso, já que nenhuma das partes se daria conta do ocorrido; e que, se fosse realmente o caso, cabia ao sr. Darcy, a pessoa de condição social superior, iniciar o relacionamento. O sr. Collins escutou-a decidido a seguir sua própria inclinação e, quando ela parou de falar, respondeu o seguinte:

— Querida srta. Elizabeth, tenho na mais alta conta o seu excelente julgamento acerca de todas as matérias ao alcance da sua inteligência; permita-me, porém, dizer que há uma enorme diferença entre as normas de cerimônia estabelecidas entre os leigos e as que regulam o clero; pois, *data venia*, cumpre observar que considero o ofício clerical igual em matéria de dignidade à mais alta nobreza do reino (contanto que se conserve, ao mesmo tempo, a adequada modéstia de comportamento). Permita-me, pois, seguir o ditado da minha consciência nesta oportunidade, que me leva a fazer o que vejo como meu dever. Perdoe-me por negligenciar valer-me do seu conselho, o qual, sobre qualquer outro assunto, há de ser o meu guia constante, embora no caso presente me considere mais apto, por educação e hábito de estudo, do que uma jovem dama como a senhorita a decidir o que é certo.

E, curvando-se quase até o chão numa reverência, partiu em busca do sr. Darcy, cuja recepção de tais avanços ela observou com atenção e cujo pasmo em se ver tratado assim era mais do que evidente. Seu primo prefaciou suas palavras com uma solene reverência e, embora não conseguisse ouvir nem uma palavra do que disse, se sentiu como se ouvisse tudo e viu no movimento dos lábios as palavras “perdão”, “Hunsford” e “*Lady Catherine de Bourgh*”. Irritou-se por vê-lo expor-se a um tal homem. O sr. Darcy observava-o com infinito pasmo, e, quando enfim o sr. Collins lhe deu algum tempo para falar, respondeu com um ar de distante polidez. O

sr. Collins, porém, não se desencorajou e tornou a falar, e o desdém do sr. Darcy pareceu crescer na mesma proporção da duração de sua segunda fala, e ao final dela se limitou a fazer-lhe uma breve reverência e se afastou. O sr. Collins voltou, então, para Elizabeth.

— Garanto-lhe que não vejo razão — disse ele — para ficar insatisfeito com a recepção que tive. O sr. Darcy pareceu-me muito contente com as minhas atenções. Respondeu-me com infinita polidez e até mesmo me fez o cumprimento de dizer que tinha tamanha convicção do discernimento de *Lady Catherine*, que estava certo de que ela jamais faria um favor inutilmente. Foi uma reflexão verdadeiramente profunda. Em suma, encantei-me com ele.

Como Elizabeth já não tinha nenhum interesse no caso, passou a prestar atenção quase que só na irmã e no sr. Bingley; e a série de agradáveis reflexões a que sua observação deu origem tornou-a quase tão feliz quanto Jane. Viu-a em imaginação instalada naquela mesma casa, com toda a felicidade que um casamento pode proporcionar; e se sentiu capaz, em tais circunstâncias, de tentar gostar até mesmo das duas irmãs de Bingley. Sabia perfeitamente que sua mãe tinha as mesmas ideias e se decidiu a não aventurar-se nas proximidades dela, para não escutar demais. Quando se sentaram para a ceia, portanto, considerou a mais infeliz das maldades ser posta junto a ela à mesa, com uma só pessoa a separá-las; e ficou profundamente irritada ao descobrir que sua mãe falava sem papas na língua com aquela pessoa (*Lady Lucas*), e de nada menos do que de suas expectativas de um próximo casamento entre Jane e o sr. Bingley. Era um assunto fascinante, e a sra. Bennet parecia incansável ao enumerar as vantagens da união. O fato de ser um rapaz encantador, muito rico, que morava a só três milhas delas era o primeiro ponto de satisfação; e, depois, era tão bom ver como as duas irmãs gostavam de Jane e ter a certeza de que deviam desejar aquele casamento tanto quanto ela mesma. Além disso, era algo muito promissor para suas filhas mais moças, pois o ótimo casamento de Jane deveria colocá-las no caminho de outros homens ricos; e por fim era tão bom, na sua idade, poder entregar as filhas solteiras aos cuidados da irmã delas, pois já poderia ir a eventos sociais só quando bem lhe

aprouvesse. Tal situação devia ser contada entre os prazeres, pois a etiqueta obrigava a tanto; mas ninguém tinha menos probabilidade de preferir ficar em casa do que a sra. Bennet, em qualquer altura da vida. Ela concluiu com os mais vivos votos de que *Lady Lucas* também tivesse logo a mesma sorte, embora acreditasse, evidente e triunfalmente, que as probabilidades fossem mínimas.

Em vão tentou Elizabeth diminuir a velocidade das palavras da mãe ou persuadi-la a descrever sua felicidade num sussurro menos audível; pois, para seu inexprimível desgosto, percebeu que a maior parte da conversa fora ouvida pelo sr. Darcy, que estava sentado bem em frente. Sua mãe limitou-se a censurá-la por ser tão tola.

— O que o sr. Darcy é de mim, por favor, para que eu deva ter medo dele? Estou certa de que não lhe devemos nenhuma deferência especial que nos obrigue a não dizer nada que *ele* não queira ouvir.

— Pelo amor de Deus, mamãe, fale mais baixo. De que adianta ofender o sr. Darcy? Assim, o amigo dele nunca terá uma boa opinião da senhora!

Nada do que dissesse, porém, tinha qualquer influência. Sua mãe continuaria a expor suas ideias alto e bom som. Elizabeth corou e tornou a corar, de vergonha e irritação. Não conseguia evitar olhar com frequência para o sr. Darcy, embora a cada olhar se convencesse mais do que temia; pois, embora ele não estivesse olhando para sua mãe, tinha certeza de que sua atenção se dirigia invariavelmente a ela. A expressão do rosto dele foi aos poucos passando do desdém indignado à firme e serena seriedade.

Em determinado momento, porém, a sra. Bennet nada mais tinha a dizer; e *Lady Lucas*, que havia tempo vinha bocejando à repetição de alegrias que não tinha esperança de compartilhar, pôde entregar-se às delícias do presunto e do frango. Elizabeth sentiu-se ressuscitar. Mas o intervalo de tranquilidade não durou muito; pois, ao fim da ceia, falou-se em cantar, e ela teve o desprazer de ver Mary, depois de muito pouca insistência, preparar-se para obsequiar os presentes. Com muitos olhares significativos e pedidos silenciosos, ela tentou impedir tal prova de complacência, mas em vão; Mary não os compreendeu; adorou a oportunidade de se apresentar e começou a cantar. Os olhos de Elizabeth

cravaram-se nela com as mais dolorosas sensações, e observava seus progressos pelas diversas *stanze* com uma impaciência muito mal recompensada ao final; pois Mary, ao receber entre os agradecimentos da mesa a sugestão de obsequiá-los novamente com uma canção, depois de uma pausa de meio minuto, começou outra. O talento de Mary não estava à altura da exibição; sua voz era fraca e seus modos, afetados. Elizabeth queria morrer. Ela olhou para Jane, para ver sua reação a tudo aquilo; mas Jane estava muito calmamente conversando com Bingley. Ela olhou para as duas irmãs dele, e as viu fazendo sinais de troça uma com a outra e para Darcy, que continuava, porém, imperturbavelmente sério. Olhou para seu pai, pedindo sua intervenção para que Mary não continuasse a cantar durante toda a noite. Ele compreendeu a sugestão e, quando Mary chegou ao fim da segunda canção, disse em voz alta:

— Muito bem, filhinha. Você já nos deliciou por bastante tempo. Agora deixe que as outras jovens se apresentem.

Embora fingisse não ouvir, Mary ficou um tanto desconcertada; e Elizabeth, com pena dela e lamentando as palavras do pai, temia que sua ansiedade tivesse piorado a situação. Já outras jovens eram solicitadas pelos presentes.

— Se eu — disse o sr. Collins — tivesse a boa sorte de saber cantar, teria grande prazer em obsequiar os presentes com uma ária; pois considero a música uma diversão muito inocente e perfeitamente compatível com o estado clerical. Não pretendo, porém, afirmar que seja justificável dedicar grande parte do nosso tempo à música, pois certamente há outras coisas que devem ter a nossa atenção. O reitor de uma paróquia tem muito que fazer. Primeiro, ele deve chegar a um acordo a respeito do dízimo, que seja benéfico para si mesmo e não prejudique o patrão. Tem de escrever seus próprios sermões; e o tempo que sobrar não será demasiado para os deveres paroquiais e para o trato e a melhoria de sua residência, que ele tem a obrigação de tornar o mais confortável possível. E não julgo de menor importância que ele seja atencioso e conciliador com todos, sobretudo com aqueles a quem deve a sua promoção. Não posso eximi-lo desse dever;

tampouco posso ter boa opinião do homem que perca uma oportunidade de testemunhar o seu respeito por todos os que estão ligados à família.

E, com uma reverência ao sr. Darcy, concluiu seu discurso, pronunciado em voz tão alta, que fora ouvido por metade da sala. Muitos olharam, muitos sorriram; mas ninguém parecia divertir-se mais do que o sr. Bennet, enquanto sua esposa elogiava o sr. Collins por ter falado com tanta sensatez e observava num sussurro a *Lady* Lucas que ele era um rapaz notavelmente inteligente e bom.

Para Elizabeth, se os membros da família tivessem combinado exhibir-se o máximo possível durante o baile, não conseguiriam desempenhar seus papéis com mais humor nem obter maior sucesso; e julgou ser uma sorte que a Bingley e a Jane tivessem escapado partes dessa exibição, e que os sentimentos dele fossem de um tipo que não se deixava afetar pelas asneiras presenciadas. Era terrível, porém, que as irmãs dele e o sr. Darcy tivessem tido tal oportunidade de expor ao ridículo os seus parentes, e ela não sabia determinar o que era mais intolerável, se o silencioso desdém de Darcy ou os insolentes risinhos das irmãs.

O resto da festa pouca diversão lhe trouxe. Era importunada pelo sr. Collins, que continuava teimosamente ao seu lado e, embora não conseguisse convencê-la a dançar com ele de novo, impedia-a de dançar com outros. Em vão tentou persuadi-lo a conversar com outra pessoa e ofereceu-se para apresentá-lo a qualquer outra jovem do salão. Ele lhe garantiu que era completamente indiferente à dança; que seu principal objetivo era, com suas delicadas atenções, fazer-se agradável a ela e que, portanto, fazia questão de permanecer junto dela até o fim do baile. Contra tal projeto não havia argumentos. Ela conseguiu algum alívio com sua amiga, a srta. Lucas, que com frequência vinha ter com eles e de boa vontade conversava com o sr. Collins.

Estava pelo menos ao abrigo da tortura de uma outra abordagem da parte do sr. Darcy; embora muitas vezes estivesse a pouquíssima distância dela, e sem nada para fazer, ele nunca chegou perto o bastante para lhe falar. Ela percebeu que aquela era uma provável consequência de suas alusões ao sr. Wickham, e ficou contente com isso.

O grupo de Longbourn foi o último a partir e, por uma manobra da sra. Bennet, teve de aguardar a carruagem quinze minutos depois que todos já haviam ido embora, o que lhes deu tempo de ver com que força alguns da família desejavam vê-los pelas costas. A sra. Hurst e sua irmã mal abriram a boca, a não ser para se queixar do cansaço, e estavam obviamente impacientes para ficar sozinhas em casa. Rejeitaram todas as tentativas de conversa da sra. Bennet e com isso deixaram todos desanimados, o que era compensado pobremente pelos longos discursos do sr. Collins, que cumprimentava o sr. Bingley e suas irmãs pela elegância da festa e pela hospitalidade e polidez que marcaram seu comportamento para com os convidados. Darcy não disse absolutamente nada. O sr. Bennet, igualmente calado, divertia-se com a cena. O sr. Bingley e Jane permaneciam juntos, um pouco à parte dos demais, e só falavam entre si. Elizabeth conservou um silêncio tão inabalável quanto o da sra. Hurst ou da srta. Bingley; e até Lydia estava cansada demais para dizer algo além da exclamação ocasional “Meu Deus, como estou cansada!”, acompanhada de um violento bocejo.

Quando afinal se ergueram para se despedir, a sra. Bennet foi insistentemente gentil em seus votos de ter a visita de toda a família a Longbourn, e se dirigiu em especial ao sr. Bingley, para garantir-lhe que todos ficariam muito felizes em recebê-lo a qualquer momento para um jantar de família, sem as cerimônias de um convite formal. Bingley, encantado, agradeceu, e prontamente se comprometeu a aproveitar a primeira oportunidade de visitá-la, assim que voltasse de Londres, para onde era obrigado a ir no dia seguinte, por pouco tempo.

A sra. Bennet estava satisfeitiíssima e deixou a casa maravilhosamente persuadida de que, levando-se em conta os preparativos necessários quanto a arranjos, novas carruagens e trajes de casamento, deveria sem dúvida ver a filha estabelecida em Netherfield dentro de três ou quatro meses. Ter outra filha casada com o sr. Collins era igualmente certo, o que lhe causava um prazer considerável, mas não igual. Elizabeth era de todas as suas filhas a de que menos gostava; e, embora o homem e o casamento fossem bastante bons para *ela*, eram eclipsados pelo sr. Bingley e Netherfield.

Capítulo 19

O dia seguinte abriu uma nova cena em Longbourn. O sr. Collins declarou-se formalmente. Tendo-se decidido a fazê-lo sem mais delongas, pois sua licença só ia até o sábado seguinte, e sem nenhum receio, mesmo naquele momento, de que aquilo pudesse acabar mal para ele, portou-se de modo muito ordeiro, com todas as formalidades que julgava fizessem parte do negócio. Ao encontrar juntas a sra. Bennet, Elizabeth e uma das filhas mais moças, logo depois do café da manhã, ele se dirigiu à mãe com as seguintes palavras:

— Pelo afeto que a senhora tem por sua linda filha Elizabeth, posso acalantar a esperança de ter a honra de solicitar uma audiência particular com ela no transcurso desta manhã?

Antes que Elizabeth tivesse tempo para qualquer coisa, além de corar de surpresa, a sra. Bennet respondeu imediatamente:

— Ah, meu querido!... Sim... É claro. Tenho certeza de que Lizzy ficará felicíssima... Tenho certeza de que ela não fará nenhuma objeção. Venha, Kitty, preciso de você lá em cima.

E, arrumando seu trabalho, apressava-se para sair quando Elizabeth a chamou:

— Querida mamãe, não vá. Por favor, não vá. O sr. Collins deve-me desculpas. Ele não pode ter nada a me dizer que nem todos possam ouvir. Eu mesma estou de saída.

— Não, não, que absurdo, Lizzy. Quero que você fique onde está. — E, como Elizabeth parecesse de fato, entre irritada e constrangida, a ponto de

ir embora, acrescentou: — Lizzy, *insisto* em que você fique e ouça o sr. Collins.

Elizabeth não queria opor-se a tal ordem — e, tendo-lhe uma breve reflexão mostrado que seria mais prudente acabar com aquilo o mais rápido e o mais discretamente possível, sentou-se de novo e tentou diligentemente disfarçar os sentimentos que se dividiam entre a aflição e a diversão. A sra. Bennet e Kitty afastaram-se, e assim que elas se foram o sr. Collins começou.

— Creia-me, caríssima srta. Elizabeth: a sua modéstia, longe de lhe prestar algum desserviço, até acentua as suas demais perfeições. A senhorita seria menos sedutora aos meus olhos se *não* houvesse essa pequena má vontade; permita-me, porém, garantir-lhe que tenho a permissão de sua respeitada mãe para este colóquio. Não pode a senhorita nutrir dúvidas a respeito do teor do meu discurso, mesmo que a sua delicadeza natural a leve a dissimulá-lo; foram minhas atenções demasiado assinaladas para levar a engano. Assim que entrei na casa, distingui a senhorita como a companheira da minha futura vida. Mas, antes de deixar-me arrastar pelos sentimentos quanto a este assunto, será porventura aconselhável declarar as minhas razões para casar-me... e, ademais, para vir a Hertfordshire com o objetivo de escolher uma esposa, como decerto o fiz.

A ideia de o sr. Collins, com toda a sua solene compostura, ser arrastado pelos sentimentos levou Elizabeth a tal proximidade da gargalhada, que não conseguiu levar adiante nenhuma tentativa de detê-lo durante a breve pausa que ele fez. Prosseguiu ele:

— Eis as minhas razões para casar: primeiro, porque creio ser bom para todos os eclesiásticos de situação abastada (como eu) dar à paróquia um exemplo de matrimônio; segundo, porque estou convencido de que esse casamento fará a minha felicidade crescer enormemente; e, terceiro (o que porventura deveria ter mencionado antes), porque se trata de um conselho e de uma recomendação particulares da nobilíssima dama que tenho a honra de chamar minha patrona. Duas vezes se dignou ela agraciar-me com a sua opinião (que eu nem sequer solicitara!) a esse respeito. Na mesma noite de

sábado anterior à minha partida de Hunsford, entre duas rodadas do jogo de *quadrille*, enquanto a sra. Jenkinson arrumava o escabelo da srta. de Bourgh, ela me disse: “Sr. Collins, o senhor deve casar-se. Um clérigo como o senhor tem de se casar. Escolha certo, escolha uma dama, por *mim*; e, para o *senhor*, seja ela uma pessoa ativa e útil, não dada a altos voos, mas capaz de tirar muito de uma pequena renda. Este é o meu conselho. Encontre essa mulher o quanto antes, traga-a para Hunsford e eu hei de visitá-la”. Permita-me, aliás, observar, minha linda prima, que não considero o meu conhecimento da bondosa *Lady Catherine* de Bourgh a menor das vantagens que lhe posso oferecer. A senhorita verá que os modos dela estão muito além do que eu possa descrever; e creio que o seu espírito e vivacidade hão de ser aceitos por ela, sobretudo quando moderados pelo silêncio e pelo respeito que a alta condição dela inevitavelmente imporão. Isso quanto à minha intenção geral em favor do matrimônio; resta explicar por que me voltei para Longbourn e não para a minha própria vizinhança, onde posso garantir-lhe haver muitas mocinhas adoráveis. Mas o fato é que, como hei de herdar, como de fato herdarei, esta propriedade após a morte do seu honrado papai (que, porém, talvez ainda viva muitos anos), não conseguiria consolar-me se não resolvesse escolher uma esposa dentre suas filhas, para que o prejuízo delas possa ser o menor possível, quando o melancólico evento tiver lugar — o qual, todavia, como já disse, pode demorar ainda muitos anos. Foi esse o meu motivo, querida prima, e tenho certeza de que não me diminuirá a seus olhos. E agora nada mais me resta além de garantir-lhe com as mais entusiásticas palavras a violência de minha paixão. Infinita é a minha indiferença à riqueza, e não farei nenhuma exigência nesse sentido ao seu pai, uma vez que tenho plena consciência de que ele não poderá satisfazê-la, e de que tudo que a senhorita tem de direito são mil libras a quatro por cento, que não serão suas até a morte de sua mãe. Sobre esse ponto, portanto, meu silêncio será total; e a senhorita pode ter certeza de que nenhuma repreensão pouco generosa passará por meus lábios quando estivermos casados.

Era absolutamente necessário interrompê-lo agora.

— O senhor é muito apressadinho — exclamou ela. — Esquece-se de que eu não lhe dei resposta nenhuma. Aqui vai ela, sem mais delongas. Aceite os meus agradecimentos pelos cumprimentos que me faz. Sou muito sensível à honra de suas propostas, mas é impossível para mim deixar de recusá-las.

— Não é de agora que sei — replicou o sr. Collins, com um meneio formal de mãos — que as moçoilas costumam rejeitar os avanços do homem que secretamente pretendem aceitar, a primeira vez que ele lhes pede seu favor; e que às vezes a recusa se repete uma segunda e até uma terceira vez. O que a senhorita acaba de me dizer de modo algum me desencoraja, e tenho a firme esperança de muito em breve conduzir a senhorita ao altar.

— Palavra de honra, meu senhor — exclamou Elizabeth —, sua esperança é algo realmente extraordinário depois do que eu disse. Eu lhe garanto que não sou uma dessas moçoilas (se é que elas existem), tão ousadas que arriscam sua felicidade na sorte de ser pedidas uma segunda vez em casamento. Estou sendo seriíssima em minha recusa. O senhor não poderia fazer-me feliz e estou convencida de que sou a última mulher no mundo que possa dar-lhe a felicidade. Não, se a sua amiga, *Lady Catherine*, me conhecesse, tenho certeza de que me acharia em todos os aspectos desqualificada para a situação.

— Se não houvesse dúvidas de que tal seria a opinião de *Lady Catherine*... — disse o sr. Collins, com extrema seriedade.

— Mas não consigo imaginar que Sua Senhoria venha a desaprovar a senhorita. E a senhorita pode ter certeza de que quando eu tiver a honra de vê-la de novo lançarei mão dos mais elevados termos para falar da modéstia, da economia e de outras encantadoras qualidades da senhorita.

— Na verdade, sr. Collins, será desnecessário qualquer elogio que fizer a mim. Permita-me julgar por mim mesma e faça-me o favor de acreditar no que digo. Desejo que o senhor seja muito feliz e muito rico e, ao recusar a sua mão, faço tudo o que está em meu alcance para impedir o contrário. Ao me pedir em casamento, o senhor satisfaz a delicadeza dos sentimentos que tem para com a minha família, e poderá tomar posse da propriedade de

Longbourn, quando a hora chegar, sem ter motivos para se recriminar. O assunto pode ser considerado, portanto, como definitivamente encerrado.

E, erguendo-se ao dizê-lo, ela teria deixado a sala, se o sr. Collins não se tivesse dirigido a ela nestes termos:

— Quando eu tiver a honra de lhe falar de novo sobre este assunto, espero receber resposta mais favorável do que a que agora recebo, embora esteja longe de acusá-la de crueldade, pois sei que é um costume estabelecido entre as mulheres rejeitar o homem em seus primeiros avanços, e que talvez a senhorita até tenha dito tudo que o pudor do caráter feminino permita, só para me encorajar.

— Realmente, sr. Collins — gritou Elizabeth com certa veemência —, o senhor realmente me deixa pasma. Se o que eu disse até aqui lhe parece um incentivo, não sei como exprimir a minha recusa de um modo que o convença de que estou falando sério.

— A senhorita deve dar-me vênias, querida prima, para que eu possa crer que a sua recusa à minha proposta não passe de palavras ao vento. As minhas razões para crê-lo são, em suma, as seguintes: não me parece que a minha mão seja indigna de aceitação ou que o padrão de vida que possa oferecer seja nada menos do que desejabilíssimo. Minha situação na vida, minhas relações com a família De Bourgh e meu parentesco com a senhorita são circunstâncias que contam muito em meu favor; e a senhorita deve levar em consideração que, apesar de seus múltiplos e variados atrativos, não é de modo algum certo que receba algum dia outra oferta de casamento. Seu capital é tão desgraçadamente pequeno que muito provavelmente tornará vãos todos os efeitos dos seus encantos e de suas sedutoras qualificações. Como devo, portanto, concluir que a senhorita não está falando sério ao rejeitar-me, prefiro atribuir a recusa ao seu desejo de aumentar o meu amor pela incerteza, de acordo com a prática corriqueira das mulheres elegantes.

— Posso garantir-lhe, senhor, que não tenho nenhuma pretensão a esse tipo de elegância que consiste em perturbar um homem de respeito. Prefiro receber o cumprimento de ser considerada sincera. Agradeço-lhe mil vezes pela honra que me fez com a sua proposta, mas para mim é absolutamente

impossível aceitá-la. Meus sentimentos me impedem de fazer isso. Posso falar mais francamente? Não pense que eu seja uma mulher elegante com intenções de atirá-lo, mas uma criatura racional que fala do fundo do coração.

— A senhorita é um encanto! — exclamou ele, com um ar de desajeitada galanteria. — E estou convencido de que, quando sancionada pela expressa autoridade de seus excelentes pais, minha proposta não deixará de ser aceitável.

A tal teimosia em iludir-se a si mesmo Elizabeth não teve nenhuma resposta a dar e se retirou de imediato e em silêncio, determinada, se ele persistisse em interpretar suas repetidas recusas como graciosos incentivos, a recorrer a seu pai, cuja negativa poderia ser pronunciada de maneira decisiva e cujo comportamento pelo menos não poderia ser tomado como afetação e faceirice de mulher elegante.

Capítulo 20

O sr. Collins não foi deixado muito tempo entregue à silenciosa contemplação de seu amor correspondido; pois a sra. Bennet, tendo ficado à espreita no corredor para assistir ao fim da entrevista, assim que viu Elizabeth abrir a porta e com passo rápido dirigir-se às escadas, entrou na copa e felicitou a ele e a si mesma pela feliz perspectiva de sua próxima união. O sr. Collins recebeu e retribuiu as felicitações com igual prazer e em seguida passou a relatar os pormenores da entrevista, com cujo resultado ele tinha certeza de poder estar satisfeito, uma vez que a recusa que a sua prima firmemente lhe apresentara teria naturalmente origem em seu tímido pudor e na genuína delicadeza de seu caráter.

Tal informação, porém, assustou a sra. Bennet; ela adoraria ficar igualmente satisfeita em saber que sua filha procurara encorajá-lo ao recusar a proposta, mas não ousava acreditar naquilo, e não pôde evitar dizer isso a ele.

— Mas tenha certeza, sr. Collins — acrescentou ela —, Lizzy cairá em si. Vou falar pessoalmente com ela sobre isso. Ela é uma menina muito cabeça-dura e tola, e não conhece seus próprios interesses, mas eu vou *fazê-la* conhecê-los.

— Peço perdão por interrompê-la, minha senhora — exclamou o sr. Collins —, mas, se ela é realmente cabeça-dura e tola, não sei se seria absolutamente uma boa esposa, desejável para um homem da minha condição, que naturalmente busca a felicidade no matrimônio. Se, pois, ela persistir na recusa de minha oferta, talvez seja melhor não forçá-la a me

aceitar, pois, se tiver tais falhas de personalidade, não pode contribuir para a minha felicidade.

— Meu senhor, interpretou-me mal — disse a sra. Bennet, alarmada. — Lizzy só é teimosa em coisas como essa. Em tudo o mais ela é a melhor menina que já existiu. Vou diretamente ao sr. Bennet e logo acertaremos isso com ela, tenho certeza.

Ela não lhe deu tempo para responder, mas, correndo até o marido, exclamou ao entrar na biblioteca:

— Ah! Sr. Bennet, preciso de você imediatamente; estamos todos em alvoroço. Venha e diga a Lizzy que se case com o sr. Collins, pois ela jura que não o fará, e se você não se apressar ele vai mudar de ideia e desistir *dela*.

O sr. Bennet ergueu os olhos do livro quando ela entrou e cravou-os em seu rosto com uma calma despreocupação que não se alterou minimamente com a comunicação feita por ela.

— Não tenho o prazer de entender você — disse ele, quando ela parou de falar. — De que está falando?

— Do sr. Collins e de Lizzy. Lizzy afirma não querer o sr. Collins, e o sr. Collins está começando a dizer que não quer a Lizzy.

— E que devo fazer em tal situação? Parece um caso sem esperanças.

— Converse com Lizzy sobre isso. Diga-lhe que faz questão de que ela se case com ele.

— Chame-a aqui. Ela ouvirá a minha opinião.

A sra. Bennet tocou a sineta, e a srta. Elizabeth foi chamada à biblioteca.

— Venha cá, minha menina — exclamou o pai quando ela entrou. — Mandeí chamá-la para um negócio importante. Soube que o sr. Collins fez a você uma proposta de casamento. É verdade?

Elizabeth fez que sim.

— Muito bem... E você recusou essa proposta?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Chegamos agora ao ponto. Sua mãe insiste com você para que a aceite. Não é verdade, sra. Bennet?

— Sim, ou nunca mais olho para ela.

— Você tem à sua frente uma triste alternativa, Elizabeth. A partir de hoje, você será uma estranha a um de nós dois. Sua mãe nunca mais olhará para você se você *não* se casar com o sr. Collins, e eu nunca mais olharei para você se você *se casar* com ele.

Elizabeth não podia deixar de sorrir diante de tal conclusão depois de um tal começo, mas a sra. Bennet, que estava convencida de que o marido encarava o caso como ela gostaria que ele encarasse, estava completamente desapontada.

— Que quer dizer com isso, sr. Bennet? Você me prometeu *insistir* com ela para que se case com ele.

— Minha querida — tornou o marido —, tenho dois pequenos favores a lhe pedir. Primeiro, que você me permita o livre uso da minha inteligência na presente ocasião; e segundo, que saia de minha sala. Ficarei contente em ser deixado sozinho em minha biblioteca o quanto antes.

Apesar da decepção com o marido, a sra. Bennet ainda não entregara os pontos. Voltou a falar várias vezes com Elizabeth, alternando lisonjas e ameaças. Tratou de garantir que Jane ficasse do seu lado; Jane, porém, com toda a delicadeza possível, recusou-se a intervir; e Elizabeth, ora irritada, ora divertida, repelia os ataques. Embora seus modos variassem, sua determinação era sempre a mesma.

Enquanto isso, o sr. Collins meditava na solidão sobre o que se passara. Tinha a si mesmo em muita alta estima para entender por que motivos sua prima o recusava; e, embora seu orgulho estivesse ferido, nada mais o perturbava. Seu amor por ela era totalmente imaginário; e a possibilidade de ela merecer as censuras da mãe impediu-o de sentir qualquer pesar.

Enquanto se instalava tal rebuliço na família, Charlotte Lucas chegou para passar o dia com eles. Foi recebida no vestíbulo por Lydia, que, correndo até ela, exclamou num meio sussurro:

— Estou contente em ver você, pois está muito divertido aqui! O que você acha que aconteceu agora de manhã? O sr. Collins pediu Lizzy em casamento, e ela recusou!

Charlotte mal teve tempo para responder, antes de ser abordada por Kitty, que veio para contar as mesmas novidades; e, assim que entraram na copa, onde a sra. Bennet estava sozinha, esta também tocou no assunto, pedindo a compaixão da srta. Lucas e lhe solicitando que convencesse sua amiga Lizzy a seguir os desejos de toda a família.

— Faça isso, por favor, minha querida srta. Lucas — acrescentou ela em tom melancólico —, pois ninguém está do meu lado, ninguém me apoia. Sou muito cruelmente maltratada e ninguém tem pena dos meus pobres nervos.

Charlotte foi poupada de ter de responder pela chegada de Jane e Elizabeth.

— Aí vem ela — prosseguiu a sra. Bennet —, parecendo a pessoa mais despreocupada do mundo e sem dar a mínima para nós, como se estivéssemos em York, contanto que possa agir à sua maneira. Mas eu lhe digo, srta. Lizzy: se você puser na cabeça isso de recusar assim toda proposta de casamento, nunca vai conseguir arrumar marido; e não sei quem vai sustentar você quando seu pai morrer. Eu não vou poder continuar com você... e então já vou avisando. A partir de hoje, você não existe mais para mim. Eu disse a você na biblioteca que nunca mais falaria de novo com você, e você vai saber quanto vale a minha palavra. Não sinto prazer em falar com meninas desafortadas. Não que eu tenha prazer em falar com ninguém. Quem sofre dos nervos como eu não pode gostar muito de falar. É impossível dizer como eu sofro! Mas é sempre assim. Nunca têm pena de quem não se queixa.

As filhas ouviram em silêncio o desabafo, cientes de que qualquer tentativa de argumentar com ela ou de acalmá-la só aumentaria a sua irritação. Ela continuou falando, porém, sem ser interrompida por nenhuma delas, até a chegada do sr. Collins, que entrou na sala com um ar mais pomposo do que de costume; ao percebê-lo, ela disse às meninas:

— Agora, quero que vocês, todas vocês, fiquem de boca fechada e me deixem ter uma conversinha em particular com o sr. Collins.

Elizabeth saiu calmamente da sala, seguida de Jane e de Kitty, mas Lydia ficou imóvel, decidida a escutar o máximo que pudesse; e Charlotte,

retida primeiro pela cortesia do sr. Collins, cujas perguntas sobre ela e toda a sua família eram bastante minuciosas, e depois por certa curiosidade, contentou-se em ir até a janela e fingir não ouvir. Com voz desconsolada, a sra. Bennet deu início à projetada conversa:

— Ah, sr. Collins!

— Minha querida senhora — tornou ele —, deixemos este assunto cair para sempre no silêncio. Longe de mim — prosseguiu ele, com uma voz que assinalava o seu descontentamento — sentir alguma mágoa pelo comportamento da sua filha. A resignação aos males inevitáveis é o cruel dever de todos nós; o dever particular de um jovem que teve a boa sorte de logo alcançar o sucesso na carreira; e eu lhe garanto que estou resignado. Talvez também por ter certas dúvidas sobre a minha felicidade se minha querida prima me honrasse com sua mão; pois tenho observado com frequência que a resignação jamais é tão perfeita como quando o favor recusado começa a perder algo do seu valor em nossa apreciação. Espero que a senhora não considere que eu esteja mostrando nenhum desrespeito por sua família, querida senhora, por assim retirar as minhas pretensões aos favores de sua filha, sem pedir à senhora e ao sr. Bennet que usem de sua autoridade em meu favor. Temo que a minha conduta tenha sido repreensível por ter aceitado a minha recusa dos lábios de sua filha, e não dos seus. Mas todos estamos sujeitos a erros. Minhas intenções foram decerto as melhores durante todo o desenrolar-se do caso. Minha meta era conseguir uma companheira agradável, com a devida consideração pelo proveito de toda a família, e, se meus *modos* foram de alguma forma dignos de repreensão, peço vênica para desculpar-me.

Capítulo 21

A discussão sobre o pedido do sr. Collins chegara agora quase ao fim, e Elizabeth só tinha de sofrer pelos sentimentos desagradáveis que necessariamente a acompanhavam, e às vezes por alguma insinuação mal-humorada de sua mãe. Quanto ao cavalheiro, os sentimentos *dele* expressaram-se principalmente, não pelo constrangimento ou pelo abatimento, ou por tentativas de evitá-la, mas pela afetação de maneiras e pelo ressentimento silencioso. Ele mal falou com ela, e as assíduas atenções com que antes tanto se comprazia foram transferidas durante o resto do dia à srta. Lucas, cuja gentileza em escutá-lo foi um oportuno alívio para todas elas e em especial para sua amiga.

O dia seguinte não trouxe consigo nenhuma melhora no mau humor ou na má saúde da sra. Bennet. O sr. Collins também estava no mesmo estado de orgulho ferido. Elizabeth tivera esperanças de que sua mágoa o fizesse abreviar a visita, mas seu plano não pareceu ter-se alterado em nada com o que ocorreu. Sua volta continuava marcada para sábado, e até sábado ele pretendia ficar.

Depois do desjejum, as meninas caminharam até Meryton para saber se o sr. Wickham havia voltado, e para lamentar a ausência dele no baile de Netherfield. Ele se juntou a elas na entrada da cidade e as acompanhou até a casa da tia delas, onde se falou de seu pesar e de sua decepção, bem como da preocupação de todos. Para Elizabeth, porém, ele espontaneamente reconheceu que a necessidade de sua ausência *havia* sido imposta por ele mesmo.

— Percebi — disse ele — quando a hora se aproximava que era melhor não me encontrar com o sr. Darcy; que estar com ele no mesmo salão, na mesma reunião que ele durante tantas horas poderia ser mais do que eu seria capaz de suportar e que poderiam ocorrer cenas desagradáveis para outros que não eu.

Ela aprovou totalmente o seu espírito de sacrifício e tiveram tempo de se entregar a uma completa discussão do assunto e para elogiar gentilmente um ao outro, enquanto Wickham e outro oficial as levavam de volta para Longbourn. Durante todo o passeio ele esteve sempre ao lado dela. Acompanhá-las trazia consigo uma dupla vantagem: ela apreciou a homenagem que o gesto lhe prestava e aquela representava uma ocasião muito propícia para apresentá-lo a seus pais.

Logo depois de estarem de volta, a srta. Bennet recebeu uma carta; vinha de Netherfield. O envelope continha uma folha de papel acetinado, pequenina e elegante, e preenchida com uma letra feminina, fluente e regular; e Elizabeth viu as feições da irmã mudarem enquanto lia e viu-a deter-se bastante em determinados trechos. Jane logo se recompôs e, pondo de lado a carta, tentou participar com sua alegria de sempre da conversa de todos; mas Elizabeth sentiu tal ansiedade nela, que chegou a desviar sua atenção de Wickham; e, assim que ele e seu companheiro se despediram, um olhar de Jane convidou-a a segui-la até o andar de cima. Ao chegarem ao quarto, Jane, mostrando a carta, disse:

— É de Caroline Bingley; seu conteúdo surpreendeu-me bastante. Neste momento, todos eles já partiram de Netherfield e estão a caminho de Londres... e sem nenhuma intenção de voltar. Ouça só o que ela diz.

Leu então em voz alta o primeiro parágrafo, que trazia a informação de que acabavam de resolver acompanhar imediatamente o irmão em sua ida para Londres, e sua intenção de jantar na Grosvenor Street, onde o sr. Hurst possuía uma casa. O parágrafo seguinte trazia estas palavras: “Não fingirei ter saudades de nada que deixar em Hertfordshire, a não ser a sua companhia, minha querida; mas esperamos voltar a gozar, no futuro, de muitas repetições do delicioso relacionamento que tivemos, e enquanto isso mitigaremos a dor da separação com uma correspondência assídua e franca.

Conto com você neste projeto”. Elizabeth ouviu todas aquelas soberbas expressões com toda a indiferença da incredulidade; e, embora a súbita partida deles a surpreendesse, nada viu ali que se devesse realmente lamentar; não era de supor que a ausência delas de Netherfield impedisse o sr. Bingley de estar lá; e, quanto à perda da companhia delas, estava convencida de que Jane cessaria de se preocupar com ela, na alegria de gozar da presença dele.

— É uma pena — disse ela, depois de uma breve pausa — que você não possa ver as suas amigas antes que deixem a região. Mas não podemos ter esperanças de que o período de futura felicidade, tão ansiado pela srta. Bingley, chegue antes do que ela pensa e de que o delicioso relacionamento que tiveram como amigas seja renovado com ainda maior satisfação como cunhadas? O sr. Bingley não ficará retido em Londres por elas.

— Caroline diz claramente que nenhum deles voltará a Hertfordshire este inverno. Vou ler para você:

Ontem, quando meu irmão nos deixou, imaginou que os negócios que o levavam a Londres pudessem ser resolvidos em três ou quatro dias; mas, como temos certeza de que não será assim e ao mesmo tempo estamos convencidas de que quando Charles chegar à capital não terá nenhuma pressa de tornar a sair de lá, decidimos segui-lo, para que ele não seja obrigado a passar suas horas de ócio num hotel desconfortável. Muitos de meus conhecidos já estão na capital, para passar o inverno; eu adoraria saber que você, minha amiga mais querida, tinha a intenção de fazer parte da multidão... mas não tenho esperança sobre isso. Sinceramente, espero que o seu Natal em Hertfordshire seja repleto das alegrias que a data normalmente traz consigo, e que os seus admiradores sejam tão numerosos que a impeçam de sentir a ausência dos três de que a estamos privando.

— Fica evidente — acrescentou Jane — que ele não vai mais voltar este inverno.

— Só é evidente que a srta. Bingley não acha que ele *deva* voltar.

— Por que você acha isso? Isso é da conta dele. Ele é dono do seu nariz. Mas você não sabe de *tudo*. Eu vou ler o trecho que mais me aflige. Não vou esconder nada de você.

O sr. Darcy está impaciente para ver a irmã; e, para dizer a verdade, *nós* estamos quase igualmente ansiosos por vê-la de novo. Realmente não acho que Georgiana Darcy tenha rival quanto à beleza, a elegância e a educação; e o carinho que ela inspira em Louisa e em mim

mesma se eleva a algo ainda mais interessante, pela esperança que ousamos ter de que venha em breve a ser nossa cunhada. Não sei se alguma vez já confiei a você os meus sentimentos a esse respeito; mas não vou deixar o interior sem confiá-los a você, e tenho certeza de que você não há de achá-los extravagantes. Meu irmão já a admira muito; agora ele terá muitas oportunidades de vê-la no mais íntimo dos ambientes; os parentes dela querem a união tanto quanto os dele; e creio que a parcialidade de irmã não me está iludindo quando julgo Charles mais do que capaz de conquistar o coração de uma mulher. Com todas essas circunstâncias a favor e nada contra, será que estou errada, querida, em nutrir a esperança de uma união que venha a proporcionar a felicidade de tantos?

— O que você acha *deste* parágrafo, querida Lizzy? — disse Jane ao terminar a leitura. — Não é bastante claro? Não diz expressamente que Caroline não espera nem deseja que eu me torne sua cunhada; que está perfeitamente convencida da indiferença do irmão; e que, se suspeita da natureza dos meus sentimentos por ele, pretende (com toda a delicadeza!) alertar-me sobre o caso? Pode haver outra opinião sobre isso?

— Sim, pode, pois a minha é completamente diferente. Quer ouvi-la?

— Com prazer, é claro.

— Aqui vai ela, em poucas palavras. A srta. Bingley sabe que seu irmão está apaixonado por você e quer que ele se case com a srta. Darcy. Ela o segue até Londres na esperança de mantê-lo lá e tenta convencê-la de que você é indiferente para ele.

Jane balançou a cabeça.

— Você tem de acreditar em mim, Jane. Ninguém que já viu vocês juntos pode duvidar do amor dele. Tenho certeza de que a srta. Bingley não tem dúvida a esse respeito. Ela não é tão simplória assim. Se tivesse visto no sr. Darcy, por ela, metade desse amor, já teria encomendado o vestido de noiva. Mas o caso é o seguinte: não somos ricas o bastante ou importantes o bastante para elas; e ela é a mais ávida por conseguir a srta. Darcy para o irmão, com a ideia de que, havendo *um* casamento, pode ter menos problemas para conseguir um segundo; e nisso há, sem dúvida, certa esperteza, e me parece que ela seria bem-sucedida, se a srta. de Bourgh não estivesse em seu caminho. Mas, querida Jane, você não deve imaginar que, porque a srta. Bingley lhe diz que o irmão dela admira muito a srta. Darcy, ele deva estar menos sensível aos *seus* méritos do que quando se despediu

de você na terça-feira, ou que ela tenha o poder de convencê-lo de que, em vez de estar apaixonado por você, esteja apaixonadíssimo pela amiga dela.

— Se tivéssemos a mesma opinião sobre a srta. Bingley — tornou Jane —, a sua explicação sobre tudo isso me deixaria muito satisfeita. Mas eu sei que isso não tem fundamento. Caroline é incapaz de iludir alguém de propósito; e tudo que posso esperar neste caso é que ela esteja iludindo a si mesma.

— Está certo. Não poderia ter tido ideia mais feliz, já que não se consola com a minha. Acredite que ela esteja enganada. Agora você já cumpriu seu dever para com ela e não deve mais se aborrecer.

— Mas, minha querida irmã, posso ser feliz, mesmo na melhor das hipóteses, se aceitar um homem cujas irmãs e amigos querem todos que ele se case com outra pessoa?

— Você tem de tomar uma decisão — disse Elizabeth —, e se, depois de refletir serenamente, achar que a tristeza de descontentar as duas irmãs é maior do que a felicidade de ser sua esposa, aconselho você a recusá-lo absolutamente.

— Como pode falar assim? — disse Jane, com um leve sorriso. — Você sabe que, embora eu ficasse muitíssimo triste com a desaprovação delas, não hesitaria nem por um minuto.

— Tenho certeza disso; e, assim sendo, não posso considerar o seu caso com muita compaixão.

— Mas, se ele não voltar mais este inverno, nunca vou poder fazer essa escolha. Podem acontecer mil coisas em seis meses!

Elizabeth recusou com desdém a ideia de que ele não mais voltasse. Pareceu-lhe nada mais ser senão a sugestão dos desejos interessados de Caroline, e nem por um momento lhe passou pela cabeça que tais desejos, expressos aberta ou habilmente, pudessem influenciar um rapaz de total independência.

Ela explicou à irmã com a máxima energia sua opinião sobre o assunto, e logo teve a alegria de ver os rápidos resultados obtidos. O temperamento de Jane não era melancólico, e ela foi aos poucos ganhando esperança, embora as dúvidas de amor às vezes levassem a melhor contra a esperança

de que Bingley voltaria a Netherfield e satisfaria a cada desejo do seu coração.

Combinaram que a sra. Bennet só fosse informada da partida da família, para não ficar alarmada com o comportamento do cavalheiro; mas mesmo essa comunicação parcial lhe causou grande preocupação, e ela disse em tom de lástima que era muita má sorte que as damas fossem embora bem quando estavam todos se tornando tão íntimos. Depois de deplorá-lo, porém, por algum tempo, teve o consolo de que logo o sr. Bingley estaria de volta, jantando em Longbourn, e a conclusão de tudo foi a reconfortante declaração de que, embora ele tivesse sido convidado só para um jantar de família, ela providenciaria que fossem servidos dois serviços bem lautos.

Capítulo 22

Os Bennet foram convidados para jantar com os Lucas, e novamente a srta. Lucas teve a gentileza de escutar o sr. Collins durante boa parte do dia. Elizabeth aproveitou uma oportunidade para agradecer-lhe.

— Isso o mantém de bom humor — disse ela —, e lhe sou mais grata do que posso exprimir.

Charlotte garantiu à amiga sua satisfação em poder ser útil e que isso a recompensava generosamente pelo pequeno sacrifício de tempo. O que era muito gentil. Mas a gentileza de Charlotte foi além de tudo que Elizabeth pudesse imaginar; o objetivo dela era nada menos do que protegê-la de qualquer retorno das atenções do sr. Collins, dirigindo-as para si mesma. Tal era o plano da srta. Lucas; e foi aparentemente tão bem-sucedido, que, quando se separaram à noite, ela teria tido quase a certeza do bom êxito se ele não tivesse de partir tão cedo de Hertfordshire. Mas nisso ela não fez justiça ao ardor e à independência do caráter dele, pois este o levou a se esgueirar da casa de Longbourn no dia seguinte de manhã com admirável astúcia e correr até Lucas Lodge para se jogar aos pés dela. Ele estava ansioso por evitar ser percebido pelas primas, convencido de que, se elas o vissem sair, não deixariam de perceber seu objetivo, e ele não queria que a tentativa fosse conhecida até que seu bom-sucesso pudesse ser igualmente reconhecido; porque, embora se sentisse quase seguro, e com razão, pois Charlotte fora razoavelmente encorajadora, estava comparativamente inseguro em relação à aventura da quarta-feira. Foi recebido, porém, do modo mais lisonjeiro. A srta. Lucas o percebeu de uma das janelas de cima

enquanto ele caminhava em direção à casa e imediatamente saiu para encontrá-lo por acaso no caminho. Mas jamais ousara esperar que tanto amor e eloquência estivessem à sua espera.

Tão rapidamente quanto os longos discursos do sr. Collins o permitiram, tudo ficou satisfatoriamente acertado entre eles; entrarem em casa, ele impacientemente pediu a ela que marcasse o dia que iria transformá-lo no mais feliz dos homens; e, embora tal solicitação devesse por ora ser postergada, Charlotte não sentiu nenhuma propensão a fazer pouco da felicidade dele. A estupidez com que a natureza o agraciou protegia seus galanteios de qualquer encanto que pudesse fazer uma mulher desejar que continuassem; e a srta. Lucas, que o aceitara pura e simplesmente pelo desinteressado desejo de obter um meio de vida, não se importava em ver tal renda chegar mais cedo ou menos.

O consentimento de *Sir William* e *Lady Lucas* foi rapidamente solicitado e concedido com a mais entusiástica alegria. A atual situação financeira do sr. Collins tornava-o um ótimo partido para a filha, cujo dote era pequeno, e tais perspectivas de riqueza futura eram muitíssimo bem-vindas. *Lady Lucas* começou imediatamente a calcular, com mais interesse do que o assunto jamais lhe despertara antes, quantos anos mais o sr. Bennet provavelmente viveria; e *Sir William* expressou sua resoluta opinião de que, fosse qual fosse a data em que o sr. Collins devia tomar posse de Longbourn, seria muito oportuno que ele e sua esposa fossem ambos visitar St. James. Em suma, a família inteira exultou com a situação. As meninas mais jovens nutriram a esperança de *sair de casa* um ou dois anos antes do que o fariam não fosse aquilo; e os rapazes viram aliviarem-se suas apreensões de que Charlotte morresse solteirona. A própria Charlotte manteve-se razoavelmente tranquila. Alcançara o objetivo, e agora tinha tempo para pensar. Suas reflexões foram, em geral, satisfatórias. O sr. Collins, com certeza, não era nem inteligente nem agradável; sua companhia era maçante e seu amor por ela, provavelmente imaginário. Mesmo assim, ele seria o seu marido. Sem ter em alta conta nem os homens nem o matrimônio, o casamento sempre fora o seu objetivo; era o único futuro para uma moça bem-educada, de pequena fortuna, e, ainda que não

fosse certo que trouxesse a felicidade, devia ser a mais agradável proteção contra a necessidade. Ela conseguira essa proteção; e aos vinte e sete anos de idade, sem nunca ter sido bonita, percebia quanta sorte tivera. A parte menos agradável de tudo aquilo seria a surpresa que provocaria em Elizabeth Bennet, cuja amizade ela apreciava mais do que a de qualquer outra pessoa. Elizabeth se espantaria e provavelmente a criticaria; e, embora a decisão fosse inabalável, seus sentimentos ficariam magoados com tal desaprovação. Decidiu, então, dar a notícia a ela pessoalmente e, assim, pediu ao sr. Collins, quando ele voltou a Longbourn para jantar, que nada dissesse sobre o que se passara para ninguém da família. Uma promessa de segredo foi, é claro, devidamente feita, mas não pôde ser mantida sem dificuldade; pois à sua volta a curiosidade provocada por sua longa ausência se manifestou em perguntas muito diretas, que exigiram certa esperteza para serem contornadas, ao mesmo tempo que muita abnegação, pois ele estava louco para tornar público o seu próspero amor.

Como partiria na manhã seguinte cedo demais para ver alguém da família, a cerimônia de despedidas ocorreu quando as damas se retiravam para dormir; e a sra. Bennet, com grande delicadeza e cordialidade, falou-lhe da imensa alegria que uma nova visita sua a Longbourn lhe causaria, desde que seus compromissos lhe permitissem realizá-la.

— Minha querida senhora — replicou ele —, esse convite é-me especialmente gratificante, pois é o que mais esperava receber; e a senhora pode ter toda a certeza de que a minha visita acontecerá o mais cedo possível.

Todos ficaram pasmos; e o sr. Bennet, que de modo algum desejava um retorno tão veloz, disse prontamente:

— Mas não há neste caso o risco de uma desaprovação da parte de *Lady Catherine*, meu senhor? Seria melhor deixar de lado as relações que possam ofender a sua patrona.

— Meu caro senhor — replicou o sr. Collins —, fico-lhe especialmente grato por esse amável alerta, e o senhor pode ter certeza de que não darei um passo tão importante sem a aprovação de Sua Senhoria.

— O senhor não deve abrir a guarda. Pode arriscar qualquer coisa, menos desagradar a ela; e, se achar provável suscitar tal reprovação vindo visitar-nos de novo, o que acho muitíssimo provável, fique tranquilo em casa, na certeza de que *nós* não nos sentiremos ofendidos.

— Creia, meu caro senhor, que é infinito o meu reconhecimento por sua carinhosa atenção; e esteja certo de que logo receberá de mim uma carta de agradecimento por isso e por todas as outras manifestações de consideração durante a minha estada em Hertfordshire. No que se refere às minhas queridas primas, embora a minha ausência talvez não venha a ser tão longa a ponto de torná-lo necessário, tomarei agora a liberdade de desejar-lhes saúde e felicidades, sem exceção da minha prima Elizabeth.

Com as devidas cortesias as damas então se retiraram, todas elas igualmente surpresas por ele planejar um retorno para breve. A sra. Bennet quis interpretar aquilo como se ele estivesse pensando em dirigir suas atenções a uma de suas filhas mais moças, e Mary poderia ser convencida a aceitá-lo. Ela prezava as habilidades do sr. Collins muito mais do que as outras irmãs; havia uma solidez em suas reflexões que sempre a impressionava, e, embora de modo algum o considerasse tão inteligente quanto ela mesma, pensou que se ele fosse encorajado a ler e a progredir seguindo o exemplo dela poderia tornar-se um companheiro muito agradável. Mas, na manhã seguinte, morreu toda a esperança nesse sentido. A srta. Lucas chegou logo depois do café e, numa conversa em particular com Elizabeth, contou o que se passara na véspera.

A possibilidade de o sr. Collins imaginar-se apaixonado por sua amiga ocorrera a Elizabeth nos dois últimos dias; mas que Charlotte pudesse encorajá-lo lhe parecia tão impossível quanto ela mesma fazê-lo, e seu espanto foi tão grande que chegou, no começo, a ultrapassar os limites do decoro, e ela não pôde evitar exclamar:

— Noiva do sr. Collins! Minha querida Charlotte... é impossível!

A expressão inabalável adotada pela srta. Lucas ao contar-lhe a história deu lugar a certa confusão momentânea ao receber uma censura tão direta; no entanto, como se nada mais tivesse sido dito além do esperado, logo recuperou a compostura e respondeu calmamente:

— Por que essa surpresa, minha querida Eliza? Você acha inacreditável que o sr. Collins consiga que alguma mulher faça dele uma boa opinião, só porque não teve a felicidade de ser bem-sucedido com você?

Elizabeth, porém, logo caiu em si e, fazendo um grande esforço, foi capaz de dizer, com razoável convicção, que a perspectiva da união dos dois lhe era muito grata e que lhes desejava toda a felicidade imaginável.

— Sei o que você está sentindo — respondeu Charlotte. — Deve estar surpresa, muito surpresa... pois há muito pouco tempo o sr. Collins queria casar com você. Mas, quando tiver tido tempo de refletir sobre o caso, espero que se alegre com o que fiz. Você sabe que eu não sou romântica; nunca fui. Quero apenas um lar decente; e, considerando o caráter, as relações e a situação financeira do sr. Collins, estou certa de que as minhas possibilidades de ser feliz com ele são tão razoáveis quanto as da maioria das pessoas que chegam à condição matrimonial.

Elizabeth respondeu calmamente “Sem dúvida”; e, depois de um silêncio constrangido, elas voltaram a se reunir com o resto da família. Charlotte não ficou muito tempo ali, e Elizabeth pôs-se a refletir sobre o que ouvira. Passou-se muito tempo antes que ela se conformasse completamente com a ideia de uma união tão inadequada. O fato estranhíssimo de o sr. Collins fazer duas propostas de casamento em três dias não era nada em comparação com o de ser agora aceito. Ela sempre notara que a opinião de Charlotte acerca do casamento não era exatamente a sua, mas nunca imaginara que fosse possível que, quando solicitada, ela sacrificasse todos os melhores sentimentos em favor de vantagens mundanas. Charlotte como esposa do sr. Collins era uma cena muito humilhante! E à dor de ver uma amiga rebaixar-se e cair em sua estima somava-se a dolorosa convicção de que era impossível que a amiga fosse razoavelmente feliz com o destino que escolhera.

Capítulo 23

Elizabeth estava sentada com a mãe e as irmãs, a refletir sobre o que escutara e sem saber se estava ou não autorizada a mencioná-lo, quando o próprio *Sir William Lucas* apareceu, enviado pela filha, para anunciar o noivado dela. Com muitas felicitações a eles e congratulando-se pela perspectiva da união entre as casas, ele revelou o fato... a uma audiência não só pasma, mas incrédula; pois a sra. Bennet, com mais perseverança do que polidez, protestou que ele devia estar redondamente enganado; e Lydia, sempre afoita e muitas vezes até desaforada, exclamou com ênfase:

— Meu Deus! *Sir William*, como o senhor pode contar uma história dessas? Não sabe que o sr. Collins quer casar com a Lizzy?

Só mesmo a complacência de um adulator poderia tolerar tal tratamento sem zangar-se; mas a boa educação de *Sir William* fez que suportasse tudo aquilo; e, embora pedisse licença para reafirmar a veracidade da informação, ouviu todas as impertinências com a mais indulgente cortesia.

Elizabeth, sentindo que cabia a si mesma tirá-lo de situação tão desagradável, tratou de confirmar a história, mencionando ter sido informada previamente pela própria Charlotte; e se empenhou em pôr um ponto-final nas exclamações da mãe e das irmãs pelo entusiasmo de suas felicitações a *Sir William*, no que foi prontamente secundada por Jane, e por um sem-número de observações acerca da felicidade que a união prometia, do excelente caráter do sr. Collins e da conveniente distância entre Hunsford e Londres.

A sra. Bennet estava, na realidade, acabrunhada demais para dizer muita coisa enquanto *Sir William* permaneceu lá; mas assim que ele saiu pôde desabafar seus sentimentos. Primeiro, ela continuou sem acreditar em nada daquilo; segundo, tinha certeza de que o sr. Collins havia sido vítima de uma trama; terceiro, garantiu que eles nunca seriam felizes; e, quarto, que o noivado poderia ser desmanchado. Duas inferências, porém, foram facilmente deduzidas daquilo tudo: uma, que Elizabeth fora a causa real de toda a confusão; e, a outra, que ela mesma fora barbaramente maltratada por todos; e insistiu sobre esses dois pontos o resto do dia. Nada podia consolá-la ou acalmá-la. A sua mágoa não terminaria naquele dia. Passou-se uma semana até que ela pudesse ver Elizabeth sem repreendê-la, passou-se um mês até que falasse com *Sir William* ou *Lady Lucas* sem ser grosseira e passaram-se muitos meses até que pudesse perdoar completamente a filha.

As emoções do sr. Bennet foram na ocasião muito mais tranquilas e, segundo as declarou, agradabilíssimas; pois folgava em descobrir, disse ele, que Charlotte Lucas, que costumava considerar razoavelmente sensata, era tão tola quanto a sua esposa e mais tola do que sua filha!

Jane confessou-se um pouco surpresa com a união; mas falou menos de seu espanto do que de seu vivo desejo de que fossem felizes; nem pôde Elizabeth convencê-la de que aquilo era improvável. Kitty e Lydia estavam muito longe de invejar a srta. Lucas, pois o sr. Collins não passava de um clérigo; e aquilo só as afetava enquanto tema de mexericos a espalhar por Meryton.

Lady Lucas não podia ficar insensível à glória de dar a réplica à sra. Bennet quanto à felicidade de ver uma filha bem-casada; e passou a visitar Longbourn com maior frequência do que de costume, para dizer como estava feliz, embora os olhares atravessados e as observações desaforadas da sra. Bennet bastassem para espantar qualquer felicidade.

Entre Elizabeth e Charlotte havia uma barreira que obrigava ao silêncio sobre o assunto; e Elizabeth se convenceu de que nunca mais poderia haver uma autêntica confiança entre elas de novo. Sua decepção com Charlotte fez que se voltasse com mais consideração para a irmã, de cuja retidão e delicadeza estava certa de que sua opinião jamais se abalaria, e por cuja

felicidade se tornava cada dia mais apreensiva, pois Bingley já partira havia uma semana e nada mais se soube sobre seu retorno.

Jane logo enviara a Caroline uma resposta à sua carta e estava contando os dias até o momento em que podia razoavelmente esperar ter novas notícias. A prometida carta de agradecimento do sr. Collins chegou na terça-feira, dirigida ao pai delas e redigida com toda a grata solenidade que a permanência de um ano com a família exigia. Depois de descarregar a consciência quanto a isso, passou a informá-los, com muitas expressões extáticas, sobre a felicidade de ter conquistado o amor de sua adorável vizinha, a srta. Lucas, e então explicou que era só com o objetivo de gozar da companhia dela que aceitara o convite de tê-lo de novo em Longbourn, aonde esperava poder voltar dali a duas semanas, na segunda-feira; pois *Lady Catherine*, acrescentou, aprovara tão calorosamente o casamento, que desejava que ele ocorresse o quanto antes, o que ele tinha certeza seria um argumento irresponsável para que sua adorável Charlotte marcasse uma data próxima para o dia que o tornaria o mais feliz dos homens.

A volta do sr. Collins a Hertfordshire já não era motivo de satisfação para a sra. Bennet. Ao contrário, estava tão propensa a deplorá-la quanto o marido. Era muito estranho que ele viesse a Longbourn e não a Lucas Lodge; era também muito inconveniente e incômodo. Odiava receber visitas enquanto a sua saúde estava tão instável, e, de todas as pessoas, os apaixonados são as mais desagradáveis. Tais eram os gentis resmungos da sra. Bennet, e estes só desapareceram para dar lugar à aflição maior da ausência prolongada do sr. Bingley.

Nem Jane nem Elizabeth estavam despreocupadas quanto a isso. Passavam-se dias após dias sem que chegasse nenhuma notícia dele, além do boato que logo prevaleceu em Meryton de que ele já não viria a Netherfield durante todo o inverno; um boato que enfurecia a sra. Bennet e ao qual ela jamais deixava de se opor como à mais escandalosa mentira.

Até mesmo Elizabeth começou a sentir medo, não de que Bingley fosse indiferente, mas de que suas irmãs conseguissem mantê-lo longe dali. Avesa como era a admitir uma ideia tão arrasadora para a felicidade de Jane e tão desonrosa para a constância do seu namorado, não conseguia

evitar que ela sempre lhe ocorresse. Os esforços combinados de suas irmãs insensíveis e de seu irresistível amigo, secundados pelos atrativos da srta. Darcy e das diversões de Londres, talvez fossem demais, temia ela, para a resistência de seu amor.

Quanto a Jane, *sua* angústia sob tal suspense era, é claro, mais dolorosa do que a de Elizabeth, mas desejava ocultar todo o seu sofrimento, e assim, entre ela e Elizabeth, nunca se tocava no assunto. Mas, como sua mãe não era inibida pela mesma delicadeza, raramente se passava uma hora sem que falasse de Bingley, exprimisse impaciência pelo regresso dele ou até exigisse que Jane confessasse que, se ele não voltasse, ela se consideraria profundamente ultrajada. Era necessária toda a inabalável doçura de Jane para suportar tais investidas com razoável tranquilidade.

O sr. Collins retornou com absoluta pontualidade na segunda-feira da segunda semana, mas sua recepção em Longbourn não foi tão cortês quanto a primeira. Ele estava feliz demais, porém, para necessitar de muitas atenções; e, para sorte dos outros, suas atividades amorosas aliviaram-nos durante um bom tempo de sua companhia. Ele passava a maior parte do dia em Lucas Lodge e às vezes voltava para Longbourn a tempo de se desculpar antes que a família fosse dormir.

A sra. Bennet estava, de fato, num estado lastimável. A mera menção de alguma coisa ligada ao casamento lançava-a numa agonia de mau humor, e onde quer que fosse tinha certeza de ouvir falarem no assunto. A mera visão da srta. Lucas era-lhe odiosa. Como sua sucessora na casa, encarava-a com ciúmes e aversão. Todas as vezes que Charlotte vinha vê-la, concluía que ela estivesse antecipando a hora da posse; e, toda vez que falava em voz baixa com o sr. Collins, estava convencida de que estavam tratando da propriedade de Longbourn e decidindo pôr a ela e às filhas para fora da casa, assim que o sr. Bennet morresse. Ela se queixava amargamente de tudo isso com o marido.

— De fato, sr. Bennet — disse ela —, é muito difícil pensar que a Charlotte Lucas será a dona desta casa, que eu serei forçada a dar lugar a *ela* e a viver para vê-la tomar posse!

— Minha querida, não dê ensejo a tão melancólicos pensamentos. Tenhamos esperança em coisas melhores. Vamos pensar que talvez seja eu o sobrevivente.

Isso não era muito consolador para a sra. Bennet e portanto, em vez de responder, ela prosseguiu como antes.

— Não posso nem pensar que eles vão ter toda esta propriedade. Se não fosse pelo morgadio, eu nem me importaria.

— Você não se importaria com quê?

— Não me importaria com absolutamente nada.

— Sejam gratos por você se ver livre de tal estado de insensibilidade.

— Nunca serei grata a nada que tenha alguma ligação com o morgadio. Não consigo entender como é que alguém pode ter a coragem de deserdar as próprias filhas; e tudo em proveito do sr. Collins! Por que deve *ele* ter mais do que qualquer outro?

— Deixo isso para que você mesma resolva — disse o sr. Bennet.

Capítulo 24

A carta da srta. Bingley chegou e pôs um ponto-final nas dúvidas. Já o primeiro parágrafo transmitia a certeza de estarem estabelecidos em Londres por todo o inverno e concluía dizendo que o irmão lamentava não ter tido tempo de se despedir dos amigos de Hertfordshire antes de deixar a região.

Toda esperança estava perdida, completamente perdida; e, quando Jane conseguiu prosseguir na leitura da carta, pouco encontrou, salvo o proclamado afeto da autora, o que não era de muito consolo. A maior parte da carta consistia em elogios à srta. Darcy. Insistia novamente nos atrativos dela, e Caroline se gabava de sua crescente intimidade e se arriscava a prever que os desejos revelados na carta anterior se tornariam realidade. Escrevia também com muito prazer sobre o fato de o irmão estar residindo na casa do sr. Darcy, e mencionava com êxtase alguns planos deste último acerca de um novo mobiliário.

Elizabeth, a quem Jane logo comunicou o principal disso tudo, ouviu em silêncio mas indignada. Seu coração estava dividido entre a preocupação com a irmã e a mágoa com todos os outros. Não deu crédito à afirmação de Caroline de que o irmão dela estivesse apaixonado pela srta. Darcy. Continuava a não ter dúvida sobre o amor dele por Jane; e, como sempre estivera propensa a gostar dele, não podia pensar sem irritação, e até desprezo, nessa inconstância de temperamento, nessa falta de autodeterminação, que agora o tornava escravo da astúcia de seus mais próximos e o levava a sacrificar sua própria felicidade ao capricho das

inclinações deles. Se sua própria felicidade, porém, fosse o único sacrifício, ele teria o direito de dispor dela da maneira que julgasse mais conveniente, mas sua irmã estava envolvida naquilo, como julgava que ele mesmo estivesse ciente. Era assunto, em suma, para se refletir longamente, embora em vão. Não conseguia pensar em mais nada; no entanto, quer o amor de Bingley tivesse acabado ou sido destruído pela intromissão dos amigos, quer tivesse ele consciência do amor de Jane ou isso tivesse escapado à sua observação, fosse qual fosse enfim o caso, embora sua opinião sobre ele fosse substancialmente afetada pela diferença, a situação da irmã continuava a mesma, sua paz igualmente ferida.

Jane só ganhou coragem para falar de seus sentimentos com Elizabeth depois de um ou dois dias; mas finalmente, quando a sra. Bennet as deixou sozinhas, depois de um acesso de raiva mais longo do que de costume acerca de Netherfield e de seu dono, não pôde deixar de dizer:

— Ah, se a querida mamãe tivesse maior domínio de si mesma! Ela não faz ideia do sofrimento que me causa com suas contínuas reflexões sobre ele. Mas não vou queixar-me. Isso não pode durar muito. Ele será esquecido, e seremos todas como antes.

Elizabeth olhou para a irmã com incrédula solicitude, mas nada disse.

— Você duvida de mim — exclamou Jane, corando um pouco —; na verdade, você não tem razão. Ele pode viver em minha memória como o homem mais encantador que conheço, mas isso é tudo. Nada mais tenho que esperar ou temer, e nada a censurar nele. Graças a Deus! Não tenho *essa* dor. Com um pouco de tempo, portanto... vou com certeza tentar dar a volta por cima.

Com voz mais forte, logo acrescentou:

— Já tenho o consolo de que tudo não passou de um engano da minha imaginação, e não causei nenhuma mágoa a ninguém, a não ser a mim mesma.

— Minha querida Jane! — exclamou Elizabeth. — Você é boa demais. A sua doçura e o seu desinteresse são mesmo angélicos; não sei o que lhe dizer. Sinto-me como se nunca lhe tivesse feito justiça ou amado você como merece.

A srta. Bennet negou com energia qualquer mérito extraordinário e rejeitou os elogios do caloroso afeto da irmã.

— Não — disse Elizabeth —; isso não é justo. *Você* quer pensar que todos são respeitáveis e fica chocada quando falo mal de alguém. Eu só quero pensar que *você* é perfeita, e *você* me contradiz. Não tenha medo de que eu exagere e abuse do seu privilégio da boa vontade universal. Não é preciso. Há poucas pessoas que eu amo de verdade, e menos pessoas ainda de que eu tenho boa opinião. Quanto mais conheço o mundo, mais me sinto insatisfeita com ele; e a cada dia se confirma a minha crença na incoerência de toda personalidade humana, e na pouca confiança que podemos depositar na aparência de mérito ou de razão. Topei com dois exemplos disso ultimamente. Um deles não quero comentar, o outro foi o casamento de Charlotte. É inexplicável! É inexplicável em todos os aspectos!

— Minha querida Lizzy, não se entregue a esse tipo de sentimento. Isso vai acabar com a sua felicidade. Você não leva suficientemente em conta a diferença entre situação e temperamento. Considere a respeitabilidade do sr. Collins e o caráter firme e prudente de Charlotte. Lembre-se de que ela pertence a uma família numerosa; de que, quanto ao dinheiro, é um casamento muitíssimo desejável; e esteja disposta a acreditar, para o bem de todos, que talvez ela sinta alguma consideração e estima por nosso primo.

— Para agradar a você, eu estaria disposta a acreditar em quase tudo, mas ninguém mais poderia acreditar em algo assim; pois, mesmo que eu estivesse convencida de que Charlotte sente algum amor por ele, eu teria de ter uma opinião ainda pior sobre a inteligência dela do que a que agora tenho sobre o seu coração. Jane, querida, o sr. Collins é um homem presunçoso, pomposo, obtuso e idiota; você sabe que é verdade, tanto quanto eu; e deve perceber, tanto quanto eu, que a mulher que se casar com ele não pode raciocinar corretamente. Não a defenda, mesmo que seja a Charlotte Lucas. Não mude, em proveito de um único indivíduo, o significado dos princípios e da integridade, nem tente convencer a si mesma ou a mim de que egoísmo é prudência e insensibilidade ao perigo é penhor de felicidade.

— Suas palavras são duras demais contra ambos — replicou Jane —, e espero que você venha a se convencer disso ao vê-los felizes juntos. Mas basta. Você fez alusão a outra coisa também. Mencionou *dois* casos. Eu entendo o que diz, mas lhe suplico, querida Lizzy, não me magoe pondo a culpa *naquela* pessoa e dizendo ter perdido a boa opinião que tinha dele. Não devemos ter tanta facilidade para nos considerarmos intencionalmente feridas. Não devemos esperar que um jovem ativo seja sempre tão cauteloso e circunspecto. Muitíssimas vezes, a nossa vaidade é que nos ilude. As mulheres julgam que a admiração signifique mais do que realmente significa.

— E os homens fazem tudo para que assim seja.

— Fazem de propósito, não há como perdoá-los; mas não posso crer que haja no mundo tantas coisas planejadas, como algumas pessoas imaginam.

— Estou longe de acreditar que alguma parte da conduta do sr. Bingley tenha sido planejada — disse Elizabeth —, mas, sem ter a intenção de agir mal e de magoar os outros, pode haver erro e pode haver infelicidade. Irreflexão, falta de atenção aos sentimentos dos outros e falta de determinação já são o suficiente para isso.

— E você atribui isso tudo a alguma dessas coisas?

— Claro, à última delas. Mas, se insistir, vou desagradar você dizendo o que penso das pessoas de quem você gosta. Detenha-me enquanto é tempo.

— Você continua achando, então, que as irmãs dele o influenciam?

— Continuo. Elas e o amigo.

— Não posso acreditar. Por que tentariam influenciá-lo? Só podem querer a felicidade dele; e, se ele me ama, nenhuma outra mulher pode fazê-lo feliz.

— Sua primeira premissa é falsa. Eles podem querer muitas coisas além da felicidade dele; podem querer que ele tenha mais dinheiro e influência; podem querer que ele case com uma moça que tenha dinheiro, boas relações e orgulho.

— Sem dúvida nenhuma elas *querem* que ele escolha a srta. Darcy — tornou Jane —, mas isso com melhores intenções do que as que você supõe.

Conhecem-na há muito mais tempo do que a mim; não é de admirar que gostem mais dela. Mas queiram elas o que quiserem, é muito improvável que se opusessem à escolha do irmão. Que irmã se acreditaria autorizada a fazer isso, a menos que houvesse algo realmente grave? Se acredita que ele gostasse de mim, não tentariam separar-nos; se o fizessem, não teriam sucesso. Supondo que ele me ama, você faz que todos ajam de modo antinatural e errado e me deixa muito triste. Não me atormente com essa ideia. Não me envergonho de ter-me enganado... ou, pelo menos, é coisa pouca, não é nada em comparação com o que sentiria se pensasse mal dele ou das irmãs. Deixe-me ver tudo sob a melhor luz, sob a luz pela qual tudo se esclarece.

Elizabeth não podia contrapor-se a tal desejo; e desse dia em diante o nome do sr. Bingley raramente foi mencionado entre elas.

A sra. Bennet continuava a admirar-se e se lamentar do fato de ele não voltar e, embora raramente se passasse um dia sem que Elizabeth lhe desse uma clara explicação, era muito pouco provável que algum dia ela visse aquilo com menor perplexidade. Sua irmã tentou convencê-la de algo em que ela mesma não acreditava, que as atenções dele para com Jane haviam sido fruto apenas de uma atração comum e transitória, que cessou quando deixou de vê-la; mas, embora reconhecesse a probabilidade daquilo, tinha de repetir a mesma história todos os dias. O maior consolo da sra. Bennet era que o sr. Bingley devia estar de volta no verão.

O sr. Bennet encarou o problema de um ângulo diferente.

— Então, Lizzy — disse ele certo dia —, a sua irmã parece ter tido um desgosto amoroso. Dou a ela os meus parabéns. Quando se aproximam do casamento, as mocinhas gostam de ter esse tipo de problema sentimental, de vez em quando. Isso lhes dá o que pensar e lhes confere uma espécie de destaque em meio às amigas. Quando será a sua vez? Você não vai deixar que a Jane a deixe para trás por muito tempo. Agora é a sua vez. Há aqui em Meryton oficiais em número suficiente para decepcionar todas as moçoilas da região. Que seja Wickham o *seu* homem. Ele é um sujeito agradável e iria romper o namoro em grande estilo.

— Muito obrigada, papai, mas eu me contentaria com um homem menos agradável. Nem todas podemos esperar ter a boa sorte de Jane.

— É verdade — disse o sr. Bennet —, mas é um consolo pensar que, se acontecer qualquer coisa desse tipo a você, sempre terá uma mãe carinhosa que saberá valorizar ao máximo a coisa.

A companhia do sr. Wickham foi de extrema utilidade para esconjurar a melancolia que os recentes acontecimentos haviam provocado em muitos membros da família de Longbourn. Elas o viam com frequência, e às suas outras qualidades foi agora acrescentada a da franqueza absoluta. Tudo que Elizabeth já ouvira, as queixas dele contra o sr. Darcy pelo que sofrera com ele, tudo isso era agora abertamente reconhecido e publicamente ostentado; e todos ficavam satisfeitos em ver o quanto sempre haviam antipatizado com o sr. Darcy, mesmo antes de saberem algo sobre o caso.

A srta. Bennet era a única criatura a imaginar que pudesse haver alguma circunstância atenuante no caso, desconhecida da sociedade de Hertfordshire; sua candura meiga e tranquila estava sempre disposta a concessões e insistia sobre a possibilidade de haver engano — mas, por todos os demais, o sr. Darcy era condenado como o pior dos homens.

Capítulo 25

Depois de uma semana de juras de amor e planos de felicidade, o sr. Collins foi separado da sua doce Charlotte pela chegada do sábado. A dor da separação, porém, pôde ser aliviada, de sua parte, pelos preparativos para a recepção da noiva; ele esperava que logo depois de seu retorno para Hertfordshire fosse marcado o dia que o transformaria no homem mais feliz do mundo. Ele se despediu dos parentes de Longbourn com tanta solenidade quanto antes; desejou de novo às queridas primas saúde e felicidade, e prometeu enviar ao pai uma nova carta de agradecimento.

Na segunda-feira seguinte, a sra. Bennet teve o prazer de receber o irmão e a esposa dele, vindos como de costume para passar o Natal em Longbourn. Era o sr. Gardiner um homem sensato e de maneiras nobres, muito superior à irmã, tanto de natureza como de educação. As damas de Netherfield teriam dificuldade para acreditar que um homem que vivia do comércio, e à vista de seus próprios armazéns, pudesse ser tão fino e bem educado. A sra. Gardiner, que tinha muitos anos a menos que a sra. Bennet e a sra. Phillips, era uma mulher simpática, inteligente e elegante, e adorada por todas as sobrinhas de Longbourn. Especialmente entre as duas irmãs mais velhas e ela havia um carinho especial. Jane e Elizabeth com frequência passavam um tempo com ela em Londres.

A primeira coisa que a sra. Gardiner fez ao chegar foi distribuir os presentes e descrever as novas modas. Depois disso, passou a desempenhar um papel menos ativo. Foi a sua vez de escutar. A sra. Bennet tinha muitas mágoas que desabafar e muito de que se queixar. Todas elas haviam sido

muito maltratadas desde a última vez que vira a irmã. Duas de suas filhas haviam estado a ponto de casar e, por fim, nada.

— Não culpo a Jane — prosseguiu ela —, pois Jane teria agarrado o sr. Bingley se pudesse. Mas a Lizzy! Ah, minha irmã! É duro pensar que ela poderia ser a esposa do sr. Collins a esta altura, se não fosse pela sua própria maldade. Ele a pediu em casamento nesta mesma sala, e ela o rejeitou. A consequência disso é que *Lady* Lucas casará uma filha antes de mim e que a propriedade de Longbourn está mais comprometida do que nunca. Os Lucas são gente muito esperta, minha irmã. Tomam tudo que podem. Lamento ter de dizer isso, mas é verdade. Sinto-me muito nervosa e muito mal de ser assim contrariada em minha própria família e de ter vizinhos que só pensam em si mesmos. Mas a sua chegada bem nesta hora é o maior dos consolos para mim, e estou muito feliz em ouvir o que você nos contou sobre as mangas compridas.

A sra. Gardiner, a quem a parte principal das histórias já havia sido contada antes, na correspondência de Jane e Elizabeth com ela, deu à irmã uma breve resposta e, com pena das sobrinhas, mudou de assunto.

Mais tarde, a sós com Elizabeth, falou mais sobre a questão.

— Acho provável que ele fosse um bom par para Jane — disse ela. — Lamento que não tenha dado certo. Mas isso é tão comum! Um rapaz como você descreve o sr. Bingley fica facilmente apaixonado por uma moça bonita durante algumas semanas, e quando o acaso os separa a esquece com a mesma facilidade. Esse tipo de inconstância é muito frequente.

— Um excelente consolo, lá à sua maneira — disse Elizabeth —, mas não funciona *conosco*. Não sofremos *por acaso*. Não acontece sempre de a interferência de amigos convencer um rapaz independente quanto à fortuna a não mais pensar numa moça por quem ele estava violentamente apaixonado alguns dias antes.

— Mas a expressão “violentamente apaixonado” é tão banal, tão duvidosa, tão indefinida, que não me sugere muita coisa. Aplica-se tanto a sentimentos que surgem de um conhecimento de meia hora, quanto a uma afeição real e intensa. Por favor, qual o grau de *violência* do amor do sr. Bingley?

— Nunca vi um afeto tão promissor; ele estava cada vez mais desatento às outras pessoas, totalmente absorvido por ela. Toda vez que eles se encontravam, isso era mais evidente e nítido. Em seu próprio baile, ele ofendeu duas ou três jovens, não as tirando para dançar; e eu mesma falei com ele duas vezes, sem receber resposta. Poderia haver melhores sintomas? Não é a descortesia geral a própria essência do amor?

— Ah, claro!... Desse tipo de amor que acho que ele sentiu, sim. Coitada da Jane! Sinto muito por ela, porque, com seu modo de ser, talvez ela não supere logo isso tudo. Seria melhor que tivesse acontecido com *você*, Lizzy; *você* logo estaria dando gargalhadas sobre o caso. Mas *você* acha que ela pode ser convencida a voltar conosco? A mudança de ares pode ser útil... e talvez certas férias de casa possam ser mais eficientes do que qualquer outra coisa.

Elizabeth adorou a proposta e sentiu que a irmã a aceitaria prontamente.

— Espero — acrescentou a sra. Gardiner — que ela não se deixe influenciar por nenhuma consideração relativa àquele rapaz. Vivemos em bairros tão distantes, nossos círculos de amizade são tão diferentes e, como *você* deve saber, saímos tão pouco, que é muito improvável que eles se encontrem, a menos que ele venha visitá-la.

— E *isso* é completamente impossível; pois agora ele está sob custódia do amigo, e o sr. Darcy não mais toleraria que ele visitasse Jane em tal parte de Londres! Titia querida, como poderia ter uma ideia dessas? O sr. Darcy talvez tenha *ouvido falar* de um lugar como Gracechurch Street, mas dificilmente acharia que uma ablução de um mês fosse suficiente para purificá-lo de suas impurezas, se tivesse de entrar nele; e tenha certeza de que o sr. Bingley não faz nada sem ele.

— Tanto melhor. Espero que não se encontrem, mesmo. Mas Jane não se corresponde com a irmã dele? *Ela* não poderá deixar de visitá-la.

— Ela romperá completamente a amizade.

Mas, apesar da confiança exibida por Elizabeth acerca desse ponto, bem como acerca da ideia ainda mais interessante de que Bingley seria impedido de ver Jane, ela sentia uma angústia em relação àquele assunto que a convenceu, ao refletir a respeito, que não o considerava totalmente sem

esperança. Era possível, e às vezes o julgava até provável, que seu amor pudesse ser reavivado e a influência dos amigos, vitoriosamente combatida pela influência mais natural dos atrativos de Jane.

A srta. Bennet aceitou com prazer o convite da tia; e no momento os Bingley só ocupavam seu pensamento por esperar que, se Caroline não vivesse na mesma casa que o irmão, poderia ocasionalmente passar uma manhã com ela, sem correr o risco de encontrá-lo.

Os Gardiner permaneceram uma semana em Longbourn; e, ora com os Phillips, ora com os Lucas e os oficiais, não houve nenhum dia sem algum compromisso. A sra. Bennet cuidara com tanto carinho do entretenimento do irmão e de sua esposa, que eles não se reuniram nenhuma vez para um jantar de família. Quando o compromisso era em casa, alguns dos oficiais sempre eram convidados — e o sr. Wickham era com certeza um deles; e nessas ocasiões a sra. Gardiner, desconfiada com os calorosos elogios feitos por Elizabeth, observava ambos com atenção. Sem considerá-los, pelo que via, muito gravemente apaixonados, a preferência de um pelo outro era óbvia o bastante para torná-la um pouco preocupada; e resolveu falar com Elizabeth sobre o assunto antes de partir de Hertfordshire, para mostrar-lhe como era imprudente encorajar tal amor.

À sra. Gardiner, Wickham dispunha de um meio de agradar que nada tinha a ver com suas qualidades gerais. Cerca de dez ou doze anos atrás, antes de se casar, ela passara um tempo considerável naquela parte de Derbyshire onde ele nascera. Tinham os dois, portanto, muitas relações em comum; e, embora Wickham pouco aparecesse por lá desde a morte do pai de Darcy, ainda podia dar informações mais recentes sobre os velhos amigos do que as que ela conseguira obter.

A sra. Gardiner havia visto Pemberley e conhecera muito bem o falecido sr. Darcy, de fama. Esse era, portanto, um inesgotável tema de conversação. Ao comparar suas lembranças de Pemberley com a minuciosa descrição que Wickham podia dar e ao prestar um tributo de louvor ao caráter do ex-dono, ela encantava tanto a si mesma quanto a ele. Ao ser informada do mau tratamento a ele dispensado pelo atual sr. Darcy, ela tentou lembrar-se de algo do que se dizia sobre a personalidade daquele

cavalheiro quando ainda muito jovem que pudesse corroborar aquilo, e, por fim, teve a certeza de se lembrar de que o sr. Fitzwilliam Darcy era tido como um menino muito orgulhoso e impertinente.

Capítulo 26

O alerta da sra. Gardiner a Elizabeth foi-lhe pontual e delicadamente passado na primeira oportunidade favorável de falar com ela a sós; depois de lhe dizer sinceramente o que achava, prosseguiu assim:

— Você é uma menina inteligente demais, Lizzy, para se apaixonar simplesmente porque foi alertada contra isso; e, assim, não tenho medo de lhe falar com franqueza. Falando seriamente, eu gostaria que você abrisse os olhos. Não se envolva e não tente envolvê-lo num amor que a tornaria imprudente. Nada tenho a dizer contra *ele*; ele é um rapaz muito interessante; e, se tivesse a fortuna que devia ter, eu iria achar que não haveria ninguém melhor do que ele para você. Mas, nas atuais circunstânciass, você não deve deixar-se levar pela imaginação. Você tem bom-senso e todos esperamos que faça bom uso dele. Tenho certeza de que o seu pai confia na *sua* decisão e boa conduta. Não vá decepcioná-lo.

— Querida titia, isso é falar sério, mesmo.

— É, sim, e eu tenho esperança de que você também fale sério.

— A senhora não deve, então, alarmar-se. Eu vou tomar conta de mim mesma e também do sr. Wickham. Ele não se apaixonará por mim, se eu puder impedi-lo.

— Elizabeth, você não está falando sério agora.

— Desculpe, vou tentar de novo. No momento, não estou apaixonada pelo sr. Wickham; não, com certeza não. Mas ele é, incomparavelmente, o homem mais adorável que eu já vi... E se ele vier a gostar realmente de mim... Acho que seria melhor que isso não acontecesse. Posso ver como

seria imprudente. Ah! *Aquele* abominável sr. Darcy! A opinião de meu pai a meu respeito é uma grande honra para mim, e seria uma desgraça decepcioná-lo. Meu pai, porém, simpatiza com o sr. Wickham. Em suma, querida titia, eu lamentaria muito fazer infeliz qualquer um de vocês; mas, como vemos todos os dias que, quando há amor, os jovens raramente são impedidos pela imediata falta de recursos de se comprometerem uns com os outros, como posso ser mais sábia do que tantas outras criaturas se for tentada, ou como posso saber se seria prudente resistir? Tudo que posso prometer-lhe, portanto, é não me precipitar. Não vou precipitar-me acreditando-me seu principal objetivo. Quando estiver com ele, não serei impaciente. Em resumo, vou fazer o possível.

— Talvez fosse melhor desencorajá-lo a vir aqui com tanta frequência. Pelo menos, você não deveria *lembrar* a sua mãe de convidá-lo.

— Como uns dias atrás — disse Elizabeth, com um sorriso acanhado. — É verdade, será mais prudente evitar fazer *isso*. Mas não imagine que ele venha assim com tanta frequência. É graças à senhora que ele foi convidado tantas vezes esta semana. A senhora conhece as ideias de mamãe sobre a necessidade de proporcionar companhia constante para os amigos. Mas, realmente, dou-lhe a minha palavra, vou tentar fazer o que julgo ser o mais certo; e agora espero que a senhora esteja satisfeita.

Sua tia lhe garantiu que sim e, tendo Elizabeth agradecido a ela pela gentileza das recomendações, as duas se separaram, tendo sido dado um conselho maravilhosamente exemplar sobre o assunto, sem deixar mágoa.

O sr. Collins voltou a Hertfordshire logo depois da partida dos Gardiner e de Jane; mas, como se instalou na casa dos Lucas, sua chegada não causou grandes inconvenientes para a sra. Bennet. O casamento já se aproximava rapidamente, e com o tempo ela tanto se resignara que o julgava inevitável e até dizia muitas vezes, em tom mal-humorado, que “*desejava* que eles fossem felizes”. O casamento seria na quinta-feira, e na quarta a srta. Lucas fez a sua visita de despedida; e, quando ela se levantou para partir, Elizabeth, envergonhada com os chochos e relutantes votos de felicidade da mãe e sinceramente comovida, acompanhou-a ao sair da sala. Enquanto desciam juntas as escadas, Charlotte disse:

— Espero ter notícias suas muito em breve, Eliza.
— Isso você certamente vai ter.
— E tenho outro favor para lhe pedir. Você virá visitar-me?
— Vamos nos ver sempre, espero, em Hertfordshire.
— Não é provável que eu saia de Kent por algum tempo. Quero, então, que você me prometa que virá a Hunsford.

Elizabeth não pôde recusar, embora previsse que seria uma visita pouco prazerosa.

— Meu pai e Maria vão vir em março — acrescentou Charlotte —, e eu espero que você concorde em fazer parte do grupo. Você será tão bem-vinda quanto qualquer um deles, Eliza.

Realizou-se o casamento; das portas da igreja, a noiva e o noivo partiram para Kent, e todos tinham muito a dizer ou ouvir sobre o assunto, como sempre. Elizabeth logo teve notícias da amiga; e a correspondência entre elas foi tão regular e frequente como sempre fora; que fosse igualmente sincera seria impossível. Elizabeth nunca se dirigia a ela sem sentir que todo o prazer da intimidade chegara ao fim, e, embora decidida a não deixar espaçar-se a correspondência, fazia-o em nome do que tinha sido, e não do que era. As primeiras cartas de Charlotte foram recebidas com uma boa dose de impaciência; era inevitável que Elizabeth sentisse curiosidade sobre o que ela diria do novo lar, o que achava de *Lady Catherine* e quão feliz ousaria proclamar-se; no entanto, quando as cartas foram lidas, Elizabeth percebeu que Charlotte se exprimia sobre cada ponto exatamente como era de se prever. Escrevia com animação, parecia rodeada de conforto e nada mencionava que não pudesse agradar-lhe. A casa, a mobília, a vizinhança, tudo era do seu gosto, e *Lady Catherine* era muito simpática e atenciosa. Era o retrato que o sr. Collins pintara de Hunsford e Rosings, só que racionalmente matizado; e Elizabeth percebeu que teria de aguardar sua própria visita para conhecer o resto.

Jane já havia escrito algumas linhas à irmã para anunciar que chegara bem em Londres; e, quando tornou a escrever, Elizabeth esperava que ela tivesse podido dizer algo acerca dos Bingley.

Sua impaciência por essa segunda carta foi bem recompensada, como em geral a impaciência o é. Jane já estava na capital havia uma semana, e ainda não havia visto nem tivera notícias de Caroline. Ela explicava o fato, porém, imaginando que, por algum acidente, se perdera sua última carta de Longbourn à amiga.

“Minha tia”, prosseguia ela, “vai amanhã àquela parte da cidade, e aproveitarei a oportunidade para passar pela Grosvenor Street”.

Ela tornou a escrever após ter feito a visita e visto a srta. Bingley. “Caroline não me pareceu de bom humor”, foram suas palavras, “mas estava muito contente em me ver e me repreendeu por não lhe ter comunicado a minha vinda a Londres. Eu estava certa, então. Minha carta nunca chegara até ela. Perguntei por seu irmão, é claro. Ele estava bem, mas com tantos compromissos junto ao sr. Darcy que mal tinham tempo de vê-lo. Descobri que a srta. Darcy era esperada para jantar. Gostaria de poder vê-la. Minha visita não demorou muito, pois Caroline e a sra. Hurst estavam de saída. Tenho certeza de que em breve vou tornar a vê-la”.

Elizabeth balançou a cabeça ao ler a carta. Esta a convencera de que só por acaso o sr. Bingley descobriria que sua irmã estava na capital.

Passaram-se quatro semanas e Jane não o viu nenhuma vez. Ela tentou convencer-se de que não lamentava o fato; mas não podia mais estar cega à desatenção da srta. Bingley. Depois de deixá-la esperando em casa por duas semanas e inventando a cada tarde uma nova desculpa, a visitante finalmente apareceu; mas a brevidade de sua permanência e, mais ainda, a mudança em suas maneiras não permitiram que Jane continuasse a se iludir. A carta que escreveu à irmã naquela ocasião demonstra o que sentiu:

Tenho certeza de que a minha querida Lizzy será incapaz de se vangloriar de ter um julgamento superior ao meu, quando eu confessar que estava completamente enganada quanto ao apreço da srta. Bingley por mim. Mas, querida irmã, embora os acontecimentos tenham provado que você estava certa, não me julgue teimosa se eu ainda afirmar que, tendo em vista o comportamento dela, a minha confiança era tão natural quanto as suas suspeitas. Não entendo que razões tinha ela para querer ser minha amiga íntima; mas, se as mesmas circunstâncias se produzissem de novo, tenho certeza de que seria enganada mais uma vez. Só ontem Caroline retribuiu a minha visita; e nesse meio-tempo não recebi sequer um bilhete, sequer uma linha. Quando chegou, era óbvio que não sentia nenhum prazer no que estava fazendo; deu uma desculpa breve e formal por não ter vindo antes, não disse nenhuma palavra de que quisesse ver-

me de novo e foi em todos os aspectos uma criatura tão diferente, que quando foi embora eu estava absolutamente decidida a cortar relações. Tenho pena dela, embora não possa deixar de censurá-la. Ela estava muito errada em demonstrar preferência por mim, como o fez; posso dizer sem medo de errar que todos os avanços na direção de maior intimidade entre nós vieram da parte dela. Tenho pena dela, porém, porque deve sentir que agiu mal e porque tenho certeza de que a preocupação com o irmão é a causa de tudo isso. Não preciso dar mais explicações; e embora *nós* saibamos que tal preocupação era completamente desnecessária, se ela a sentiu, isso explica facilmente o comportamento dela para comigo; e, como ele é tão merecidamente querido pela irmã, toda preocupação que ela sentir por ele é natural e simpática. Não posso deixar de me admirar, porém, de ela ainda ter tais receios, pois se ele me houvesse amado de verdade já nos teríamos encontrado há muito tempo. Ele sabe que estou em Londres, tenho certeza, por algo que ela mesma me disse; e no entanto até parece, pelo seu jeito de falar, que ela quer convencer-se de que ele goste realmente da srta. Darcy. Não consigo entender. Se não receasse julgar severamente demais, estaria tentada a dizer que há uma estranha aparência de duplicidade nisso tudo. Mas vou tentar livrar-me de todo pensamento doloroso e só pensar no que me faz feliz: o seu afeto e a inabalável bondade de titio e titia. Escreva-me logo. A srta. Bingley disse alguma coisa sobre nunca mais voltar a Netherfield, sobre abrir mão da casa, mas não com muita firmeza. Seria melhor não mencionarmos isso. Estou felicíssima por você me mandar tão boas notícias dos nossos amigos de Hunsford. Peço-lhe que vá visitá-los, com *Sir William* e Maria. Tenho certeza de que você vai ser muito bem tratada. Da sua, etc.

Essa carta causou certa aflição em Elizabeth; mas ela recuperou o bom humor quando se deu conta de que Jane não seria mais iludida, ao menos pela irmã. Já não havia absolutamente nenhuma expectativa com relação ao irmão. Ela já não queria nem sequer reatar a amizade com ele. A ideia que tinha dele piorava cada vez mais quando refletia a seu respeito; e, como punição a ele e em possível proveito de Jane, passou a ter sérias esperanças de que ele realmente se casasse com a irmã do sr. Darcy, pois de acordo com os relatos de Wickham ela o faria lamentar amargamente o que desdenhara.

A essa altura, a sra. Gardiner lembrou Elizabeth da promessa que fizera com relação àquele cavalheiro e pediu notícias; e as que Elizabeth tinha para lhe contar eram tais, que deveriam contentar mais à tia do que a ela mesma. Seu aparente interesse havia desaparecido, assim como as atenções que dispensava a ela; ele agora cortejava outra pessoa. Elizabeth era não só observadora o bastante para perceber tudo aquilo, como também conseguia escrever sobre o assunto sem sofrer demais. Seu coração só fora tocado de leve e sua vaidade ficara satisfeita com a ideia de que *ela* seria a sua única

eleita, se a situação financeira o permitisse. O fato de ter ganhado de repente dez mil libras era o atrativo mais notável da jovem a quem ele agora dispensava as suas melhores atenções; mas Elizabeth, talvez menos clarividente nesse caso do que no de Charlotte, não se zangou com ele pelo desejo de independência que ele sentia. Ao contrário, nada podia ser mais natural; e, embora pudesse supor que desistir dela custara a ele algumas batalhas, ela estava disposta a reconhecer que se tratava de uma medida sábia e desejável para ambos e podia, com toda a sinceridade, desejar-lhe felicidades.

Tudo isso foi comunicado à sra. Gardiner; e depois de relatar a situação prosseguiu assim:

Estou agora convencida, querida titia, de que nunca estive realmente apaixonada; pois, se tivesse experimentado essa pura e exaltante paixão, agora eu detestaria até o nome dele e lhe desejaria todo tipo de desgraça. Mas os meus sentimentos não são apenas cordiais em relação a *ele*; são até imparciais em relação à srta. King. Não posso dizer que de alguma forma eu a odeie ou que esteja minimamente avessa a pensar que ela seja uma ótima moça. Não pode haver amor aí. Minha vigilância foi eficiente; e, embora eu certamente fosse um objeto mais interessante para todos os meus conhecidos se estivesse distraidamente apaixonada por ele, não posso dizer que lamente a minha relativa insignificância. Muitas vezes a preeminência sai cara. Kitty e Lydia tomam muito mais a peito a sua defecção do que eu. Elas são jovens nas estradas do mundo e ainda não se abriram para a torturante convicção de que os rapazes bonitos têm de ter algo para viver, tanto quanto os mais comuns deles.

Capítulo 27

Passaram-se os meses de janeiro e fevereiro, sem acontecimentos maiores do que esses na família de Longbourn e caracterizados por poucas coisas além dos passeios até Meryton, ora enlameados, ora frios. Março deveria levar Elizabeth a Hunsford. No começo, ela não levou muito a sério a ideia de ir até lá; Charlotte, porém, como logo ela descobriu, contava com aquele plano e aos poucos Elizabeth passou a encará-lo com maior prazer e maior certeza. A ausência aumentara o seu desejo de rever Charlotte e diminuía sua repulsa ao sr. Collins. O plano era novidade, e, como, com aquela mãe e com aquelas irmãs intratáveis, o lar não era exatamente ideal, uma pequena mudança não deixava de ser bem-vinda. Além disso, a viagem lhe possibilitaria dar uma escapadinha para ver Jane; em suma, enquanto a hora da partida se aproximava, ela lamentaria qualquer adiamento. Tudo, porém, se passou sem problemas e foi arranjado segundo os primeiros planos de Charlotte. Ela devia acompanhar Sir William e sua segunda filha. A boa ideia de passar uma noite em Londres foi adotada a tempo, e o plano se tornou o mais perfeito possível.

A única dor era separar-se do pai, que certamente sentiria saudades dela e, quando recebeu a comunicação, gostou tão pouco da ideia da viagem, que disse a ela para lhe escrever e quase prometeu responder à carta.

A despedida entre ela e o sr. Wickham foi perfeitamente amigável; da parte dele, algo mais do que isso. Seus novos planos não podiam levá-lo a esquecer que Elizabeth fora a primeira a provocar e merecer sua atenção, a primeira a ouvi-lo e a ter pena dele, a primeira a ser admirada; e em seu

jeito de lhe dizer adeus, desejando-lhe tudo de bom, lembrando-a do que devia esperar de *Lady Catherine de Bourgh* e garantindo que suas opiniões sobre ela — e sobre todo o mundo — sempre coincidiriam, havia uma solicitude, um interesse que ela sentiu devia uni-la a ele por um afeto muito sincero; e se separou dele convencida de que, casado ou solteiro, ele sempre haveria de ser o seu modelo de pessoa simpática e agradável.

Seus companheiros de viagem no dia seguinte não eram do tipo que poderia fazê-la reconsiderar a sua apreciação do sr. Wickam. *Sir William Lucas* e sua filha *Maria*, uma menina bem-humorada, mas tão cabeça de vento quanto ele, nada tinham a dizer que valesse a pena escutar e eram ouvidos com tanto prazer quanto o chiado da carruagem. *Elizabeth* adorava asneiras, mas já conhecia *Sir William* havia muito tempo. Ele não podia contar-lhe nada de novo acerca das maravilhas de sua apresentação à Corte e de sua sagração como cavaleiro. Suas delicadezas estavam puídas, como o que tinha a dizer.

Foi um trajeto de apenas vinte e quatro milhas. Partiram tão cedo que chegaram à *Gracechurch Street* por volta do meio-dia. Enquanto se dirigiam para as proximidades da casa do sr. *Gardiner*, *Jane* estava a uma das janelas da sala, para observar a chegada; quando entraram no corredor, lá estava ela para dar-lhes as boas-vindas, e *Elizabeth*, olhando atentamente para o seu rosto, ficou satisfeita em encontrá-lo tão saudável e encantador como sempre. Nas escadas estava um bando de meninos e meninas, cuja impaciência em ver a prima não permitiria a ela aguardar na sala e cuja timidez, pois não a viam fazia um ano, os impedia de descer. Tudo era alegria e amabilidade. O dia passou do modo mais agradável; a manhã no alvoreço e nas compras, e a noite no teatro.

Elizabeth procurou sentar-se ao lado da tia. O primeiro assunto a ser abordado foi sua irmã; e ela mais se afligiu do que se admirou ao ouvir, em resposta a suas minuciosas perguntas, que, embora *Jane* sempre procurasse manter-se animada, passava por períodos de abatimento. Era razoável, porém, esperar que estes não se prolongassem por muito tempo. A sra. *Gardiner* forneceu-lhe também os pormenores da visita da srta. *Bingley* à *Gracechurch Street* e repetiu as conversas ocorridas em diversos momentos

entre Jane e ela, que provavam que Jane havia, do fundo do coração, desistido do relacionamento.

A sra. Gardiner, então, passou a zombar da sobrinha sobre a deserção de Wickham, e a cumprimentou por suportá-la tão bem.

— Mas, minha querida Elizabeth — acrescentou ela —, que tipo de moça é a srta. King? Custa-me pensar que o nosso amigo seja interesseiro.

— Por favor, querida titia, qual é a diferença, no que se refere a questões matrimoniais, entre o interesse e o motivo prudente? Onde acaba a prudência e começa a avareza? No último Natal, você temia que ele se casasse comigo, porque seria imprudente; e agora, porque ele está tentando conquistar uma moça com apenas dez mil libras, você o chama de interesseiro.

— Se você me disser que tipo de moça é a srta. King, eu saberei o que pensar.

— Acho que é uma moça muito boa. Não sei nada de ruim sobre ela.

— Mas ele não deu a ela a mínima atenção, até que a morte do avô a tornasse dona dessa fortuna.

— Não... e por que deveria? Se não lhe era adequado conquistar o *meu* afeto porque eu não tinha dinheiro, que motivo haveria para que ele cortejasse uma moça que não o atraía e também era pobre?

— Mas é uma indelicadeza voltar as atenções para ela tão em seguida ao fato.

— Um homem em apuros não tem tempo para todas essas elegantes conveniências que os outros podem observar. Se *ela* não faz objeções a isso, por que *nós* faríamos?

— O fato de *ela* não fazer objeções não o justifica. Só mostra que ela própria carece de alguma coisa... bom-senso ou sentimentos.

— Muito bem — exclamou Elizabeth —; como queira. Digamos que *ele* é interesseiro e *ela* é uma boboca.

— Não, Lizzy, é justamente isso o que eu *não* quero. Não gostaria de pensar mal de um rapaz que viveu durante tanto tempo em Derbyshire.

— Ah! Quanto a isso, tenho uma péssima opinião dos rapazes que vivem em Derbyshire; e seus amigos íntimos que vivem em Hertfordshire

não são muito melhores. Estou cansada de todos eles. Graças a Deus! Vou amanhã para um lugar onde encontrarei um homem que não tem nenhuma qualidade agradável, que não se destaca nem pelos modos nem pelo bom-senso. Os homens estúpidos são os únicos que vale a pena conhecer, afinal.

— Cuidado, Lizzy; essas palavras sabem muito a decepção.

Ao fim da peça, antes de se separarem, Elizabeth teve a inesperada alegria de receber um convite para acompanhar seu tio e sua tia numa excursão de lazer que planejavam fazer no verão.

— Ainda não decidimos aonde vamos — disse a sra. Gardiner —, mas talvez até os Lagos.

Nenhum plano poderia ser mais agradável a Elizabeth, que aceitou o convite com rapidez e gratidão.

— Ah, minha queridíssima titia — exclamou ela entusiasmada —, que delícia! que felicidade! A senhora me dá vida nova e disposição. Adeus decepção e depressão. O que são os rapazes em comparação com os penedos e as montanhas? Ah! Que horas de êxtase vamos passar! E, quando *voltarmos*, não seremos como os outros viajantes, sem poder dar uma ideia precisa de nada. Nós *vamos* saber onde estivemos... *vamos* recordar o que vimos. Lagos, montanhas e rios não devem confundir-se em nossa imaginação; e, quando tentarmos descrever um determinado cenário, começaremos discutindo a sua situação relativa. Façamos que as *nossas* efusões sejam menos insuportáveis que as da maioria dos viajantes.

Capítulo 28

Na viagem do dia seguinte, tudo era novo e interessante para Elizabeth; seu humor estava jubiloso, pois vira a irmã com tão boa aparência, que perdera todo receio em relação à saúde dela, e a perspectiva de uma excursão pelo norte era uma fonte de delícias.

Quando passaram da estrada principal para a trilha que levava a Hunsford, todos os olhos se puseram à espreita do presbitério, e cada curva prometia descortiná-lo. As cercas de Rosings Park eram sua fronteira por um lado. Elizabeth sorriu à lembrança de tudo que ouvira acerca de seus moradores.

Enfim, puderam vislumbrar o presbitério. O jardim que descia até a estrada, a casa que nele se erguia, a paliçada verde e a sebe de loureiros, tudo declarava que haviam chegado. O sr. Collins e Charlotte surgiram à porta e a carruagem, em meio a saudações e sorrisos generalizados, parou em frente ao portãozinho que, através de uma trilhinha de cascalho, levava até a casa. Num instante já todos haviam descido da carruagem, alegrando-se à vista uns dos outros. A sra. Collins deu as mais alegres boas-vindas à amiga, e Elizabeth estava cada vez mais satisfeita por ter vindo quando viu aquela recepção tão calorosa. Logo observou que o comportamento do primo não se havia alterado com o casamento; sua gentileza formal era exatamente como sempre fora, e ele a reteve por alguns minutos junto ao portão para ouvir as respostas às suas perguntas acerca de toda a família dela. Foram, então, sem mais delongas, senão os comentários dele sobre a elegância do portão, introduzidos na casa; e assim que se viram na sala de

estar ele lhes deu novamente as boas-vindas, com ostentosa formalidade, à sua humilde morada, repetindo ponto por ponto as ofertas de refresco já feitas pela esposa.

Elizabeth estava preparada para vê-lo em sua glória; e não pôde deixar de fantasiar que, ao exhibir as boas proporções, o aspecto e a mobília da sala, ele se dirigiu a ela em particular, como se quisesse fazê-la perceber o que perdera ao recusá-lo. Mas, embora tudo parecesse elegante e acolhedor, ela não pôde gratificá-lo com nenhum sinal de arrependimento e até olhava com espanto para a amiga por poder mostrar-se tão alegre com tal companheiro. Quando o sr. Collins dizia algo de que a esposa poderia envergonhar-se, o que por certo não era raro, Elizabeth involuntariamente voltava os olhos para Charlotte. Uma ou duas vezes conseguiu discernir um leve rubor; mas em geral Charlotte sabiamente fazia que não escutara. Após permanecerem por tempo suficiente para admirar cada artigo do mobiliário da sala, do aparador ao guarda-fogo da lareira, para falar da viagem a Londres e de tudo o que acontecera por lá, o sr. Collins convidou-as a dar um passeio pelo jardim, que era vasto e bem traçado, e a cujo cultivo ele mesmo se dedicava. Trabalhar no jardim era um dos seus maiores prazeres; e Elizabeth admirou o domínio de si com que Charlotte falou do caráter saudável daquele exercício e admitia encorajá-lo o mais possível. Aqui, abrindo caminho pelas trilhas e vielas, e mal lhes deixando algum tempo para proferirem os elogios que ele solicitava, cada espetáculo era exibido com uma minúcia que sufocava toda a beleza. Ele podia enumerar todos os campos ao redor e dizer quantas árvores havia no mais distante arvoredo. Mas, de todas as vistas de que seu jardim ou a região ou o reino podiam gabar-se, nenhuma se comparava com a perspectiva de Rosings, vislumbrada através de uma abertura entre as árvores que margeavam o parque quase diretamente em frente à casa. Era um belo e moderno edifício, bem situado numa elevação.

Do jardim, o sr. Collins queria levá-los para dar uma volta por seus dois prados; mas as damas, não tendo calçados próprios para enfrentar os restos da geada, retornaram; e, enquanto *Sir William* o acompanhava, Charlotte levava a irmã e a amiga de volta para casa, contentíssima, provavelmente,

por ter a oportunidade de mostrá-la sem o auxílio do marido. Era um tanto pequena, mas bem construída e conveniente; e tudo estava arrumado com um esmero e uma harmonia cujos méritos Elizabeth atribuiu todos a Charlotte. Quando puderam esquecer-se do sr. Collins, fez-se um ar muito acolhedor em toda parte e, pela evidente satisfação de Charlotte com aquilo, Elizabeth supôs que ele devia ser esquecido com frequência.

Ela já fora informada de que *Lady Catherine* ainda estava no campo. Falaram de novo sobre o assunto durante o jantar, quando o sr. Collins interveio na conversa para observar:

— Sim, srta. Elizabeth, a senhorita terá a honra de ver *Lady Catherine* de Bourgh no próximo domingo, na igreja, e não preciso dizer que ficará encantada com ela. Ela é só afabilidade e condescendência, e não tenho dúvida de que a senhorita será honrada com um pouco de sua atenção quando o serviço terminar. Não tenho quase nenhum motivo para hesitar em dizer que ela vai incluir a senhorita e a minha cunhada Maria em todos os convites com que nos honrará durante a sua permanência aqui. É encantador o comportamento dela para com a minha querida Charlotte. Jantamos em Rosings duas vezes por semana e nunca nos permitem voltar a pé para casa. Sua Senhoria sempre manda chamar a carruagem para nós. Eu *deveria* dizer uma das carruagens de Sua Senhoria, pois ela possui várias.

— *Lady Catherine* é uma mulher muito respeitável e inteligente, de fato — acrescentou Charlotte —, e uma vizinha muito atenciosa.

— É verdade, minha querida, é isso mesmo que eu sempre digo. Ela é o tipo de mulher perante a qual nenhuma deferência é demais.

A noite passou-se em conversas sobre as notícias de Hertfordshire e novamente sobre o que já fora escrito; e ao seu fim Elizabeth, na solidão do quarto, tratou de meditar sobre o grau de felicidade de Charlotte, para entender seu tato ao dirigir o marido e sua compostura ao suportá-lo, reconhecendo que ela fazia tudo isso muito bem. Tratou também de antecipar como se passaria a visita, o calmo teor das atividades do dia a dia, as irritantes interrupções do sr. Collins e as divertidas relações com Rosings. Uma fértil imaginação logo resolveu o problema.

No meio do dia seguinte, enquanto se preparava no quarto para um passeio, um súbito barulho embaixo pareceu deixar toda a casa em confusão; e, após pôr-se à espreita por um momento, ouviu alguém subir as escadas com violenta pressa e chamar em voz alta o seu nome. Ela abriu a porta e deu com Maria no patamar, que, esbaforida de tão agitada, gritava:

— Ah, minha querida Eliza! Por favor, venha correndo até a sala de jantar, para ver que cena está acontecendo! Não vou contar o que é. Corra e desça logo!

Elizabeth fez algumas perguntas, mas em vão; Maria não queria dizer-lhe mais nada, e correram escada abaixo até a sala de jantar, que dava para a estradinha, à procura da maravilha. Eram duas damas que estacionavam um faeton baixo em frente ao portão do jardim.

— E é só isso? — exclamou Elizabeth. — Eu esperava que pelo menos os porcos tivessem entrado no jardim, e é só *Lady Catherine* que está chegando com a filha!

— Nada disso, querida — disse Maria, muito impressionada com o erro —, essa não é *Lady Catherine*. A velha senhora é a sra. Jenkinson, que vive com elas; a outra é a srta. de Bourgh. Olhe bem para ela. É uma criatura miudinha. Quem diria que ela fosse tão frágil e pequenina?

— Ela é terrivelmente grosseira por deixar Charlotte lá fora com todo esse vento. Por que não entra?

— Ah! Charlotte diz que a srta. de Bourgh raramente entra. E, quando entra, é o maior dos favores.

— Gosto da aparência dela — disse Elizabeth, absorvida por outras ideias. — Parece doentia e mal-humorada. Vai combinar perfeitamente com ele. Vai dar uma esposa muito adequada.

O sr. Collins e Charlotte estavam ambos no portão, conversando com as damas; e *Sir William*, para grande hilaridade de Elizabeth, estava parado à soleira da porta, em atenta contemplação da majestade que se revelava à sua frente e curvando-se toda vez que a srta. de Bourgh olhava para aqueles lados.

Com o tempo, nada mais havia a dizer; as damas seguiram seu caminho e os demais voltaram para casa. Assim que o sr. Collins viu as duas

mocinhas, começou a felicitá-las pela boa sorte, o que foi explicado por Charlotte, ao informar-lhes que todos haviam sido convidados para jantar em Rosings no dia seguinte.

Capítulo 29

O triunfo do sr. Collins, em consequência desse convite, foi completo. Poder exhibir a grandiosidade de sua protetora aos visitantes maravilhados e mostrar-lhes a cortesia dela para com ele e a esposa era tudo o que queria; e que uma oportunidade para tanto se mostrasse tão prontamente era um exemplo da condescendência de *Lady Catherine*, que superava toda a sua capacidade de admiração.

— Confesso — disse ele — que não deveria surpreender-me com um convite dominical de Sua Senhoria para tomarmos chá e passarmos a tarde em Rosings. Pelo conhecimento que tenho da afabilidade de Sua Senhoria, eu até esperava que isso fosse acontecer. Mas quem poderia prever um favor como este? Quem poderia imaginar que receberíamos um convite para jantar (convite, aliás, que abrange a todos) tão rapidamente após a sua chegada!

— Estou menos surpreso com o que aconteceu — tornou *Sir William* —, em razão do conhecimento de como são na verdade os modos dos poderosos, conhecimento que minha situação na vida me permitiu obter. Junto à Corte, tais exemplos de alta educação não são incomuns.

Mal se falou em outra coisa o dia inteiro ou na manhã seguinte, a não ser da visita a Rosings. O sr. Collins instruía-os cuidadosamente sobre o que deviam esperar, para que a visão de tais cômodos, de tantos criados e de jantar tão esplêndido não os acabrunhasse em excesso.

Quando as damas se retiraram para vestir-se, ele disse a Elizabeth:

— Não se preocupe com os seus trajes, minha querida prima. *Lady Catherine* não exige em nós a elegância no vestir que caracteriza a ela e à filha. Eu a aconselharia a vestir o traje que considere superior aos demais... nada mais é necessário. *Lady Catherine* não vai pensar mal da senhorita por estar trajada com simplicidade. Ela gosta de ver preservada a distinção de condições.

Enquanto se vestiam, veio ele duas ou três vezes a cada uma das portas, para recomendar que se apressassem, pois *Lady Catherine* detestava ter de esperar para jantar. Tais formidáveis narrativas sobre Sua Senhoria e seu modo de vida muito assustaram Maria Lucas, que tinha pouca experiência da sociedade, e ela aguardava a sua apresentação em Rosings com apreensão igual à que o pai sentira ao se apresentar no palácio de St. James.

Como o dia estava bonito, fizeram uma deliciosa caminhada de cerca de uma milha pelo parque. Cada parque tem a sua beleza e as suas vistas; e Elizabeth viu muitas coisas agradáveis, embora não estivesse num êxtase tal como o que o sr. Collins esperava que a cena lhe inspirasse, e pouco se impressionasse com a contagem feita por ele das janelas de frente do palácio e sua explicação sobre o quanto *Sir Lewis* de Bourgh gastara com os vidros.

Enquanto subiam as escadas do saguão, o nervosismo de Maria foi aumentando, e até *Sir William* não parecia totalmente calmo. A coragem de Elizabeth não a traiu. Nada ouvira sobre *Lady Catherine* que a caracterizasse como alguém de extraordinários talentos ou de milagrosa virtude, e achava que podia testemunhar sem tremer a mera pompa do dinheiro ou da nobreza.

Do saguão de entrada, cujas belas proporções e delicados ornamentos o sr. Collins ressaltou, extasiado, eles seguiram os criados através de uma antecâmara até a sala onde *Lady Catherine*, sua filha e a sra. Jenkinson estavam sentadas. Sua Senhoria, com grande condescendência, ergueu-se para recebê-los; e, como a sra. Collins combinara com o marido que as apresentações seriam por sua conta, elas foram feitas com correção, sem as desculpas ou os agradecimentos que ele teria julgado necessários.

Apesar de ter estado no palácio de St. James, *Sir William* estava tão profundamente embasbacado com a grandiosidade que o cercava, que só teve coragem para curvar-se quase até o chão e sentar-se sem dizer palavra; e sua filha, assustada quase a ponto de desmaiar, sentou-se na borda de uma cadeira, sem saber para onde olhar. Elizabeth esteve à altura da cena e pôde observar as três damas à sua frente com compostura. *Lady Catherine* era uma mulher alta e robusta, com feições bem marcadas, que talvez já tivessem sido belas. Seu ar não era conciliador, tampouco a sua maneira de recebê-los era capaz de fazer os visitantes esquecerem-se de sua condição inferior. Nada tinha de terrível quando calada; mas tudo que dizia era pronunciado num tom de tanta autoridade e empáfia, que Elizabeth de imediato se lembrou do sr. Wickham; e, pelo que observou durante todo o dia, acreditava que *Lady Catherine* fosse exatamente como ele a pintara.

Quando, depois de examinar a mãe, em cujas feições e maneiras logo reconheceu algo do sr. Darcy, voltou os olhos para a filha, quase se uniu a Maria em seu espanto por ser ela tão frágil e pequenina. Não havia nem de rosto nem de corpo nenhuma semelhança entre as damas. A srta. de Bourgh era pálida e enfermiça; suas feições, embora não feias, eram insignificantes; e falava muito pouco, exceto em voz baixa com a sra. Jenkinson, em cujo aspecto nada havia de notável e que estava inteiramente absorvida em escutar o que ela dizia e em colocar um biombo na direção correta à frente de seus olhos.

Depois de permanecerem sentados por alguns minutos, foram todos conduzidos a uma das janelas para apreciar a vista, com o sr. Collins acompanhando-os para mostrar seus esplendores e *Lady Catherine* gentilmente informando-lhes que a perspectiva era ainda bem mais bela no verão.

O jantar foi estupendo, com todos os criados e todas as baixelas que o sr. Collins prometera; e, como ele também havia previsto, assentou-se à cabeceira da mesa, conforme o desejo de Sua Senhoria, e parecia sentir que a vida não lhe podia proporcionar nada de mais excelente. Ele trinchou e comeu e elogiou com jubilosa alegria; e cada prato era elogiado, primeiro por ele e em seguida por *Sir William*, que já se recuperara o bastante para

fazer eco ao que o genro dizia, de maneira tal, que Elizabeth se admirava de *Lady Catherine* tolerá-lo.

Lady Catherine, porém, parecia contente com a excessiva admiração deles e distribuiu graciosíssimos sorrisos, em especial quando algum prato sobre a mesa se mostrava uma novidade para eles. O grupo não se permitiu muita conversa. Elizabeth estava pronta para falar assim que surgisse uma oportunidade, mas estava sentada entre Charlotte e a srta. de Bourgh — a primeira estava empenhada em escutar *Lady Catherine* e a segunda não lhe dirigiu sequer uma palavra durante todo o jantar. A sra. Jenkinson estava ocupada sobretudo em observar como a pequena srta. de Bourgh comia, instando-a a experimentar algum outro prato e temendo que estivesse indisposta. Nem passava pela cabeça de Maria falar alguma coisa, e os cavalheiros nada faziam senão comer e admirar.

Quando as damas retornaram à sala de estar, havia pouco a fazer além de ouvir *Lady Catherine* falar, o que ela fez sem interrupção até ser servido o café, dando sua opinião sobre cada assunto de maneira tão incisiva, que ficava evidente que não estava habituada a ver seu julgamento contrariado. Fez perguntas minuciosas e bem informadas acerca dos problemas domésticos de Charlotte, deu-lhe muitos conselhos sobre como resolver todos eles; disse a ela como tudo devia ser regulado numa família tão pequena como a dela e a instruiu sobre o cuidado das vacas e das galinhas. Elizabeth descobriu que não era indigno da atenção daquela grande dama nada que pudesse dar-lhe a oportunidade de ditar aos outros o que fazer. Nos intervalos de seu discurso com a sra. Collins, fez várias perguntas a Maria e a Elizabeth, mas em especial à segunda, cuja família conhecia menos e que lhe parecia ser, como observou à sra. Collins, moça muito distinta e bonita. Perguntou-lhe em diversas ocasiões quantas irmãs tinha, se eram mais moças ou mais velhas do que ela, se era provável que alguma delas se casasse, se eram bonitas, onde se haviam educado, que carruagem tinha seu pai e qual era o nome de solteira da mãe. Elizabeth sentiu toda a impertinência daquelas perguntas, mas respondeu-as com muita serenidade. *Lady Catherine*, então, observou:

— Acho que a propriedade de seu pai está destinada a passar em morgadio para o sr. Collins. Por você — virando-se para Charlotte —, estou contente com isso; não vejo, porém, razão para se transmitirem em morgadio as propriedades por linha feminina. Isso não era tido como necessário na família de *Sir Lewis de Bourgh*. Sabe cantar e tocar pianoforte, srta. Bennet?

— Um pouco.

— Ah! então... uma hora ou outra ficaremos felizes em ouvir você. O nosso pianoforte é magnífico, provavelmente superior a... Você vai experimentá-lo algum dia. Suas irmãs também tocam e cantam?

— Uma delas, sim.

— Por que nem todas aprenderam? Todas vocês deviam ter aprendido. Todas as srtas. Webb tocam e o pai delas não tinha rendas tão fartas quanto as do seu pai. Vocês sabem desenhar?

— Não, nem um pouco.

— Como, nenhuma de vocês?

— Nenhuma.

— Isso é muito estranho. Mas suponho que vocês não tiveram oportunidade. Sua mãe deveria ter levado vocês a Londres a cada primavera para terem professores.

— Minha mãe nada teria a objetar, mas meu pai odeia Londres.

— Sua preceptora abandonou vocês?

— Nunca tivemos nenhuma preceptora.

— Nenhuma preceptora! Como é possível? Cinco filhas criadas em casa sem preceptora! Nunca vi coisa igual. Sua mãe deve ter sido uma escrava dedicada à educação de vocês.

Elizabeth conteve com dificuldade o riso ao garantir-lhe que não fora bem assim.

— Quem instruiu vocês, então? Quem acompanhou vocês? Sem uma preceptora, a educação de vocês deve ter sido negligenciada.

— Comparada à de certas famílias, creio que sim; mas quando alguma de nós queria aprender não faltavam os meios. Sempre éramos incentivadas

a ler e tivemos todos os professores necessários. As que preferiam ficar sem fazer nada certamente o podiam.

— Ah, não duvido; mas é isso que uma preceptora impediria e, se eu tivesse conhecido a sua mãe, teria energicamente aconselhado a contratar uma. Sempre digo que, na educação, nada deve ser feito sem uma instrução regular e constante, que só uma preceptora pode dar. É maravilhoso saber a quantas famílias eu pude encaminhar uma preceptora. Fico sempre contente em ver uma jovem bem empregada. Quatro sobrinhas da sra. Jenkinson conseguiram por meu intermédio excelentes empregos; e há poucos dias recomendei outra jovem, que me havia sido mencionada apenas acidentalmente, e a família está satisfeitíssima com ela. Sra. Collins, já lhe disse que *Lady Metcalf* veio ontem me visitar para me agradecer? Ela acha a srta. Pope um tesouro. “*Lady Catherine*”, disse ela, “a senhora deu-me um tesouro”. Alguma de suas irmãs mais moças já foi apresentada à sociedade, srta. Bennet?

— Sim, minha senhora, todas elas.

— Todas! Como assim, as cinco de uma vez? Que esquisito! E você é só a segunda. Apresentar as mais moças antes que as mais velhas estejam casadas! Suas irmãs mais moças devem ser muito jovens.

— São, sim. A mais moça ainda não tem dezesseis. Ela talvez seja jovem demais para frequentar muito a sociedade. Mas na verdade, minha senhora, acho que seria duro demais para as minhas irmãs mais moças não terem a sua parte de vida social e diversão, pois talvez as mais velhas não tenham meios ou inclinação para casar cedo. A caçula tem tanto direito aos prazeres da juventude quanto a mais velha. E ser retida por esse motivo! Acho que não é muito provável que isso promova a afeição entre as irmãs ou a delicadeza de alma.

— Ora vejam — disse Sua Senhoria —; você dá a sua opinião com muita firmeza para uma pessoa tão jovem. Qual é a sua idade?

— Com três irmãs mais moças já crescidas — replicou Elizabeth, sorrindo —, Vossa Senhoria não deve esperar que eu o confesse.

Lady Catherine pareceu atônita por não receber uma resposta direta; e Elizabeth suspeitou ser a primeira pessoa que jamais ousou gracejar com

tão majestosa impertinência.

— Você não pode ter mais de vinte, com certeza, portanto não precisa disfarçar a idade.

— Não tenho vinte e um.

Quando os cavalheiros se uniram a elas e o chá se acabou, foram armadas as mesas de jogo. *Lady Catherine*, *Sir William* e o sr. e a sra. Collins assentaram-se para jogar *quadrille*; e, como a srta. de Bourgh preferiu jogar *cassino*, as duas moças tiveram a honra de ajudar a sra. Jenkinson a compor a mesa. Essa mesa era superlativamente estúpida. Raramente era pronunciada uma sílaba que não se relacionasse com o jogo, salvo quando a sra. Jenkinson exprimia seu receio de que a srta. de Bourgh sentisse muito calor ou muito frio ou recebesse muita ou muito pouca luz. A outra mesa estava muito mais agitada. *Lady Catherine* não parava de falar — denunciando os erros dos três outros ou contando alguma história relacionada a si mesma. O sr. Collins estava ocupado em concordar com tudo que Sua Senhoria dizia, agradecendo-lhe toda aposta que ganhava e pedindo desculpas se achava ter vencido demais. *Sir William* pouco falava. Estava armazenando na memória as anedotas e os sobrenomes nobres.

Quando *Lady Catherine* e a filha se cansaram de jogar, o carteador foi interrompido, foi oferecida a carruagem à sra. Collins, agradecidamente aceita e imediatamente chamada. Todos então se reuniram ao redor do fogo para ouvir *Lady Catherine* determinar que tempo faria na manhã seguinte. Tais instruções foram interrompidas pela chegada da carruagem; e com muitas expressões de gratidão da parte do sr. Collins e muitas reverências da parte de *Sir William* eles partiram. Assim que se afastaram da casa, sua prima dirigiu-se a Elizabeth, pedindo-lhe sua opinião sobre tudo que vira em Rosings, opinião que, pensando em Charlotte, ela tornou mais favorável do que realmente era. Mas seus elogios, embora lhe custassem certo esforço, não satisfizeram de modo algum o sr. Collins, e imediatamente ele teve de se encarregar em pessoa do louvor de Sua Senhoria.

Capítulo 30

Permaneceu *Sir William* só por uma semana em Hunsford, mas sua visita durou o bastante para convencê-lo de que a filha estava muito bem estabelecida e tinha um marido e uns vizinhos não muito fáceis de se achar. Enquanto *Sir William* esteve com eles, o sr. Collins dedicou as manhãs a levá-lo em seu cabriolé para conhecer a região; mas, quando partiu, toda a família voltou às suas ocupações habituais, e Elizabeth ficou feliz em descobrir que, com a alteração, não teriam de ver mais o sr. Collins, pois a maior parte do tempo entre o desjejum e o jantar ele passava ou trabalhando no jardim ou a ler e escrever, e a olhar pela janela do escritório, que dava para a estrada. A sala em que as damas se reuniam ficava na parte de trás da casa. No começo, Elizabeth até estranhou que Charlotte não preferisse a sala de jantar para o uso comum; era uma sala maior e de aspecto mais agradável; mas logo percebeu que a amiga tinha uma excelente razão para a sua escolha, pois o sr. Collins teria permanecido muito menos em seus próprios aposentos, se elas se reunissem numa sala igualmente agradável; e louvou Charlotte pelo arranjo.

Da sala de estar nada se podia distinguir na estradinha, e elas deviam ao sr. Collins o conhecimento de quais carruagens passavam por ali e sobretudo a frequência com que a srta. de Bourgh cruzava em seu faeton, a respeito do que ele nunca deixava de informá-las, embora fosse algo que acontecesse quase todos os dias. Não raro ela se detinha no presbitério e conversava por alguns minutos com Charlotte, mas raramente se deixava convencer a descer do faeton.

Passaram-se muito poucos dias sem que o sr. Collins caminhasse até Rosings e não muitos em que sua mulher não julgasse necessário fazer o mesmo; e, até ocorrer a Elizabeth que podia haver outros benefícios familiares a serem distribuídos, ela não conseguia entender o sacrifício de tantas horas. Vez por outra tinham a honra de uma visita de Sua Senhoria, e nada do que então se passava na sala escapava à sua observação. Examinava as ocupações, conferia os trabalhos e aconselhava a fazê-los de outro modo; encontrava defeitos na disposição dos móveis ou surpreendia uma falha da criada; e, quando aceitava alguma refeição, parecia que era só para observar que as postas de carne da sra. Collins eram grandes demais para a família.

Elizabeth logo percebeu que, embora aquela grande dama não fosse a encarregada da paz naquele condado, exercia uma magistratura muito ativa em sua paróquia, cujos mais ínfimos problemas eram levados a ela pelo sr. Collins; e, quando algum dos aldeãos se mostrava brigão, rebelde ou pobre demais, ela acorria à aldeia para resolver as pendências, calar as queixas e ralar com eles até que voltassem à paz e à alegria.

Repetiu-se o convite para jantar em Rosings cerca de duas vezes por semana; e, a não ser pela ausência de *Sir William* e por só haver uma mesa de jogos, cada um desses saraus foi o equivalente do primeiro. Eram poucos os seus outros compromissos, pois o estilo de vida da vizinhança estava acima das possibilidades do sr. Collins. Isso, porém, não era problema para Elizabeth, e de um modo geral ela passou o tempo de maneira bastante agradável; havia momentos de divertida conversação com Charlotte, e o tempo estava tão bom para aquela época do ano, que muitas vezes teve grande prazer em passear ao ar livre. Sua caminhada favorita, e aonde ia com frequência enquanto os outros visitavam *Lady Catherine*, era ao longo do bosquezinho aberto que margeava aquele lado do parque, onde havia uma bela trilha escondida, a que ninguém parecia dar valor, a não ser ela, e onde se sentia além do alcance da curiosidade de *Lady Catherine*.

Nessa tranquilidade logo se passaram as primeiras duas semanas da visita. Aproximava-se a Páscoa, e a semana anterior à festa deveria acrescentar um membro à família de Rosings, o que era considerável num

grupo tão pequeno. Soube Elizabeth logo depois da chegada que o sr. Darcy era esperado ali nas próximas semanas, e, embora tivesse poucos conhecidos que não preferisse a ele, a sua chegada proporcionaria algo comparativamente novo para se observar nas reuniões de Rosings, e ela poderia divertir-se vendo quão desesperados eram os planos de conquista da srta. Bingley, pelo comportamento dele para com a prima, a quem ele estava obviamente destinado por *Lady Catherine*, que falou de sua vinda com a maior satisfação, referiu-se a ele nos termos da mais alta admiração e pareceu quase irritar-se ao saber que ele já fora visto muitas vezes pela srta. Lucas e por Elizabeth.

A notícia de sua chegada logo alcançou o presbitério; pois o sr. Collins passara a manhã inteira a passear em frente à entrada da Hunsford Lane, para ser o primeiro a certificar-se da chegada, e, depois de fazer a sua reverência enquanto a carruagem virava para o parque, voltou correndo para casa com a importante informação. Na manhã seguinte ele se apressou a ir a Rosings para apresentar-lhe seus cumprimentos. Havia dois sobrinhos de *Lady Catherine* que os exigiam, pois o sr. Darcy trouxera com ele o coronel Fitzwilliam, o filho mais moço de seu tio, Lorde ***, e, para grande surpresa de todos, quando o sr. Collins voltou, os cavalheiros o acompanhavam. Charlotte observara-os da sala do marido, enquanto atravessavam a estrada e, correndo imediatamente até a outra sala, comunicou às duas moças a honra que as esperava, acrescentando:

— Agradeço a você, Eliza, por essa gentileza. O sr. Darcy jamais teria vindo tão prontamente só para me visitar.

Elizabeth mal tivera tempo de esquivar-se ao cumprimento, quando a chegada deles foi anunciada pela campainha. Logo em seguida os três cavalheiros entraram na sala. O coronel Fitzwilliam, o primeiro a entrar, tinha cerca de trinta anos, não era bonito, mas, quanto à figura e ao trato, era um verdadeiro cavalheiro. O sr. Darcy estava como costumava estar em Hertfordshire: cumprimentou a sra. Collins com o recato de sempre e, fossem quais fossem os seus sentimentos em relação à amiga dela, cumprimentou-a com toda a aparência de serenidade. Elizabeth limitou-se a lhe fazer uma breve reverência, sem nada dizer.

O coronel Fitzwilliam logo iniciou a conversação, com a presteza e o desembaraço de um homem bem-educado, e falou de modo muito agradável; o primo, porém, depois de dirigir à sra. Collins uma breve observação sobre a casa e o jardim, permaneceu sentado por algum tempo, sem dirigir a palavra a ninguém. Com o tempo, no entanto, sua cortesia despertou, ao se informar junto a Elizabeth sobre a saúde da família. Ela lhe respondeu da maneira de sempre e, depois de uma curta pausa, acrescentou:

— A minha irmã mais velha passou em Londres os últimos três meses. O senhor teve oportunidade de vê-la?

Ela estava plenamente ciente de que ele nunca a encontrara; mas queria ver se ele traía algum conhecimento do que se passara entre os Bingley e Jane. Achou que ele se mostrou um tanto confuso ao responder que nunca tivera a boa sorte de ver a srta. Bennet na capital. O assunto morreu por aí, e logo em seguida os cavalheiros se retiraram.

Capítulo 31

Os modos do coronel Fitzwilliam causaram muito boa impressão no presbitério, e todas as damas sentiram que ele avivaria em muito os encantos das visitas a Rosings. Passaram-se alguns dias, porém, antes que recebessem algum convite — pois, enquanto havia visitantes na casa, não eram necessários; e foi só no dia de Páscoa, quase uma semana depois da chegada dos cavalheiros, que foram honrados com tal gentileza, quando, à saída da igreja, lhes pediram simplesmente que viessem à noite. Na última semana, haviam visto muito pouco *Lady Catherine* ou sua filha. O coronel Fitzwilliam visitara o presbitério mais de uma vez durante esse tempo, mas o sr. Darcy elas só viram na igreja.

O convite foi, é claro, aceito, e na hora marcada eles se juntaram aos presentes no salão de *Lady Catherine*. Sua Senhoria os recebeu com cortesia, mas era óbvio que a companhia deles não era absolutamente tão aceitável como quando não havia mais ninguém; e ela se mostrou, de fato, quase totalmente absorvida pelos sobrinhos, falando com eles, sobretudo com Darcy, muito mais do que com qualquer pessoa presente na sala.

O coronel Fitzwilliam pareceu realmente feliz em vê-los; toda distração lhe era bem-vinda em Rosings; e, além disso, a linda amiga da sra. Collins excitara vivamente a sua imaginação. Ele se sentou ao lado dela e falou de modo tão agradável de Kent e de Hertfordshire, de viajar e de permanecer em casa, de novos livros e de música, que antes Elizabeth nem de longe se divertira tanto naquela sala; e conversaram com tanta verve e fluência, que chamaram a atenção da própria *Lady Catherine*, bem como do sr. Darcy. Os

olhos *dele* logo se voltaram repetidas vezes para eles, com curiosidade; e o fato de Sua Senhoria compartilhar aquele sentimento foi abertamente reconhecido, pois ela não hesitou em gritar:

— O que você está falando, Fitzwilliam? Sobre o que estão conversando? O que está contando à srta. Bennet? Diga-me o que é.

— Estamos falando de música, minha senhora — disse ele, quando não pôde mais deixar de responder.

— De música! Então, por favor, falem em voz alta. De todos os assuntos, é o meu predileto. Devo participar da conversa, se estiverem falando de música. Creio que há poucas pessoas na Inglaterra que apreciem mais a música do que eu ou que tenham um bom gosto natural tão pronunciado. Se eu tivesse estudado, teria sido uma grande entendida. E o mesmo se pode dizer de Anne, se a saúde lhe tivesse permitido aplicar-se. Tenho certeza de que ela teria tocado maravilhosamente. Como vai Georgiana, Darcy?

O sr. Darcy falou com carinho e entusiasmo dos progressos da irmã.

— Fico muito feliz em ouvir tão boas novas dela — disse *Lady Catherine* —, e por favor diga a ela, da minha parte, que ela não pode esperar ser uma grande pianista se não estudar muito.

— Posso garantir-lhe, minha senhora — respondeu ele —, que ela não precisa de tal conselho. Ela estuda com muito afinco.

— Quanto mais, melhor. Nunca é demais estudar; e a próxima vez que escrever a ela vou insistir em que não negligencie de modo nenhum o estudo. Sempre digo às jovens que a excelência na música só se adquire com a prática constante. Eu disse à srta. Bennet muitas vezes que ela jamais vai tocar realmente bem se não estudar mais; e, embora a sra. Collins não tenha um pianoforte, ela será muito bem-vinda, como lhe disse tantas vezes, se vier a Rosings todos os dias para tocar pianoforte no quarto da sra. Jenkinson. Assim, naquela parte da casa, ela não atrapalhará ninguém.

O sr. Darcy pareceu um pouco envergonhado com a má educação da tia, e não respondeu.

Ao fim do café, o coronel Fitzwilliam lembrou a Elizabeth que ela lhe prometera tocar para ele; e ela foi imediatamente sentar-se ao pianoforte.

Ele puxou uma cadeira para perto dela. *Lady Catherine* ouviu a metade de uma canção e então começou a falar, como antes, com seu outro sobrinho; até que este se afastasse dela e, com o passo pausado de sempre, se dirigisse até o piano, colocando-se numa posição em que tinha uma visão plena das feições da querida pianista. Elizabeth viu o que ele fazia e, na primeira pausa conveniente, se voltou para ele com um sorriso malicioso e disse:

— Quer assustar-me, sr. Darcy, vindo com tanta solenidade ouvir-me tocar? Não vou intimidar-me, apesar de sua irmã tocar *tão* bem. Sou muito teimosa e não me deixo alarmar facilmente pelos outros. Minha coragem sempre se aguça ante qualquer tentativa de intimidação.

— Não vou dizer que esteja enganada — replicou ele —, pois não é possível que você creia que eu queira assustá-la; e já tenho o prazer de conhecê-la há tempo suficiente para saber que a senhorita sente grande prazer em manifestar de vez em quando opiniões que na verdade não são suas.

Elizabeth riu bastante de tal retrato de si mesma e disse ao coronel Fitzwilliam:

— O seu primo vai dar-lhe uma linda ideia de mim e ensinar-lhe a não acreditar numa palavra do que digo. Tive o triste azar de encontrar alguém com tal capacidade de expor o meu verdadeiro caráter, numa parte do mundo em que eu esperava gozar de certa credibilidade. De fato, sr. Darcy, é muito mesquinho da sua parte mencionar em Hertfordshire tudo o que sabe em meu detrimento (e, permita-me dizer, muito indelicado também), pois provoca a minha retaliação, e pode acontecer de seus parentes se chocarem ao ouvir certas coisas.

— Não tenho medo da senhorita — disse ele, sorrindo.

— Por favor, conte-me que acusações tem a fazer contra ele — exclamou o coronel Fitzwilliam. — Eu gostaria de saber como ele se comporta em meio aos estranhos.

— O senhor vai ouvir, então; mas se prepare para coisas terríveis. O senhor deve saber que a primeira vez em que o vi em Hertfordshire foi num baile; e, nesse baile, o que o senhor acha que ele fez? Dançou só quatro danças, embora houvesse poucos cavalheiros; e, pelo que sei com certeza,

havia mais de uma jovem sentada à espera de um par. Sr. Darcy, não pode negar o fato.

— Naquela altura, eu não tinha a honra de conhecer nenhuma jovem na festa, a não ser as do meu próprio grupo.

— É verdade; e ninguém jamais pode ser apresentado num salão de baile. Muito bem, coronel Fitzwilliam, que vou tocar agora? Meus dedos estão à espera de suas ordens.

— Talvez — disse Darcy — devesse ter procurado uma apresentação; mas não estou qualificado para me recomendar a pessoas estranhas.

— Devemos perguntar ao seu primo a razão disso? — disse Elizabeth, ainda dirigindo-se ao coronel Fitzwilliam. — Devemos perguntar a ele por que um homem inteligente e educado, e com boa experiência do mundo, não estaria qualificado para se recomendar a pessoas estranhas?

— Posso responder à sua pergunta — disse Fitzwilliam — sem consultá-lo. É porque ele não se daria ao trabalho.

— Certamente não tenho o talento que certas pessoas têm — disse Darcy — de conversar desembaraçadamente com pessoas que nunca vi antes. Não consigo entrar no ritmo da conversa ou parecer interessado nos problemas delas, como muitas vezes vi fazerem.

— Os meus dedos — disse Elizabeth — não se movem sobre este instrumento com a maestria que vi em muitas mulheres. Não têm a mesma força ou rapidez e não são tão expressivos. Mas sempre achei que a culpa fosse minha, pois não me dou ao trabalho de estudar. Não é que eu não julgue os *meus* dedos tão capazes quanto os de qualquer outra mulher que toque melhor do que eu.

Darcy sorriu e disse:

— A senhorita tem toda a razão. Deu um emprego muito melhor ao seu tempo. Ninguém que tenha tido o privilégio de ouvi-la pode apontar algum defeito. Nenhum de nós toca para pessoas estranhas.

Nesse ponto foram interrompidos por *Lady Catherine*, que aos berros lhes perguntava sobre o que estavam falando. Elizabeth imediatamente começou a tocar outra vez. *Lady Catherine* aproximou-se e, depois de ouvir por alguns minutos, disse a Darcy:

— A srta. Bennet não tocaria mal se estudasse mais e tivesse um professor em Londres. Ela tem uma ótima noção do dedilhado, embora seu gosto não seja tão bom quanto o de Anne. Anne teria sido uma excelente pianista, se a saúde lhe tivesse permitido aprender.

Elizabeth olhou para Darcy para ver quão cordialmente ele concordava com o elogio à prima; mas nem naquele momento nem em outro qualquer ela conseguiu discernir algum sintoma de amor; e, pelo comportamento geral dele para com a srta. de Bourgh, ela deduziu, para consolo da srta. Bingley, que seria igualmente provável que ele casasse com *ela*, se fosse sua parenta.

Lady Catherine prosseguiu com as observações sobre o talento pianístico de Elizabeth, misturando com elas variadas instruções sobre a execução e o bom gosto. Elizabeth recebeu-as com toda a paciência da boa educação e, a pedido dos cavalheiros, permaneceu ao piano até que a carruagem de Sua Senhoria estivesse pronta para levá-los todos para casa.

Capítulo 32

Na manhã seguinte, Elizabeth escrevia a sós uma carta para Jane enquanto a sra. Collins e Maria estavam fora para tratar de negócios na aldeia, quando foi surpreendida pelo toque da campainha, sinal inequívoco de um visitante. Como não havia escutado nenhuma carruagem, pensou que não seria improvável que fosse *Lady Catherine*, e com essa apreensão estava desfazendo-se da carta quase acabada, quando a porta se abriu e, para sua grande surpresa, o sr. Darcy, e o sr. Darcy sozinho, entrou na sala.

Ele também pareceu espantado por encontrá-la sozinha, e pediu desculpas pela intrusão, deixando claro que esperava que todas estivessem na casa.

Sentaram-se, então, e, depois de feitas as perguntas sobre Rosings, pareciam correr o risco de cair em total silêncio. Era absolutamente necessário, portanto, pensar em algo, e nessa emergência, lembrando-se de *quando* o vira pela última vez em Hertfordshire e sentindo curiosidade por saber o que ele diria sobre aquela súbita partida, ela observou:

— Com que pressa vocês todos partiram de Netherfield em novembro passado, sr. Darcy! Deve ter sido uma surpresa agradabilíssima para o sr. Bingley ver que todos o seguiam tão prontamente; pois, se bem me lembro, ele partira só um dia antes. Ele e a irmã estavam bem, espero, quando o senhor saiu de Londres.

— Perfeitamente bem, obrigado.

Ela viu que não receberia nenhuma outra resposta e, depois de breve pausa, acrescentou:

— Creio ter entendido que o sr. Bingley não tem planos de voltar a Netherfield novamente.

— Nunca o ouvi dizer isso; mas é provável que no futuro ele passe muito pouco tempo lá. Ele tem muitos amigos, e esta é uma época da vida em que os amigos e os compromissos são cada vez mais numerosos.

— Se ele tem intenção de passar pouco tempo em Netherfield, seria melhor para a vizinhança que ele abrisse mão completamente do lugar, pois então outra família poderia estabelecer-se lá. Mas talvez o sr. Bingley não tenha alugado a casa tanto para conveniência da vizinhança quanto da sua própria, e devemos esperar que ele conserve ou deixe a casa segundo o mesmo princípio.

— Não seria surpresa para mim — disse Darcy — se ele abrir mão dela assim que receber uma boa proposta de compra.

Elizabeth não deu nenhuma resposta. Temia falar mais sobre o amigo dele; e, não tendo nada mais a dizer, estava agora decidida a entregar a ele o problema de encontrar um assunto.

Ele pegou a deixa e logo começou:

— Esta parece ser uma casa muito aconchegante. Acho que *Lady Catherine* fez muitas melhorias aqui quando o sr. Collins chegou a Hunsford.

— Acredito que sim... e tenho certeza de que não poderia ter usado de sua bondade para com alguém mais grato.

— O sr. Collins parece ter tido muita sorte na escolha da esposa.

— É verdade, os amigos dele podem alegrar-se por ter ele encontrado uma das pouquíssimas mulheres sensatas que o aceitariam ou que o fariam feliz se o tivessem aceitado. A minha amiga é muito inteligente (embora eu não tenha certeza de que considere seu casamento com o sr. Collins a coisa mais sábia que ela já tenha feito). Ela, porém, parece felicíssima e, do ponto de vista da prudência, esse foi com certeza um ótimo casamento para ela.

— Deve ser muito bom para ela morar a tão pouca distância de sua própria família e amigos.

— Pouca distância? O senhor acha? São quase cinquenta milhas.

— E o que são cinquenta milhas de boas estradas? Uma jornada de pouco mais de meio dia. Sim, acho que é uma distância *muito* pequena.

— Eu jamais consideraria a distância como uma das *vantagens* do casamento — exclamou Elizabeth. — E jamais diria que a sra. Collins mora *perto* da família.

— Prova de seu apego a Hertfordshire. Acho que qualquer coisa que esteja para lá da vizinhança de Longbourn lhe pareceria longe.

Enquanto ele falava, sorriu de um jeito que Elizabeth imaginou compreender; ele devia achar que ela deveria estar falando de Jane e de Netherfield, e corou ao responder:

— Não quero dizer que uma mulher não possa estabelecer-se perto demais da família. O longe e o perto são relativos, e dependem de muitas circunstâncias variáveis. Onde há dinheiro para pagar a viagem, a distância não é problema. Mas este não é o caso *aqui*. O sr. e a sra. Collins têm uma boa renda, mas não tão boa a ponto de se permitirem viagens frequentes... e tenho certeza de que a minha amiga não se consideraria *perto* da família, a não ser que estivesse a menos da *metade* da distância a que está.

O sr. Darcy aproximou um pouco a cadeira na direção dela e disse:

— *A senhorita* não tem direito a um apego tão forte a Longbourn. Não pode ter vivido sempre em Longbourn.

Elizabeth pareceu surpresa. Houve uma mudança nos sentimentos de Darcy; ele afastou a cadeira, pegou um jornal de sobre a mesa e, lançando um olhar sobre ele, disse com voz mais fria:

— Está gostando de Kent?

Travou-se então um breve diálogo a respeito do condado, calmo e conciso de ambas as partes — que logo chegou ao fim com a entrada de Charlotte e da irmã, que acabavam de voltar do passeio. O *tête-à-tête* surpreendeu-as. O sr. Darcy explicou o engano que o levava a incomodar a srta. Bennet e, depois de permanecer por mais alguns minutos sem dizer nada a ninguém, foi embora.

— Que será que isso quer dizer? — disse Charlotte, assim que ele saiu. — Querida Eliza, ele deve estar apaixonado por você ou nunca nos teria visitado desse jeito tão familiar.

Mas quando Elizabeth falou do silêncio dele, aquilo não pareceu muito provável, mesmo para a esperançosa Charlotte; e, depois de várias conjecturas, só puderam, finalmente, imaginar que a visita se devia à dificuldade de achar alguma coisa para fazer, o que era o mais provável naquela época do ano. Não havia mais diversões ao ar livre. Dentro de casa estavam *Lady Catherine*, os livros e uma mesa de bilhar, mas os homens não conseguem ficar o tempo todo em casa; e, pela proximidade do presbitério ou pelo prazer da caminhada até lá ou de encontrar as pessoas que lá moravam, os dois primos passaram a caminhar até lá quase todos os dias. Chegavam em diferentes horas pela manhã, às vezes separados, às vezes juntos e vez ou outra acompanhados da tia. Era óbvio para todas que o coronel Fitzwilliam vinha porque sentia prazer em sua companhia, certeza que naturalmente aumentava ainda mais o seu prestígio entre elas; e a sua satisfação em estar com ele e a evidente admiração dele por ela levavam Elizabeth a se lembrar de seu antigo favorito, George Wickham; e, embora, ao compará-los, visse que as maneiras do coronel eram menos delicadas e menos cativantes, acreditava que ele fosse mais culto.

Mas por que o sr. Darcy vinha com tanta frequência ao presbitério era algo mais difícil de entender. Não podia ser pela companhia, pois muitas vezes ele permanecia ali sentado por dez minutos sem abrir a boca; e, quando falava, parecia ser mais por necessidade do que por opção — um sacrifício às conveniências, não um prazer. Raramente parecia de fato animado. A sra. Collins não sabia o que fazer com ele. O fato de o coronel Fitzwilliam vez por outra rir da estupidez dele provava que ele em geral era diferente, o que os seus poucos conhecimentos sobre ele não lhe permitiram descobrir; e, como ela gostaria de acreditar que tal mudança se devesse ao amor e que o objeto desse amor fosse a sua amiga Eliza, ela se decidiu a trabalhar seriamente para descobrir a resposta. Observava-o toda vez que iam a Rosings e toda vez que ele vinha a Hunsford; mas sem muito êxito. Ele por certo olhava muito para a sua amiga, mas a expressão de tal olhar era enigmática. Era um olhar atento e firme, mas muitas vezes ela duvidava de que houvesse muito amor nele, e por vezes parecia ser apenas efeito da distração.

Uma ou outra vez, ela havia sugerido a Elizabeth a possibilidade de ele gostar dela, mas Elizabeth sempre ria da ideia; e a sra. Collins não julgava certo insistir no assunto, temendo alimentar expectativas que só podiam terminar em decepção; pois em sua opinião não havia dúvida de que a antipatia da amiga por ele desapareceria tão logo imaginasse que o havia conquistado.

Em seus planos de felicidade para Elizabeth, ela às vezes a via casada com o coronel Fitzwilliam, que era, sem comparação, o homem mais agradável; ele certamente gostava dela, e sua situação financeira era invejável; para contrabalançar tais vantagens, porém, o sr. Darcy tinha considerável influência na igreja, e seu primo, nenhuma.

Capítulo 33

Mais de uma vez Elizabeth, em suas perambulações pelo parque, topou inesperadamente com o sr. Darcy. Ela sentiu toda a cruel má sorte que o trouxe para onde ninguém mais costumava ir e, para impedir que aquilo tornasse a acontecer, logo tratou de comunicar-lhe que aquele era seu refúgio predileto. Era muito estranho, então, que aquilo ocorresse uma segunda vez! Mas aconteceu, e até uma terceira vez. Parecia que o fazia por natural maldade ou como penitência voluntária, pois nessas ocasiões não se limitou a fazer algumas perguntas formais, seguidas de um silêncio embaraçado, para depois partir, mas realmente julgou necessário voltar atrás e caminhar com ela. Nunca falava muito, nem ela se dava ao trabalho de falar ou escutar muito; mas impressionou-a durante os terceiro encontro que ele fizesse algumas estranhas e desconexas perguntas sobre seu prazer de estar em Hunsford, seu amor pelas caminhadas solitárias e sua opinião sobre a felicidade do sr. e da sra. Collins; e que, ao falar de Rosings e do fato de ela não conhecer muito bem a casa, ele parecesse esperar que da próxima vez que ela voltasse a Kent também se hospedasse *lá*. As palavras dele pareciam implicar isso. Será que tinha o coronel Fitzwilliam em mente? Ela achou que, se ele tinha querido dizer alguma coisa, devia ser alguma indireta sobre o coronel. Aquilo a incomodou um pouco, e ela ficou muito contente ao se ver no portão da cerca em frente ao presbitério.

Certo dia, enquanto caminhava, ela estava entretida com a leitura da última carta de Jane e se concentrando em alguns trechos que demonstravam que Jane não escrevera de bom humor, quando, em vez de

ser mais uma vez surpreendida pelo sr. Darcy, deu, ao erguer os olhos, com o coronel Fitzwilliam. Pondo imediatamente de lado a carta e forçando um sorriso, ela disse:

— Eu não sabia que o senhor passeava por aqui.

— Estive dando a volta no parque — tornou ele —, como faço a cada ano, e pretendia terminá-la com uma visita ao presbitério. A senhorita vai seguir muito adiante?

— Não, já estava para voltar.

E, dizendo isso, deu meia-volta e começaram os dois a caminhar juntos na direção do presbitério.

— É certo que vocês partirão de Kent no sábado? — disse ela.

— Sim, se o Darcy não fizer um novo adiamento. Mas estou à disposição dele. Ele acerta as coisas como quiser.

— E, se não conseguir satisfazer-se com o acerto, terá pelo menos o prazer do grande poder de escolha. Não conheço ninguém que pareça gostar mais do poder de fazer o que quer do que o sr. Darcy.

— Ele gosta muito de fazer as coisas à sua maneira — replicou o coronel Fitzwilliam. — Mas todos nós somos assim. A única coisa é que ele tem melhores meios para fazer isso do que muitos outros, porque é rico e muita gente é pobre. Falo por experiência. Um filho mais moço deve acostumar-se com a renúncia e a dependência.

— Na minha opinião, o filho mais moço de um conde não pode saber muito sobre nenhuma dessas duas coisas. Falando sério, o que vocês sabem sobre renúncia e dependência? Quando foram impedidos por falta de dinheiro de ir aonde queriam ou de conseguir algo que desejavam?

— Essas são questões domésticas... e talvez eu não possa dizer que tenha passado por muitas dificuldades desse tipo. Mas, em matérias de maior gravidade, eu posso sofrer por falta de dinheiro. Os filhos mais moços não podem casar quando quiserem.

— A menos que gostem de mulheres ricas, o que parece acontecer com muita frequência.

— Os nossos hábitos dispendiosos tornam-nos muito dependentes, e não há muitos dentre os de minha condição financeira que possam permitir-

se casar sem dar atenção ao dinheiro.

“Será que ele está pensando em mim?”, refletiu Elizabeth, e corou àquela ideia; mas, recuperando-se, disse num tom animado:

— Mas, por favor, qual é o preço normal de um filho mais moço de conde? A menos que o filho mais velho tenha saúde muito frágil, imagino que os senhores não pediriam mais de cinquenta mil libras.

Ele respondeu no mesmo estilo e o assunto morreu ali. Para pôr fim a um silêncio que poderia fazê-lo imaginar que ela se zangara com o que se passara, logo em seguida ela disse:

— Imagino que o seu primo o trouxe consigo principalmente para ter alguém à sua disposição. Admiro-me de que não esteja casado, para garantir permanentemente essa conveniência. Mas talvez a irmã dele já seja o bastante por enquanto e, como está entregue aos cuidados só dele, possa fazer com ela o que quer.

— Não — disse o coronel Fitzwilliam —; essa é uma vantagem que ele tem de dividir comigo. Eu compartilho com ele a guarda da srta. Darcy.

— É mesmo? E, por favor, que tipo de tutores os senhores são? Esse encargo lhes causa muita dor de cabeça? As mocinhas da idade dela às vezes são um pouco difíceis de se lidar e, se ela tiver o autêntico espírito dos Darcy, vai querer fazer as coisas a seu modo.

E, enquanto falava, ela observou que ele a encarava com seriedade; e a maneira como ele logo lhe perguntou por que imaginava que a srta. Darcy provavelmente lhes causasse preocupações convenceu-a de estar bem próxima da verdade. Respondeu sem pestanejar:

— Não precisa assustar-se. Nunca ouvi nada de mal sobre ela; e tenho certeza de que ela é uma das mais adoráveis criaturas do mundo. Duas de minhas conhecidas, a sra. Hurst e a srta. Bingley, simplesmente a adoram. Creio ter ouvido o senhor dizer que as conhece.

— Conheço-as um pouco. O irmão delas é um homem agradável, de maneiras refinadas... é um grande amigo do Darcy.

— Ah! É verdade — disse Elizabeth secamente. — O sr. Darcy é extraordinariamente bom com o sr. Bingley e o cerca de prodigiosos cuidados.

— Rodeia-o de cuidados! É verdade, realmente acho que Darcy *cuide* dele naquelas coisas em que ele mais precisa de atenções. Por algo que ele me disse em nossa viagem para cá, tenho razões para pensar que Bingley tenha uma grande dívida para com ele. Mas devo pedir perdão a ele, pois não tenho o direito de supor que Bingley seja a pessoa mencionada. Isto não passa de uma conjectura.

— Que quer dizer com isso?

— É algo que o Darcy poderia não querer que todos soubessem, pois, se a notícia chegasse até a família da dama, seria muito desagradável.

— Pode ter certeza de que não contarei nada.

— E lembre-se de que não tenho muitas razões para imaginar que se trate de Bingley. O que ele me disse foi somente isto: que se felicitava por ter recentemente salvado um amigo das inconveniências de um casamento muito imprudente, mas sem mencionar nomes ou quaisquer outros detalhes; e só suspeitei que se tratasse de Bingley por julgar que ele seja o tipo de pessoa capaz de se meter nesse tipo de encrenca e por saber que estiveram juntos durante todo o verão passado.

— Disse-lhe o sr. Darcy as razões dessa intromissão?

— Compreendi que havia seriíssimas objeções contra a dama.

— E de que artimanhas se valeu para separá-los?

— Ele não me falou sobre artimanhas — disse Fitzwilliam, com um sorriso. — Só me disse o que acabo de lhe contar.

Elizabeth nada respondeu e continuou a caminhar, com o coração batendo forte de indignação. Depois de olhar um pouco para ela, Fitzwilliam perguntou-lhe por que estava tão pensativa.

— Estou pensando no que o senhor disse — respondeu ela. — O comportamento do seu primo não corresponde aos meus sentimentos. Por que tinha ele de ser o juiz?

— Acha que a interferência dele foi despropositada?

— Não vejo que direito o sr. Darcy tinha de decidir sobre a conveniência da afeição do amigo, ou, com base apenas no seu julgamento, de determinar e acertar de que maneira o amigo deva ser feliz. Mas — prosseguiu ela, recompondo-se —, como nada sabemos dos detalhes, não é

justo condená-lo. Não é de se supor que o amor desempenhasse um grande papel no caso.

— Essa desconfiança não deixa de ser natural — disse Fitzwilliam —, mas reduz em muito a honra do triunfo do meu primo.

Isso foi dito em tom irônico; mas pareceu a ela um retrato tão próximo do sr. Darcy, que não se arriscou a dar uma resposta, e, portanto, mudando abruptamente de assunto, falou de amenidades até chegarem ao presbitério. Lá, trancando-se no quarto assim que o visitante deixou a casa, pôde pensar sem interrupção em tudo que ouvira. Não era de acreditar que aquilo tudo se referisse a outras pessoas, senão aquelas a quem estava ligada. Não podia haver no mundo *dois* homens sobre os quais o sr. Darcy tivesse tão ilimitada influência. Que ele estivesse envolvido nas medidas tomadas para separar Bingley e Jane era algo de que ela nunca duvidara; mas sempre atribuíra à srta. Bingley a parte principal no planejamento e organização delas. Se sua própria vaidade não o iludia, era *ele* a causa, seu orgulho e capricho eram a causa de tudo que Jane sofrera e continuava sofrendo. Ele destruíra por certo tempo qualquer esperança de felicidade no coração mais terno e generoso do mundo; e ninguém podia dizer quanto tempo ainda duraria o mal por ele infligido.

“Havia seriíssimas objeções contra a dama”, foram as palavras do coronel Fitzwilliam; e essas seriíssimas objeções eram, provavelmente, ter um tio advogado provinciano e outro com uma loja em Londres.

— À própria Jane — exclamou ela — não podia haver nenhuma objeção; ela, que é toda ternura e bondade!... De muita inteligência, boa cultura e de maneiras cativantes. Tampouco se podia alegar alguma coisa contra o meu pai, que, embora tenha as suas esquisitices, tem capacidades que o próprio sr. Darcy não desprezaria, além de uma respeitabilidade que ele provavelmente jamais alcançará.

Quando pensava em sua mãe, perdia um pouco a confiança; mas não podia convencer-se de que objeções *daquele tipo* tivessem muito peso aos olhos do sr. Darcy, cujo orgulho, estava certa disto, sairia mais ferido com a falta de importância da família do que com a falta de bom-senso; e, por fim,

ela se convenceu de que ele fora em parte movido por esse péssimo gênero de orgulho e em parte pelo desejo de reservar o sr. Bingley para a irmã.

A agitação e as lágrimas provocadas por tudo aquilo deram-lhe dor de cabeça; e esta piorou tanto ao fim da tarde, que, somada à pouca vontade de ver o sr. Darcy, levou-a a decidir não acompanhar as primas até Rosings, onde haviam sido convidadas para o chá. A sra. Collins, vendo que ela de fato não estava bem, não insistiu em que fosse e, na medida do possível, impediu que o marido a pressionasse; o sr. Collins, porém, não conseguia esconder sua apreensão de que *Lady Catherine* ficasse muito descontente com o fato de ela permanecer em casa.

Capítulo 34

Depois que eles partiram, Elizabeth, como se quisesse exasperar-se o máximo possível contra o sr. Darcy, escolheu como ocupação o exame de todas as cartas escritas a ela por Jane desde que chegara a Kent. Não continham nenhuma queixa real, nem havia nenhuma revivescência de fatos passados ou qualquer menção a sofrimentos presentes. Mas, no geral e em quase todas as linhas de cada uma delas, estava ausente aquela alegria que sempre caracterizara o seu estilo e que, vinda da serenidade de uma alma de bem consigo mesma e bem disposta em relação a todos, raramente se deixava alterar. Elizabeth observou cada uma das sentenças que transmitiam a ideia de angústia com uma atenção que não lhes dera na primeira leitura. O fato de o sr. Darcy vergonhosamente se gabar do sofrimento que provocara deu-lhe uma melhor ideia da dor da irmã. Era de certo consolo pensar que a visita dele a Rosings devia terminar dali a dois dias — e, ainda mais, que em menos de duas semanas ela mesma estaria de novo com Jane e poderia ajudar na sua recuperação com tudo que o carinho pode fazer.

Ela não conseguia pensar na partida de Darcy sem recordar que o primo devia acompanhá-lo; mas o coronel Fitzwilliam deixara claro que não tinha certas intenções e, por mais simpático que fosse, ela não pretendia entristecer-se por causa dele.

Ao refletir sobre esse ponto, foi de repente surpreendida pelo som da campainha e ficou um pouco agitada à ideia de que fosse o próprio coronel Fitzwilliam, que uma vez já viera bem tarde e talvez agora viesse em especial para ter notícias dela. Mas essa ideia foi logo descartada e seu

ânimo foi afetado de modo muito diferente, quando, para seu grande espanto, viu o sr. Darcy entrar na sala. Ele se apressou em fazer-lhe perguntas sobre sua saúde, atribuindo a visita ao desejo de saber se estava melhor. Ela lhe respondeu com fria polidez. Ele se sentou por alguns momentos e depois, erguendo-se, começou a caminhar pela sala. Elizabeth ficou surpresa, mas não disse nada. Depois de um silêncio de vários minutos, ele veio até ela, nervoso, e disse:

— Tentei lutar, mas em vão. Não consigo mais. Não posso reprimir meus sentimentos. A senhorita tem de me permitir dizer com quanto ardor eu a admiro e a amo.

O espanto de Elizabeth foi inexprimível. Arregalou os olhos, enrubescou, hesitou e não disse nada. Ele considerou aquilo um encorajamento suficiente; e se seguiu imediatamente a confissão de tudo que sentia, e havia muito tempo, por ela. Ele falou bem; mas havia sentimentos além dos do coração a serem explicados; e ele não foi mais eloquente em termos de carinho do que de orgulho. A inferioridade dela, a degradação, os obstáculos familiares que sempre se opuseram ao amor foram tratados com um ardor que parecia dever-se à sua condição social ferida, mas tinha pouca probabilidade de valer pontos para a sua causa.

Apesar da sua profunda antipatia por ele, ela não pôde permanecer completamente insensível à homenagem do amor de um tal homem, e, embora suas intenções não variassem nem por um momento, ela logo lamentou o sofrimento que iria causar-lhe; até que, levada ao ressentimento por suas palavras seguintes, toda a compaixão se transformou em raiva. Ela tentou, porém, acalmar-se para responder com paciência, quando ele terminasse. Ele concluiu descrevendo a ela a força daquela paixão que, apesar de todas as suas tentativas, lhe foi impossível domar, e exprimindo a esperança de que agora seria recompensado pela aceitação de sua mão. Enquanto ele assim falava, Elizabeth logo percebeu que ele não tinha nenhuma dúvida de receber uma resposta favorável. *Falava* de apreensão e nervosismo, mas sua calma demonstrava total segurança. Isso não podia deixar de exasperá-la ainda mais e, quando ele terminou, o rubor subiu às suas faces e ela disse:

— Em casos como este, creio que é de rigor exprimir certa gratidão pelos sentimentos confessados, por mais desigualmente que eles sejam retribuídos. É natural que se sinta gratidão, e, se eu *pudesse* senti-la, lhe agradeceria. Mas não posso... Nunca desejei a sua afeição e o senhor certamente a concedeu muito contra a vontade. Sinto muito por ter causado sofrimento a alguém. Foi completamente sem querer, porém, e espero que dure pouco. Os sentimentos que, pelo que o senhor me diz, durante muito tempo o impediram de reconhecer o seu amor não devem ter muita dificuldade em superá-lo depois dessa explicação.

O sr. Darcy, que estava apoiado no consolo da lareira com os olhos cravados no rosto dela, pareceu ouvir suas palavras com não menos indignação do que surpresa. Seu rosto empalideceu de raiva e a confusão de sua mente era visível em cada traço. Ele estava lutando para manter a compostura e não queria abrir a boca antes de tê-la alcançado. A pausa foi terrível para os sentimentos de Elizabeth. Pouco depois, com uma voz de calma forçada, ele disse:

— E é essa a resposta que devo ter a honra de esperar! Talvez eu quisesse ser informado por que sou assim recusado, sem sequer uma *tentativa* de polidez. Mas isso não tem muita importância.

— Eu também poderia perguntar — replicou ela — por que, com um desejo tão evidente de me ofender e insultar, o senhor me disse que gostava de mim contra a vontade, contra a razão e até contra o seu caráter? Não é essa uma boa desculpa para a descortesia, se é que eu *fui* descortês? Mas tenho outros motivos. O senhor sabe disso. Se meus sentimentos não se houvessem pronunciado contra o senhor... se houvessem sido indiferentes ou até mesmo favoráveis, acha que alguma coisa neste mundo poderia levar-me a aceitar o homem que arruinou, talvez para sempre, a felicidade de minha queridíssima irmã?

Enquanto ela pronunciava essas palavras, o sr. Darcy empalideceu; mas a comoção não durou muito, e ele a ouviu sem tentar interromper quando ela prosseguiu:

— Tenho todas as razões do mundo para pensar mal do senhor. Nenhum motivo pode desculpar o injusto e mesquinho papel que desempenhou *lá*. O

senhor não ousa negar, não pode negar que foi o principal, senão o único obstáculo que separou um do outro... que expôs um à censura do mundo, por capricho e instabilidade, e o outro ao ridículo por suas esperanças frustradas, lançando a ambos na mais negra infelicidade.

Ela fez uma pausa e viu com não pouca indignação que ele estava ouvindo com um ar que provava estar muito longe de qualquer sentimento de remorso. Ele até olhou para ela com um sorriso de fingida incredulidade.

— Pode negar que fez isso? — repetiu ela.

Com estudada tranquilidade, então, ele respondeu:

— Não quero negar que fiz tudo que podia para separar o meu amigo de sua irmã ou que me alegro com meu sucesso. Fui mais generoso para com *ele* do que para comigo mesmo.

Elizabeth desdenhou aparentar que percebera aquela sutil reflexão, mas o significado dela não lhe escapou, nem era ele capaz de apaziguá-la.

— Mas não é apenas nesse caso — prosseguiu ela — que baseio a minha repulsa. Muito antes de isso acontecer, a minha opinião sobre o senhor já estava formada. O seu caráter foi revelado no relato que ouvi do sr. Wickham, muitos meses atrás. Sobre esse assunto, o que tem a dizer? Com que ato imaginário de amizade pode defender-se? Ou sob que disfarce pretende enganar os outros?

— A senhorita se interessa profundamente pelos problemas daquele cavalheiro — disse corando Darcy, num tom menos calmo.

— Quem é que, conhecendo a história das desventuras por que passou, pode deixar de se interessar por ele?

— Desventuras por que passou! — repetiu com desdém. — É verdade, as desventuras dele foram grandes.

— E por sua causa — exclamou Elizabeth, com energia. — O senhor o reduziu ao estado de pobreza em que se encontra... pobreza relativa. Retirou-lhe as vantagens que, o senhor sabe, tinham sido destinadas a ele. Tirou dos melhores anos da vida dele aquela independência que lhe era devida e merecida. Fez tudo isso! E ainda consegue demonstrar desdém e ironia quando falo dessas desgraças.

— É essa — exclamou Darcy, enquanto caminhava a passos rápidos pela sala — a opinião que a senhorita tem de mim! É essa a estima em que me tem! Muito obrigado pela explicação tão completa. Segundo os seus cálculos, os meus erros são mesmo graves! Mas talvez — acrescentou ele, parando de caminhar e voltando-se para ela — essas ofensas pudessem ser perdoadas, se o seu orgulho não tivesse sido ferido pela minha sincera confissão dos escrúpulos que me impediram de formar um plano sério. Essas amargas acusações poderiam ser superadas, se eu, com mais tato, tinha ocultado minhas hesitações e lisonjeado a senhorita para que acreditasse que eu tinha sido impelido por uma paixão total e sem fraquezas; pela razão, pela reflexão, por tudo. Mas odeio todo tipo de disfarce. Nem tenho vergonha dos sentimentos que expus. Eles eram naturais e justos. Pode a senhorita querer que eu me alegre com a inferioridade dos seus familiares?... Que eu me felicite na esperança de adquirir parentes cuja condição social está tão abaixo da minha?

Elizabeth sentia a irritação crescer cada vez mais dentro dela; mas tentou falar com a máxima serenidade ao dizer:

— O senhor se engana, sr. Darcy, se imagina que o estilo da sua declaração me afete de algum outro modo, além do respeito que eu teria sentido ao recusá-lo, se se tivesse comportado com maior cavalheirismo.

Ela viu que ele ia começar a responder mas nada disse, então prosseguiu:

— Fosse qual fosse a maneira de se declarar, eu jamais aceitaria a sua oferta.

Mais uma vez, era óbvio o seu espanto; e olhou para ela com um misto de incredulidade e mortificação. Ela continuou:

— Posso dizer que desde o começo... quase desde o primeiro momento em que o vi pela primeira vez, eram tais os seus modos, que me impressionaram com a mais profunda convicção da sua arrogância, do seu desprezo e do seu desdém egoísta pelos sentimentos dos outros, que formaram a base de desaprovação sobre a qual os sucessivos acontecimentos construíram uma tão inabalável antipatia; e, um mês depois

de conhecê-lo, eu já sentia que o senhor era o último homem do mundo com quem eu poderia ser convencida a me casar.

— Já falou o bastante, minha senhora. Compreendo perfeitamente os seus sentimentos, e agora só me resta a vergonha dos que tenho tido. Desculpe-me por ter tomado o seu tempo e aceite os meus melhores votos de saúde e felicidade.

E com essas palavras se apressou em deixar a sala, e Elizabeth ouviu-o logo em seguida abrir a porta da frente e sair da casa.

O tumulto em sua mente era agora dolorosamente grande. Não sabia em que apoiar-se e, sentindo-se muito fraca, sentou-se e chorou por meia hora. Seu espanto, enquanto refletia sobre o que se passara, era maior a cada exame. Receber uma proposta de casamento do sr. Darcy! Estar ele apaixonado por ela havia muitos meses! Tão apaixonado a ponto de querer casar com ela apesar de todas as objeções que o haviam levado a impedir que o amigo casasse com sua irmã, e que deviam mostrar-se pelo menos igualmente determinantes em seu próprio caso... tudo isso era incrível! Era gostoso saber que inspirara inconscientemente uma afeição tão forte. Mas o orgulho dele, aquele odioso orgulho, sua desavergonhada admissão do que fizera com Jane, sua imperdoável firmeza ao reconhecê-lo, embora não pudesse justificá-lo, e a maneira insensível com que se referira ao sr. Wickham, que não negara ter tratado com crueldade, logo triunfaram sobre a compaixão que a consideração de seu amor por um momento provocara. Ela prosseguiu em suas agitadíssimas reflexões até que o ruído da carruagem de *Lady Catherine* a fez perceber que não estava em condições de enfrentar as observações de Charlotte, e saiu correndo para o quarto.



Capítulo 35

Na manhã seguinte, Elizabeth acordou com os mesmos pensamentos e com as mesmas meditações que haviam enfim fechado seus olhos. Não conseguia ainda recuperar-se da surpresa do que acontecera; era impossível pensar em qualquer outra coisa; e, totalmente indisposta para qualquer ocupação, resolveu, logo após o desjejum, tomar um pouco de ar livre e fazer algum exercício. Estava avançando em direção ao seu passeio favorito quando a deteve a lembrança de que o sr. Darcy às vezes vinha ali, e, em vez de entrar no parque, ela tomou a trilha que se afastava do pedágio. A cerca do parque ainda era o limite de um dos lados, e ela logo atravessou um dos portões que davam para a fazenda.

Após caminhar duas ou três vezes ao longo daquela parte da trilha, a deliciosa manhã fez que ela sentisse vontade de parar no portão e olhar para o parque. As cinco semanas que passara em Kent haviam provocado uma grande diferença na região, e a cada dia se tornava mais vivo o primeiro verde das árvores. Ela estava a ponto de recomeçar a caminhada, quando percebeu um homem no pequeno bosque que margeava o parque; ele estava vindo na sua direção; e, com medo de que se tratasse do sr. Darcy, imediatamente ela se afastou. Mas a pessoa que avançava agora estava perto o suficiente para vê-la e, apertando o passo, pronunciou o seu nome. Ela se havia voltado para se afastar; mas, ao ouvir que a chamavam, ainda que por uma voz que se revelou ser a do sr. Darcy, ela se dirigiu de novo para o portão. Ele também já o alcançara e, segurando uma carta, que ela instintivamente pegou, disse, com ar de ativa serenidade:

— Tenho caminhado pelo bosque há algum tempo, na esperança de encontrá-la. A senhorita me daria a honra de ler esta carta?

E em seguida, fazendo uma breve reverência, voltou-se novamente para a fazenda e logo ela o perdeu de vista.

Sem nenhuma expectativa de prazer, mas com muita curiosidade, Elizabeth abriu a carta e, para seu ainda maior espanto, percebeu um envelope que continha duas folhas de papel de carta, inteiramente preenchidas com uma letra bem apertada. O envelope estava igualmente cheio. Seguindo seu caminho ao longo da trilha, ela então começou a leitura. Era datada de Rosings, oito da manhã, e dizia o seguinte:

Não se alarme, minha senhora, ao receber esta carta, com a apreensão de que contenha alguma repetição daqueles sentimentos ou a renovação das propostas que a noite passada tanto a desgostaram. Escrevo sem nenhuma intenção de magoá-la ou de humilhar-me insistindo em votos que, para a felicidade de ambos, devem ser esquecidos o quanto antes; e o esforço que a redação e a leitura atenta desta carta há de ocasionar poderia ser poupado, se o meu caráter não exigisse que ela fosse escrita e lida. A senhorita há de perdoar, portanto, a liberdade que tomo de solicitar a sua atenção; sei que os seus sentimentos a concederão a contragosto, mas apelo para o seu senso de justiça.

A noite passada, a senhorita me fez duas acusações de natureza muito diversa e de magnitude absolutamente desigual. Segundo a primeira delas, eu, sem levar em consideração os sentimentos de ambos, teria separado o sr. Bingley de sua irmã, e, segundo a outra, eu teria, a despeito de diversas alegações de direitos, a despeito da honra e da humanidade, arruinado a imediata prosperidade e destruído as perspectivas do sr. Wickham. Repudiar de modo deliberado e cruel o companheiro de minha juventude, o favorito reconhecido de meu pai, um jovem sem outro sustento além do nosso patrocínio e que crescera na expectativa de que tal patrocínio se exercesse seria um crime incomparavelmente mais grave do que a separação de dois jovens cujo afeto não contava mais do que algumas semanas. Mas dos rigores de tal acusação que me foi lançada a noite passada com tanta generosidade, acerca de cada circunstância, eu espero estar livre no futuro, quando a seguinte explicação dos meus atos tiver sido lida. Se, na explanação deles, que me é devida, eu me vir na necessidade de citar sentimentos que possam ser ofensivos aos seus, só posso dizer que sinto muito. Deve a necessidade ser obedecida, e mais desculpas seriam absurdas.

Pouco depois de chegar a Hertfordshire, percebi, com outras pessoas, que Bingley preferia a sua irmã mais velha a todas as outras moças da região. Mas só na noite do baile, em Netherfield, senti certa apreensão em relação à seriedade dos sentimentos dele. Eu já o havia visto apaixonar-se muitas vezes. Naquele baile, enquanto tinha a honra de dançar com você, fui pela primeira vez informado, acidentalmente, por *Sir William Lucas* de que as atenções de Bingley para com a sua irmã haviam dado origem à expectativa geral do casamento dos dois. Ele se referiu àquilo como coisa certa, de que só a data ainda não fora decidida. Desde que passei a observar com atenção o comportamento do meu jovem amigo, pude perceber que sua

paixão pela srta. Bennet ia muito além do que jamais vira nele. Observei também a sua irmã. Suas maneiras e sua aparência eram francas, alegres e atraentes como sempre, mas sem nenhum sintoma de algum sentimento especial, e eu me convenci, pela observação daquela noite, que, embora ela recebesse com prazer as atenções dele, não as solicitava com nenhuma correspondência de sentimentos. Se a *senhorita* não estiver enganada neste ponto, *eu* devo estar errado. Como a *senhorita* conhece a sua irmã melhor do que eu, esta última hipótese é mais provável. Se assim é, se eu tiver sido induzido por tal erro a causar algum sofrimento a ela, sua mágoa não foi absurda. Não hesitarei, porém, em afirmar que era tal a serenidade de expressão e de maneiras de sua irmã, que ela teria passado ao mais arguto observador a convicção de que, por mais carinhoso que fosse o seu temperamento, não era provável que o seu coração se deixasse tocar com facilidade. É certo que eu queria acreditar que ela lhe fosse indiferente — mas ousou dizer que a minha investigação e as minhas decisões não costumam ser influenciadas pelas esperanças e pelos receios. Não a julguei indiferente porque o desejasse; assim a julguei por imparcial convicção, tão sinceramente quanto o desejava racionalmente. As minhas objeções contra o casamento não eram apenas as que reconheci a noite passada e que, no meu caso, só poderiam ser superadas pela enorme força da paixão; a desproporção de condição social não poderia ser um mal tão grande para o meu amigo quanto para mim. Mas havia outras causas para a minha oposição; causas que, embora ainda existam, e existam em igual grau em ambos os casos, tratei de esquecer, porque não me eram imediatamente presentes. Devo citá-las, ainda que brevemente. A situação da família de sua mãe, embora sujeita a reparos, não era nada em comparação com a total inconveniência demonstrada com tanta frequência e com tanta regularidade por ela, pelas suas três irmãs mais moças e por vezes até por seu pai. Perdão. Pesa-me ofender a *senhorita*. Mas, em meio ao mal-estar causado pelos defeitos de seus parentes mais próximos e o desprazer de vê-los assim mencionados, talvez lhe sirva de consolo considerar que o comportamento inatacável da *senhorita* e de sua irmã mais velha é motivo de elogios generalizados, que honram o bom-senso e a compostura de ambas. Só digo que o que se passou naquele baile confirmou a minha opinião sobre todos os presentes e exacerbou os motivos que eu tinha para tentar preservar meu amigo do que julgava ser um casamento muito infeliz. Ele partiu de Netherfield para Londres no dia seguinte, como a *senhorita*, tenho certeza, há de se lembrar, com planos de voltar em breve.

Passo agora a explicar o papel desempenhado por mim. As irmãs dele estavam tão preocupadas quanto eu; logo descobrimos essa convergência de sentimentos e, igualmente cientes de que não havia tempo a perder em afastar o irmão delas, logo decidimos juntar-nos a ele em Londres imediatamente. Partimos, pois — e ali passei a demonstrar ao meu amigo os males indubitáveis de tal escolha. Eu os descrevi e resaltei com energia. No entanto, tal advertência pode ter abalado ou adiado a sua determinação, mas não acho que tenha em última instância impedido o casamento, se não tivesse sido acompanhada pela certeza da indiferença de sua irmã, que não hesitei em lhe comunicar. Até então, acreditava ele que ela correspondesse ao seu afeto com sincero, senão igual, amor. É grande, porém, a modéstia natural de Bingley, confiando mais no meu julgamento do que no dele mesmo. Convencê-lo, portanto, de que se enganara não foi difícil. Não demorei muito para persuadi-lo a não retornar a Hertfordshire, quando adquiriu tal convicção. Não posso acusar-me por ter feito isso. Só há uma parte de minha conduta, em todo este caso, sobre a qual não reflito com satisfação; é que aceitei usar de artimanhas para esconder dele a presença de sua irmã na capital. Estava ciente dela, tanto quanto a srta. Bingley; mas o irmão dela ainda a ignora. É talvez provável que eles pudessem encontrar-

se sem maiores problemas; mas o amor dele ainda não me parecia suficientemente extinto para vê-la sem certo perigo. Talvez essa ocultação, esse disfarce não fossem dignos de mim; foi o que fiz, porém, e com a melhor das intenções. Sobre esse assunto, nada mais tenho a dizer, mais nenhuma desculpa a apresentar. Se feri os sentimentos de sua irmã, foi sem querer, e, embora os motivos que me levaram a tanto possam naturalmente parecer-lhe insuficientes, ainda não aprendi a condená-los.

A respeito da outra acusação, mais grave, de ter prejudicado o sr. Wickham, só posso refutá-la expondo toda a história da ligação dele com a minha família. Do que ele me acusou *particularmente*, eu não sei; mas, sobre a verdade do que vou contar, posso apontar mais de uma testemunha de indubitável veracidade.

O sr. Wickham é filho de um homem respeitabilíssimo, que por muitos anos administrou todas as propriedades de Pemberley e cuja boa conduta no desempenho de suas funções naturalmente inclinara meu pai a ser generoso com ele; e com George Wickham, que era afilhado dele, sua benevolência foi generosa. Meu pai sustentou-o na escola e, mais tarde, em Cambridge — uma assistência importantíssima, pois seu pai, sempre pobre por causa das extravagâncias da mulher, não lhe poderia dar uma educação superior. Meu pai adorava não só a companhia do rapaz, cujos modos eram sempre sedutores; tinha também a mais alta opinião sobre ele e, esperando que seguisse a carreira eclesiástica, pretendia ampará-lo. Quanto a mim, passaram-se muito e muitos anos antes que eu começasse a pensar muito diferente sobre ele. Suas más inclinações, a falta de princípios que ele ocultava cuidadosamente de seu melhor amigo não podiam escapar à observação de um jovem quase da mesma idade que ele, e que teve oportunidade de observá-lo em momentos em que estava desprevenido, o que era impossível para o sr. Darcy. Também aqui eu vou fazê-la sofrer — até que ponto, só a senhorita pode dizer. Mas sejam quais forem os sentimentos que o sr. Wickham tenha provocado, a suspeita da natureza de tais sentimentos não me impedirá de revelar o real caráter dele; esta até me dá mais um motivo para isso.

Meu saudoso pai morreu cerca de cinco anos atrás; e seu apego ao sr. Wickham foi até o fim tão forte, que em seu testamento ele o recomendou particularmente a mim, para promover seu avanço da melhor maneira que sua carreira permitisse — e, se fosse ordenado, desejava que ele recebesse um rico benefício familiar tão logo o cargo ficasse vago. Deixou-lhe também uma herança de mil libras. O pai dele não sobreviveu por muito tempo ao meu, e seis meses depois disso o sr. Wickham escreveu para informar-me que, tendo enfim se decidido a não se ordenar, esperava que eu não julgasse insensato que ele recebesse um benefício pecuniário mais imediato, em vez do avanço na carreira, do qual já não podia beneficiar-se. Acrescentou que tinha intenção de estudar Direito, e que eu devia saber que os juros de mil libras seriam completamente insuficientes para tanto. Eu mais queria acreditar do que realmente acreditei que ele estivesse sendo sincero; mas, de qualquer modo, estava perfeitamente disposto a concordar com a sua proposta. Eu sabia que o sr. Wickham não deveria seguir a carreira eclesiástica; o negócio foi, portanto, logo fechado — ele abriu mão de todos os direitos de assistência na igreja, se algum dia estivesse em condições de recebê-la, e aceitava em troca três mil libras. Toda ligação entre nós pareceu então dissolver-se. Minha opinião sobre ele era ruim demais para convidá-lo a vir a Pemberley ou para permitir sua companhia em Londres. Creio que ele vivesse principalmente na capital, mas estudar Direito era apenas um pretexto e, estando agora livre de qualquer vínculo, passou a viver uma vida de ociosidade e dissipação. Por cerca de três anos tive poucas notícias dele; mas, ao falecimento do ocupante do cargo que para ele fora designado,

ele me escreveu uma carta solicitando o benefício. Garantiu-me que sua situação era péssima, e eu não tive dificuldade para acreditar nele. Achava que o estudo das leis fosse pouco lucrativo e estava agora absolutamente decidido a se ordenar, se eu lhe concedesse o benefício eclesiástico em questão — sobre o que ele não tinha dúvidas, pois estava certo de que eu não tinha mais ninguém para ocupar o cargo e não podia ter-me esquecido das intenções de meu querido pai. A senhorita não há de me censurar por não ter aceitado a solicitação dele ou por resistir a todas as repetições dela. Sua mágoa foi proporcional à miséria de sua situação — e ele foi sem dúvida tão violento nas injúrias que fez de mim para os outros, quanto nas censuras que fez diretamente a mim. Depois disso, deixou de existir qualquer aparência de relação entre nós. Como vivia, não sei. Mas no último verão tive notícias desagradabilíssimas a seu respeito.

Devo agora mencionar uma situação que eu mesmo gostaria de esquecer, e que só mesmo uma obrigação como esta pode induzir-me a revelar a outro ser humano. Dito isso, não tenho dúvida de que posso contar com o seu silêncio. Minha irmã, que é mais de dez anos mais moça do que eu, foi entregue à guarda do sobrinho de minha mãe, o coronel Fitzwilliam, e de mim mesmo. Cerca de um ano atrás, saiu da escola e foi residir em Londres; e no verão passado foi com a governanta a Ramsgate; e para lá também se dirigiu o sr. Wickham, certamente de propósito; pois ficou provado que já havia um relacionamento entre ele e a sra. Younge, com cujo caráter tivemos uma profunda decepção; e com a conivência e a ajuda dela ele se empenhou em convencer Georgiana, cujo coração carinhoso conservara uma viva recordação das gentilezas que ele lhe fizera quando criança, a se crer apaixonada por ele e a consentir numa fuga. Ela só tinha quinze anos na época, o que lhe serve de desculpa; e, depois de descrever sua imprudência, alegro-me em acrescentar que devo o conhecimento do caso a ela mesma. Fui encontrá-los inesperadamente um ou dois dias antes da fuga planejada, e então Georgiana, incapaz de suportar a ideia de magoar e ofender um irmão que quase via como um pai, confessou tudo para mim. Você pode imaginar como me senti e como agi. A consideração pela reputação e pelos sentimentos de minha irmã impediam qualquer publicidade; mas escrevi ao sr. Wickham, que sumiu imediatamente, e a sra. Younge foi, é claro, despedida. O principal objetivo do sr. Wickham era, sem dúvida, o dinheiro de minha irmã, que monta a trinta mil libras; mas não posso deixar de crer que a esperança de vingar-se de mim era também um forte incentivo. Sua vingança teria sido completa, sem dúvida.

Esta é a fiel narrativa dos acontecimentos em que estivemos os dois envolvidos; e, se a senhorita não rejeitá-la absolutamente como falsa, espero que de hoje em diante me absolva da acusação de crueldade para com o sr. Wickham. Não sei de que maneira e sob que forma de falsidade ele a iludiu; mas não é de admirar que ele tenha sido bem-sucedido nisso. Ignorando como ignorava tudo que dizia respeito a mim e a ele, não poderia ter percebido o engano, e a suspeita certamente não faz parte da sua natureza.

Talvez a senhorita se admire por não ter-lhe contado nada disto ontem à noite; mas não era senhor de mim o bastante para saber o que podia ou devia ser revelado. Em favor da veracidade de tudo que foi aqui relatado posso evocar o testemunho do coronel Fitzwilliam, que, em razão de nossa estreita amizade e constante intimidade e, mais ainda, como um dos executores do testamento de meu pai, teve inevitavelmente conhecimento de cada pormenor do que se passou. Se o seu ódio por *mim* tornar sem valor as *minhas* alegações, a senhotira não pode ser impedida pela mesma causa de confiar em meu primo; e, para que possa ter a possibilidade de consultá-lo, vou tentar encontrar alguma oportunidade para entregar-lhe esta carta em mãos ainda esta manhã. Quero apenas acrescentar: Deus a abençoe.

Fitzwilliam Darcy

Capítulo 36

Se Elizabeth, quando o sr. Darcy lhe entregou a carta, não esperava que nela ele renovasse as suas propostas, não alimentara nenhuma expectativa sobre o teor dela. Mas, dada a natureza do conteúdo, não é difícil imaginar com que impaciência ela a leu e quantas emoções contraditórias aquela carta provocou. Enquanto lia, seus sentimentos eram indefiníveis. Com espanto, primeiro ela observou que ele acreditava poder desculpar-se; e estava firmemente convencida de que ele não podia dar nenhuma explicação que um justo sentimento de vergonha não aconselhasse a esconder. Fortemente prevenida contra tudo que ele pudesse dizer, começou a ler a explicação sobre o que acontecera em Netherfield. Tão afoita foi a sua leitura, que mal lhe deixava qualquer poder de compreensão, e, impaciente para saber o que a próxima sentença traria, era incapaz de acompanhar o sentido da que tinha diante dos olhos. Imediatamente decidiu ser falsa a crença dele na indiferença da irmã; e sua explicação de suas reais e mais graves objeções ao casamento deixaram-na zangada demais para desejar ser justa para com ele. Sobre o que fez, ele não exprimiu nenhum arrependimento que a satisfizesse; seu estilo não era penitente, mas arrogante. Era só orgulho e insolência.

Mas quando o assunto passou a ser o sr. Wickham — quando ela leu com uma atenção um pouco mais clara o relato de acontecimentos que, se verdadeiros, destruiriam toda boa opinião dos méritos dele, e que ostentavam uma afinidade tão alarmante com sua própria história com ele — os sentimentos de Elizabeth tornaram-se ainda mais dolorosos e difíceis

de se definir. Foi tomada de espanto, de apreensão e até de horror. Queria rejeitar tudo aquilo como falso, exclamando repetidas vezes: “Isso tem de ser falso! Não pode ser! Isso só pode ser a mais grosseira mentira!” — e, quando acabou de ler a carta inteira, embora sem compreender quase nada das duas últimas páginas, apressou-se em guardá-la, decidida a não mais lhe dar atenção, a nunca mais olhar para ela.

Nesse estado de espírito perturbado, com pensamentos que em nada se detinham, ela seguiu seu caminho; mas não conseguiu; meio minuto depois, tornou a desdobrar a carta e, recompondo-se o melhor que podia, recomeçou a torturante leitura de tudo que se relacionava com Wickham e se controlou para examinar o significado de cada sentença. O relato da sua ligação com a família de Pemberley era exatamente o que ele mesmo fizera; e a bondade do falecido sr. Darcy, embora ela até então desconhecesse a sua extensão, também concordava com as palavras dele. Até aí, cada relato confirmava o outro; mas, quando chegou ao testamento, era grande a diferença. O que Wickham dissera sobre o benefício estava nítido em sua memória, e, enquanto recordava as próprias palavras dele, era impossível não perceber que havia uma duplicidade gritante de uma parte ou de outra; e, por alguns momentos, ela se gabou de que não se enganara em suas opiniões. Mas, quando leu e releu com a máxima atenção os pormenores que se seguiam imediatamente à desistência por parte de Wickham de toda pretensão ao benefício, ao recebimento, como compensação, de soma tão considerável como três mil libras, de novo ela foi obrigada a hesitar. Abaixou a carta, ponderou cada circunstância com o que pretendia fosse imparcialidade, calculou a probabilidade de cada afirmação, mas em vão. De ambos os lados, eram apenas afirmações. Voltou mais uma vez a ler; mas cada linha provava mais claramente que o caso, que ela acreditara não poder ser representado, mediante artifício, sob nenhuma luz que tornasse menos infame o papel nele desempenhado pelo sr. Darcy, podia sofrer uma guinada que o tornaria completamente inocente durante todo o desenrolar da história.

A extravagância e a geral devassidão de que ele não hesitou em acusar o sr. Wickham chocaram-na infinitamente; tanto mais que ela não podia

provar a sua injustiça. Nunca ouvira falar dele antes que entrasse na milícia de ***shire, à qual foi admitido pela intervenção do jovem que, ao encontrá-lo por acaso em Londres, renovara então com ele uma amizade superficial. De seu modo de vida anterior nada se soubera em Hertfordshire, a não ser o que ele mesmo dissera. Quanto ao seu caráter real, mesmo que Elizabeth tivesse podido informar-se, jamais sentiria vontade de fazê-lo. A fisionomia, a voz e os modos logo lhe concederam a posse de todas as virtudes. Ela tentou lembrar-se de algum exemplo de bondade, algum ato distinto de integridade ou benevolência que pudesse resgatá-lo dos ataques do sr. Darcy; ou pelo menos, pelo predomínio da virtude, compensar aqueles erros casuais sob os quais ela trataria de classificar o que o sr. Darcy descrevera como persistência por muitos anos na ociosidade e no vício. Mas não lhe ocorreu nenhuma recordação desse tipo. Podia vê-lo imediatamente à sua frente, com todo o seu encanto no porte e no trato; mas não conseguia lembrar-se de nenhuma bondade substancial, além da aprovação geral da vizinhança e da consideração que sua grande sociabilidade conquistara. Depois de refletir sobre isso durante um tempo considerável, mais uma vez ela retomou a leitura da carta. Mas, infelizmente, a história que se seguiu, sobre os seus planos com relação à srta. Darcy, recebeu certa confirmação do que se passara entre o coronel Fitzwilliam e ela na manhã do dia anterior; e, por fim, no que se referia à veracidade de cada pormenor, ela era remetida ao próprio coronel Fitzwilliam — de quem já recebera a informação de sua íntima familiaridade com todos os negócios do primo e de cujo caráter não tinha razões para duvidar. Em certo momento, ela quase resolveu procurá-lo, mas a ideia foi abalada pela esquisitice da questão, e em seguida posta completamente de lado pela convicção de que o sr. Darcy jamais se teria arriscado a fazer essa proposta se não tivesse a certeza da corroboração do primo.

Ela se lembrava perfeitamente de tudo que se passara na conversa entre Wickham e ela, na primeira noite dos dois na casa do sr. Phillips. Muitas de suas expressões ainda estavam bem vivas em sua memória. Ficou abalada com a impropriedade de tais comunicações com um estranho e se admirou

de não ter-se dado conta disso antes. Percebeu a indelicadeza que havia em assim se pôr em evidência, como ele fez, e a incoerência das declarações com o comportamento. Ela se lembrava de que ele se gabara de não ter medo de encontrar o sr. Darcy — que o sr. Darcy podia deixar a região, mas *ele* permaneceria; no entanto, evitara o baile de Netherfield logo na semana seguinte. Lembrou-se também de que, até a família de Netherfield deixar a região, ele contara a sua história apenas para ela; ou que, depois da partida deles, ela passou a ser discutida em toda parte; que a partir daí ele não hesitou nem teve escrúpulos em denegrir o caráter do sr. Darcy, embora tivesse garantido a ela que o respeito pelo pai sempre o impediria de desmascarar o filho em público.

Como tudo que estava ligado a ele agora se mostrava diferente! Suas atenções para com a srta. King eram agora a consequência de planos mera e odiosamente mercenários; e a mediocridade da fortuna dela já não provava a moderação de seus desejos, mas a avidez de se apoderar de tudo. Seu comportamento para com ela agora não podia ter nenhum motivo razoável; ou ele se havia iludido com relação à riqueza dela ou vinha satisfazendo a sua própria vaidade, incentivando o amor que ela acreditava ter temerariamente demonstrado a ele. Todos os esforços que fazia para defendê-lo iam tornando-se cada vez mais débeis; e também contavam a favor do sr. Darcy o fato de o sr. Bingley, quando interrogado por Jane, havia muito, ter afirmado a inocência dele no caso; o fato de, por mais orgulhosos e repulsivos que fossem seus modos, ela jamais, durante todo o tempo em que se conheceram — conhecimento que mais tarde os aproximou muito e deu a ela certa familiaridade com o modo de ser dele —, ter visto nada que demonstrasse que ele fosse inescrupuloso ou injusto, nada que mostrasse que tivesse hábitos irreligiosos ou imorais; o fato de entre suas relações ser estimado e apreciado — e de mesmo Wickham ter admitido seu valor como irmão —, e de muitas vezes o ter ouvido falar tão carinhosamente da irmã, prova de que podia ter *alguns* sentimentos positivos; o fato de, se as ações dele tivessem sido como o sr. Wickham as pintara, uma violação tão grosseira de tudo que é certo dificilmente poder ter sido ocultada do mundo; e o fato, enfim, de ser incompreensível a

amizade entre uma pessoa capaz daquilo e um excelente homem como o sr. Bingley.

Elizabeth estava cada vez mais envergonhada de si mesma. Não conseguia pensar nem em Darcy nem em Wickham sem sentir que fora cega, parcial, preconceituosa e absurda.

— Como foi desprezível o que fiz! — exclamou ela. — Logo eu, que sempre me orgulhei do meu discernimento! Eu, que sempre me gabei de minhas habilidades! Que muitas vezes desdenhei a generosa candura de minha irmã e satisfazia a minha vaidade com uma desconfiança inútil ou culpável! Que descoberta humilhante! E, no entanto, que humilhação justa! Se estivesse apaixonada, não poderia ter sido mais miseravelmente cega! Mas a minha loucura foi a vaidade, não o amor. Lisonjeada com as atenções de um e ofendida com o desdém do outro, logo que os conheci, adotei o preconceito e a ignorância e despedi a razão, quando tive de optar. Até agora, eu não me conhecia.

Dela mesma para Jane, de Jane para Bingley, seus pensamentos seguiam uma trilha que logo a faria lembrar-se de que a explicação do sr. Darcy sobre *aquilo* se mostrara muito insuficiente, e tornou a lê-la. Muito diferente foi o efeito daquela releitura. Como poderia negar crédito às afirmações dele num caso, se fora obrigada a concedê-lo no outro? Ele se declarava completamente ignorante do amor de sua irmã; e ela não pôde evitar que lhe ocorresse à memória qual fora desde o começo a opinião de Charlotte. Nem podia negar a exatidão de sua descrição de Jane. Ela percebeu que os sentimentos de Jane, embora intensos, pouco se mostravam, e que ela assumia constantemente um ar e maneiras complacentes, nem sempre unidos a uma grande sensibilidade.

Quando chegou àquela parte da carta em que era mencionada a sua família, em termos de dura, embora merecida, censura, sentiu profunda vergonha. A justiça da acusação atingiu-a com demasiada força para poder ser negada, e as cenas a que ele aludia em particular, ocorridas durante o baile de Netherfield e que confirmaram a sua desaprovação inicial, não podiam ter causado nele uma impressão mais forte do que nela própria.

O cumprimento a ela e à irmã não fora hipócrita. Ele aliviou, mas não pôde consolá-la do desdém que o resto da família provocara contra si mesmo; e quando considerou que a decepção de Jane fora, na verdade, provocada pelos seus parentes mais próximos, e percebeu o quanto o crédito de ambas devia ter sofrido por tal comportamento impróprio, ela nunca se sentiu mais abatida.

Depois de perambular pela trilha durante duas horas, absorta em todo tipo de pensamentos — reconsiderando acontecimentos, calculando probabilidades e conformando-se o melhor que pôde com uma mudança tão súbita e tão decisiva, o cansaço e a percepção de que estivera ausente por muito tempo finalmente a fizeram voltar para casa; e entrou desejando parecer alegre como sempre e resolvida a reprimir tais reflexões, que podiam impedi-la de conversar normalmente.

Logo lhe disseram que dois cavalheiros de Rosings a haviam procurado em sua ausência; o sr. Darcy, só por alguns minutos, antes de se despedir — mas o coronel Fitzwilliam permanecera sentado por pelo menos uma hora, na espera do seu retorno e quase decidido a ir procurá-la. Elizabeth só pôde *fingir* apreensão pelo desencontro; na verdade, ela se alegrou. O coronel Fitzwilliam já não lhe importava; só conseguia pensar na carta.

Capítulo 37

Os dois cavalheiros partiram de Rosings na manhã seguinte e, tendo o sr. Collins ficado à espera deles junto aos portões, para lhes dar as suas despedidas, pôde levar para casa a agradável notícia de que eles pareciam em muito boa forma e com o bom humor possível depois da cena melancólica que devia ter acontecido em Rosings. Apressou-se, então, a ir a Rosings, para reconfortar *Lady Catherine* e a filha; e trouxe à sua volta, com grande satisfação, uma mensagem de Sua Senhoria, comunicando que se sentia tão desanimada, que convidava todos eles para jantar consigo.

Elizabeth não podia ver *Lady Catherine* sem lembrar-se de que, se tivesse querido, poderia a essa altura ter sido apresentada a ela como sua futura sobrinha; nem podia pensar sem sorrir em qual teria sido a indignação de Sua Senhoria. “Que teria dito? Como se teria comportado?”, eram perguntas que a divertiam.

O primeiro assunto foi a redução no número de moradores de Rosings.

— Garanto a vocês que isso me deixa consternada — disse *Lady Catherine*. — Creio que ninguém sente mais saudades dos entes queridos do que eu. Mas eu sou especialmente apegada a esses jovens e sei que são igualmente apegados a mim! Estavam infinitamente tristes por partir! Mas é sempre assim. O meu querido coronel conseguiu conter-se razoavelmente até o último momento; mas Darcy pareceu sofrer mais intensamente, mais, creio eu, do que no ano passado. O seu apego a Rosings certamente aumentou.

O sr. Collins fez aqui uma alusão elogiosa, e a mãe e a filha sorriram delicadamente.

Depois do jantar, *Lady Catherine* observou que a srta. Bennet parecia desanimada, e de imediato explicou o caso para si mesma, imaginando que também ela não quisesse voltar para casa tão cedo. E acrescentou:

— Mas, se for essa a razão, você deve escrever à sua mãe e pedir-lhe para permanecer um pouco mais. A sra. Collins ficará muito feliz com a sua companhia, tenho certeza.

— Estou muito agradecida a Vossa Senhoria pelo gentil convite — tornou Elizabeth —, mas não está em meu poder aceitá-lo. Devo estar em Londres sábado que vem.

— Mas por que diabos você vai ficar aqui só seis semanas? Eu esperava que permanecesse por dois meses. Disse isso à sra. Collins antes de você chegar. Não pode haver motivos para você partir tão cedo. A sra. Bennet com certeza pode dispensá-la por mais duas semanas.

— Mas meu pai não pode. Ele me escreveu a semana passada para que eu apressasse a volta.

— Ah! Se a sua mãe pode, é claro que o seu pai também pode dispensar você. Um pai nunca dá muita importância à filha. E, se vocês ficarem mais um mês inteiro, posso levar uma de vocês até Londres, pois vou passar uma semana lá, no começo de junho; e, como Dawson não se opõe a usar o banco do condutor da caleça, haverá muito espaço para uma de vocês... e de fato, se fizer frio, eu não me oporei a levar vocês duas, pois nenhuma das duas é corpulenta.

— Vossa Senhoria é muito gentil, mas temos de seguir o nosso plano original.

Lady Catherine pareceu resignada.

— Sra. Collins, você deve mandar uma criada com elas. Você sabe que não escondo o que penso e que não posso tolerar a ideia de duas mocinhas viajarem sozinhas numa diligência. É muito inconveniente. Você tem de arrumar um jeito de enviar alguém. Tenho a maior repulsa do mundo por esse tipo de coisa. As mocinhas devem sempre ser corretamente protegidas e acompanhadas, segundo a sua condição social. Quando a minha sobrinha

Georgiana foi a Ramsgate no verão passado, fiz questão de que dois criados a acompanhassem. Sem isso, a srta. Darcy, filha do sr. Darcy, de Pemberley, e de *Lady Anne*, não poderia aparecer de modo conveniente. Sou infinitamente atenta a esse tipo de coisa. Você deve mandar John com as moças, sra. Collins. Estou contente por ter-me ocorrido dizer isso; pois deixá-las partir sozinhas teria sido muito desabonador para você.

— Meu tio vai mandar um criado para nos buscar.

— Ah! O seu tio! Ele tem um criado, não é? Fico feliz em saber que você tem alguém que se preocupe com essas coisas. Onde farão a troca de cavalos? Ah! Em Bromley, é claro. Se mencionar o meu nome no “Sino”, serão bem atendidas.

Tinha *Lady Catherine* ainda muitas outras perguntas a fazer acerca da jornada, e, como não respondeu ela mesma a todas, era necessária certa atenção, o que pareceu a Elizabeth algo bom para si mesma; pois, se não fosse isso, com a mente tão ocupada, poderia até esquecer onde estava. A reflexão deve ser reservada para as horas solitárias; sempre que estava sozinha, entregava-se a ela como o maior dos alívios; e não se passou nenhum dia sem uma caminhada solitária, em que podia mergulhar em toda a delícia das lembranças desagradáveis.

Já quase sabia de cor a carta do sr. Darcy. Estudou cada sentença; e seus sentimentos para com o autor eram por vezes violentamente contrastantes. Quando se lembrava do estilo de seu trato, ainda ficava indignadíssima; mas, quando considerava como ela o condenara e repreendera injustamente, a raiva voltava-se contra ela mesma; e seu decepcionado amor tornava-se objeto de compaixão. Sua afeição provocava gratidão, seu caráter como um todo, respeito; mas não conseguia aprová-lo; nem podia por um instante sequer lamentar a sua recusa ou sentir o menor desejo de tornar a vê-lo. Em seu próprio comportamento passado ela encontrava uma fonte de vergonha e de pesar; e, nos lamentáveis defeitos da família, um motivo de ainda maior amargor. Eram um caso perdido. O pai, contente em rir delas, nunca se importava para refrear a irrequieta frivolidade de suas irmãs menores; e sua mãe, ela própria com maneiras tão condenáveis, era completamente insensível ao problema. Muitas vezes Elizabeth se unia a Jane na tentativa

de combater a imprudência de Catherine e Lydia; mas, enquanto encontravam refúgio na indulgência da mãe, que possibilidade de progresso havia? Catherine, de caráter fraco, irritável e inteiramente sob a influência de Lydia, sempre se rebelara contra os conselhos delas; e Lydia, teimosa e desleixada, mal as escutava. Eram ignorantes, preguiçosas e fúteis. Enquanto houvesse um oficial em Meryton, elas flertariam com ele; e, enquanto Meryton estivesse à distância de uma caminhada de Longbourn, iriam eternamente até lá.

A preocupação com Jane era outro de seus pensamentos predominantes; e a explicação do sr. Darcy, ao devolver a Bingley toda a boa opinião que tinha sobre ele, acentuou a consciência do que Jane perdera. O amor dele revelou-se sincero, e seu comportamento, inocente de qualquer culpa, a menos que quisessem censurá-lo pela implícita confiança no amigo. Como era melancólico, então, o pensamento de que Jane perdera uma situação tão desejável em todos os aspectos, tão vantajosa, que prometia tanta felicidade, pela insensatez e falta de decoro de sua própria família!

Quando a essas recordações se somava o exame do caráter de Wickham, não é difícil de acreditar que o seu bom humor, que antes raramente se deixava abater, estava agora tão abalado, que se tornara quase impossível para ela mostrar-se razoavelmente alegre.

Seus compromissos em Rosings foram tão frequentes na última semana de sua permanência quanto o foram na primeira. A última noite foi passada lá; e Sua Senhoria mais uma vez as interrogou minuciosamente sobre os pormenores da viagem, deu-lhes instruções sobre o melhor método de fazer as malas, e foi tão enfática a respeito da necessidade de colocar os vestidos da única forma certa, que Maria se julgou obrigada, ao voltar para casa, a desfazer todas as malas e fazê-las de novo.

Quando partiram, *Lady* Catherine, com grande condescendência, desejou-lhes boa viagem e as convidou a virem a Hunsford de novo no ano seguinte; e a srta. de Bourgh chegou a fazer uma reverência e a estender a mão para as duas.

Capítulo 38

No sábado de manhã, Elizabeth e o sr. Collins se encontraram para o café da manhã alguns minutos antes que os outros aparecessem; e ele aproveitou a oportunidade para lhe fazer as cortesias de despedida que considerava indispensavelmente necessárias.

— Não sei, srta. Elizabeth — disse ele —, se a sra. Collins já lhe expressou a percepção da sua bondade em vir visitar-nos; estou, todavia, certíssimo de que a senhorita não deixará a casa sem receber os agradecimentos dela por isso. O favor da sua companhia foi muito apreciado, garanto-lhe. Sabemos quão pouco há em nossa modesta morada que possa atrair alguém. Nossa maneira simples de viver, nossos aposentos diminutos e os poucos domésticos e as poucas pessoas que frequentamos devem fazer de Hunsford um lugar extremamente aborrecido para uma jovem dama como a senhorita; mas espero que nos creia gratos pela condescendência e que fizemos tudo que estava ao nosso alcance para impedir que passasse o tempo de modo desagradável.

Elizabeth foi efusiva em seus agradecimentos e votos de felicidade. Passara seis semanas muito agradáveis; e o prazer de estar com Charlotte e as gentis atenções que recebera faziam que *ela* se sentisse no dever de agradecer. O sr. Collins ficou satisfeito, e com a mais risonha solenidade respondeu:

— Proporciona-me imenso prazer ouvir que a senhorita passou seu tempo não desagradavelmente. Decerto demos o melhor de nós; e, tendo tido a incomensurável boa sorte de poder apresentá-la a uma companhia

muito superior e, graças a nossas relações com Rosings, de ter com frequência a possibilidade de diversificar o nosso humilde cenário doméstico, creio que podemos gabar-nos de que a sua visita a Hunsford não foi completamente maçante. A nossa situação em relação à família de *Lady Catherine* é, de fato, o tipo de vantagem e extraordinária bênção de que poucos podem vangloriar-se. A senhorita viu o grau de intimidade que existe entre nós. A senhorita viu com que frequência somos convidados a visitá-las. Na verdade, devo reconhecer que, com todas as desvantagens deste modesto presbitério, não devo julgar que ninguém que nele resida seja digno de compaixão, enquanto compartilhar a nossa familiaridade com Rosings.

Para a elevação de seus sentimentos, as palavras eram insuficientes; e foi obrigado a caminhar pela sala, enquanto Elizabeth tentava unir a boa educação e a verdade em poucas e breves sentenças.

— A senhorita poderá fazer um relato favorabilíssimo a nosso respeito em Hertfordshire, minha querida prima. Quero crer, pelo menos, que assim seja. A senhorita foi testemunha das grandes atenções de *Lady Catherine* para com a sra. Collins; e creio também que não pareça que a sua amiga esteja infeliz... Mas sobre esse ponto será melhor calar. Permita-me apenas garantir-lhe, minha querida srta. Elizabeth, que eu lhe desejo de coração igual felicidade no casamento. Minha querida Charlotte e eu temos uma só mente e uma só maneira de pensar. Existe sobre tudo uma notabilíssima semelhança de caráter e ideias entre nós. Parece que nascemos um para o outro.

Elizabeth pôde tranquilamente afirmar que era uma grande felicidade que assim fosse, e com igual sinceridade acrescentou que acreditava firmemente na sua satisfação doméstica, e se alegrava com isso. Não lamentou, porém, ver as suas palavras interrompidas pela pessoa de que falavam. Pobre Charlotte! Era triste deixá-la em tal companhia! Era, porém, a vida que ela mesma escolhera, conscientemente; e, embora obviamente lamentasse que suas visitantes fossem embora, não parecia digna de piedade. O lar e os afazeres domésticos, a paróquia e as galinhas e todos os

cuidados que lhes estavam relacionados ainda não haviam perdido os seus encantos.

Chegou enfim a carruagem, os baús foram amarrados, os pacotes, levados para dentro e foi declarado que tudo estava pronto. Depois de uma afetuosa despedida entre as amigas, Elizabeth foi acompanhada até a carruagem pelo sr. Collins e, enquanto desciam o jardim, ele transmitia a ela os seus melhores votos a toda a família, sem esquecer os agradecimentos pela gentileza de que fora alvo em Longbourn no inverno, e os cumprimentos ao sr. e à sra. Gardiner, embora não os conhecesse. Deu, então, a mão a ela para que subisse, Maria a seguiu e a porta estava a ponto de se fechar quando de repente ele lembrou a elas, consternado, que se haviam esquecido de deixar uma mensagem para as damas de Rosings.

— Mas — acrescentou ele — as senhoritas vão querer, é claro, transmitir seus humildes respeitos a elas, em profundo agradecimento pela gentileza com que foram tratadas enquanto aqui estiveram.

Elizabeth não fez nenhuma objeção; a porta pôde então ser fechada e a carruagem partiu.

— Meu Deus! — exclamou Maria, depois de alguns minutos de silêncio. — Parece que chegamos aqui há um ou dois dias! Mas quantas coisas aconteceram!

— Muitas, mesmo — disse a sua companheira, com um suspiro.

— Jantamos nove vezes em Rosings, além de tomarmos chá duas vezes! Quanta coisa vou ter para contar!

Elizabeth acrescentou com seus botões: “E quantas vou ter para esconder!”.

A jornada transcorreu sem muitas conversas e sem nenhum incidente; e, quatro horas depois de deixarem Hunsford, chegaram à casa do sr. Gardiner, onde deviam permanecer alguns dias.

Jane parecia bem e Elizabeth teve pouca oportunidade de examinar seu estado de espírito, em meio aos vários compromissos que a gentileza do tio lhes havia reservado. Mas Jane voltaria para casa com ela, e em Longbourn sua irmã teria tempo suficiente para observá-la.

No entanto, não foi sem esforço que ela teve de se conter até Longbourn, para relatar à irmã a proposta do sr. Darcy. Saber que tinha o poder de revelar algo que deixaria Jane completamente pasma e deveria, ao mesmo tempo, satisfazer toda a vaidade que a razão ainda não pudera retirar-lhe fazia da franqueza uma tentação que nada poderia vencer, senão o estado de indecisão em que permaneceu sobre o que deveria revelar e o que não deveria, e o temor de, se tocasse no assunto, escapar-lhe algo sobre Bingley que só poderia agravar o sofrimento da irmã.

Capítulo 39

Era a segunda semana de maio, quando as três moças partiram juntas da Gracechurch Street para a cidade de ***, em Hertfordshire; e, quando se aproximavam do albergue em que a carruagem do sr. Bennet devia apanhá-las, logo perceberam Kitty e Lydia à janela de um refeitório que ficava no andar superior, como prova da pontualidade do cocheiro. As duas mocinhas estavam havia mais de uma hora ali, alegremente ocupadas em visitar uma loja de moda em frente, observar a sentinela de plantão e temperar uma salada de pepino.

Depois de darem as boas-vindas às irmãs, exibiram triunfantes uma mesa posta com uma refeição à base de carnes frias como a cozinha de qualquer albergue pode servir, exclamando:

— Não está ótimo? Não é uma surpresa agradável?

— E queremos dar de comer a todas vocês — acrescentou Lydia —, mas vocês precisam emprestar-nos dinheiro, pois acabamos de gastar o nosso naquela loja ali.

Em seguida, mostrando suas compras:

— Vejam só, comprei este chapeuzinho. Não acho que seja muito bonito; mas pensei que tanto fazia comprar ou não. Vou descosturá-lo assim que chegar em casa, para ver se consigo melhorar alguma coisa.

E, quando as irmãs disseram que era feio, ela acrescentou, com total indiferença:

— Ah! Mas havia dois ou três mais feios na loja; e, quando eu comprar cetim de cores mais vistosas para enfeitá-lo, acho que vai ficar bem

aceitável. Além disso, não vai importar muito o que se vai vestir este verão, depois que o regimento de ***shire foi embora de Meryton, para voltar só daqui a duas semanas.

— É mesmo? — exclamou Elizabeth, com a maior satisfação.

— Vão acampar perto de Brighton; e quero tanto que o papai nos leve para lá durante todo o verão! É um plano delicioso; e tenho certeza de que não vai custar nada. A mamãe gostaria tanto de ir! Se não formos, imagine só que verão tenebroso vamos ter!

— Sim — pensou Elizabeth —, esse seria sem dúvida um projeto delicioso, exatamente aquilo de que precisamos agora. Deus do céu! Brighton e um acampamento inteiro de soldados, para nós, que já não podemos nem com um pobre regimento da milícia e os bailes mensais de Meryton!

— Agora tenho algumas notícias para vocês — disse Lydia, enquanto se sentavam à mesa. — O que acham? É uma excelente notícia... importantíssima... sobre uma pessoa de quem todas nós gostamos!

Jane e Elizabeth se entreolharam, e pediram ao garçom que se retirasse. Lydia riu e disse:

— Ah, isso é bem típico do formalismo e da discrição de vocês. Acharam que o garçom não deveria ouvir, como se ele se importasse! Aposto que ele sempre ouve coisas piores do que as que vou contar. Mas ele é muito feio! Estou feliz agora que foi embora. Nunca vi um queixo mais comprido na vida. Bom, vamos à notícia; é sobre o nosso querido Wickham; bom demais para o garçom, não é? Não há mais perigo de Wickham casar com King. Esta é para você! Ela foi morar com um tio em Liverpool: e foi para ficar. Wickham está salvo.

— E Mary King está salva! — acrescentou Elizabeth. — A salvo de uma relação imprudente para o seu bolso.

— Ela é uma grande boba de ir embora, se gostava dele.

— Acho que não há nenhuma atração forte, de nenhum dos lados — disse Jane.

— Tenho certeza de que não há da parte *dele*. Tenho certeza de que ele nunca deu a mínima importância a ela... E como poderia interessar-se por

uma coisa tão asquerosa e sardenta?

Elizabeth ficou chocada ao pensar que, embora incapaz de tal grosseria de *expressão*, a grosseria de *sentimento* era quase a mesma que seu peito abrigara e julgara generosa!

Assim que acabaram de comer e as irmãs mais velhas pagaram, chamaram a carruagem; e, depois de usar de um pouco de engenhosidade, o grupo inteiro, com suas caixas, malas e pacotes e mais a pouco bem-vinda adição das compras de Kitty e Lydia, instalou-se dentro dela.

— Como estamos bem instaladas! — exclamou Lydia. — Estou contente de ter comprado o bonezinho, mesmo que seja só pelo prazer de ter outra caixa de chapéu! Bom, vamos agora tratar de ficar bem confortáveis e aconchegadas, e falar e rir até chegar em casa. E, para começar, vamos ouvir o que aconteceu com vocês todas desde que foram embora. Viram algum homem interessante? Flertaram com alguém? Eu tinha grandes esperanças de que uma das duas ia arrumar marido antes de voltar para casa. Jane logo será uma solteirona, é o que eu digo. Tem quase vinte e três anos! Meu Deus, que vergonha eu sentiria se ainda não estivesse casada aos vinte e três! Titia Phillips quer tanto que vocês arrumem marido, vocês não podem imaginar. Ela diz que Lizzy deveria ter aceitado o sr. Collins; mas *eu* acho que não seria nem um pouco engraçado. Meu Deus! Como gostaria de me casar antes de vocês duas; e então eu ia servir de *chaperon* a vocês em todos os bailes. Se vocês soubessem como nos divertimos outro dia na casa do coronel Forster! Kitty e eu íamos passar o dia lá, e a sra. Forster prometeu dar um bailinho à noite (aliás, a sra. Forster e eu somos *ótimas* amigas!), e então ela convidou as duas Harrington, mas Harriet estava doente, então Pen foi obrigada a vir sozinha; e então, que vocês acham que ele fez? Pusemos roupas de mulher no Chamberlayne para fazê-lo passar por mulher, imagine só a farra! Ninguém sabia de nada, só o coronel e a sra. Forster, e Kitty e eu, e a titia, porque fomos obrigadas a tomar emprestado um dos seus vestidos; e vocês não podem acreditar como ele ficou bem! Quando Denny e Wickham e Pratt e mais dois ou três homens chegaram, não o reconheceram de jeito nenhum. Meu Deus! Como

eu ri! E a sra. Forster também. Achei que ia morrer. E isso fez que os homens ficassem com a pulga atrás da orelha e logo descobrissem tudo.

Com esse tipo de histórias de suas festas e brincadeiras, Lydia, auxiliada pelas sugestões e adições de Kitty, tentou divertir as companheiras no caminho até Longbourn. Elizabeth escutava o mínimo que podia, mas não podia escapar à frequente menção do nome de Wickham.

Tiveram a melhor das recepções. A sra. Bennet estava feliz em ver que a beleza de Jane continuava a mesma; e mais de uma vez durante o jantar o sr. Bennet disse espontaneamente a Elizabeth:

— Estou contente em tê-la de volta, Lizzy.

Havia muitos convidados na sala de jantar, pois vieram quase todos os Lucas para ver Maria e ouvir as novidades; e se conversou sobre muitos assuntos: *Lady* Lucas fazia perguntas a Maria acerca do bem-estar e do galinheiro da filha mais velha; a sra. Bennet estava duplamente ocupada, por um lado, ouvindo uma explicação da nova moda apresentada por Jane, que estava sentada um pouco abaixo dela e, por outro, esmiuçando tudo para as Lucas mais moças; e Lydia, em voz mais alta do que a de todas as outras pessoas, enumerava todos os prazeres da manhã a quem quisesse ouvi-la.

— Ah! Mary — disse ela —, você devia ter ido conosco, nós nos divertimos tanto! Na ida, Kitty e eu fechamos todas as cortinas, para fingir que não havia ninguém na carruagem; e iríamos assim até o fim, se a Kitty não ficasse enjoada; e, quando chegamos ao George, acho que nos comportamos maravilhosamente, pois servimos às outras três o melhor lanche frio do mundo, e se você tivesse ido também seria servida. E então, quando voltamos, foi tão divertido! Pensei que não caberíamos naquela carruagem. Quase morri de rir. E estávamos tão alegres durante todo o caminho de volta para casa! Falávamos e ríamos tão alto, que todos num raio de dez milhas devem ter-nos ouvido!

Ao que Mary respondeu muito séria:

— Longe de mim, minha querida irmã, desprezar tais diversões! Elas, sem dúvida, seriam congeniais à generalidade das mentes femininas. Mas

confesso que não teriam atrativos para *mim...* Eu preferiria infinitas vezes mais um livro.

Lydia, porém, não ouviu sequer uma palavra da resposta. Raramente escutava alguém por mais de trinta segundos e nunca dava atenção a Mary.

À tarde, Lydia insistiu com as demais jovens que fossem até Meryton para saber das novidades; mas Elizabeth opôs-se firmemente à ideia. Não deveriam dar oportunidade a que dissessem que as srtas. Bennet não podiam ficar em casa durante metade do dia sem sair à caça dos oficiais. Havia também outra razão para opor-se. Apavorava-a a perspectiva de tornar a ver o sr. Wickham, e estava decidida a evitá-lo enquanto possível. Era indizível o alívio que *ela* sentia à aproximação da partida do regimento. Deviam partir em duas semanas — e, uma vez distantes, nada mais poderia atormentá-la da parte dele.

Ela não havia passado muitas horas em casa quando descobriu que o projeto de ir a Brighton, insinuado por Lydia no albergue, estava sob frequente discussão da parte dos pais. Elizabeth logo viu que seu pai não tinha a menor intenção de ceder; mas as respostas dele eram ao mesmo tempo tão vagas e ambíguas, que sua mãe, embora muitas vezes se sentisse desanimada, ainda não perdera as esperanças de ser por fim bem-sucedida.

Capítulo 40

Elizabeth já não conseguia conter a impaciência de dizer a Jane o que acontecera; e por fim, decidida a suprimir todos os detalhes que se referissem à irmã e preparando-a para uma surpresa, descreveu-lhe na manhã seguinte a parte principal da cena entre o sr. Darcy e ela.

O espanto da srta. Bennet logo foi mitigado pela forte afeição que tinha pela irmã, que fazia que qualquer admiração por Elizabeth parecesse perfeitamente natural; e logo toda surpresa se perdeu em outros sentimentos. Lamentava que o sr. Darcy tivesse exprimido seus sentimentos de maneira tão pouco apta a valorizá-los; mas sentiu ainda maior pesar pela infelicidade que a recusa da irmã devia ter-lhe provocado.

— A certeza que tinha de ser bem-sucedido era equivocada — disse ela —, e certamente não devia ter transparecido; mas imagine como isso deve ter agravado a sua decepção!

— De fato — replicou Elizabeth —, lamento profundamente por ele; ele tem, contudo, outros sentimentos que, provavelmente, o farão perder o afeto por mim. Mas você não me censura por tê-lo recusado?

— Censurar você! Ah, não.

— Mas você me censura por ter falado de Wickam com tanto entusiasmo.

— Não... Eu não sabia que você estava errada ao dizer o que disse.

— Mas você *vai* saber quando eu lhe disser o que aconteceu no dia seguinte.

Falou, então, da carta, repetindo todo o seu conteúdo, no que se referia a George Wickham. Que choque para a pobre Jane, que estava pronta para passar pelo mundo sem acreditar que existisse tanta maldade em toda a raça humana somada, como a que aqui se concentrava num único indivíduo! Nem a vingança de Darcy, embora grata a seus sentimentos, foi capaz de consolá-la de tal descoberta. Tentou energicamente provar a probabilidade de erro e absolver um sem comprometer o outro.

— Isso não vai dar certo — disse Elizabeth —; você nunca poderá fazer os dois serem bons. Faça a sua escolha, mas deve contentar-se com um só dos dois. Há entre eles só essa quantidade de mérito; apenas o bastante para fazer um único homem bom; e ultimamente esse mérito tem variado bastante, de um para o outro. Eu, por meu lado, estou inclinada a acreditar totalmente no que diz Darcy; mas você deve fazer sua própria escolha.

Demorou algum tempo, no entanto, até que Jane voltasse a sorrir.

— Acho que nunca fiquei tão chocada — disse ela. — Wickham tão mau assim! É quase inacreditável. E coitado do sr. Darcy! Querida Lizzy, imagine só o que ele deve ter sofrido. Uma decepção dessas! E sabendo da má fama, também! E tendo de contar uma coisa dessas da irmã! É deprimente demais. Tenho certeza de que você concorda comigo.

— Ah, não! Perco todos os remorsos e toda a compaixão ao ver você tão cheia de ambos. Sei que você lhe fará tão ampla justiça, que a cada momento fico mais despreocupada e indiferente. Sua prodigalidade torna-me avara; e, se você o lamentar por mais algum tempo, meu coração vai tornar-se leve como uma pluma.

— Pobre Wickham! Há tal expressão de bondade em suas feições! Tal sinceridade e gentileza em seu jeito!

— Houve por certo algum problema na educação desses dois jovens. Um ficou com toda a bondade, e o outro, com toda a aparência dela.

— Nunca achei, como era o seu costume, que o sr. Darcy carecesse de tal *aparência*.

— E no entanto eu achava que estava sendo extraordinariamente esperta ao assumir uma antipatia tão profunda, sem nenhuma razão. Uma repulsa desse tipo é um tal estímulo à genialidade, uma tal oportunidade para a

inteligência! Podemos falar mal de alguém sem parar e não dizer nada de justo; mas não podemos rir sempre de um homem sem de quando em quando topar com alguma coisa espirituosa.

— Lizzy, a primeira vez que você leu a carta, tenho certeza de que não conseguiu encarar o caso como agora o encara.

— Não consegui, mesmo. Estava muito constrangida, sentindo-me até infeliz. E sem ter ninguém com quem falar sobre o que sentia, nenhuma Jane para me reconfortar e dizer que eu não havia sido tão fraca e fútil e insensata como sabia que fora! Ah! Como senti falta de você!

— É uma pena que você tenha usado expressões tão fortes ao falar de Wickham ao sr. Darcy, pois agora elas parecem *mesmo* completamente imerecidas.

— É verdade. Mas a infelicidade de falar com amargura é uma consequência muito natural dos preconceitos que eu vinha nutrindo. Há um ponto sobre o qual quero a sua opinião. Quero que me diga se devo ou não revelar aos nossos conhecidos em geral o verdadeiro caráter de Wickham.

A srta. Bennet fez uma breve pausa e então respondeu:

— Certamente não há por que desmascará-lo de modo tão terrível. Qual é a sua opinião?

— Que não seja o caso de fazê-lo. O sr. Darcy não me autorizou a tornar pública a sua comunicação. Ao contrário, eu não devia revelar nenhum dos pormenores relacionados à irmã; e, se eu tentar desiludir as pessoas quanto ao resto da sua conduta, quem vai acreditar em mim? É tão violento o preconceito geral contra o sr. Darcy, que metade da boa gente de Meryton preferiria morrer a tentar mostrá-lo sob uma luz simpática. Não sirvo para isso. Wickham logo vai partir; e portanto pouca importância terá quem ele realmente é. Daqui a algum tempo, tudo será descoberto e então poderemos rir da estupidez deles por não terem percebido antes. No momento, não vou falar nada sobre o caso.

— Você está certa. Tornar públicos os erros dele pode arruiná-lo para sempre. Talvez ele lamente agora o que fez e esteja ansioso para reformar o seu caráter. Não devemos desesperá-lo.

O tumulto na mente de Elizabeth foi aliviado por essa conversa. Livrara-se de dois dos segredos que pesavam sobre ela havia duas semanas e teve a certeza de encontrar em Jane uma pessoa disposta a escutá-la toda vez que quisesse falar de novo de qualquer dos dois. Havia ainda, porém, algo à espreita por trás, cuja revelação a prudência proibía. Não ousava contar a outra metade da carta do sr. Darcy, nem explicar à irmã com que sinceridade fora amada pelo amigo dele. Essa era uma informação que ninguém poderia compartilhar; e estava ciente de que só mesmo um perfeito entendimento entre as partes poderia justificar que se livrasse do estorvo desse último mistério.

“E então”, pensou ela, “se esse muito improvável evento tiver lugar, poderei somente dizer o que o próprio Bingley poderá contar de maneira muito mais agradável. Só poderei ter liberdade de comunicação quando ela já não tiver nenhum valor!”.

Agora, que voltara para casa, tinha tempo para observar o real estado de espírito da irmã. Jane não estava feliz. Ainda sentia um afeto muito profundo por Bingley. Não tendo nunca antes sequer se julgado apaixonada, sua afeição tinha todo o entusiasmo do primeiro amor e, pela idade e personalidade, maior firmeza do que os primeiros amores costumam demonstrar; e ela apreciava com tanto fervor a lembrança dele e o preferia a qualquer outro homem, que tinha de se valer de todo o seu bom-senso e de toda a sua atenção aos sentimentos dos amigos para não se entregar àquelas saudades danosas à saúde e à tranquilidade.

— Muito bem, Lizzy — disse certo dia a sra. Bennet —, qual é *agora* a sua opinião sobre esse triste caso da Jane? Eu, por meu lado, decidi nunca mais falar a esse respeito com ninguém. Disse isso à minha irmã Phillips outro dia. Mas, pelo que sei, Jane não o viu nenhuma vez em Londres. Ora, ele é um rapaz muito indigno... e não acho que agora haja a menor possibilidade de que ela volte a tê-lo. Não se fala mais que ele volte a Netherfield para o verão; e me informei com todos os que podiam saber de alguma coisa.

— Não creio que ele um dia volte a morar em Netherfield.

— Muito bem! Seja como ele quiser. Ninguém quer que ele venha. Mas vou sempre dizer que ele tratou pessimamente a minha filha; e, se eu fosse ela, não teria tolerado aquilo. Meu consolo é que com certeza Jane vai morrer de desgosto e ele se arrependerá do que fez pelo resto da vida.

Mas, como Elizabeth não sentia nenhum consolo naquela expectativa, não deu nenhuma resposta.

— Diga-me uma coisa, Lizzy — continuou a mãe, logo em seguida —; então é verdade que os Collins têm uma vida muito sossegada, não é? Muito bem. Só espero que isso dure bastante. E como é a comida na casa deles? Tenho certeza de que a Charlotte é uma excelente dona de casa. Se tiver metade da esperteza da mãe, estará economizando muito. Estou certa de que não fazem extravagâncias na casa *deles*.

— Não, de jeito nenhum.

— Muito boa administração, pode ter certeza. Claro. *Eles* vão tomar cuidado para não entrar no vermelho. *Eles* nunca perderão o sono por causa de dinheiro. Que sejam felizes assim! E, é claro, eles sempre falam de tomar posse de Longbourn quando seu pai morrer. Com certeza vão considerar a casa sua propriedade, quando acontecer.

— Esse é um assunto que eles não poderiam abordar na minha presença.

— Não; seria estranho se o fizessem; mas não tenho dúvida de que sempre falam sobre isso entre ele. Ora, se conseguem sentir-se bem com uma propriedade que legalmente não é deles, melhor para eles. Eu sentiria vergonha de ter um imóvel de que só tivesse o morgadio.

Capítulo 41

Passou rápido a primeira semana depois de seu retorno. Era a última da permanência do regimento em Meryton, e todas as moçoilas da vizinhança esmoreciam a olhos vistos. O abatimento era quase universal. Só as duas srtas. Bennet ainda conseguiam comer, beber e dormir e seguir o ritmo normal de suas ocupações. Não raro tal insensibilidade era criticada por Kitty e Lydia, cuja angústia era extrema e não conseguiam compreender tanta crueldade em alguém da família.

— Meu Deus! Que vai ser de nós? Que devemos fazer? — exclamavam muitas vezes elas no amargor da desolação. — Como você consegue sorrir assim, Lizzy?

Sua carinhosa mãe compartilhava todo o seu pesar; lembrava-se daquilo por que ela mesma passara numa situação semelhante, vinte e cinco anos atrás.

— Lembro-me muito bem — disse ela — que chorei dois dias sem parar quando o regimento do coronel Miller foi embora. Aquilo partiu o meu coração.

— Tenho certeza de que o *meu* vai partir-se também — disse Lydia.

— Se pelo menos fôssemos a Brighton! — observou a sra. Bennet.

— É mesmo!... Se fôssemos a Brighton! Mas o papai é um desmancha-prazeres.

— Um banhinho de mar levantaria o meu moral de uma vez.

— E tia Phillips garante que isso *me* faria muito bem — acrescentou Kitty.

Eram essas as lamúrias que ecoavam continuamente na casa de Longbourn. Elizabeth tentava divertir-se com elas; mas todo o prazer se transformava em vergonha. Sentiu de novo a justiça das críticas do sr. Darcy; e nunca estivera tão disposta a perdoar a sua intromissão nos planos do amigo.

Mas a melancolia das perspectivas de Lydia logo se dissipou, pois recebeu um convite da sra. Forster, a esposa do coronel do regimento, para acompanhá-la a Brighton. Essa preciosa amiga era uma mulher muito jovem, casada havia muito pouco tempo. A semelhança de humor e de boa disposição atraíram a ela e a Lydia uma à outra, e, *três* meses depois de se conhecerem, já eram amigas íntimas havia *dois*.

O entusiasmo de Lydia nessa ocasião, sua adoração pela sra. Forster, o contentamento da sra. Bennet e a prostração de Kitty mal podem ser descritos. Completamente indiferente aos sentimentos da irmã, Lydia corria pela casa em êxtase contínuo, pedindo as felicitações de todos, e rindo e falando com mais violência do que nunca; enquanto a azarada Kitty continuava na sala a queixar-se absurdamente do destino, em tom muito irritado.

— Não consigo entender por que a sra. Forster não convidou a *mim* com a Lydia — disse ela —, apesar de *não* ser sua amiga particular. Tenho tanto direito quanto ela de ser convidada, e até mais, pois sou dois anos mais velha.

Em vão tentou Elizabeth fazê-la cair em si, e Jane fazê-la resignar-se. Quanto a Elizabeth, aquele convite estava tão longe de provocar nela os mesmos sentimentos que em sua mãe e em Lydia, que o considerava o golpe de misericórdia em qualquer possibilidade de senso comum nessa última; e, por mais detestável que tal ato a tornaria se viesse a ser descoberto, não pôde deixar de aconselhar secretamente o pai a não deixá-la ir. Ela lhe falou de toda a inconveniência do comportamento geral de Lydia, o pouco proveito que poderia tirar da amizade de uma mulher como a sra. Forster, e a probabilidade de tornar-se ainda mais imprudente com tal companheira, em Brighton, onde as tentações deviam ser maiores do que em casa. Ele a ouviu com atenção e então disse:

— Lydia não vai sossegar até se comprometer publicamente num ou noutro lugar, e não podemos esperar que ela faça isso com menos desgaste ou inconveniência para a família do que na presente situação.

— Se o senhor tivesse conhecimento — disse Elizabeth — do grande prejuízo que pode causar-nos a notoriedade pública dos modos afoitos e imprudentes de Lydia... ou melhor, que já nos causou... tenho certeza de que faria outro juízo sobre o caso.

— Já causou? — repetiu o sr. Bennet. — Como assim? Ela já afugentou algum de seus admiradores? Pobrezinha da Lizzy! Mas não se deixe abater. Não valem a pena esses rapazinhos enjoados que não podem tolerar nenhuma ligação com um pouco de absurdo. Vamos, mostre-me a lista desses sujeitos desprezíveis que se afastaram por causa da loucura de Lydia.

— O senhor está enganado. Não tenho esse tipo de mágoa. Não me queixo de males particulares, mas gerais. Nossa posição, nossa respeitabilidade perante o mundo devem ser afetadas pela extrema levandade, pela audácia e pelo desdém por toda compostura próprios do caráter de Lydia. Peço perdão, pois tenho de falar claro. Se o senhor, papai querido, não se der ao trabalho de combater seus impulsos exuberantes e de ensinar a ela que as suas ocupações atuais não devem ser o seu objetivo de vida, ela logo se tornará um caso perdido. O caráter dela estará definido e, aos dezesseis anos, será a mais completa namoradeira, levando ao ridículo a si mesma e à família; namoradeira no pior sentido da palavra; sem nenhum atrativo a não ser a juventude e uma aparência razoável; e, pela ignorância e futilidade, completamente incapaz de enfrentar o desprezo geral que a sua sede de admiração provocará. Também a Kitty corre esse perigo. Ela vai imitar Lydia em tudo. Vaidosa, ignorante, preguiçosa e completamente descontrolada! Ah! Querido papai, como pode imaginar que elas não serão criticadas e desprezadas em todos os lugares onde forem conhecidas e que as irmãs delas não vão ser prejudicadas por essa desgraça?

O sr. Bennet viu que toda a alma de Elizabeth estava empenhada naquilo e carinhosamente pegou a sua mão e lhe respondeu:

— Não se preocupe assim, meu amor. Em todos os lugares em que são conhecidas, você e Jane serão respeitadas e estimadas; e não será pequena

vantagem para você ter duas... ou melhor, três... irmãs muito tolas. Não vai haver paz em Longbourn se Lydia não for a Brighton. Vamos deixá-la ir, então. O coronel Forster é um homem sensato e vai mantê-la longe de qualquer perigo real; e felizmente ela é pobre demais para ser objeto da cobiça de alguém. Em Brighton ela se destacará ainda menos do que aqui, até como namoradeira. Os oficiais vão encontrar mulheres mais dignas de atenção. Vamos esperar, então, que a sua permanência lá a faça compreender a nossa insignificância. De qualquer forma, ela não pode piorar muito, e, se o fizer, estaremos autorizados a trancá-la à chave pelo resto da vida.

Elizabeth foi obrigada a se contentar com essa resposta; mas sua opinião continuava a mesma, e ela se despediu dele decepcionada e pesarosa. Não era de sua natureza, porém, agravar suas mágoas, insistindo nelas. Estava certa de ter cumprido seu dever e não era próprio dela inquietar-se com males inevitáveis ou agravá-los com sua ansiedade.

Se Lydia e sua mãe tivessem sabido do assunto da conversa com o pai, nem a volubilidade somada das duas poderia exprimir a indignação que sentiriam. Na imaginação de Lydia, a visita a Brighton significava toda a possibilidade de felicidade neste mundo. Via, com os olhos criativos de sua fantasia, as ruas do alegre balneário repletas de oficiais. Via a si mesma como objeto das atenções de dezenas deles, todos ainda desconhecidos dela. Via todas as glórias do acampamento... suas tendas magnificamente alinhadas, com uma multidão de homens jovens e alegres, deslumbrantes em seus uniformes de cor escarlata; e, para completar a visão, via-se a si mesma sentada sob uma das barracas, flertando ternamente com pelo menos seis oficiais ao mesmo tempo.

Se soubesse que a irmã queria frustrá-la de tais projetos e realidades, quais seriam seus sentimentos? Só poderiam ser compreendidos pela mãe, que talvez já tivesse sentido quase a mesma coisa. A ida de Lydia a Brighton era seu único consolo da melancólica convicção de que o marido não pretendia jamais ir até lá.

Elas, porém, não sabiam de nada do que se passara; e seus entusiasmos se sucederam, com pequenos intervalos, até o dia da partida de Lydia.

Chegara o momento de Elizabeth ver o sr. Wickham pela última vez. Tendo estado com frequência na companhia dele desde que voltara, a agitação já se acalmara muito; e as agitações do antigo interesse haviam passado completamente. Aprendera até a detectar, na própria gentileza que antes a deliciava, uma afetação e uma mesmice que a cansavam e repeliam. Em seu atual comportamento para com ela, aliás, tinha ela uma nova fonte de desprazer, pois a inclinação, por ele logo demonstrada, de renovar aquelas intenções que haviam marcado a primeira parte de seu relacionamento só podia servir, depois do que se passara, para irritá-la. Ela perdeu qualquer respeito por ele ao se ver assim escolhida para objeto daquela galanteria ociosa e frívola; e, enquanto a rejeitava com firmeza, não podia deixar de sentir a humilhação implícita no fato de ele acreditar que, por mais tempo que se tivesse passado desde que haviam cessado as suas primeiras atenções, e, fossem quais fossem as causas dessa interrupção, a vaidade dela seria gratificada e suas preferências, concedidas de novo assim que ele as renovasse.

No último dia da permanência do regimento em Meryton, ele jantou com outros oficiais em Longbourn; e Elizabeth estava tão pouco disposta a despedir-se dele com bom humor, que, quando ele fez algumas perguntas sobre como passara o tempo em Hunsford, ela mencionou que o coronel Fitzwilliam e o sr. Darcy haviam ambos passado três semanas em Rosings e perguntou a ele se conhecia o primeiro.

Ele pareceu surpreso, descontente, assustado; mas depois de um instante se recompôs e, com o sorriso de volta aos lábios, respondeu que antigamente o via com frequência; e, depois de observar que era um autêntico cavalheiro, perguntou-lhe o que achara dele. Sua resposta foi vivamente positiva. Com um ar indiferente, ele logo em seguida acrescentou:

- Por quanto tempo você disse que ele esteve em Rosings?
- Quase três semanas.
- E você o via com frequência?
- Quase todos os dias.
- Ele é muito diferente do primo.

— Muito diferente, sim. Mas acho que, quanto mais conhecemos o sr. Darcy, melhor o vemos.

— Claro! — exclamou o sr. Wickham, com um aspecto que não escapou a ela. — E, por favor, permita-me perguntar-lhe... — mas, restando-se, acrescentou em tom mais alegre — será no trato que ele está melhor? Será que ele se dignou a acrescentar um pouco de cortesia ao seu estilo de sempre?... Pois não tenho esperanças — prosseguiu ele em tom mais baixo e mais sério — de que tenha melhorado no essencial.

— Ah, não! — disse Elizabeth. — No essencial, creio que está igualzinho ao que sempre foi.

Enquanto ela falava, Wickham parecia não saber se se alegrava com aquelas palavras ou não acreditava no sentido delas. Havia algo no rosto dela que o fez ouvir com uma atenção apreensiva e ansiosa, enquanto ela acrescentava:

— Quando eu disse que quanto mais o conhecemos melhor o vemos, não quis dizer que seu espírito ou suas maneiras estivessem em melhor estado, mas, sim, que, conhecendo-o melhor, podemos compreender melhor a personalidade dele.

A apreensão de Wickham agora se traía pelo rubor nas faces e pelo olhar angustiado; por alguns minutos ele permaneceu calado, até que, superando o embaraço, se voltou de novo para ela e disse no mais gentil dos tons:

— Você, que conhece tão bem os meus sentimentos em relação ao sr. Darcy, não há de ter dificuldade para compreender como devo alegrar-me por ser ele sábio o bastante para assumir até mesmo a *aparência* do que é certo. Com isso, o seu orgulho pode ser proveitoso, senão para ele, para muitas outras pessoas, pois é a única coisa que deve impedi-lo de adotar aquele comportamento ignóbil de que fui vítima. Meu medo é que ele adote esse tipo de cautela, a que, imagino, você alude, só durante as visitas à tia, de cuja opinião e julgamento tem verdadeiro pavor. Quando estavam juntos, ele sempre tinha medo dela; e boa parte desse medo se deve ao seu desejo de garantir seu casamento com a srta. de Bourgh, plano que ele acalenta com muito carinho.

Elizabeth não pôde conter um sorriso ao ouvir aquilo, mas respondeu apenas com uma leve inclinação da cabeça. Viu que ele queria introduzi-la no velho assunto de suas misérias, mas não estava disposta a consentir. O resto do sarau passou-se com a *aparência*, da parte dele, da animação de sempre, mas sem nenhuma nova tentativa de mostrar preferência por Elizabeth; e se despediram, enfim, com mútua polidez e possivelmente um mútuo desejo de nunca mais se encontrarem.

Quando o grupo se separou, Lydia voltou com a sra. Forster para Meryton, de onde deviam partir cedo na manhã seguinte. A separação entre ela e a família foi mais barulhenta do que patética. Kitty foi a única a derramar lágrimas; mas chorava de irritação e inveja. A sra. Bennet foi generosa em seus votos de felicidade para a filha e exigiu solenemente que ela não perdesse a oportunidade de se divertir o máximo que pudesse — conselho que tinha todos os motivos para crer que seria seguido à risca; e, ante a ruidosa felicidade da própria Lydia ao se despedir, o adeus mais discreto das irmãs foi pronunciado, mas não ouvido.

Capítulo 42

Se a opinião de Elizabeth se baseasse apenas em sua própria família, não poderia ter feito um julgamento muito favorável da felicidade conjugal ou da paz doméstica. Seu pai, cativado pela juventude e pela beleza e por aquela aparência de bom humor que a juventude e a beleza geralmente provocam, casara-se com uma mulher cuja pouca inteligência e generosidade mental haviam, desde muito cedo no casamento, posto um ponto-final em todo real afeto por ela. Respeito, estima e confiança haviam desaparecido para sempre; e todos os seus projetos de felicidade doméstica foram arruinados. Não era da natureza do sr. Bennet, porém, procurar reconforto para a decepção que sua própria imprudência produzira em algum desses prazeres que muitas vezes consolam o infeliz por sua insensatez ou seu vício. Adorava o campo e os livros; e desses gostos vinham suas principais alegrias. Sua dívida para com a mulher era muito pequena, a não ser pela diversão que o espetáculo de sua ignorância e insensatez lhe proporcionava. Esse não é o tipo de felicidade que um homem geralmente gostaria de dever à esposa; mas, quando faltam outras fontes de entretenimento, o verdadeiro filósofo lança mão do que encontra ao seu redor.

Elizabeth, porém, nunca foi cega à impropriedade do comportamento do pai como marido. Sempre encarara as atitudes dele com pesar; mas, respeitando a capacidade dele e grata ao tratamento carinhoso que ele lhe dispensava, tentava esquecer o que não podia superar, e expulsar de seus pensamentos essa violação das obrigações e do decoro conjugais, que, ao

expor a mulher ao desdém das próprias filhas, era tão repreensível. Mas nunca sentira com tanta intensidade como agora as desvantagens que devem pesar sobre os filhos de um casamento tão inadequado, nem tivera plena consciência dos males produzidos por um emprego tão inconveniente dos talentos; talentos esses que, se corretamente aplicados, poderiam pelo menos ter preservado a respeitabilidade das filhas, ainda que fossem incapazes de ampliar a mente da mulher.

Depois de se alegrar com a partida de Wickham, Elizabeth teve poucos motivos de satisfação na ausência do regimento. Suas saídas eram menos diversificadas do que antes e em casa tinha uma mãe e uma irmã cujas constantes lamúrias contra o tédio de tudo ao redor delas causavam um profundo desalento em todo o círculo doméstico; e, embora Kitty recuperasse, enfim, sua dose natural de bom-senso, uma vez partidos os que perturbavam seu cérebro, sua outra irmã, de cuja personalidade se podia temer um mal maior, provavelmente veria exacerbada sua insensatez e seu atrevimento numa situação duplamente perigosa, como um balneário e um acampamento militar. Tudo somado, portanto, ela descobriu, o que já fora descoberto algumas vezes antes, que algo intensamente desejado, ao acontecer, pode não provocar toda a satisfação esperada. Era, portanto, necessário marcar alguma outra época para o início da real felicidade — ter algum outro ponto a que seus desejos e esperanças pudessem fixar-se e, gozando mais uma vez o prazer da antecipação, consolar-se do presente e preparar-se para outra decepção. Sua excursão pelos Lagos era agora o objeto de seus mais felizes pensamentos; era o melhor consolo por todas as horas desagradáveis que o descontentamento de sua mãe e de Kitty tornavam inevitáveis; e, se pudesse incluir Jane nos planos, tudo estaria perfeito.

“É uma sorte”, pensou ela, “que eu tenha algo para desejar. Se tudo estivesse pronto, a decepção seria certa. Mas aqui, trazendo comigo uma incessante fonte de pesar na ausência de minha irmã, posso razoavelmente esperar que todas as minhas expectativas de prazer se realizem. Os planos que prometem alegrias em todas as suas partes não podem ser bem-

sucedidos; e a decepção geral só pode ser evitada pela presença de uma pequena contrariedade”.

Quando Lydia partiu, prometeu escrever com muita frequência e muita minúcia para a mãe e para Kitty; mas suas cartas sempre se faziam esperar e eram sempre muito curtas. As cartas endereçadas à mãe continham pouco mais do que a notícia de que acabavam de voltar da biblioteca, para onde este e aquele oficiais as acompanharam e onde vira ornamentos tão lindos, que a deixaram extasiada; que comprara uma saia nova ou uma nova sombrinha, que gostaria de descrever com mais pormenores, mas era obrigada a sair com toda pressa, pois a sra. Forster a chamava para irem juntas ao acampamento; e da correspondência com a irmã se podia extrair ainda menos — pois as cartas para Kitty, embora mais longas, eram cheias demais de subentendidos para se tornarem públicas.

Depois das primeiras duas ou três semanas de sua ausência, a saúde, o bom humor e a alegria começaram a reaparecer em Longbourn. Tudo se revestiu de um aspecto mais feliz. As famílias que haviam ido passar o inverno em Londres estavam de volta, e as elegâncias e os compromissos do verão também faziam seu retorno com elas. A sra. Bennet recuperou a serenidade queixosa de sempre; e, em meados de junho, Kitty estava tão melhor, que já podia ir a Meryton sem chorar; um acontecimento tão alvissareiro, que fez Elizabeth ter esperanças de que no Natal seguinte ela estaria suficientemente razoável para não se referir aos oficiais mais do que uma vez por dia, a menos que, por alguma decisão cruel e maligna do Ministério da Guerra, outro regimento viesse estabelecer-se em Meryton.

Aproximava-se rapidamente a data marcada para o início da excursão ao norte, e só faltavam mais duas semanas, quando chegou uma carta da sra. Gardiner, que de uma vez adiava o seu começo e reduzia a sua duração. O sr. Gardiner estava impossibilitado, por motivos de negócios, de partir antes de duas semanas mais tarde, em julho, e tinha de estar de volta a Londres em um mês, e, como isso só lhes deixava um tempo muito breve para ir tão longe e ver tantas coisas como tinham planejado, ou pelo menos para vê-las com o vagar e o aconchego que esperavam, viam-se obrigados a abrir mão dos Lagos e substituí-los por uma excursão menos distante, e,

segundo os novos planos, não deviam ir mais ao norte do que Derbyshire. Havia naquele condado atrações suficientes para ocupar a maior parte das três semanas; e, para a sra. Gardiner, a região tinha uma atração especialmente forte. A cidade onde passara alguns anos de vida e onde agora passaria alguns dias era provavelmente para ela um objeto de curiosidade tão grande quanto as famosas belezas de Matlock, Chatsworth, Dovedale ou do Pico.

Elizabeth ficou profundamente desapontada; queria de coração ver os Lagos e ainda achava que o tempo era suficiente. Mas tinha de se contentar — e certamente o seu temperamento era propício a isso; logo tudo estava bem outra vez.

Com a menção a Derbyshire muitas ideias se associavam. Era impossível para ela ver a palavra sem pensar em Pemberley e em seu proprietário.

— Mas com certeza — disse ela — eu posso entrar no condado impunemente e roubar-lhe alguns fósseis petrificados sem que ele me perceba.

O tempo de espera agora dobrara. Teria de esperar mais quatro semanas até a chegada dos tios. Mas o tempo passou e o sr. e a sra. Gardiner, com seus quatro filhos, finalmente apareceram em Longbourn. As crianças, duas meninas de seis e oitos anos e dois menininhos ainda menores, deviam ser entregues aos cuidados especiais da prima Jane, que era a favorita de todos e cujo bom-senso inabalável e o temperamento doce a tornavam perfeitamente apta a tratar deles de todas as maneiras: ensinando, brincando com eles e amando-os.

Os Gardiner passaram só uma noite em Longbourn, e partiram no dia seguinte com Elizabeth em busca de novidades e diversão. Um dos prazeres era certo: o da afinidade entre os companheiros de viagem; uma afinidade que incluía a saúde e a disposição para suportar os inconvenientes, jovialidade para exaltar todo prazer, e afeição e inteligência para superar quaisquer decepções na viagem.

Não é o objetivo deste livro apresentar uma descrição de Derbyshire, nem de nenhum dos notáveis lugares por que eles passaram: Oxford,

Blenheim, Warwick, Kenelworth, Birmingham, etc. são suficientemente conhecidos. Uma pequena parte de Derbyshire deve concentrar toda a nossa atenção. Para o lugarejo de Lambton, cenário da antiga residência da sra. Gardiner e onde, como soubera recentemente, ainda residiam alguns de seus conhecidos, eles dirigiram seus passos, depois de terem visto todas as principais maravilhas da região; e Elizabeth soube por meio da tia que Pemberley ficava a cinco milhas de Lambton. Não estava em seu caminho, nem a mais de uma ou duas milhas dele. Ao falar do itinerário, na noite anterior, a sra. Gardiner expressou sua preferência por tornar a ver o lugar. O sr. Gardiner concordou com a ideia e Elizabeth foi consultada quanto à sua aprovação.

— Minha querida, você não gostaria de ver um lugar de que tanto ouviu falar? — disse a tia. — Um lugar, também, a que estão ligados tantos dos seus conhecidos? Wickham passou toda a infância ali, você sabe.

Elizabeth estava em apuros. Percebia que nada tinha a fazer em Pemberley e era obrigada a se mostrar pouco inclinada a vê-la. Teve de admitir que estava cansada de ver grandes mansões; depois de visitar tantas delas, já não sentia prazer em tapetes finos ou cortinas de cetim.

A sra. Gardiner repreendeu-a pela tolice.

— Se fosse só uma casa bonita, luxuosamente mobiliada — disse ela —, eu mesma não me importaria com ela; mas os jardins são deliciosos. Eles têm alguns dos mais belos bosques da região.

Elizabeth não disse mais nada — mas sua mente não podia consentir naquilo. Ocorreu-lhe de imediato a possibilidade de encontrar o sr. Darcy durante a visita. Seria horrível! A mera ideia daquilo a fez corar, e ela achou que seria melhor falar abertamente com a tia do que correr um tal risco. Havia, porém, objeções contra isso; e ela finalmente resolveu que esse poderia ser o seu último recurso, se as suas perguntas particulares sobre a ausência da família recebessem uma resposta negativa.

Assim, quando se retirou para dormir, perguntou à criada de quarto se Pemberley era realmente um belo lugar, qual era o nome do proprietário e, com não pequeno alarme, se a família viera passar o verão ali. Seguiu-se à última pergunta uma negativa muitíssimo bem-vinda — e, com seus receios

já dissipados, ela estava à vontade para sentir uma enorme curiosidade de ver a casa; e, quando se voltou a tocar no assunto na manhã seguinte e lhe pediram de novo a sua opinião, ela pôde responder na hora, com um ar convenientemente indiferente, que nada tinha a opor ao projeto. A Pemberley, portanto, eles iriam.

Capítulo 43

Durante a viagem, Elizabeth ficou à espreita das primeiras vistas dos Bosques de Pemberley com certo nervosismo; e, quando finalmente chegaram aos portões, seu coração palpitava.

O parque era imenso, com grande variedade de jardins. Entraram por um de seus pontos mais baixos e seguiram por algum tempo através de um grande e magnífico bosque.

A cabeça de Elizabeth estava cheia demais para conversar, mas viu e admirou cada um dos locais e das vistas interessantes. Eles subiram gradualmente por meia milha e então se acharam no topo de uma considerável elevação, onde terminava o bosque, e os olhos foram imediatamente atraídos para a Casa de Pemberley, situada do lado oposto do vale, para o qual a estrada serpenteava de modo um tanto abrupto. Era um edifício de pedra, belo e amplo, que se erguia no meio de um jardim em aclave e tinha por trás uma cadeia de altas colinas cobertas de bosques; e, à frente, um riacho de dimensões naturais razoáveis era alargado, mas sem nenhuma aparência artificial. Suas margens não eram nem regulares nem falsamente ornamentadas. Elizabeth estava maravilhada. Nunca vira um lugar em que a natureza se fizesse mais presente ou onde a beleza natural tivesse sido menos contrariada por um péssimo gosto. Todos eles foram calorosos em sua admiração; e naquele momento ela sentiu o que significava ser dona de Pemberley!

Desceram a colina, atravessaram a ponte e seguiram na direção da entrada; e, enquanto examinavam de mais perto o aspecto da casa,

retornaram todas as suas apreensões de topar com o proprietário. Temia que a criada de quarto se tivesse enganado. Ao solicitarem a permissão de ver a casa, foram introduzidos no saguão de entrada; e Elizabeth, enquanto aguardavam a governanta, teve tempo de se maravilhar por estar onde estava.

Veio a governanta; uma mulher já de idade, de aspecto respeitável, muito menos bonita e mais amável do que ela esperava que fosse. Eles a seguiram até o salão de jantar. Era uma sala ampla, de belas proporções, magnificamente decorada. Elizabeth, depois de examiná-la por alto, foi até uma janela para apreciar a vista. A colina coroada de bosques que eles haviam descido, parecendo mais íngreme com a distância, era soberba. Todos os arranjos do jardim eram belos; e ela considerou maravilhada o cenário inteiro, o rio, as árvores espalhadas pelas suas margens e o serpentear do vale, até se perder de vista. Ao passarem para outras salas, tudo aquilo assumia diferentes posições; mas de cada janela havia belezas para serem admiradas. As dependências eram majestosas e belas, e o mobiliário, adequado à riqueza do proprietário; mas Elizabeth percebeu, com admiração pelo seu gosto, que não era nem espalhafatoso nem inutilmente luxuoso; com menos esplendor e mais autêntica elegância do que as mobílias de Rosings.

“E é deste lugar”, pensou ela, “que eu poderia ser a dona! Poderia agora estar bem familiarizada com estas salas! Em vez de vê-las como uma estranha, poderia tê-las desfrutado como minhas e dado as boas-vindas ao meu tio e à minha tia. Mas não”, tornando a cair em si, “isso nunca poderia acontecer; eu teria perdido o meu tio e a minha tia; eu não teria permissão para convidá-los”.

Tal pensamento veio bem a propósito — ele a salvou de sentir algo muito parecido com o remorso.

Não via a hora de perguntar à governanta se o patrão estava mesmo ausente, mas não teve coragem. Por fim, no entanto, a pergunta foi feita pelo tio; e ela se afastou alarmada, enquanto a sra. Reynolds respondia que sim, acrescentando:

— Mas deve chegar amanhã, com um grupo numeroso de amigos.

Elizabeth agradeceu aos céus por nenhum acidente ter adiado a sua chegada por um dia!

Sua tia a chamou para ver um retrato. Ela se aproximou e viu a imagem do sr. Wickham, suspensa, entre muitas outras miniaturas, sobre o consolo da lareira. A tia perguntou-lhe, sorrindo, o que achava. A governanta adiantou-se e lhes disse que era o retrato de um jovem cavalheiro, o filho do intendente de seu falecido patrão, que fora criado e sustentado por ele.

— Está agora no exército — acrescentou —, mas temo que tenha seguido o mau caminho.

A sra. Gardiner olhou para a sobrinha com um sorriso, mas Elizabeth não o retribuiu.

— E este — disse a sra. Reynolds, apontando para outra das miniaturas — é o meu patrão. É um retrato muito parecido com ele. Foi desenhado ao mesmo tempo que o outro; cerca de oito anos atrás.

— Já ouvi falar muito da excelente personalidade do seu patrão — disse a sra. Gardiner, olhando para o retrato —; é um belo rosto. Mas, Lizzy, você pode dizer-nos se está ou não parecido.

O respeito da sra. Reynolds por Elizabeth pareceu aumentar à notícia de que ela conhecia o patrão.

— A jovem senhorita conhece o sr. Darcy?

Elizabeth corou e disse:

— Um pouco.

— E a senhorita não o considera um cavalheiro muito bonito?

— Sim, muito bonito.

— Não conheço ninguém tão lindo; mas na galeria do segundo andar a senhorita verá um retrato dele maior e melhor do que este. Esta sala era a predileta do meu falecido patrão, e essas miniaturas estão exatamente onde costumavam estar. Ele as apreciava muito.

Isso explicava a Elizabeth por que a miniatura do sr. Wickham estava entre as outras.

A sra. Reynolds então chamou a atenção deles para um retrato da srta. Darcy, desenhado quando tinha só oito anos de idade.

— E a srta. Darcy é tão bonita quanto o irmão? — disse o sr. Gardiner.

— Ah! É, sim... a mais linda jovem que jamais se viu! E tão prendada!... Ela canta e toca o dia inteiro. Na próxima sala está um novo pianoforte que acaba de chegar para ela... um presente do patrão; ela chega amanhã com ele.

O sr. Gardiner, cujas maneiras eram muito desenvoltas e agradáveis, incentivava a comunicatividade dela com perguntas e observações; a sra. Reynolds, tanto por orgulho como por afeição, sentia evidente prazer em falar do patrão e de sua irmã.

— Passa o seu patrão muito tempo em Pemberley durante o ano?

— Não tanto quanto eu gostaria, meu senhor; mas é certo que ele passa metade do seu tempo aqui; e a srta. Darcy passa sempre aqui os meses de verão.

“Exceto”, pensou Elizabeth, “quando vai a Ramsgate”.

— Se o seu patrão se casasse, a senhora o veria mais por aqui.

— Sim, senhor; mas não sei quando *isso* vai acontecer. Não conheço nenhuma mulher que seja boa o bastante para ele.

O sr. e a sra. Gardiner sorriram. Elizabeth não pôde deixar de dizer:

— Que a senhora pense assim é muito lisonjeiro para ele.

— Nada mais digo do que a verdade, e todos os que o conhecem diriam o mesmo — replicou a outra. Elizabeth achou que aquilo estava indo longe demais; e ouviu com assombro cada vez maior quando a governanta acrescentou: — Nunca ouvi dele uma palavra dura em toda a minha vida, e eu o conheço desde os quatro anos de idade.

Esse elogio era o mais extraordinário de todos, o mais oposto às ideias que Elizabeth tinha sobre ele. Estava firmemente convencida de que ele não fosse um homem paciente. Aquilo aguçou a sua atenção; ansiava por ouvir mais e ficou grata ao tio por dizer:

— Há muito poucas pessoas de quem se possa dizer isso. A senhora tem sorte de ter um tal patrão.

— Sim, senhor, eu sei que tenho. Poderia procurar pelo mundo inteiro, mas não encontraria outro melhor. Mas sempre observei que aqueles que são de boa índole quando crianças são de boa índole quando crescem; e ele

sempre foi o menino mais bonzinho, de coração mais generoso, do mundo inteiro.

Elizabeth arregalou os olhos.

“É possível que esse seja o sr. Darcy?”, pensou ela.

— O pai dele era um excelente homem — disse a sra. Gardiner.

— Era mesmo, minha senhora; e o filho dele vai ser tal qual ele... tão bom para os pobres.

Elizabeth ouvia, admirava-se, duvidava e estava impaciente por saber mais. A sra. Reynolds não conseguiu interessá-la por nenhum outro assunto. Contou os temas dos quadros, as dimensões das salas e o preço da mobília, mas em vão. O sr. Gardiner, muito divertido com o preconceito de família a que atribuía aquele excessivo apreço do patrão, logo trouxe de volta o assunto; e ela insistiu com energia nos muitos méritos dele, enquanto subiam juntos a grande escadaria.

— Ele é o melhor senhorio e o melhor patrão — disse ela — que jamais existiu; não é como os jovens boas-vidas de hoje, que só pensam em si mesmos. Não há nenhum dos seus arrendatários ou criados que não goste dele. Alguns dizem que ele é orgulhoso; mas nunca vi nada disso. Para mim, isso é só porque ele não é de conversa fiada, como os outros jovens.

“Sob que luz simpática ela o põe!”, pensou Elizabeth.

— Essa bela descrição dele — sussurrou sua tia enquanto caminhavam — não é muito compatível com o comportamento dele para com o coitado do amigo.

— Talvez tenhamos sido enganadas.

— Não é muito provável; nossa fonte é muito boa.

Ao chegarem ao espaçoso saguão superior, foram introduzidos numa linda sala de estar, recentemente mobiliada com maior elegância e graça do que as dependências de baixo; e foram informados de que fora decorada para proporcionar prazer à srta. Darcy, que gostava de permanecer nessa sala quando estava em Pemberley.

— Ele é certamente um bom irmão — disse Elizabeth, enquanto caminhava para uma das janelas.

A sra. Reynolds previa a satisfação da srta. Darcy quando entrasse na sala.

— E é sempre assim com ele — acrescentou ela. — Tudo que possa proporcionar algum prazer à irmã ele imediatamente faz. Não há nada que ele não faça por ela.

A galeria de quadros, e dois ou três dos quartos principais eram tudo que restava para mostrar. Na galeria havia muitas pinturas magníficas; mas Elizabeth nada entendia dessa arte; e, depois do que já vira no andar de baixo, passou com prazer a examinar alguns desenhos a lápis da srta. Darcy, cujos temas eram muitas vezes mais interessantes e também mais inteligíveis.

Na galeria havia muitos retratos de família, mas eles pouco tinham que atraísse a atenção de um estranho. Elizabeth pôs-se em busca do único rosto cujas feições lhe eram conhecidas. Por fim parou diante dele — e nele viu uma impressionante semelhança com o sr. Darcy, com um sorriso que ela lembrava ter visto algumas vezes quando ele olhava para ela. Ela se deteve alguns minutos diante do retrato, em atenta contemplação, e voltou a ele antes de saírem da galeria. A sra. Reynolds informou-lhe que ele fora pintado enquanto o pai ainda estava vivo.

Por certo havia na mente de Elizabeth, naquele momento, maior simpatia pelo original do que a que sentira por ele no auge do relacionamento. O elogio que a sra. Reynolds lhe fizera não era banal. Que louvor é mais valioso do que o de uma criada inteligente? Como irmão, como senhorio, como patrão, ela considerava quanta gente estava sob a proteção dele! Quanto prazer e quanta dor tinha o poder de provocar! Quanto bem e quanto mal podia fazer! Cada uma das ideias sugeridas pela governanta era favorável ao caráter dele, e, enquanto esteve diante da tela sobre a qual ele estava representado e cravava seus olhos nos dela, ela pensou naquele olhar com um sentimento de mais profunda gratidão do que nunca antes; lembrou-se de seu calor e lhe abrandou a impropriedade de expressão.

Depois de verem toda a parte da casa aberta à visitação, eles desceram as escadas e, despedindo-se da governanta, foram confiados ao jardineiro,

que foi buscá-los na porta do *hall*.

Enquanto caminhavam pelo gramado na direção do rio, Elizabeth se voltou para olhar de novo; seus tios também pararam e, enquanto seu tio fazia conjecturas sobre a data de construção do edifício, seu proprietário em pessoa de repente surgiu vindo da estrada que levava por trás da casa às cocheiras.

Estavam a vinte jardas uns dos outros, e foi tão repentino o seu aparecimento, que foi impossível evitar que ele os visse. Seus olhares imediatamente se cruzaram, e as faces dos dois logo enrubesceram intensamente. Ele estremeceu e por um momento permaneceu paralisado pela surpresa; mas, logo se recompondo, avançou na direção dos três e falou com Elizabeth, senão com perfeita serenidade, pelo menos com perfeita cortesia.

Instintivamente ela se virara; mas, detendo-se à aproximação dele, recebeu seus cumprimentos com um embaraço impossível de superar. Se seu súbito aparecimento ou sua semelhança com o retrato que acabavam de examinar não tivessem bastado para assegurar aos outros dois de estarem diante do sr. Darcy, a expressão de surpresa do jardineiro ao ver o patrão logo deve tê-los informado do fato. Eles se mantiveram um pouco à parte enquanto ele falava com a sobrinha, que, surpresa e confusa, mal ousava erguer os olhos para seu rosto e não sabia que resposta dar a suas educadas perguntas sobre a família. Espantada com a alteração de suas maneiras desde a última vez que se despediram, cada sentença que ele pronunciava aumentava a sua confusão; e, sem conseguir tirar da cabeça a impropriedade de ser encontrada ali, os poucos minutos que ali permaneceram foram alguns dos mais constrangedores de sua vida. Ele tampouco parecia muito mais à vontade; quando falava, sua voz nada tinha da calma habitual; e repetiu suas perguntas sobre a data de sua saída de Longbourn e de sua chegada a Derbyshire tantas vezes e de modo tão apressado, que ficava evidente a distração de seus pensamentos.

Por fim, parecia não lhe ocorrer mais nenhuma ideia; e, depois de permanecer por alguns momentos sem dizer nada, ele subitamente se recompôs e se despediu.

Os outros, então, se juntaram a ela e exprimiram sua admiração pelo aspecto dele; mas Elizabeth não ouviu nenhuma palavra do que diziam e totalmente absorta em seus sentimentos seguiu-os em silêncio. Estava arrasada pela vergonha e pelo vexame. Sua vinda tinha sido a coisa mais infeliz, mais insensata do mundo! Como pareceria estranha a ele! Sob que vergonhosa luz não apareceria a um homem tão vaidoso! Poderia parecer que ela se pusera de propósito em seu caminho mais uma vez! Ah! Por que tinha vindo? Ou por que ele viera assim um dia antes do esperado? Se tivessem passado por ali dez minutos antes, ele já não os teria podido distinguir; pois era óbvio que chegara naquele momento — que apeava naquele momento do cavalo ou da carruagem. Ela corou de novo e de novo pela perversidade do encontro. E o comportamento dele, tão impressionantemente diferente — que poderia significar? Era espantoso que ele ainda falasse com ela! Mas falar com tal educação, perguntar pela família! Nunca na vida vira suas maneiras tão pouco imponentes, nunca ele lhe falara com tanta gentileza como nesse inesperado encontro. Que contraste com a última vez em que o vira em Rosings Park, quando ele lhe entregou a carta! Ela não sabia o que pensar, nem como explicar aquilo.

Tinham agora entrado em uma bela vereda que margeava as águas, e cada passo apresentava um mais nobre declive do terreno ou uma extensão mais bela dos bosques de que se aproximavam; mas demorou algum tempo para que Elizabeth estivesse em condições de perceber tudo aquilo; e, embora respondesse mecanicamente aos repetidos chamados dos tios e parecesse fitar os olhos nos detalhes que eles apontavam, ela não discernia nenhuma parte do cenário. Seu pensamento estava todo concentrado naquele único ponto da Casa de Pemberley, fosse ele qual fosse, onde o sr. Darcy estava naquele instante. Ela daria tudo para saber o que se passava na mente dele naquele momento — o que ele pensava dela e se, apesar de tudo, ainda gostava dela. Talvez ele tivesse sido gentil só porque se sentia à vontade; e no entanto havia *aquilo* em sua voz que não parecia desenvoltura. Não sabia dizer se ele sentira mais dor ou prazer ao vê-la, mas com certeza não a vira com serenidade.

Por fim, porém, as observações de seus companheiros a respeito de sua distração a tocaram e ela sentiu a necessidade de voltar a se comportar como de costume.

Entraram nos bosques e, dando adeus ao rio por algum tempo, subiram a um dos terrenos mais altos, onde, nos pontos em que a abertura das árvores dava aos olhos o poder de vagar, se descortinavam muitas encantadoras vistas do vale, das colinas em frente, com a longa extensão de bosques coroando muitas delas e, de quando em quando, de partes do riacho. O sr. Gardiner exprimiu o desejo de dar uma volta completa no parque, mas temia que fosse demais para uma só caminhada. Com um sorriso triunfante, foi-lhes dito que tinha um perímetro de dez milhas. Aquilo resolveu a questão; e eles prosseguiram no trajeto costumeiro, que os trouxe de volta, depois de algum tempo, a uma descida entre bosques suspensos até a beira do riacho, numa de suas partes mais estreitas. Eles o atravessaram por uma ponte simples, em harmonia com o aspecto geral do cenário; era um lugar menos ornamentado do que qualquer um que já tivessem visitado; e aqui o vale se contraía numa ravina, dando espaço apenas para o riacho e uma estreita trilha em meio ao mato espesso que o margeava. Elizabeth estava louca para explorar seus meandros; mas, ao atravessarem a ponte e perceberem quão distantes estavam da casa, a sra. Gardiner, que não era uma grande andarilha, não quis seguir em frente e tratou de voltar à carruagem o mais rápido possível. Sua sobrinha foi, portanto, obrigada a obedecer, e eles se dirigiram de volta para a casa, do outro lado do rio, pelo caminho mais curto; mas só avançavam devagar, pois o sr. Gardiner, embora raramente pudesse entregar-se a este prazer, adorava pescar e estava tão entretido observando o surgimento ocasional de uma truta na água e conversando com o homem a respeito delas, que só avançava muito pouco. Enquanto caminhavam assim vagarosamente, foram novamente surpreendidos — e o espanto de Elizabeth foi igual ao que sentira a primeira vez — pela visão do sr. Darcy, que deles se aproximava, já a pouca distância. Como a trilha era menos aberta do que do outro lado, foi possível vê-lo antes que se encontrassem. Elizabeth, embora surpresa, estava pelo menos mais preparada do que antes para uma conversa e

resolveu comportar-se e falar com tranquilidade, se ele realmente tivesse a intenção de se encontrar com eles. Por alguns momentos, de fato, ela sentiu que ele provavelmente iria ingressar em alguma outra vereda. A ideia persistiu enquanto uma virada da trilha o ocultou de suas vistas; transposta a virada, ele apareceu bem à sua frente. Num relance, ela viu que ele não perdera nada da sua recente gentileza; e, para imitar sua polidez, ela começou, quando se encontraram, a admirar a beleza do lugar; mas não fora muito além das palavras “delicioso” e “encantador” quando lhe ocorreram certas infelizes recordações e ela imaginou que os elogios a Pemberley de sua parte poderiam ser mal interpretados. Ela enrubesceu e não disse mais nada.

A sra. Gardiner tinha ficado um pouco atrás; e, quando Elizabeth parou de falar, ele lhe perguntou se lhe daria a honra de ser apresentado aos amigos. Esse foi um gesto de gentileza para o qual ela estava completamente despreparada; e mal conseguiu impedir um sorriso por ele estar procurando a amizade de algumas daquelas mesmas pessoas contra as quais seu orgulho se revoltara em sua proposta de casamento. “Qual não vai ser a sua surpresa”, pensou ela, “quando souber quem são eles? Ele julga que se trata de gente da alta sociedade”.

A apresentação, porém, foi feita imediatamente; e, enquanto lhe comunicava o parentesco deles com ela, lançou-lhe um rápido olhar, para ver como ele lidaria com aquilo, na expectativa de que ele se retirasse o mais rápido possível para longe de tão desairosa companhia. Era evidente que ele se *surpreendera* com o parentesco; suportou aquilo, porém, com firmeza e, longe de se retirar, voltou-se para eles e começou a conversar com o sr. Gardiner. Elizabeth não podia deixar de se sentir contente e triunfante. Era consolador que ele soubesse que ela tinha alguns parentes de quem não precisava envergonhar-se. Ela ouviu com profunda atenção tudo que falavam e ficava radiante a cada expressão, a cada sentença do tio que evidenciasse inteligência, bom gosto e boas maneiras.

Logo passaram a conversar sobre a pesca; e ela ouviu o sr. Darcy convidá-lo, com a maior polidez, a pescar ali quantas vezes quisesse enquanto permanecesse nas proximidades, oferecendo-lhe ao mesmo tempo

os apetrechos de pesca e indicando-lhe os pontos do riacho onde a pescaria costumava ser mais frutuosa. A sra. Gardiner, que caminhava de braços dados com Elizabeth, olhou-a com uma expressão de maravilha. Elizabeth nada disse, mas aquilo a deixou enormemente contente; aquela gentileza era toda para ela. Seu espanto, porém, era extremo, e ela não cessava de repetir: “Por que está tão mudado? Qual é a razão disso? Não pode ser por *minha* causa... Não pode ser por *mim* que seus modos se tornaram tão mais delicados. Minhas reprimendas de Hunsford não poderiam produzir tamanha mudança. É impossível que ele ainda me ame”.

Depois de assim caminharem por algum tempo, as duas damas à frente, os dois cavalheiros atrás, ao retomar seus lugares, depois de descer até a beira do rio para examinar melhor uma curiosa planta aquática, foi possível fazer uma pequena alteração. Ela foi provocada pela sra. Gardiner, que, cansada com o exercício da manhã, julgou o braço de Elizabeth inadequado para o seu apoio e, portanto, preferiu o do marido. O sr. Darcy tomou o seu lugar ao lado da sobrinha e passaram a caminhar lado a lado. Depois de um breve silêncio, Elizabeth falou primeiro. Queria que ele soubesse que, antes de virem até ali, tinham-lhe garantido que ele estava ausente, observando também que a chegada dele fora completamente inesperada:

— Pois a sua governanta — acrescentou ela — nos informou que o senhor certamente não chegaria até amanhã; e, de fato, antes de sairmos de Bakewell, soubemos que o senhor não estava sendo esperado na região.

Ele reconheceu a verdade de tudo aquilo e disse que negócios com o seu intendente forçaram a sua chegada algumas horas antes do restante dos convidados com quem estivera viajando.

— Vão chegar amanhã cedo — prosseguiu ele — e entre eles estarão algumas pessoas que vão alegar conhecê-la... o sr. Bingley e as irmãs dele.

Respondeu Elizabeth apenas com uma discreta reverência. Seus pensamentos imediatamente voltaram para os tempos em que o nome do sr. Bingley fora o último mencionado entre eles; e, a julgar pela expressão do rosto, na mente *dele* não se passava algo muito diferente.

— Outra pessoa também faz parte do grupo — prosseguiu ele depois de uma pausa — que deseja mais particularmente ser-lhe apresentada. A

senhorita me permitirá, ou estou pedindo demais, apresentar-lhe a minha irmã durante a sua permanência em Lambton?

A surpresa de tal pedido era muito grande; grande demais para saber como responder. Logo percebeu que, fosse qual fosse o desejo que a srta. Darcy pudesse ter de conhecê-la, só podia ser obra do irmão e, sem maiores exames, aquilo a satisfazia; era bom saber que a mágoa não o fizera pensar mal dela.

Seguiram caminhando em silêncio, cada qual imerso nos próprios pensamentos. Elizabeth não se sentia à vontade; isso era impossível; mas estava lisonjeada e satisfeita. O fato de ele querer apresentar-lhe a irmã era um cumprimento dos mais gentis. Eles logo se distanciaram dos outros e, quando chegaram à carruagem, o sr. e a sra. Gardiner tinham ficado um oitavo de milha para trás.

Então ele lhe pediu que entrasse na casa — mas ela disse não estar cansada e eles permaneceram juntos no gramado. Naquela altura, muito já havia sido dito, e o silêncio era muito constrangido. Ela queria falar, mas era como se sobre cada assunto pesasse a censura. Por fim ela se lembrou de que estivera em viagem, e falaram de Matlock e Dove Dale com grande perseverança. Mas o tempo e sua tia se moviam lentamente — e sua paciência e suas ideias já estavam quase esgotadas antes que o *tête-à-tête* terminasse. Ao chegarem, o sr. e a sra. Gardiner foram instados a entrar na casa para se refrescar; eles, porém, declinaram do convite e ambas as partes se despediram com a máxima polidez. O sr. Darcy deu as mãos para que as damas entrassem na carruagem; e, quando esta partiu, Elizabeth viu-o caminhando a passos lentos na direção da casa.

Começaram, então, as observações do tio e da tia; e ambos reconheceram que ele era infinitamente superior ao que esperavam.

— Ele é perfeitamente bem-educado, gentil e simples — disse o tio.

— Há algo um pouco imponente nele, sem dúvida — replicou a tia —, mas é só o jeito dele e não é inadequado. Concorde agora com a governanta quando diz que, embora alguns talvez o chamem de orgulhoso, não viu nada disso nele.

— Nunca tive surpresa tão grande como a maneira como ele nos tratou. Estava mais do que gentil; estava realmente atencioso; e não havia necessidade de tantas atenções. Seu relacionamento com Elizabeth foi muito superficial.

— Com certeza, Lizzy — disse a tia —, ele não é tão bonito como Wickham; ou melhor, não tem o porte de Wickham, pois seus traços são perfeitamente bons. Mas como é que você foi dizer-me que ele era tão desagradável?

Elizabeth desculpou-se o melhor que pôde; disse que gostara mais dele ao se encontrarem em Kent do que antes e que nunca o vira tão gentil como essa manhã.

— Mas talvez ele seja um pouco excêntrico em suas atenções — tornou o tio. — Nossos grandes homens muitas vezes o são; e portanto não vou tomar ao pé da letra o convite para pescar, pois ele pode mudar de ideia e me expulsar de sua propriedade.

Elizabeth percebeu que eles não haviam entendido nada do caráter de Darcy, mas não disse nada.

— Pelo que vimos dele — prosseguiu a sra. Gardiner —, eu jamais pensaria que ele pudesse ter-se comportado com tanta crueldade com ninguém, como o fez com o pobre Wickham. Ele não parece ser um mau sujeito. Ao contrário, há algo agradável em seus lábios, quando fala. E há certa dignidade em seu trato que não passa uma ideia desfavorável do seu coração. É claro, porém, que a boa senhora que nos mostrou a casa atribuiu a ele um caráter de ouro! Mal podia conter o riso algumas vezes. Mas creio que ele seja um patrão generoso, e isso, aos olhos de uma criada, abrange todas as virtudes.

Elizabeth sentiu-se aqui chamada a dizer alguma coisa em favor do comportamento dele para com Wickham; e assim lhes deu a entender, da maneira mais cuidadosa possível, que, pelo que soubera dos parentes dele em Kent, seus atos podiam ser interpretados de maneira completamente diferente; e que o caráter dele não era de modo algum tão culpado, nem o de Wickham tão inocente, quanto se acreditava em Hertfordshire. Como confirmação disso, contou os pormenores de todas as transações financeiras

em que os dois se envolveram, sem citar a fonte, mas afirmando tratar-se de alguém muito confiável.

A sra. Gardiner ficou surpresa e preocupada; mas, como estavam agora aproximando-se do cenário de seus antigos prazeres, todos os seus pensamentos se concentraram no encanto das lembranças; e estava muito ocupada em indicar ao marido todos os lugares interessantes das cercanias para pensar em alguma outra coisa. Embora cansada com a caminhada da manhã, mal jantaram e ela já partiu em busca de suas antigas amizades, e a noite se passou no prazer dos laços reatados depois de muitos anos de ausência.

Os acontecimentos do dia haviam sido muito intensos para permitir que Elizabeth desse alguma atenção àqueles novos amigos; e não podia fazer outra coisa senão pensar, e pensar maravilhada, na gentileza do sr. Darcy e, acima de tudo, no desejo dele de que ela conhecesse a sua irmã.

Capítulo 44

Elizabeth havia combinado que o sr. Darcy traria a irmã para visitá-la no dia seguinte à chegada desta a Pemberley; e portanto estava decidida a não afastar-se muito do albergue durante toda a manhã. Sua conclusão, porém, revelou-se falsa; pois os visitantes vieram na mesma manhã em que chegaram a Lambton. Vinham de um passeio pelas redondezas com alguns de seus novos amigos e acabavam de voltar ao albergue para se vestir para o jantar com a mesma família, quando o ruído de uma carruagem os atraiu para uma janela, e viram um homem e uma mulher num *curricule* que subia a rua. Reconhecendo de imediato a libré, Elizabeth adivinhou o que aquilo significava e compartilhou boa parte de sua surpresa com seus parentes, comunicando-lhes a honra que a aguardava. Seus tios eram só espanto; e o embaraço da maneira como ela falou, somado àquela mesma situação e a muitas do dia anterior, inspirou neles uma nova ideia a respeito de tudo aquilo. Nada antes sugerira isso, mas perceberam que não havia outra maneira de explicar tantas atenções da parte de tal pessoa, senão supondo um interesse pela sobrinha. Enquanto lhes ocorriam essas novas ideias, a confusão dos sentimentos de Elizabeth naquele mesmo momento só crescia. Ela estava absolutamente pasma com seu próprio nervosismo; mas, entre outras causas de angústia, temia que a afeição do irmão houvesse dito coisas demais em seu favor; e, mais ansiosa do que de costume por agradar, suspeitava naturalmente que lhe faltaria toda capacidade de agradar a ela.

Afastou-se da janela, receando ser vista; e enquanto andava para um lado e para outro na sala, tentando acalmar-se, viu tal expressão de

curiosidade e surpresa em seu tio e em sua tia, que as coisas se tornaram ainda piores.

A srta. Darcy e o irmão apareceram, e a formidável apresentação teve lugar. Espantadíssima, Elizabeth viu que sua nova amiga estava pelo menos tão constrangida quanto ela. Desde que chegara a Lambton, ouvira que a srta. Darcy era sumamente orgulhosa; mas, depois de observá-la por alguns minutos, convenceu-se de que era apenas sumamente tímida. Foi difícil tirar dela uma palavra que fosse, a não ser alguns monossílabos.

A srta. Darcy era alta e em escala maior do que Elizabeth; e, embora tivesse pouco mais de dezesseis anos, seu corpo já estava formado e tinha um jeito gracioso de mulher. Era menos bonita do que o irmão; mas havia bom-senso e bom humor em seu rosto, e seus modos eram perfeitamente despretensiosos e gentis. Elizabeth, que esperara encontrar nela uma observadora tão aguda e tão severa quanto o fora o sr. Darcy, sentiu um grande alívio ao reconhecer sentimentos tão diferentes.

Estavam reunidos havia pouco quando o sr. Darcy disse a ela que também Bingley vinha visitá-la; e ela mal teve tempo de exprimir a sua satisfação e preparar-se para receber tal visitante, quando os passos rápidos de Bingley se fizeram ouvir nas escadas, e num momento ele entrou na sala. Toda a raiva de Elizabeth contra ele já passara havia muito tempo; mas, se ainda a sentisse, dificilmente poderia resistir à cordialidade sincera com que ele se exprimiu ao tornar a vê-la. Fez perguntas afetuosas, mas genéricas, sobre a família, e demonstrou ao falar a mesma desenvoltura bem-humorada que sempre tivera.

Para o sr. e a sra. Gardiner, ele não era um personagem menos interessante do que para Elizabeth. Havia muito queriam conhecê-lo. Todos os visitantes presentes lhes inspiravam uma viva atenção. As suspeitas recentemente levantadas pelo sr. Darcy e sua sobrinha levaram-nos a observar cada um dos dois com a máxima, porém discreta, atenção; e logo se convenceram de que pelo menos um deles sabia o que era amar. Sobre os sentimentos da moça restaram ainda algumas dúvidas; era, porém, mais do que evidente que o cavalheiro estava cheio de admiração por ela.

Elizabeth, por seu lado, tinha muito que fazer. Queria certificar-se dos sentimentos de cada um dos visitantes; queria acalmar-se e mostrar-se agradável a todos; e nesse segundo objetivo, que era o que mais temia não alcançar, obteve o maior sucesso, pois aqueles a quem se empenhava em agradar estavam predispostos a seu favor. Bingley estava pronto para; Georgiana, ansiosa por; e Darcy, decidido a admirá-la.

Ao ver Bingley, seus pensamentos naturalmente voaram até a irmã; e — ah! — como desejava ardentemente saber se os dele também tiveram a mesma direção. Às vezes imaginava que ele estava falando menos do que em ocasiões anteriores, e uma ou duas vezes ficou feliz à ideia de que, enquanto olhava para ela, ele estivesse tentando notar alguma semelhança. Embora talvez fosse só imaginação sua, ela não podia enganar-se a respeito do comportamento da srta. Darcy, que fora apresentada como uma rival de Jane. Nada em nenhum dos dois demonstrava alguma afeição especial. Nada ocorreu entre eles que pudesse justificar as esperanças da irmã de Bingley. Sobre esse ponto, ela logo se mostrou satisfeita; e antes de partirem ocorreram duas ou três situações que, na ansiosa interpretação de Elizabeth, denotavam uma recordação de Jane não sem marcas de ternura e um desejo de dizer mais, que poderia levar à menção do nome dela, se ele o ousasse. Ele observou a ela, num momento em que os outros estavam conversando entre si, e num tom que tinha algo da autêntica saudade, que “fazia muito tempo que tivera o prazer de vê-la”; e, antes que ela pudesse responder, ele acrescentou:

— Faz mais de oito meses. Não nos vemos desde o dia 26 de novembro, quando todos nós dançamos juntos em Netherfield.

Elizabeth gostou de ver que a sua memória era tão precisa; e em seguida ele aproveitou o ensejo para lhe perguntar, quando todos os demais estavam distraídos, se *todas* as suas irmãs estavam em Longbourn. Não havia nada de mais na pergunta, nem na observação anterior; mas vinham acompanhadas de um olhar e de um jeito que lhes conferiam significado.

Não era sempre que ela podia olhar diretamente para o próprio sr. Darcy; quando, porém, conseguia lançar-lhe brevemente um olhar, via nele uma expressão de grande cortesia, e em tudo o que ele dizia ela ouvia um

tom tão distante da *hauteur* e do desdém por seus companheiros, que ficou convencida de que as melhores maneiras mostradas na véspera, por mais temporárias que fossem, tinham pelo menos sobrevivido por mais um dia. Quando viu que ele procurava a amizade e a simpatia de pessoas com quem qualquer relacionamento, alguns meses atrás, teria sido uma desgraça, quando o viu tão educado, não só com ela, mas com os próprios parentes que havia desdenhado, e se lembrou da última e agitada cena entre eles na casa paroquial de Hunsford, a diferença, a mudança era tão grande e a impressionou tanto, que ela mal conseguia esconder o assombro. Nunca, nem mesmo na companhia de seus queridos amigos de Netherfield ou de suas nobres parentas de Rosings, ela o vira tão desejoso de agradar, tão livre da empáfia e da reserva inflexível como agora, quando nada de importante podia resultar do sucesso de seus atos e quando a mera amizade das pessoas a quem dirigia suas atenções seria para ele motivo de ridículo e censura das damas tanto de Netherfield quanto de Rosings.

As visitas permaneceram com eles mais de meia hora; e, quando se ergueram para partir, o sr. Darcy chamou a irmã para que juntos expressassem o desejo de ter o sr. e a sra. Gardiner, e a srta. Bennet, para jantar em Pemberley antes que eles deixassem a região. A srta. Darcy, embora com a vergonha de quem demonstrava não estar acostumada a fazer convites, prontamente obedeceu. A sra. Gardiner olhou para a sobrinha, querendo saber se *ela*, a quem se dirigia mais especialmente o convite, se sentia disposta a aceitá-lo, mas Elizabeth havia voltado o rosto. Presumindo, porém, que o fato de deliberadamente evitá-la exprimisse mais um embaraço momentâneo do que uma recusa da proposta e vendo no marido, que adorava a vida social, uma total propensão a aceitá-la, ela aprovou o convite e marcou o jantar para dali a dois dias.

Bingley exprimiu grande prazer pela certeza de tornar a ver Elizabeth, tendo ainda muitas coisas a lhe dizer e muitas perguntas a fazer sobre todos os amigos de Hertfordshire. Elizabeth, interpretando tudo aquilo como um desejo de ouvi-la falar da irmã, ficou contente e, por essa razão e mais algumas outras, se viu, quando os visitantes partiram, capaz de considerar a última meia hora com certa satisfação, embora, durante sua passagem, seu

prazer tivesse sido pequeno. Louca para ficar sozinha e temerosa das perguntas e das indiretas do tio e da tia, permaneceu com eles só o tempo suficiente para ouvir sua opinião favorável sobre Bingley e saiu correndo para se vestir.

Não tinha, porém, razão para temer a curiosidade do sr. e da sra. Gardiner; eles não queriam obrigá-la a falar. Era evidente que ela conhecia muito mais o sr. Darcy do que imaginavam antes; era óbvio que ele estava completamente apaixonado por ela. Viram aquilo com muito interesse, mas sem que se justificassem as perguntas.

Era agora obrigatório pensarem bem do sr. Darcy; e, até onde ia o conhecimento que tinham dele, não conseguiam achar nenhum defeito. Não podiam ficar insensíveis à sua cortesia; e se tivessem de retratar o caráter dele com base em seus próprios sentimentos para com ele e no relato da criada, sem nenhuma referência a nada mais, o círculo de pessoas que o conheciam em Hertfordshire não teria reconhecido o sr. Darcy em tal retrato. Agora tinham interesse em acreditar na governanta; e logo se convenceram de que não devia ser apressadamente rejeitada a autoridade de uma criada que o conhecia desde que ele tinha quatro anos de idade e cujo próprio comportamento indicava respeitabilidade. Nem constava nada das informações de seus amigos de Lambton que pudesse diminuir consideravelmente seu peso. Eles não tinham nada de que acusá-lo, a não ser de orgulho; orgulho que ele provavelmente tinha, e, se não o tinha, certamente lhe seria atribuído pelos habitantes de um lugarejo de mercado que a família não visitava. Todos reconheciam, porém, que ele era um homem generoso, que fazia muitas coisas pelos pobres.

Com relação a Wickham, os viajantes logo descobriram que não era muito popular por ali; pois, embora seu principal problema com o filho do patrão não fosse muito bem compreendido, era, porém, um fato notório que, ao partir de Derbyshire, deixara muitas dívidas, que foram em seguida pagas pelo sr. Darcy.

Quanto a Elizabeth, seus pensamentos essa noite concentravam-se mais em Pemberley do que a noite passada; e a noite, embora enquanto passava parecesse longa, não foi longa o suficiente para determinar seus sentimentos

para com *alguém* daquela mansão; e ela permaneceu acordada duas horas inteiras tentando defini-los. Certamente não o odiava. Não; o ódio passara havia muito, e quase desde então tinha vergonha de ter sentido por ele uma repulsa que merecesse tal nome. O respeito criado pela convicção de suas boas qualidades, embora estas no começo fossem admitidas a contragosto, tinha por algum tempo deixado de repugnar a seus sentimentos; e fora agora elevado a uma condição mais simpática, pelo testemunho altamente favorável do dia anterior, que o apresentara sob uma luz tão propícia. Mas, acima de tudo, acima do respeito e da estima, havia dentro dela um motivo de simpatia que não podia ser desprezado. Era a gratidão; gratidão não só por tê-la amado, mas por ainda amá-la a ponto de perdoar toda a petulância e a indelicadeza de sua maneira de rejeitá-lo e todas as acusações injustas que acompanharam tal rejeição. Ela estava certa de que ele a evitaria como a sua pior inimiga. Nesse encontro accidental, porém, ele parecia ansioso por preservar a amizade e, sem nenhuma ostentação indelicada de estima e sem nenhuma excentricidade no comportamento, em algo que só dizia respeito a eles dois, buscava a simpatia dos amigos dela e se esforçava em apresentá-la à irmã. Tal mudança num homem tão orgulhoso provocou não só espanto, mas também gratidão — pois só podia ser atribuída ao amor, ao amor ardente; e como tal a impressão que nela causou era do tipo que se deve encorajar, pois não era de modo algum desagradável, embora não pudesse ser definida com precisão. Respeitava-o, estimava-o, era-lhe grata, sentia um verdadeiro interesse pelo seu bem-estar; e só queria saber até que ponto desejava que esse bem-estar dependesse dela e o quanto seria propício à felicidade de ambos que ela se valesse do poder, que imaginava ainda possuir, de induzi-lo a renovar as suas propostas.

Ficou combinado à noite entre a tia e a sobrinha que uma delicadeza tão impressionante como a da srta. Darcy, que veio vê-las no mesmo dia de sua chegada a Pemberley, pois só tivera tempo para um desjejum atrasado, devia ser imitada, embora não pudesse ser igualada, por algum gesto de polidez da parte delas; e, por conseguinte, seria muito oportuno visitá-la em Pemberley na manhã seguinte. Elas iriam, portanto. Elizabeth estava

contente; se lhe perguntassem por que, no entanto, ela pouco teria a dizer em resposta.

O sr. Gardiner despediu-se delas logo depois do desjejum. O projeto de pescaria fora confirmado no dia anterior, e lhe fora feito um convite positivo para encontrar-se com alguns dos cavalheiros em Pemberley ao meio-dia.

Capítulo 45

Convicta de que a antipatia da srta. Bingley por ela tinha origem no ciúme, Elizabeth não podia deixar de sentir quão pouco bem-vinda devia ser para a senhorita a sua chegada a Pemberley, e estava curiosa para saber com quanta cortesia da parte dela o relacionamento seria agora reatado.

Ao chegarem à casa, foram introduzidas através do *hall* no salão, cujo aspecto nórdico o tornava delicioso no verão. Suas janelas abertas para o jardim ofereciam uma vista agradabilíssima das altas colinas cobertas de bosques que ficavam atrás da casa e dos belos carvalhos e castanheiros *espanhóis* que se espalhavam pelo gramado intermediário.

Foram recebidas na casa pela srta. Darcy, que estava sentada com a sra. Hurst e a srta. Bingley, e também com a dama com quem vivia em Londres. Georgiana recebeu-as com muita polidez, mas também com todo o embaraço que, embora originado pela timidez e pelo medo de fazer algo errado, facilmente podia levar aqueles que se sentissem inferiores a acreditar que ela fosse orgulhosa e reservada. A sra. Gardiner e a sobrinha, porém, fizeram justiça a ela e até sentiram pena.

A sra. Hurst e a srta. Bingley limitaram-se a saudá-las com uma reverência; e, ao se sentarem, fez-se por alguns instantes um silêncio constrangido. Este foi quebrado pela sra. Annesley, uma mulher elegante e bela, cuja tentativa de iniciar algum tipo de conversação demonstrou que era mais bem-educada do que todas as outras; e entre ela e a srta. Gardiner, com o auxílio ocasional de Elizabeth, estabeleceu-se um diálogo. A srta.

Darcy parecia estar à procura de coragem para entrar na conversa; e às vezes arriscava uma breve frase, quando o perigo de ser ouvida era menor.

Elizabeth logo viu que era observada com atenção pela srta. Bingley, e que não podia dizer nenhuma palavra, em especial para a srta. Darcy, sem chamar a sua atenção. Isso não a impediria de tentar conversar com a srta. Darcy, se não estivessem sentadas a uma incômoda distância uma da outra; mas não lamentava ser poupada da necessidade de falar muito. Estava absorta em seus pensamentos. A cada momento esperava que alguns dos cavalheiros entrassem na sala. Desejava, temia que o dono da casa estivesse entre eles; e não conseguia decidir se mais desejava ou mais temia. Depois de permanecer assim durante quinze minutos sem ouvir a voz da srta. Bingley, Elizabeth teve a surpresa de receber dela algumas frias perguntas sobre a saúde da família. Respondeu com igual indiferença e brevidade, e os outros não disseram mais nada.

A próxima mudança que a visita provocou foi a entrada de criados com carne fria, bolos e diversas das melhores frutas da estação; mas isso só ocorreu depois de muitos olhares e sorrisos significativos da sra. Annesley para a srta. Darcy, para lembrá-la de seus deveres. Todo o grupo tinha agora algo para fazer, pois, embora nem todos pudessem falar, todos podiam comer; e a magnífica pirâmide de uvas, nectarinas e pêssegos logo reuniu todas ao redor da mesa.

Enquanto assim se entretinha, Elizabeth teve uma boa ocasião de decidir se desejava ou temia mais o aparecimento do sr. Darcy, pelos sentimentos que predominaram, quando ele entrou na sala; e então, embora poucos instantes antes achasse que predominava o desejo, começou a lamentar que ele tivesse vindo.

Ele estivera por algum tempo com o sr. Gardiner, que, com dois ou três outros cavalheiros da casa, estava pescando no rio, e só o deixara ao saber que as damas da família pretendiam visitar Georgiana aquela manhã. Elizabeth, assim que apareceu, decidiu mostrar-se completamente à vontade e desenvolta; decisão esta que urgia tomar, mas talvez fosse difícil de levar adiante, pois viu que as suspeitas de todos os presentes estavam voltadas contra eles, e que não havia nenhum olho que não observasse o

comportamento dele ao entrar na sala. Em nenhum semblante a atenta curiosidade estava mais acentuada do que no da srta. Bingley, apesar do sorriso que iluminava o seu rosto toda vez que falava com alguém; pois o ciúme ainda não a havia levado ao desespero, e seu interesse pelo sr. Darcy ainda estava longe de ter acabado. À chegada do irmão, a srta. Darcy passou a falar muito mais, e Elizabeth viu que ele estava ansioso para que ela e a irmã dele se conhecessem, e seguia o quanto podia as tentativas de conversa das duas. A srta. Bingley também viu tudo aquilo; e, na imprudência da ira, aproveitou a primeira oportunidade para dizer, com irônica polidez:

— Por favor, srta. Eliza, será que a milícia de ***shire partiu de Meryton? Esta deve ser uma enorme perda para a *sua* família.

Na presença de Darcy, ela não ousava pronunciar o nome de Wickham; mas Elizabeth logo compreendeu que ele ocupava o lugar principal em seus pensamentos; e as diversas lembranças ligadas a ele provocaram-lhe uma angústia momentânea; esforçando-se, porém, bastante para repelir o ataque maldoso, ela respondeu à pergunta num tom razoavelmente indiferente. Enquanto falava, um olhar involuntário mostrou-lhe Darcy, com a expressão alterada, olhando fixamente para ela, e a irmã dele tomada de confusão e incapaz de erguer os olhos. Se a srta. Bingley soubesse a dor que estava provocando em sua querida amiga, sem dúvida teria evitado tocar no assunto; mas quisera simplesmente descompor Elizabeth, mencionando a ideia de um homem por quem acreditava estar ela apaixonada, para fazê-la trair uma sensibilidade que pudesse prejudicar a opinião que Darcy tinha sobre ela e, talvez, fazer que ele se lembrasse de todas as maluquices e absurdos pelos quais parte da família dela estava ligada àquela milícia. Jamais ouvira sequer uma sílaba sobre a planejada fuga da srta. Darcy. A ninguém fora revelada, sempre que o segredo fosse possível, salvo a Elizabeth; e seu irmão estava ansioso por ocultá-la, sobretudo de todos os conhecidos de Bingley, em razão do desejo que havia muito Elizabeth lhe atribuíra de virem a se tornar parte da família dela. Ele certamente concebera esse plano, que, sem afetar a sua tentativa de separá-lo da srta.

Bennet, provavelmente contribuiu para aguçar sua viva preocupação pelo bem-estar do amigo.

O imperturbável comportamento de Elizabeth, porém, logo apaziguou sua aflição; e, como a srta. Bingley, irritada e decepcionada, não ousava mencionar diretamente Wickham, Georgiana também se recuperou com o tempo, ainda que não o bastante para poder abrir a boca novamente. O irmão, cujo olhar ela temia encontrar, mal se lembrou de seu interesse no caso, e a própria circunstância que fora planejada para afastar de Elizabeth os pensamentos dele pareciam tê-los fixado nela com entusiasmo cada vez maior.

A visita não se prolongou muito mais depois da pergunta e da resposta acima mencionadas; e, enquanto o sr. Darcy as acompanhava até a carruagem, a srta. Bingley desabafava seus sentimentos com críticas à pessoa, ao comportamento e aos trajes de Elizabeth. Georgiana, porém, não a acompanhou nisso. A recomendação do irmão bastava para garantir a simpatia dela; o julgamento dele não podia errar. E ele falara de Elizabeth num tom tal, que Georgiana só podia julgá-la graciosa e simpaticíssima. Quando Darcy voltou à sala, a srta. Bingley não conseguiu deixar de lhe repetir parte do que vinha dizendo à irmã dele.

— Como a srta. Eliza Bennet estava mal esta manhã, sr. Darcy — exclamou ela. — Nunca na vida vi ninguém mudar tanto quanto ela desde o inverno. Está ficando cada vez mais escura e vulgar! Louisa e eu jamais a teríamos reconhecido.

Por menos que o sr. Darcy tivesse apreciado tais palavras, contentou-se em responder friamente que não percebera nenhuma alteração nela, a não ser o fato de estar um tanto bronzeada, o que não era nenhum milagre para quem viajava no verão.

— No que se refere a mim — retorquiu ela —, tenho de confessar que nunca vi nenhuma beleza nela. O rosto é estreito demais; a tez não tem brilho; e as feições não têm nada de bonito. Falta personalidade ao nariz... não há nada marcante em suas linhas. Os dentes são razoáveis, mas nada têm de extraordinário; e, quanto aos olhos, que algumas vezes foram tão elogiados, nunca vi nada de excepcional neles. O olhar é agudo e perspicaz,

e não gosto nada dele; e seu modo de ser é ao mesmo tempo arrogante e deselegante, o que é insuportável.

Persuadida de que Darcy admirava Elizabeth, para a srta. Bingley esse não era o melhor método de somar pontos junto a ele. As pessoas irritadas, porém, nem sempre são prudentes; e, ao vê-lo enfim um tanto zangado, ela obteve todo o sucesso que esperava. Ele continuava calado, porém, e, determinada a fazê-lo falar, ela prosseguiu:

— Lembro-me da primeira vez que a vi, em Hertfordshire. Como ficamos todos admirados quando soubemos que ela era tida como uma beldade. Eu me lembro muito bem de ouvir você dizer certa noite, depois de a família dela jantar em Netherfield: “*Ela*, uma beldade! Então deveriam chamar a mãe dela de gênio”. Mas em seguida parece que a sua opinião sobre ela melhorou, e creio que em certa altura você achou que fosse bem bonita.

— É verdade — replicou Darcy, que não conseguiu mais conter-se —, mas isso foi só quando a vi pela primeira vez. Já há muitos meses a considero uma das mais lindas mulheres que conheço.

Ele, então, se retirou, deixando a srta. Bingley entregue à satisfação de tê-lo forçado a dizer algo que não magoou a ninguém, senão a ela mesma.

Na volta, a sra. Gardiner e Elizabeth falaram de tudo que acontecera durante a visita, salvo do que interessara especialmente a ambas. Discutiram a aparência e o comportamento de todos que haviam visto, exceto da pessoa que mais prendera sua atenção. Falaram da irmã dele, dos amigos dele, da casa dele, das frutas dele — de tudo, menos dele; Elizabeth, no entanto, adoraria saber o que a sra. Gardiner achava dele, e a sra. Gardiner ficaria contentíssima se a sobrinha tocasse no assunto.

Capítulo 46

Elizabeth ficara muito desapontada ao não encontrar nenhuma carta de Jane ao chegar pela primeira vez a Lambton; e esse desapontamento se renovara em duas manhãs seguidas; mas na terceira sua aflição terminou, e sua irmã pôde ser perdoada, pelo recebimento de duas cartas de uma só vez, sobre uma das quais estava assinalado que se extraviara. Ela não se surpreendeu com aquilo, pois Jane escrevera o endereço com uma letra horrível.

Eles estavam preparando-se para um passeio quando chegaram as cartas; e seu tio e sua tia, deixando-a sozinha para desfrutá-las em paz, partiram sozinhos. A carta extraviada devia ser lida primeiro; fora escrita cinco dias antes. O começo continha uma descrição de todas as suas festinhas e compromissos, com as notícias que a província permitia; mas a segunda metade, datada do dia seguinte e escrita com evidente agitação, dava informações mais importantes. Dizia o seguinte:

Depois que escrevi o que vai acima, queridíssima Lizzy, aconteceu uma coisa muito inesperada e grave; mas tenho medo de alarmar você: fique certa de que todos nós estamos bem. O que tenho a dizer está relacionado com a Lydia, coitada. À meia-noite de ontem, quando todos estávamos preparando-nos para dormir, chegou uma mensagem urgente da parte do coronel Forster, para nos informar que ela fugira para a Escócia com um de seus oficiais; para falar a verdade, com Wickham! Imagine a nossa surpresa. Para Kitty, porém, a coisa não pareceu assim tão inesperada. Lamento muito, muito mesmo. Uma união tão imprudente de ambas as partes! Mas quero esperar o melhor e que o caráter dele tenha sido mal interpretado. Posso facilmente acreditar que ele seja cabeça-oca e indiscreto, mas isso que fez (o que deve deixar-nos contentes) não indica que tenha algo de mau no coração. Sua escolha é pelo menos desinteressada, pois deve saber que papai não pode dar-lhe nada. Mamãe está muito abatida.

Papai suportou melhor o choque. Como estou agradecida por nunca termos deixado que nenhum dos dois soubesse o que se tem dito contra ele; nós mesmas temos de esquecer isso. Acredita-se que eles partiram por volta da meia-noite de sábado, mas não deram por sua falta até ontem às oito da manhã. A mensagem urgente foi enviada na hora. Minha querida Lizzy, eles devem ter passado a dez milhas daqui. O coronel Forster dá-nos razões de esperar que ele logo esteja por aqui. Lydia deixou um bilhetinho para a esposa dele, informando-a de suas intenções. Tenho de parar por aqui, pois não posso ficar muito tempo longe da mamãe, coitada. Receio que você não consiga decifrar esta carta, mas eu mal sei o que escrevi.

Sem dar a si mesma algum tempo para reflexão e sem sequer saber o que sentia, Elizabeth, ao acabar a carta, imediatamente pegou a outra e, abrindo-a com a máxima impaciência, leu o que segue, escrito um dia depois do fim da primeira.

A esta altura, querida irmã, você já recebeu a minha carta tão estabanaada; espero que esta esteja mais inteligível, mas, embora não pressionada pelo tempo, a minha cabeça está tão confusa que não posso garantir que vá ser coerente. Caríssima Lizzy, não sei bem por onde começar, mas tenho más notícias para você, que não podem ser deixadas para depois. Por mais imprudente que fosse o casamento entre o sr. Wickham e a nossa pobre Lydia, estamos agora ansiosos para ter certeza de que ele ocorreu, pois há razões até demais para temermos que não foram para a Escócia. O coronel Forster veio ontem, tendo deixado Brighton na véspera, poucas horas depois da mensagem urgente. Embora a cartinha de Lydia para a sra. F. lhes desse a entender que estavam a caminho de Gretna Green, ficaram sabendo por meio de Denny que, na sua opinião, W. jamais teve a intenção de ir para lá ou de se casar com Lydia, o que foi repetido na presença do coronel F., que, alarmando-se de imediato, partiu de B. com a intenção de rastrear seu caminho. Conseguiu facilmente rastreá-los até Clapham, mas não mais além; pois, ao chegarem àquele lugar, os dois alugaram uma carruagem e mandaram de volta a chaise que os trouxera de Epsom. Tudo o que se sabe depois disso é que foram vistos na estrada que leva a Londres. Nem sei o que pensar. Depois de efetuar em Londres todas as investigações possíveis, o coronel F. veio para Hertfordshire, fazendo o mesmo em todas as barreiras e em todos os albergues de Barnet e Hatfield, mas sem sucesso: ninguém os viu passar por ali. Com a mais cordial preocupação, ele veio a Longbourn, e nos expôs as suas apreensões, de um modo que honra o seu coração. Sinceramente, sinto muito por ele e pela sra. F., mas ninguém pode responsabilizá-los por nada. Querida Lizzy, é enorme a nossa aflição. Papai e mamãe esperam o pior, mas não consigo pensar tão mal dele. Muitas circunstâncias podem ter tornado preferível para eles se casarem em caráter privado em Londres a seguirem seus primeiros planos; e, mesmo que ele pudesse conceber um tal plano contra uma moça com as relações de Lydia, o que não é provável, é possível supor que ela esteja a tal ponto perdida? Impossível! Lamento dizer, porém, que o coronel F. não está disposto a acreditar no casamento; ele balançou a cabeça quando exprimi as minhas esperanças e disse que temia que W. não fosse um homem confiável. Mamãe, coitada, está muito mal e não sai do quarto. Se pudesse fazer alguma coisa, seria melhor, mas isso não é de se esperar. Quanto a papai, nunca na vida o vi tão abalado. A pobre Kitty arrepende-se de ter escondido a ligação entre eles, mas, como se tratava de matéria confidencial, não é de se espantar. Estou realmente satisfeita, querida Lizzy, por você ter sido

poupada dessas tristes cenas; mas, agora que o primeiro choque já passou, devo confessar que estou ansiosa pela sua volta? Não sou tão egoísta, porém, a ponto de pressioná-la para que volte, se isso for inconveniente para você. Adieu! Pego da pena mais uma vez para fazer justamente o que acabei de dizer que não faria; mas a situação é tal, que não posso deixar de pedir insistentemente que todos vocês voltem o quanto antes. Conheço tão bem o titio e a titia, que não tenho medo de pedir isso, embora tenha mais uma coisa a pedir a ele. Papai está indo agora a Londres com o coronel Forster, para tentar achar Lydia. O que pretende fazer, não sei; mas o seu profundo abatimento não lhe permitirá tomar qualquer medida de maneira segura e prudente, e o coronel Forster tem de estar de volta a Brighton amanhã à noite. Numa tal situação, os conselhos e a assistência de titio seriam o que há de melhor no mundo; ele logo vai compreender o que devo estar sentindo, e eu confio na bondade dele.

— Ah! Onde está, onde está o titio? — exclamou Elizabeth, pulando da cadeira ao acabar de ler a carta, ansiosa por ir atrás dele, sem perder um segundo de um tempo tão precioso; mas, ao chegar à porta, ela foi aberta por um criado e apareceu o sr. Darcy. O rosto pálido e a agitação de Elizabeth assustaram-no e, antes que pudesse recuperar-se para falar, ela, em cuja mente todas as ideias eram relegadas a segundo plano pela situação de Lydia, exclamou apressada:

— Sinto muito, mas tenho de sair. Tenho de encontrar o sr. Gardiner agora, sobre um assunto que não pode ser adiado. Não tenho um minuto a perder.

— Meu Deus! O que aconteceu? — exclamou ele, com mais sentimento do que polidez; em seguida, recompondo-se, prosseguiu: — Não vou detê-la nem por um minuto; mas deixe que eu vá atrás deles, ou mande um criado procurá-los. A senhorita não está bem, não pode fazer isso.

Elizabeth hesitou, mas seus joelhos tremiam e ela percebeu que seria inútil tentar ir atrás deles. Chamando o criado, então, ela pediu que trouxesse seus patrões de volta para casa imediatamente, mas em voz tão baixa, que ele quase não conseguiu entender.

Quando ele saiu do aposento, ela se sentou, incapaz de se sustentar, e com tão má aparência, que era impossível para Darcy deixá-la sozinha ou deixar de dizer, em tom de carinho e pena:

— Deixe-me chamar a sua criada. Não há nada que você possa tomar para reanimá-la? Posso trazer-lhe um copo de vinho? A senhorita não está nada bem.

— Não, obrigada — replicou ela, tratando de se recompor. — Não tenho nenhum problema. Estou bem; só fiquei nervosa com uma notícia terrível que acabei de receber de Longbourn.

Ela se derreteu em lágrimas ao mencionar aquilo, e durante alguns minutos não conseguiu articular mais nenhuma palavra. Darcy, em penosa expectativa, só conseguiu murmurar algo acerca de sua preocupação e observá-la em silenciosa compaixão. Por fim, ela tornou a falar.

— Acabo de receber uma carta de Jane, com notícias terríveis, que não podem ser escondidas de ninguém. Minha irmã mais moça abandonou todos os amigos... e fugiu; jogou-se nos braços do... do sr. Wickham. Foram embora de Brighton. Você o conhece muito bem para adivinhar o resto. Ela não tem dinheiro, não tem conhecidos, nada que possa levá-lo a... Está perdida para sempre.

O espanto paralisou Darcy.

— Quando eu penso — acrescentou ela, com uma voz mais agitada — que eu podia ter impedido isso! Eu, que sabia quem ele era. Se tivesse explicado só uma pequena parte do caso... uma parte do caso de que fui informada, para a minha própria família! Se conhecessem o caráter dele, isso podia não ter acontecido. Mas agora é tarde... tarde demais.

— Estou horrorizado — exclamou Darcy —; horrorizado e chocado. Mas isso é certo? Absolutamente certo?

— É, sim! Partiram juntos de Brighton domingo à noite, e os seus rastros foram seguidos até Londres, mas não mais além; certamente não foram para a Escócia.

— E o que foi feito, o que tentaram fazer para recuperá-la?

— Meu pai foi a Londres, e Jane escreveu para pedir a ajuda imediata do meu tio. Espero que em meia hora já estejamos de partida. Mas nada se pode fazer... sei muito bem que nada se pode fazer. Como convencer um homem desses? E como descobrir onde estão? Não tenho a menor esperança. É tudo muito horrível!

Darcy balançou a cabeça, concordando silenciosamente.

— Quando abri os meus olhos para o verdadeiro caráter dele... Ah! Se eu tivesse sabido o que devia fazer, se tivesse tido a coragem de fazer! Mas

não sabia... Tive medo de exagerar na dose. Maldito, maldito erro!

Darcy não respondeu. Parecia nem ouvir, e andava de um lado para o outro do aposento em profunda meditação, com a testa franzida e de ar sombrio. Elizabeth logo o notou e compreendeu de imediato. Seu domínio sobre ele estava acabando; tudo tinha de acabar perante tamanha prova da fraqueza da família, tal certeza da mais profunda desgraça. Não podia nem admirar-se nem condená-lo, mas pensar que ele tinha um grande domínio de si mesmo não a consolou em nada, não aliviou em nada a sua angústia. Ao contrário, aquele pensamento vinha sob medida para fazê-la entender seus próprios desejos; e ela nunca sentira tão sinceramente que podia amá-lo quanto agora, quando todo amor já era em vão.

Mas seus problemas pessoais, embora a distraíssem, não podiam absorvê-la. Lydia, a humilhação, a desgraça que estava trazendo a todos logo se sobrepôs a qualquer consideração pessoal; e, cobrindo o rosto com o lenço, Elizabeth logo se desligou de tudo; e, depois de uma pausa de vários minutos, só voltou a ter alguma consciência da situação pela voz de seu companheiro, que, de um jeito que embora expressasse compaixão também exprimia moderação, disse:

— Receio que há tempo a senhorita deseja a minha ausência, nem tenho algo a alegar para desculpar a minha permanência, a não ser uma preocupação verdadeira, ainda que inútil. Quisera Deus que eu pudesse dizer ou fazer alguma coisa para consolá-la de tal angústia! Mas não vou perturbá-la com vãos desejos, que podem parecer feitos só para atrair agradecimentos. Temo que esse terrível caso venha a impedir que a minha irmã tenha hoje o prazer de vê-la em Pemberley.

— Ah, sim. Peço que tenha a gentileza de levar as nossas desculpas à srta. Darcy. Diga-lhe que problemas urgentes exigem a nossa volta imediata para casa. Esconda dela a triste verdade o mais que puder, mas sei que não será por muito tempo.

Ele prontamente lhe prometeu guardar segredo; exprimiu mais uma vez sua consternação com a angústia dela, fez votos de que o caso tivesse uma conclusão mais feliz do que no momento havia razão de se esperar e,

deixando suas saudações aos parentes dela, com um olhar sério de despedida, se retirou.

Quando ele deixou a sala, Elizabeth sentiu como era improvável que se vissem de novo num clima de tal cordialidade como a que marcou os diversos encontros que tiveram em Derbyshire; e enquanto lançava um olhar retrospectivo sobre o relacionamento inteiro, tão cheio de contradições e tão diversificado, ela suspirou ante a perversidade dos sentimentos, que agora promoviam a continuidade de tal relação e antes ansiavam pelo seu fim.

Se a gratidão e a estima forem sólidos fundamentos para o amor, a mudança de sentimentos em Elizabeth não há de ser nem improvável nem culpada. Mas, se não o forem, se o afeto que nasce dessa fonte for insensato ou antinatural, em comparação com o que tantas vezes se diz surgir de um primeiro contato com seu objeto e até antes de se trocarem duas palavrinhas, nada se poderá dizer em sua defesa, exceto que ela dera uma oportunidade ao segundo método em sua queda por Wickham, e que seu fracasso talvez a autorizasse a buscar o outro método, menos interessante. Seja como for, a partida dele a deixou triste; e, nesse primeiro exemplo do que a infâmia de Lydia deveria provocar, experimentou ela uma nova angústia, ao refletir sobre aquele infeliz caso. Nunca, desde a leitura da segunda carta de Jane, tivera ela alguma esperança de que Wickham tivesse a intenção de casar com Lydia. Só mesmo Jane, pensou, podia nutrir tal expectativa. O que menos sentia em todo aquele caso era surpresa. Enquanto o conteúdo da primeira carta permaneceu em sua mente, ela estava profundamente surpresa — admiradíssima de que Wickham se casasse com uma moça sem que fosse por dinheiro; e lhe pareceu incompreensível como Lydia podia tê-lo conquistado. Mas agora tudo parecia muito natural. Para um caso como esse, ela possuía encantos suficientes; e, embora não julgasse que Lydia participasse de uma fuga sem a intenção de se casar, não tinha dificuldade em acreditar que nem a virtude nem a inteligência a impediriam de se tornar uma presa fácil.

Ela jamais percebera, enquanto o regimento estava em Hertfordshire, que Lydia tivesse qualquer queda por ele; mas estava convencida de que a

irmã só precisava de um encorajamento para se relacionar com alguém. Ora um oficial, ora outro era o seu favorito, enquanto as atenções deles os elevavam na opinião dela. Seus amores flutuavam continuamente, mas nunca ficavam sem objeto. Que erro negligenciar e ter indulgência por uma menina assim... Ah! Como percebia tudo claramente agora!

Ela estava louca para chegar em casa... para ouvir, ver, estar presente para compartilhar com Jane as atenções que agora estavam todas sobre os seus ombros, numa família tão anarquizada, com um pai ausente, uma mãe incapaz de fazer qualquer coisa, que exigia cuidados constantes; e, embora estivesse quase certa de que nada podia ser feito por Lydia, a participação do tio parecia da maior importância, e até ele entrar na sala a impaciência de Elizabeth foi extrema. O sr. e a sra. Gardiner voltaram correndo, assustados, imaginando pela explicação do criado que a sobrinha tivesse adoecido repentinamente; mas, depois de tranquilizá-los quanto a esse ponto, apressou-se em lhes comunicar por que os mandara chamar, lendo em voz alta as duas cartas e dando ênfase especial ao pós-escrito da segunda, com trêmula energia. Embora nunca tivessem tido nenhuma predileção por Lydia, o sr. e a sra. Gardiner não podiam deixar de afligir-se profundamente. Aquilo envolvia não só Lydia, mas a todos; e, depois das primeiras exclamações de surpresa e horror, o sr. Gardiner prometeu fazer tudo que estivesse ao seu alcance. Elizabeth, embora esperasse aquilo, agradeceu-lhe aos prantos; e, como os três eram movidos pelo mesmo espírito, tudo que se referia à viagem foi prontamente resolvido. Deviam partir o quanto antes.

— Mas o que fazer quanto a Pemberley? — exclamou a sra. Gardiner. — John nos disse que o sr. Darcy estava aqui quando você mandou chamar-nos. É verdade?

— É, sim. E eu disse a ele que não vamos poder cumprir os nossos compromissos. Isso está resolvido.

— Isso está resolvido — repetiu a outra, enquanto entrava correndo na sala para se preparar. — E eles já são tão íntimos a ponto de Elizabeth contar toda a verdade? Ah, queria saber como foi!

Mas as suas esperanças eram vãs, ou pelo menos só serviram para diverti-la na pressa e na confusão da hora seguinte. Se Elizabeth pudesse ficar sem fazer nada, teria tido a certeza de que toda ocupação era impossível para alguém tão aflita quanto ela; mas tinha o que fazer, tanto quanto a sua tia, e entre outras coisas precisava escrever bilhetes a todos os amigos de Lambton, com falsas desculpas para a partida repentina. Em uma hora, porém, já tudo estava concluído; e, tendo o sr. Gardiner, enquanto isso, liquidado a conta do albergue, nada mais restava a fazer senão partir; e Elizabeth, depois de toda a aflição da manhã, viu-se, num espaço de tempo mais breve do que teria imaginado, sentada na carruagem, a caminho de Longbourn.

Capítulo 47

— Pensei muito no assunto, Elizabeth — disse o tio, enquanto se dirigiam à capital —, e, depois de refletir seriamente, estou muito mais propenso do que antes a ter a mesma opinião que a sua irmã mais velha sobre o assunto. Parece-me tão improvável que um rapaz conceba um tal plano contra uma mocinha que não é de modo algum desprotegida ou carente de amigos e que na verdade morava na casa da família do seu coronel, que estou muito inclinado a esperar o melhor. Como poderia ele pensar que os amigos dela nada fariam? Como poderia esperar voltar a ser bem recebido pelo regimento, depois de tal afronta contra o coronel Forster? Não valeria a pena assumir tantos riscos!

— O senhor acha mesmo isso? — exclamou Elizabeth, recuperando a animação por um momento.

— Dou-lhe minha palavra — disse a sra. Gardiner —; começo a ter a mesma opinião que o seu tio. É uma violação óbvia demais da decência, da honra e de seus próprios interesses, para que ele seja culpado disso. Não consigo pensar tão mal de Wickham. Você mesma, Lizzy, pode renegá-lo a ponto de crer que ele fosse capaz de uma coisa dessas?

— Talvez não de negligenciar seus próprios interesses; mas acredito que seja capaz de todos os outros tipos de negligência. Realmente, se isso fosse verdade! Mas não ouse ter essa esperança. Por que não iriam para a Escócia, se fosse esse o caso?

— Em primeiro lugar — replicou o sr. Gardiner —, não há nenhuma prova definitiva de que não foram para a Escócia.

— Ah! Mas que tenham passado da *chaise* para uma carruagem de aluguel é um indício tão claro! E, além disso, não encontraram nenhum rastro deles na estrada de Barnet.

— Muito bem, então... suponhamos que estejam em Londres. Podem estar lá só para se esconder, sem mais nenhum motivo excepcional. Não é muito provável que o dinheiro seja abundante de ambos os lados; e pode ter-lhes ocorrido que é mais econômico, embora menos rápido, casar em Londres do que na Escócia.

— Mas por que tanto segredo? Por que tanto medo de serem descobertos? Por que o casamento teve de ser às escondidas? Ah, não, não... não é provável. Seu amigo mais íntimo, como vemos na carta de Jane, estava convencido de que ele não pretendia casar-se com ela. Wickham jamais se casará com uma moça que não tenha dinheiro. Não pode permitir-se isso. E que méritos tem Lydia... que atrativos tem ela além da juventude, da saúde e do bom humor, que pudessem motivá-lo a, por sua causa, perder toda possibilidade de um bom casamento? Não posso julgar os obstáculos que o receio de cair em desgraça no regimento poderia opor a uma fuga desonrosa com ela; pois nada sei sobre os efeitos que tal ato pode provocar. Mas, quanto à sua outra objeção, receio que ela dificilmente se mantenha firme. Lydia não tem irmãos que a defendam; e pode imaginar, pelo comportamento de papai, por sua indolência e pela pouca atenção que sempre pareceu dar ao que se passava na família, que *ele* agiria e pensaria tão pouco neste caso quanto qualquer pai costuma fazer numa situação como esta.

— Mas você acha possível que Lydia esteja tão apaixonada por Wickham, a ponto de concordar em viver com ele sem se casar?

— Parece que sim, e é muito chocante, sem dúvida — tornou Elizabeth, com lágrimas nos olhos —, que o senso de decência e de virtude de uma irmã admita dúvidas quanto a esse ponto. Mas, na verdade, não sei o que dizer. Talvez eu não esteja sendo justa com ela. Ela é muito jovem; nunca lhe ensinaram a pensar em assuntos sérios; e, nos últimos seis meses, ou melhor, nos últimos doze meses, ela só se preocupou com diversões e com vaidade. Permitiram-lhe gastar o tempo da maneira mais ociosa e frívola

possível, e adotar qualquer opinião que lhe apresentassem. Desde que o regimento de ***shire veio aquartelar-se em Meryton, o amor, os namoros e os oficiais foram as únicas coisas que passaram por sua cabeça. E, de tanto pensar e falar nessas coisas, ela fez tudo que estava ao seu alcance para dar uma maior — como diria? — suscetibilidade a seus sentimentos, que já por natureza são muito ardentes. E todos sabemos que Wickham tem todos os encantos, na aparência e nos modos, que podem conquistar uma mulher.

— Mas veja você que Jane — disse a tia — não tem de Wickham uma opinião tão má a ponto de acreditar que ele seja capaz de uma coisa dessas.

— E de quem Jane alguma vez pensou mal? E será que existe alguém que, seja qual for a sua conduta passada, ela julgue capaz de uma coisa dessas, até ter provas? Mas Jane sabe tanto quanto eu quem Wickham de fato é. Nós duas sabemos que ele tem sido um devasso, no sentido mais forte da palavra; que não tem nem integridade nem honra; que é uma pessoa tão falsa e mentirosa quanto insinuante.

— E você realmente sabe isso tudo? — exclamou a sra. Gardiner, cuja curiosidade a respeito da fonte daquela informação era muito viva.

— Sei, sim — replicou Elizabeth, corando. — Eu lhe contei outro dia o infame comportamento dele para com o sr. Darcy; e a senhora mesma, quando esteve em Longbourn, ouviu como ele falava do homem que se comportou para com ele com tanta tolerância e generosidade. E existem outras circunstâncias que não estou autorizada... de que não vale a pena falar; mas são intermináveis as suas mentiras sobre toda a família de Pemberley. Pelo que ele falava da srta. Darcy, eu estava bem preparada para ver uma moça orgulhosa, reservada e desagradável. Ele, porém, sabia que era exatamente o contrário. Sabia que ela era tão simpática e despretensiosa como a conhecemos.

— Mas Lydia não sabe de nada disso? Como pode ela ignorar o que você e Jane parecem compreender tão bem?

— É verdade! Essa é a pior parte. Até ir a Kent e me encontrar diversas vezes tanto com o sr. Darcy quanto com seu parente, o coronel Fitzwilliam, eu mesma não conhecia a verdade. E, quando voltei para casa, o regimento de ***shire estava para deixar Meryton em uma ou duas semanas. Sendo

assim, nem Jane, para quem eu contei tudo, nem eu julgamos necessário tornar público o que sabíamos; pois aparentemente de que serviria que a boa opinião que toda a vizinhança tinha sobre ele fosse destruída? E, mesmo quando se decidiu que Lydia iria com a sra. Forster, nunca me ocorreu a necessidade de abrir os seus olhos quanto ao caráter dele. Nunca me passou pela cabeça que *ela* corresse o risco de ser enganada. Não é difícil compreender que eu estava longe de esperar que tudo aquilo podia ter uma consequência *dessas*.

— Quando todos partiram para Brighton, então, imagino que você não tinha nenhuma razão para acreditar que eles se amassem?

— Nenhuma. Não consigo lembrar-me de nenhum sinal de atração da parte de nenhum dos dois; e, se algo desse tipo fosse perceptível, a senhora deve saber que a nossa não é uma família em que uma coisa dessas possa passar em brancas nuvens. Quando ele ingressou na milícia, ela logo passou a admirá-lo; mas o mesmo aconteceu com todas nós. Todas as jovens de Meryton e cercanias enlouqueceram por ele nos primeiros dois meses; mas nada fazia que *ela* se destacasse por alguma atenção especial; e, portanto, depois de um período de extravagante e violenta admiração, a sua fantasia com ele se dissipou e outros do regimento, que a tratavam com mais distinção, voltaram a ser seus favoritos.

* * *

É fácil compreender que, por pouco que essa repetida discussão pudesse acrescentar a seus receios, esperanças e conjecturas acerca desse interessante assunto, nenhum outro pôde afastá-los dele durante toda a jornada. Este nunca esteve distante dos pensamentos de Elizabeth. Atormentada pela mais profunda angústia e pelo remorso, não conseguiu ter nenhum momento de tranquilidade ou esquecimento.

Viajaram com a máxima velocidade e, dormindo uma noite na estrada, chegaram a Longbourn no dia seguinte, à hora do jantar. Foi um consolo para Elizabeth ver que Jane não tivera de suportar uma espera longa demais.

Ao entraram no cercado, os pequenos Gardiner, atraídos pela visão da *chaise*, estavam nos degraus da casa; e, quando a carruagem estacionou

diante da porta, a alegre surpresa que iluminou os rostos e se manifestou em todo o corpo das crianças, com saltos e pinotes, foi a primeira agradável prova de que eram bem-vindos.

De um salto, Elizabeth desceu da carruagem; e, depois de dar em cada um deles um beijo apressado, correu para o vestíbulo, onde Jane, que desceu correndo do quarto da mãe, imediatamente foi ter com ela.

Elizabeth, enquanto a abraçava carinhosamente e as lágrimas transbordavam dos olhos de ambas, imediatamente perguntou se tinham alguma notícia dos fugitivos.

— Ainda não — respondeu Jane. — Mas, agora que meu querido tio chegou, espero que tudo corra bem.

— Papai está em Londres?

— Está. Ele partiu na terça-feira, como escrevi a você.

— E tem tido notícias dele com frequência?

— Só uma vez. Escreveu um bilhete na quarta-feira, para dizer que chegara bem e para me passar instruções, o que lhe pedi encarecidamente. Ele se limitou a acrescentar que não tornaria a escrever até ter algo importante para dizer.

— E a mamãe, como está? E vocês todas, como vão?

— Mamãe está razoavelmente bem, acho, embora seu ânimo esteja muito abalado. Ela está lá em cima e ficará muito contente em ver todos vocês. Ela não sai mais do quarto. Mary e Kitty, graças a Deus, estão muito bem.

— Mas, e você? Como está? — exclamou Elizabeth. — Você está pálida. Quantas dificuldades deve ter enfrentado!

Sua irmã, porém, garantiu-lhe que estava muito bem; e a conversa, que se dera enquanto o sr. e a sra. Gardiner estavam ocupados com os filhos, chegou ao fim com a chegada do grupo inteiro. Jane correu até os tios e deu-lhes as boas-vindas, agradecendo a ambos por terem vindo, entre risos e lágrimas.

Quando se reuniram todos na sala, as perguntas que Elizabeth já fizera foram, é claro, repetidas pelos demais, e eles logo viram que Jane não tinha nenhuma informação a lhes passar. Mas as esperanças otimistas que a

bondade de seu coração sugeria não a haviam abandonado; ela ainda esperava que tudo fosse acabar bem, e que mais dia, menos dia, chegaria uma carta, ou de Lydia ou do pai, que explicaria tudo e, quem sabe, anunciaria o casamento.

A sra. Bennet, em cujo quarto todos se reuniram, depois de uma conversa de alguns minutos, recebeu-os exatamente como era de se esperar; com lágrimas e lamentações de saudades, invectivas contra o comportamento vil de Wickham, e queixas sobre seus sofrimentos e pelo mau tratamento que recebia; acusando a todos, menos à pessoa a cuja irrefletida indulgência os erros da filha deviam ser principalmente imputados.

— Se eu tivesse podido — disse ela — fazer o que queria e ir a Brighton, com toda a família, isso não teria acontecido; mas a minha querida Lydia, coitadinha, não tinha ninguém para tomar conta dela. Por que os Forster a perderam de vista? Tenho certeza de que houve uma grande negligência da parte deles, pois ela não é o tipo de moça que faça uma coisa dessas, se estiver bem vigiada. Sempre achei que eles não estavam capacitados a tomar conta dela; mas fui voto vencido, como sempre. Pobre criança! E agora eis que o sr. Bennet se foi, e eu sei que ele vai brigar com Wickham, assim que encontrá-lo, e será assassinado, e o que será de todas nós? Os Collins vão expulsar-nos daqui antes que ele esfrie no túmulo, e se você não for gentil conosco, meu irmão, não sei o que vamos fazer.

Eles todos protestaram contra tais horrendas ideias; e o sr. Gardiner, depois de garantir que sentia um profundo afeto por ela e por toda a família, disse-lhe que pretendia estar em Londres no dia seguinte, para ajudar o sr. Bennet em todas as tentativas de recuperar Lydia.

— Não se entregue a uma agitação inútil — acrescentou ele. — Embora devamos estar preparados para o pior, não é certo que ele venha a acontecer. Não faz nem uma semana que eles saíram de Brighton. Em poucos dias, teremos mais notícias deles; e, até termos certeza de que não estão casados e não têm planos de se casar, não vamos dar o caso como perdido. Assim que chegar a Londres, vou ter com meu cunhado e o farei vir comigo para casa, na Gracechurch Street; e então conversaremos sobre o que fazer.

— Ah! Meu querido irmão — tornou a sra. Bennet —, é isso mesmo que eu mais desejo. E, quando chegar em Londres, descubra onde eles estão, onde quer que seja; e, se ainda não estiverem casados, *faça* que se casem. E não deixe que eles aguardem o vestido de casamento, mas diga a Lydia que terá o dinheiro que quiser para comprá-lo, depois que estiver casada. E, antes de mais nada, impeça o sr. Bennet de duelar. Diga-lhe a que triste estado estou reduzida, que estou fora de mim de tão assustada... e tremo tanto, estou tão agitada, sinto espasmos nos lados e dor de cabeça, e tenho tantas palpitações, que não consigo descansar nem de dia nem de noite. E diga à minha querida Lydia que não dê nenhuma instrução sobre o vestido até me ver, pois ela não sabe quais são as melhores lojas. Ah, meu irmão, como você é bom! Eu sei que vai conseguir fazer tudo isso.

O sr. Gardiner, porém, embora tornasse a lhe garantir seu sério empenho no caso, não pôde evitar recomendar que se moderasse, tanto nas esperanças, quanto nos receios; e, depois de assim lhe falar até que o jantar fosse servido, todos a deixaram desabafando seus sentimentos com a governanta, que cuidava dela na ausência das filhas.

Embora seu irmão e sua cunhada estivessem convencidos de não haver nenhuma razão real para tal separação em relação à família, não tentaram opor-se a ela, pois sabiam que ela não era prudente o bastante para manter a boca fechada diante dos criados, enquanto eles serviam a mesa, e acharam melhor que só *uma* das empregadas, aquela em quem mais podiam confiar, pudesse compreender todos os seus temores e sua preocupação com o caso.

Na sala de jantar, eles logo se reuniram com Mary e Kitty, que estavam ocupadas demais em seus respectivos quartos para aparecerem antes. Uma acabava de deixar os livros, a outra, o toucador. O rosto de ambas, porém, estava relativamente calmo; e não se notava nenhuma mudança nelas, exceto que a perda da irmã predileta ou a irritação que aquele caso lhe provocara dera a Kitty um tom de voz ainda mais colérico. Quanto a Mary, era suficientemente senhora de si para sussurrar a Elizabeth, com uma expressão de grave reflexão, assim que se sentaram à mesa:

— Este é um caso horroroso, e provavelmente vai dar muito que falar. Devemos, todavia, arrostar a maré de maldade e derramar no peito ferido de

cada uma de nós o bálsamo da consolação fraternal.

Percebendo, então, que Elizabeth não estava propensa a responder, acrescentou:

— Por mais triste que o caso possa ser para a Lydia, podemos tirar dele esta útil lição: que é irrecuperável a perda da virtude na mulher; que um passo em falso provoca a sua ruína definitiva; que a reputação não é menos frágil do que a beleza; e nunca é demais precavermo-nos contra os perigos do sexo oposto.

Elizabeth, pasma, ergueu os olhos, mas estava abatida demais para responder. Mary continuou, porém, a se consolar com tais máximas morais extraídas dos males que as afligiam.

À tarde, as duas srtas. Bennet mais velhas conseguiram ficar a sós por meia hora; e Elizabeth logo se aproveitou da oportunidade para fazer muitas perguntas, a que Jane estava igualmente feliz em responder. Depois de se entregarem às lamúrias genéricas acerca das terríveis consequências do caso, que Elizabeth considerava certas, e a srta. Bennet não podia garantir que fossem impossíveis, a primeira deu sequência ao assunto, dizendo:

— Mas me conte tudo que ainda não ouvi sobre o caso. Quero mais detalhes. O que o coronel Forster disse? Não suspeitaram de nada antes da fuga? Devem ter visto os dois juntos com frequência.

— O coronel Forster admitiu ter muitas vezes suspeitado de alguma inclinação, sobretudo da parte de Lydia, mas nada que o tivesse alarmado. Eu sinto tanto por ele! Seu comportamento não poderia ter sido mais atencioso e gentil. Ele *veio* até nós, para demonstrar a sua preocupação, antes que lhe passasse pela cabeça que eles não tivessem ido para a Escócia: quando surgiu esse receio, ele se apressou em partir.

— E Denny estava certo de que Wickham não pretendia casar? Ele sabia do plano de fuga? O coronel Forster foi ver Denny pessoalmente?

— Foi, mas, quando interrogado por *ele*, Denny negou conhecer os planos deles e não deu sua opinião verdadeira sobre o caso. Não repetiu a sua convicção de que não haveria casamento... e por isso estou inclinada a esperar que antes talvez ele tenha sido mal interpretado.

— E, até o coronel Forster vir aqui pessoalmente, imagino que nenhum de vocês teve qualquer dúvida de que eles tivessem realmente casado?

— Como tal ideia poderia passar por nossa cabeça? Eu me senti um pouco incomodada... um pouco temerosa em relação à felicidade da minha irmã no casamento, porque sabia que a conduta dele nem sempre era das mais corretas. Papai e mamãe nada sabiam disso; só perceberam que era uma união muito imprudente. Kitty então confessou, muito contente em saber mais do que todos nós, que Lydia, em sua última carta, a avisara do que faria. Ela sabia havia muitas semanas que os dois estavam apaixonados um pelo outro.

— Mas não antes de irem para Brighton?

— Não, acho que não.

— E o coronel Forster parece ter boa opinião do Wickham? Conhece o seu verdadeiro caráter?

— Devo confessar que ele não falou tão bem de Wickham como costumava. Acreditava que ele fosse imprudente e extravagante. E, desde que ocorreu esse triste caso, dizem que ele deixou muitas dívidas em Meryton; mas espero que não seja verdade.

— Ah, Jane, se não tivéssemos feito tanto segredo, se tivéssemos contado o que sabíamos dele, isso poderia não ter acontecido!

— Talvez tivesse sido melhor — tornou sua irmã. — Mas expor os velhos erros de uma pessoa sem saber quais são seus sentimentos presentes parecia injustificável. Agimos com a melhor das intenções.

— Será que o coronel Forster foi capaz de repetir os detalhes do bilhete de Lydia à esposa dele?

— Ele o trouxe consigo, para que o víssemos.

Jane, então, o retirou de dentro da agenda e o passou a Elizabeth. Eis o que dizia:

Querida Harriet,

Você vai rir quando souber para onde eu vou, e não consigo parar de rir da sua surpresa amanhã de manhã, quando der por falta de mim. Estou indo para Gretna Green, e, se você não conseguir adivinhar com quem, vou achar você uma boboca, pois só existe um homem no mundo que eu amo, e ele é um anjo. Eu nunca seria feliz sem ele; então não pense mal de mim se vou com ele. Não precisa escrever para Longbourn sobre a minha ida, se não quiser, pois a

surpresa deles será ainda maior quando eu escrever para eles e assinar como “Lydia Wickham”. Vai ser muito engraçado! Mal consigo escrever, de tanto rir. Por favor mande as minhas desculpas ao Pratt por não cumprir o meu compromisso de dançar com ele esta noite. Diga a ele que espero que ele me desculpe quando souber de tudo; e diga a ele que vou dançar com ele no próximo baile em que nos encontrarmos, com muito prazer. Vou mandar buscar as minhas roupas quando estiver em Longbourn; mas gostaria que você pedisse a Sally que conserte um rasgão em meu vestido de musselina rendada antes de embrulhá-lo. Adeus. Despeça-se do coronel Forster por mim. Espero que vocês brindem por nossa viagem.

Sua querida amiga,

LYDIA BENNET

— Ah! Lydia, Lydia, cabecinha de vento! — exclamou Elizabeth quando acabou de ler. — Que carta é esta, para se escrever numa hora dessas! Mas pelo menos mostra que *ela* foi séria quanto ao motivo da viagem. Seja o que for que depois ele a persuadiu a fazer, da parte dela não havia um *plano* infame. Pobre papai! Como isso deve tê-lo desgostado!

— Nunca vi ninguém tão arrasado. Não conseguiu dizer uma palavra por dez minutos. Mamãe imediatamente se sentiu mal e a casa inteira virou bagunça!

— Ah! Jane! — exclamou Elizabeth. — Será que havia alguma criada na casa que ainda não sabia da história inteira antes do cair da noite?

— Não sei. Espero que sim. Mas ser reservado numa hora dessas é muito difícil. Mamãe estava histérica, e, embora eu tentasse ajudá-la o mais que podia, temo que não fiz tudo que podia ter feito! Mas o horror do que podia acontecer quase me fez perder os sentidos.

— Você a assistiu até demais. Você não está bem. Ah! Queria ter estado com você! Você suportou sozinha todos os trabalhos e toda a aflição.

— Mary e Kitty têm sido muito boas, e tenho certeza de que teriam dividido comigo todos os trabalhos; mas não achei que fosse justo com nenhuma das duas. Kitty é franzina e delicada; e Mary estuda tanto, que suas horas de descanso não devem ser perturbadas. Tia Phillips veio a Longbourn terça-feira, depois que papai partiu; e teve a bondade de ficar comigo até quinta-feira. Ela foi muito útil para todos nós. E *Lady* Lucas tem sido muito bondosa; ela veio aqui na quarta-feira de manhã para unir-se à

nossa aflição, e nos ofereceu os seus serviços ou os de qualquer uma de suas filhas, se fosse útil para nós.

— Seria melhor que ela tivesse ficado em casa — exclamou Elizabeth —; talvez as suas *intenções* fossem boas, mas, numa desgraça como esta, é melhor manter os vizinhos a distância. Eles não podem ajudar-nos; e a comiseração é insuportável. Que triunfem sobre nós e sejam felizes, mas longe daqui.

Ela quis então saber que medidas o pai pretendia tomar, ao chegar em Londres, para reencontrar a filha.

— Acho que ele pretende — respondeu Jane — ir a Epsom, o lugar onde houve a última troca de cavalos, ver os postilhões e tentar saber se poderia tirar algo deles. Seu principal objetivo deve ser descobrir o número da carruagem de aluguel que tomaram em Clapham. Ela vinha de Londres com passageiros, e, como julgava que a circunstância de um casal passar de uma carruagem para outra talvez tivesse chamado a atenção, pretendia fazer investigações em Clapham. Se pudesse de algum modo descobrir em que casa o cocheiro deixara esse passageiro, faria investigações ali, na esperança de não ser impossível descobrir o tipo e o número da carruagem. Não sei de nenhum outro plano que ele tenha concebido; mas ele estava com tanta pressa de partir e tão agitado, que tive dificuldade até de descobrir esse pouco que lhe contei.

Capítulo 48

Todos estavam à espera de uma carta do sr. Bennet na manhã seguinte, mas o correio chegou sem trazer nem um bilhete da parte dele. A família sabia que, em todas as ocasiões ordinárias, ele era um correspondente muito negligente e desleixado; mas, numa ocasião como essa, tinham esperança de que ele se esforçasse. Foram obrigados a concluir que não havia nenhuma boa notícia para dar; mas mesmo sobre *isso* eles gostariam de ter certeza. O sr. Gardiner só esperava pelas cartas para partir.

Quando ele se foi, tiveram pelo menos a certeza de receber com frequência informações sobre o que estava acontecendo e, ao partir, o tio prometeu convencer o sr. Bennet a voltar a Longbourn, assim que pudesse, para grande consolo da irmã, que considerava aquilo a única forma de ter certeza de que o marido não seria morto num duelo.

A sra. Gardiner e as crianças deviam permanecer em Hertfordshire mais alguns dias, pois ela achava que sua presença podia ser útil às sobrinhas. Ela lhes fez companhia nos cuidados à sra. Bennet, e foi de grande conforto para elas nas horas livres. A outra tia também as visitou com frequência, e sempre, como dizia, com a ideia de reconfortá-las e animá-las; no entanto, como jamais vinha sem relatar algum novo exemplo da extravagância ou irregularidade de Wickham, raramente ia embora sem deixá-las mais desanimadas do que quando chegara.

Parecia que toda Meryton estivesse empenhada em cobrir de infâmia o homem que, apenas três meses antes, era tido quase como um anjo de luz. Era acusado de dever dinheiro a todos os comerciantes do lugar, e suas

intrigas, todas elas honradas com o título de sedução, penetraram na família de cada um desses comerciantes. Afirmavam todos que era o pior rapaz do mundo; e todos começaram a descobrir que sempre haviam desconfiado de sua aparência de bondade. Embora não desse crédito nem à metade do que diziam, Elizabeth acreditava o suficiente para ganhar maior certeza da ruína da irmã; e até mesmo Jane, que acreditava ainda menos naquilo tudo, perdeu quase toda a esperança, principalmente porque já chegara a hora de, se tivessem ido para a Escócia — algo de que ela nunca deseperara —, receberem notícias deles.

O sr. Gardiner partiu de Longbourn no domingo; na terça-feira, sua esposa recebeu uma carta dele; dizia ela que, ao chegar, logo encontrou seu cunhado e o convenceu a vir à Gracechurch Street; que o sr. Bennet estivera em Epsom e Clapham, antes de sua chegada, mas sem obter nenhuma informação satisfatória; e que estava decidido a investigar todos os principais hotéis da capital, pois o sr. Bennet achava possível que tivessem ido a um deles, ao chegar a Londres, antes de conseguir estabelecer-se em algum lugar. O próprio sr. Gardiner não esperava nenhum resultado dessa medida, mas, como o irmão insistia nela, pretendia auxiliá-lo em sua execução. Acrescentava que o sr. Bennet parecia não estar nem um pouco propenso a deixar Londres agora e prometia voltar a escrever muito em breve. Havia também um pós-escrito a esse respeito:

Escrevi ao coronel Forster para lhe pedir que descubra, se possível, de alguns dos amigos de Wickham pertencentes ao regimento, se ele tem algum conhecido que provavelmente saiba em que lugar da cidade estaria escondido. Se houver alguém que possa fornecer tal pista, pode ser muito importante. No momento, nada temos que possa orientar-nos. Tenho certeza de que o coronel Forster fará tudo que estiver ao seu alcance para nos ajudar neste ponto. Mas, pensando bem, talvez Lizzy nos possa dizer, mais do que qualquer outra pessoa, que parentes ainda em vida ele tem.

Elizabeth não teve dificuldade em compreender de onde vinha esse respeito por sua autoridade no assunto; mas não estava ao seu alcance dar qualquer informação digna do cumprimento. Nunca ouvira falar que ele tivesse qualquer parente, salvo pai e mãe, ambos falecidos havia muitos anos. Era possível, porém, que alguns de seus companheiros no regimento

de ***shire pudessem dar mais informações; e, apesar de não ser muito otimista a esse respeito, aquilo era algo que devia ser levado adiante.

Em Longbourn, eram de ansiedade todos os dias; mas a parte mais ansiosa era quando aguardavam o carteiro. A chegada das cartas era o grande objeto de impaciência de cada manhã. Por meio de cartas, seriam comunicadas de tudo de bom ou de ruim que ocorresse, e a cada dia se esperava que o dia seguinte traria notícias importantes.

Mas, antes de receberem novas notícias do sr. Gardiner, chegou uma carta para o pai, vinda de outro remetente muito diferente: o sr. Collins. Como Jane recebera instruções para abrir tudo que viesse para ele em sua ausência, ela a leu; e Elizabeth, que sabia como suas cartas eram sempre curiosas, leu-a ao seu lado. Ei-la:

Caro senhor,

O nosso parentesco e a minha situação na vida convidam-me a exprimir-lhe as minhas condolências pela dolorosa aflição que atingiu a V. Sa., da qual fomos informados ontem por uma carta enviada de Hertfordshire. Esteja certo, meu caro senhor, de que a sra. Collins e eu compartilhamos os sentimentos de V. Sa. e de toda a sua respeitável família neste doloroso momento, que deve ser cheio de amargura, pois provém de uma causa que o tempo não pode apagar. Não faltarão argumentos de minha parte que possam aliviar tão grave calamidade ou reconfortá-lo numa situação que, dentre todas, deve ser a mais aflitiva para um pai. A morte de sua filha teria sido uma bênção em comparação com isso. E é ainda mais de se lamentar porque há razões de se supor, como a minha querida Charlotte me informa, que esse comportamento licencioso da parte de sua filha tenha origem na excessiva indulgência; embora, ao mesmo tempo, para consolo de V. Sa. e da sra. Bennet, eu esteja inclinado a pensar que o próprio caráter dela seja naturalmente mau, pois senão não poderia ter cometido tal enormidade com tão pouca idade. Seja como for, V. Sa. é digna de comiseração; opinião esta que é compartilhada pela sra. Collins, mas também por *Lady Catherine* e sua filha, a quem contei o caso. Elas concordam comigo no temor de que tal tropeço da parte de uma das filhas possa prejudicar a sorte de todas as demais; pois quem, como diz condescendentemente a mesma *Lady Catherine*, vai querer unir-se a uma tal família? E tal observação me leva a refletir com satisfação ainda maior sobre certo acontecimento de novembro passado; pois, se as coisas se tivessem passado diversamente, eu estaria envolvido em sua dor e desgraça. Permita-me, pois, aconselhar V. Sa. a consolar-se o máximo que puder, expulsando para sempre do seu coração essa filha indigna, para que ela possa colher os frutos de sua hedionda ofensa.

Queira aceitar, caro senhor, os meus protestos, etc., etc.

O sr. Gardiner não tornou a escrever até ter recebido uma resposta do coronel Forster; e não tinha, então, nada de agradável para contar. Não constava que Wickham tivesse nenhum parente com quem se relacionasse, e

era certo que nenhum de seus familiares ainda estava em vida. Tempo atrás, ele tinha muitos conhecidos; mas, desde que entrara para a milícia, não parecia ter uma amizade particular com nenhum deles. Não havia ninguém, portanto, de quem se pudesse esperar ter notícias dele. E no péssimo estado de suas finanças havia um forte motivo para manter segredo, além do medo de ser descoberto pelos parentes de Lydia, pois recentemente se revelara que deixara para trás dívidas de jogo que montavam a somas consideráveis. Acreditava o coronel Forster que seriam necessárias mais de mil libras para saldar as suas contas em Brighton. Devia muito dinheiro em Londres, mas suas dívidas de honra eram ainda mais formidáveis. O sr. Gardiner não tentou esconder da família de Longbourn esses pormenores. Jane os ouviu horrorizada.

— Um jogador! — exclamou ela. — Quem diria? Isso nem me passou pela cabeça.

Acrescentou o sr. Gardiner na carta que poderiam esperar que seu pai voltasse para casa no dia seguinte, um sábado. Abatido com o insucesso de todos os seus esforços, cedera aos pedidos insistentes do cunhado para que voltasse para junto da família e deixasse a ele fazer tudo que a ocasião pudesse sugerir ser adequado para dar sequência à busca. Quando a sra. Bennet soube disso, não manifestou tanta satisfação quanto suas filhas esperavam, levando-se em conta o quanto havia temido pela vida dele.

— Como? Está de volta para casa, e sem a pobre Lydia? — exclamou ela. — Com certeza não vai sair de Londres antes de encontrá-la. Quem enfrentará Wickham e o forçará a se casar com ela, se ele voltar para cá?

Como a sra. Gardiner começou a querer voltar para casa, foi decidido que ela e as crianças iriam para Londres ao mesmo tempo que o sr. Bennet viria de lá. A carruagem, portanto, levou a família para a capital na primeira metade da jornada e depois trouxe seu dono de volta a Longbourn.

A sra. Gardiner partiu tão perplexa a respeito de Elizabeth e de seu amigo de Derbyshire quanto de lá viera. O nome dele nunca fora pronunciado espontaneamente diante deles pela sobrinha; e acabara em nada a leve esperança que a sra. Gardiner formara de que logo depois de se

separarem receberiam uma carta dele. Desde sua chegada, Elizabeth não recebera nenhuma carta que viesse de Pemberley.

O triste estado presente da família tornava desnecessária qualquer desculpa ao abatimento de Elizabeth; nada, portanto, se podia razoavelmente suspeitar por causa *disso*, embora ela, que a essa altura estava em bons termos com seus próprios sentimentos, estivesse perfeitamente ciente de que, se nunca tivesse conhecido Darcy, teria suportado bem melhor o horror da infâmia de Lydia. Isso lhe teria poupado, acreditava ela, uma noite de insônia em cada duas.

Quando o sr. Bennet chegou, exibia toda a sua tranquilidade filosófica de sempre. Falou tão pouco quanto costumava falar; não mencionou o caso que exigira a sua partida e levou algum tempo até que suas filhas ganhassem coragem para levantar a questão.

Só à tarde, quando ele se juntou a elas para o chá, Elizabeth se arriscou a tocar no assunto; e então, depois que ela exprimiu brevemente sua dor por tudo que ele devia ter sofrido, ele replicou:

— Não vamos falar sobre isso. Quem mais deve sofrer, a não ser eu? Foi minha culpa e só eu devo sofrer.

— O senhor não deve ser tão severo consigo mesmo — tornou Elizabeth.

— Você faz bem em me alertar contra esse mal. A natureza humana lhe é tão propensa! Não, Lizzy, deixe que uma vez na vida eu sinta o quanto fui culpado. Não temo ser vencido por essa impressão. Ela logo passa.

— Acha que eles estão em Londres?

— Acho. Onde mais poderiam esconder-se tão bem?

— E Lydia sempre queria ir a Londres — acrescentou Kitty.

— Então ela deve estar satisfeita — disse o pai secamente —; e sua permanência na capital deve prolongar-se um pouco.

Em seguida, depois de breve pausa, prosseguiu:

— Lizzy, não guardo rancor por você estar certa no conselho que me deu em maio. Considerando-se o que aconteceu, mostra certa grandeza de espírito.

Foram interrompidos pela srta. Bennet, que veio pegar o chá da mãe.

— Essa é uma exibição — exclamou ele — que faz bem à gente. Confere tal elegância à desgraça! Algum dia farei a mesma coisa; vou ficar na biblioteca, de touca de dormir e camisola, e dar o máximo trabalho que puder; ou talvez deva adiar até o dia em que Kitty fugir.

— Não vou fugir, papai — disse Kitty, magoada. — Se eu tivesse ido a Brighton, meu comportamento teria sido melhor do que o de Lydia.

— *Você* em Brighton! Nem por cinquenta libras eu confiaria em você aqui perto mesmo, em Eastbourne! Não, Kitty, finalmente eu aprendi a ser cauteloso, e você vai sentir os efeitos disso. Nenhum oficial nunca mais vai entrar em minha casa, nem passar pelas redondezas. Os bailes serão estritamente proibidos, a menos que você dance com uma de suas irmãs. E você não vai dar um passo fora de casa até provar ter passado dez minutos do dia de maneira racional.

Kitty, que levou a sério essas ameaças, começou a chorar.

— Ora, ora — disse ele —, não fique triste. Se for uma boa menina nos próximos dez anos, eu a levarei ao teatro.

Capítulo 49

Dois dias depois da volta do sr. Bennet, passeavam Jane e Elizabeth pelo pequeno bosque que fica atrás da casa, quando viram a governanta vindo em sua direção e, concluindo que viera chamá-las da parte da sra. Bennet, foram ter com ela; mas, em vez da chamada, ao se aproximarem, disse ela à srta. Bennet:

— Sinto muito interrompê-la, minha senhora, mas esperava que a senhora tivesse alguma boa notícia da capital. Tomei então a liberdade de vir perguntar.

— O que você quer dizer com isso, Hill? Não recebemos nenhuma notícia da capital.

— Minha cara senhora — exclamou a sra. Hill, muito espantada —, será que não sabe que chegou uma mensagem urgente do sr. Gardiner? O carteiro esteve aqui há meia hora e o patrão recebeu uma carta.

As moças saíram correndo, ansiosas demais para ter tempo de responder. Passaram correndo pelo vestíbulo e entraram na copa; de lá passaram à biblioteca; o pai não estava; já iam procurá-lo no andar de cima com a mãe, quando deram com o mordomo, que lhes disse:

— Se estão à procura do patrão, ele está indo para o bosquinho.

Ao receberam essa informação, logo passaram mais uma vez pelo vestíbulo e correram pelo gramado em busca do pai, que seguia seu caminho rumo a um bosquinho que ficava a um lado do cercado.

Jane, que não era tão veloz nem tinha o hábito de correr como Elizabeth, logo ficou para trás, enquanto a irmã, ofegante, o alcançava e

exclamava vivamente:

— Ah, papai, quais são as notícias... quais são as notícias? Alguma novidade da parte do tio?

— Sim. Recebi uma carta urgente dele.

— E que notícias ela traz? Boas ou más?

— O que haverá de bom a se esperar? — disse ele, tirando a carta do bolso. — Mas talvez você queira lê-la.

Elizabeth pegou-a de sua mão, com impaciência. Jane a alcançou.

— Leia-a em voz alta — disse-lhe o pai —, pois eu mal sei a que se refere.

Gracechurch Street, segunda-feira, 2 de agosto.

Meu caro cunhado,

Finalmente posso dar-lhe algumas notícias de minha sobrinha, as quais, tudo bem considerado, espero que o deixem satisfeito. Sábado, logo depois de sua partida, tive a sorte de descobrir em que lugar de Londres eles estavam. Deixo os pormenores para quando nos encontrarmos; basta saber que os descobrimos. Eu vi os dois...

— Então foi tudo como eu esperava — exclamou Jane —; eles se casaram!

Elizabeth prosseguiu na leitura:

Eu vi os dois. Eles não se casaram, nem ao que parece tiveram qualquer intenção de fazê-lo; mas, se você estiver disposto a cumprir os compromissos que ousei assumir em seu nome, tenho esperança de que o casamento não vá tardar muito. Tudo o que precisa fazer é garantir à sua filha, como dote, uma parte igual das cinco mil libras que cabem a cada uma de suas filhas depois que você e minha irmã falecerem; e, além disso, comprometer-se a pagar a ela, a cada ano, a quantia de cem libras. Essas são condições que, tudo bem considerado, eu não hesitei em aceitar, pois me julguei autorizado por você. Vou enviar-lhe esta carta como correio expresso, para que a resposta chegue sem mais delongas. Você há de compreender, com base nesses pormenores, que a situação do sr. Wickham não é tão desesperada como geralmente se acredita. Todos se enganaram quanto a isso; e estou feliz em dizer que sobrará algum dinheirinho, mesmo depois de pagas todas as dívidas, para a minha sobrinha, além do dote. Se, como creio, você me conceder plenos poderes para agir em seu nome durante toda esta negociação, darei imediatamente ordens a Haggerston para que redija um acordo satisfatório. Não haverá a menor necessidade de você voltar a Londres; fique, pois, tranquilo em Longbourn e confie em meu empenho e dedicação. Mande-me a sua resposta assim que puder, tendo o cuidado de ser bastante explícito. Pareceu-nos melhor que minha sobrinha se case saindo desta casa, o que

espero você approve. Ela virá para cá ainda hoje. Voltarei a escrever assim que mais alguma coisa for acertada. Cordialmente, etc.,

EDW. GARDINER

— Será possível? — exclamou Elizabeth, quando terminou a leitura. — Será possível que ele se case com ela?

— Wickham, então, não é tão pilantra como julgávamos — disse a irmã. — Querido papai, meus parabéns!

— E o senhor respondeu à carta? — exclamou Elizabeth.

— Não. Mas tenho de fazer isso logo.

Ela, então, insistiu vivamente que não perdesse mais tempo e escrevesse logo a resposta.

— Ah, papai querido! — exclamou ela. — Volte já e escreva imediatamente. Pense como cada minuto é importante num caso desses.

— Deixe-me escrever pelo senhor — disse Jane —, se não quiser dar-se ao trabalho.

— Não gosto nada disso — respondeu ele —, mas tem de ser feito.

E ao dizer isso deu meia-volta com elas e se dirigiu para a casa.

— Mas diga-me — disse Elizabeth —: imagino que esses termos devem ser aceitos.

— Aceitos! Estou até envergonhado de que ele tenha pedido tão pouco.

— E eles *vão* casar-se! Mesmo sendo ele um homem *desses*!

— Sim, sim, eles devem casar-se. Não há mais nada que fazer. Há, porém, duas coisas que gostaria muito de saber. Uma é quanto dinheiro o seu tio gastou para conseguir convencê-lo; a outra é: como vou poder pagá-lhe.

— Dinheiro! O titio! — exclamou Jane. — O que o senhor quer dizer com isso?

— Quero dizer que nenhum homem no uso de suas faculdades mentais se casaria com Lydia atraído por míseras cem libras por ano enquanto eu viver, e cinquenta depois que eu morrer.

— Isso é verdade — disse Elizabeth —; não tinha pensado nisso. Pagar todas as dívidas e ainda sobrar algum dinheiro! Ah! Deve ser alguma coisa

que o titio fez! Que homem bom e generoso! Temo que ele se tenha arruinado. Uma pequena quantia não faria tudo isso.

— Não — disse o pai —; Wickham é um tolo se ficar com ela por menos de dez mil libras. Lamentaria ter de pensar tão mal dele, bem no começo de nosso relacionamento.

— Dez mil libras! Deus me livre! Como pagar metade dessa quantia?

O sr. Bennet não respondeu, e cada um deles, imerso em seus pensamentos, continuou a caminhar em silêncio até chegarem à casa. O pai, então, foi à biblioteca para escrever a resposta e as moças se dirigiram para a copa.

— E vão realmente se casar! — exclamou Elizabeth, assim que ficaram a sós. — Como é estranho! E temos de agradecer por isso! Temos de estar contentes porque eles vão casar-se, por menor que seja a possibilidade de serem felizes e por pior que seja o caráter dele. Ah, Lydia!

— Eu me consolo pensando — replicou Jane — que ele por certo não casaria com Lydia se não a amasse de verdade. Embora o nosso bom tio tenha feito algo para pagar suas dívidas, não consigo acreditar que tenham sido dez mil libras, ou algo parecido. Ele tem seus próprios filhos e talvez venha a ter outros. Como poderia poupar dez mil libras?

— Se soubéssemos quanto Wickham devia — disse Elizabeth — e quanto ele destinou à nossa irmã, saberíamos exatamente o que o sr. Gardiner fez por eles, pois Wickham não tem um tostão furado. Jamais poderemos pagar a bondade de titio e de titia. Levá-la para casa e dar-lhe sua proteção e amparo pessoal é um tal sacrifício em favor dela, que nem anos de gratidão poderão recompensar. A esta altura, ela já deve estar com eles! Se tanta bondade não a deprimir agora, ela jamais merecerá ser feliz! Que encontro não há de ser, quando ela der com a titia!

— Temos de tentar esquecer tudo o que se passou de ambas as partes — disse Jane. — Espero que venham a ser felizes. Tenho confiança nisso. O consentimento dele em casar-se com ela é uma prova, creio eu, de que voltou ao bom caminho. O amor recíproco vai fortalecê-los; e quero crer que viverão uma vida tão tranquila e racional, que com o tempo as imprudências do passado serão esquecidas.

— O que fizeram — tornou Elizabeth —, nem você, nem eu nem ninguém nunca esquecerá. É inútil falar sobre isso.

Ocorreu então às moças que sua mãe muito provavelmente ignorava por completo o que acontecera. Foram até a biblioteca, portanto, e perguntaram ao pai se não queria que elas fossem contar tudo a ela. Ele estava escrevendo e, sem erguer a cabeça, respondeu friamente:

— Como quiserem.

— Podemos levar a carta do titio para ler para ela?

— Peguem o que quiserem e sumam daqui.

Elizabeth pegou a carta da escrivainha, e as duas subiram juntas as escadas. Mary e Kitty estavam com a sra. Bennet: bastaria uma comunicação, portanto, para todas. Depois de uma breve preparação para as boas notícias, a carta foi lida em voz alta. A sra. Bennet mal podia conter-se. Assim que Jane leu o trecho sobre a esperança do sr. Gardiner de que Lydia logo estaria casada, prorrompeu em gestos de alegria, que se foram tornando mais e mais exuberantes a cada nova sentença. O contentamento levava-a agora a um estado de violenta excitação, como antes se agitava de preocupação e irritação. Bastava saber que a filha iria casar. Nenhum temor pela felicidade da filha a perturbava, nem a humilhava nenhuma recordação do mau comportamento dela.

— Minha querida, querida Lydia! — exclamou ela. — Isso é maravilhoso! Ela vai casar-se! Posso vê-la novamente! Vai casar-se aos dezesseis anos! Meu bom irmão! Eu sabia que isso ia acontecer. Sabia que ele daria um jeito em tudo! Quanta saudade! E ver o querido Wickham também! Mas o vestido, o vestido de casamento! Vou escrever agora mesmo à minha cunhada Gardiner sobre isso. Lizzy, querida, corra até o seu pai, e lhe pergunte quanto vai dar a ela. Espere, espere, eu mesma vou. Toque a campainha, Kitty, e chame a Hill. Vou arrumar-me num minuto. Querida, querida Lydia! Que alegria quando nos virmos de novo!

Sua filha mais velha tratou de moderar a veemência de tais arroubos, lembrando-lhe o quanto todas elas deviam ao comportamento do sr. Gardiner.

— Pois temos de atribuir esse final feliz — acrescentou ela — em grande medida à bondade dele. Estamos convencidas de que ele se empenhou pessoalmente em ajudar com dinheiro o sr. Wickham.

— Muito bem — exclamou a mãe —, está tudo muito certo; quem faria isso, a não ser seu próprio tio? Se ele não tivesse sua própria família, eu e minhas filhas teríamos todo o seu dinheiro; e esta é a primeira vez que recebemos algo dele, fora alguns presentinhos. Muito bem! Estou tão feliz! Logo terei uma filha casada. A sra. Wickham! Como soa bem! E ela acabou de fazer dezesseis anos em junho. Minha querida Jane, estou tão agitada que com certeza não vou conseguir escrever; então eu digo e você escreve para mim. Vamos resolver com seu pai o problema do dinheiro mais tarde; mas as encomendas devem ser feitas agora mesmo.

Ela passou, então, a tratar dos detalhes do calicó, da musselina e da cambraia, e logo teria ditado encomendas consideráveis, se Jane, não sem certa dificuldade, não a convencesse a aguardar que o pai pudesse ser consultado. Um dia a mais, observou ela, não teria importância; e a mãe estava feliz demais para ser tão teimosa como de costume. Além disso, ocorreram-lhe outros planos.

— Vou a Meryton — disse ela —, assim que me vestir, contar as ótimas notícias à minha irmã Phillips. E ao voltar vou fazer uma visita a *Lady* Lucas e à sra. Long. Kitty, desça e mande prepararem a carruagem. Tomar um pouco de ar me fará muito bem, com certeza. Meninas, posso fazer alguma coisa por vocês em Meryton? Ah! Aí está a Hill! Minha querida Hill, já ouviu as boas-novas? A srta. Lydia vai casar-se; e todos vocês vão ganhar uma taça de ponche para se divertirem durante o casamento.

A sra. Hill começou imediatamente a exprimir seu contentamento. Elizabeth recebeu seus parabéns com as demais, e então, cansada de toda aquela loucura, foi refugiar-se no quarto, para poder pensar livremente.

A situação da pobre Lydia devia ser, no melhor dos casos, muito ruim; mas tinham de agradecer por não ter acontecido algo ainda pior. Ela percebia isso; e, embora, ao olhar para o futuro, não pudesse esperar para a irmã nem uma felicidade razoável nem a prosperidade mundana, ao olhar

para trás, para o que tinham temido havia apenas duas horas, ela sentiu todas as vantagens do que haviam obtido.

Capítulo 50

O sr. Bennet muitas vezes desejara que, antes desse período da vida, em vez de gastar todos os seus rendimentos, tivesse deixado de lado uma quantia anual para maior garantia das filhas e da esposa, se esta sobrevivesse a ele. Agora se arrependia disso mais do que nunca. Se tivesse cumprido o seu dever nesse ponto, Lydia não estaria em dívida com o tio pelo pouco de honra e de crédito que ainda lhe restava. A satisfação de convencer um dos jovens mais ordinários da Grã-Bretanha a tornar-se seu marido teria, então, permanecido em seu devido lugar.

Estava seriamente preocupado em ver que uma causa tão pouco vantajosa para todos fosse levada adiante à custa apenas de seu cunhado, e estava decidido, se possível, a descobrir o montante da ajuda, para desobrigar-se assim que pudesse.

Quando o sr. Bennet se casou, julgavam que a economia fosse algo completamente inútil, pois, é claro, teriam um filho. Assim que chegasse à maioridade, o filho deveria resgatar o morgadio, garantindo com isso o sustento da viúva e dos filhos mais moços. Vieram ao mundo cinco filhas, uma após a outra, mas nada do filho; e a sra. Bennet, durante muitos anos depois do nascimento de Lydia, ainda estava certa de que ele viria. Finalmente, perderam toda esperança, mas então já era tarde demais para poupar. A sra. Bennet não tinha queda para a economia, e só o amor de seu marido pela independência impediu que gastassem mais do que recebiam.

O contrato matrimonial dava cinco mil libras à sra. Bennet e aos filhos. Mas em que proporção tal quantia seria dividida entre estes era algo que

dependia da vontade dos pais. Esse era um ponto, com relação a Lydia, pelo menos, que devia ser decidido agora, e o sr. Bennet não hesitou em aceitar a proposta que lhe era feita. Em termos de agradecido reconhecimento pela bondade do cunhado, embora expressos de modo um tanto conciso, ele então pôs por escrito sua total aprovação de tudo que fora feito e sua disposição de honrar os compromissos que haviam sido assumidos em seu nome. Nunca imaginara que fosse possível convencer Wickham a se casar com sua filha com tão poucos inconvenientes para si mesmo como pelos presentes acordos. Das cem libras esterlinas que lhes deviam ser pagas, gastaria pouco mais de dez por ano; pois, com as despesas de sustento do dia a dia e os contínuos presentes em dinheiro que chegavam a ela pelas mãos da mãe, os gastos de Lydia até então haviam sido só um pouco inferiores àquela soma.

Outra surpresa muito bem-vinda era ver que tudo aquilo podia ser feito com um esforço tão insignificante de sua parte; pois o que mais queria no momento era ter o mínimo possível de problemas com aquele negócio. Quando passaram os primeiros arroubos de raiva provocados pelas buscas de sua filha, ele naturalmente voltou à indolência primitiva. A carta foi logo enviada; pois, embora procrastinador em começar a agir, era rápido na execução. Solicitou maiores detalhes sobre o quanto devia ao cunhado, mas estava zangado demais com Lydia para lhe mandar uma mensagem.

As boas-novas espalharam-se rapidamente pela casa e com velocidade proporcional pela vizinhança. Foram recebidas nesta última com resignada filosofia. Para as conversas, teria sido melhor, é claro, que a srta. Lydia Bennet tivesse sido vista em Londres por acaso; ou, e esta seria a alternativa ideal, que se tivesse afastado do mundo, em alguma fazenda distante. Mas havia muito o que falar sobre o casamento dela; e os cordiais votos de felicidade formulados nos últimos dias por todas as velhas rabugentas de Meryton pouco perderam de seu espírito com a mudança das circunstâncias, pois com tal marido a desgraça de Lydia era tida como certa.

A sra. Bennet não descia havia duas semanas; mas naquele dia feliz ela tornou a ocupar o seu lugar à cabeceira da mesa, e com um bom humor opressivo. Nenhum sentimento de vergonha ofuscava seu triunfo. O

casamento de uma filha, o primeiro objetivo de seus desejos desde que Jane completara dezesseis anos, estava agora a ponto de se realizar, e seus pensamentos e palavras se referiam todos aos presentes, às elegantes cerimônias, às finas musselinas, às carruagens e aos criados novos. Já estava à procura pela vizinhança de um bom lugar para a filha e, sem sequer saber qual seria a renda deles, rejeitou muitos imóveis por serem pequenos e de pouco prestígio.

— Haye Park podia servir — disse ela —, se os Goulding saíssem de lá... Ou a mansão de Stoke, se a sala de estar fosse maior; mas Ashworth é distante demais! Eu não suportaria tê-la a dez milhas de mim; e, quanto a Pulvis Lodge, os sótãos são medonhos.

Seu marido permitiu que ela falasse sem parar enquanto os criados estavam presentes. Mas, quando eles se retiraram, disse a ela:

— Sra. Bennet, antes de tomar uma ou todas essas casas para seu genro e sua filha, vamos deixar bem clara uma coisa. *Numa* das casas desta vizinhança eles nunca serão admitidos. Não encorajarei o descaramento dos dois, recebendo-os em Longbourn.

Seguiu-se a essa declaração uma longa discussão; mas o sr. Bennet se manteve firme. A contenda logo levou a outra; e a sra. Bennet descobriu, com espanto e horror, que o marido não daria um tostão para comprar o enxoval da filha. Afirmou ele que ela não receberia nenhum sinal de afeto da parte dele na ocasião. A sra. Bennet mal conseguia compreender aquilo. Que a sua cólera chegasse a um tal grau inconcebível de ressentimento, a ponto de recusar à filha um privilégio sem o qual seu casamento mal pareceria válido, era algo que superava tudo que julgava possível. Era mais receptiva à desgraça que a ausência de um vestido novo representaria para o casamento da filha do que a qualquer sentimento de vergonha por ter ela fugido e vivido com Wickham duas semanas antes das cerimônias nupciais.

Elizabeth lamentava agora profundamente ter, pela angústia de um momento, sido levada a exprimir ao sr. Darcy os seus temores em relação à irmã; pois, uma vez que o casamento logo poria um ponto-final à fuga, era de esperar que pudessem ocultar de todos os que não pertencessem à família o seu começo desfavorável.

Ela não receava que ele espalhasse mais a notícia. Pouca gente havia em que confiasse mais do que nele; mas ao mesmo tempo não havia ninguém cujo conhecimento da fraqueza da irmã a tivesse humilhado tanto... Não, porém, por algum receio das desvantagens que aquilo pudesse trazer para ela pessoalmente, pois, de qualquer maneira, parecia haver um abismo intransponível entre eles. Se o casamento de Lydia se tivesse concluído do modo mais honroso, não era de supor que o sr. Darcy se relacionasse com uma família em que, a todas as outras objeções, se somaria agora uma aliança e um relacionamento do tipo mais íntimo com um homem tão justamente desprezado.

Não era de espantar que ele passasse a evitar tal relacionamento. O desejo de obter a simpatia dela, que ela adivinhara nele em Derbyshire, não podia razoavelmente sobreviver a um tal baque. Sentia-se humilhada e amargurada; estava arrependida, ainda que não soubesse bem do quê. Começou a desejar a estima dele, quando já não podia ter esperança de conquistá-la. Queria ter notícias dele, quando eram mínimas as possibilidades de obter alguma informação. Estava convencida de que poderia ter sido feliz com ele, quando provavelmente já não se veriam nunca mais.

Que glória para ele, pensava ela muitas vezes, se soubesse que as propostas que ela orgulhosamente rejeitara havia apenas quatro meses seriam agora aceitas com a máxima alegria e gratidão! Ela não tinha dúvida de que ele era o mais generoso dos homens; mas, como era um ser humano mortal, teria cantado vitória.

Começava agora a compreender que ele era exatamente o homem que, pelo caráter e pelos talentos, mais combinaria com ela. Sua inteligência e seu temperamento, embora diferentes dos dela, teriam correspondido a todos os seus desejos. Teria sido uma união proveitosa para ambos; pela desenvoltura e vivacidade dela, o humor dele teria sido abrandado e suas maneiras, melhoradas; e, com o discernimento, a cultura e o conhecimento do mundo que ele tinha, ela se teria beneficiado ainda mais.

Mas agora um tal casamento feliz não mais poderia ensinar à multidão o que realmente significa a felicidade conjugal. Uma união de natureza

diferente, que destruía a possibilidade da outra, logo se formaria no seio da família.

Como Wickham e Lydia poderiam manter-se com razoável independência era algo que ela não conseguia imaginar. Mas era fácil calcular quão breve seria a felicidade de um casal que só se unira porque a paixão era maior do que a virtude.

* * *

O sr. Gardiner logo tornou a escrever para o cunhado. Respondeu brevemente aos agradecimentos do sr. Bennet, garantindo-lhe estar sempre pronto a promover o bem-estar de todos os membros da família; e concluiu implorando-lhe que nunca mais tocasse no assunto. O objetivo principal de sua carta era informá-los de que o sr. Wickham resolvera abandonar a milícia.

Eu queria muito que ele fizesse isso, assim que o casamento fosse marcado. E acho que você vai concordar comigo em considerar muito conveniente a sua saída de tal corporação, tanto por ele mesmo quanto por minha sobrinha. O sr. Wickham pretende alistar-se no exército regular; e entre os seus velhos amigos ainda há alguns que podem e estão dispostos a ajudá-lo nesse sentido. Foi-lhe prometido o posto de alferes no regimento do general ***, atualmente aquartelado no Norte. É bom que ele vá para bem longe desta parte do reino. Ele parece bem-intencionado; e espero que entre gente diferente, onde terão um nome a zelar, sejam ambos mais prudentes. Escrevi ao coronel Forster, para informá-lo dos nossos últimos acertos e para lhe pedir que dê aos vários credores do sr. Wickham, em Brighton e cercanias, a garantia de que serão pagos muito em breve, algo pelo qual me empenhei pessoalmente. E peço que você mesmo se encarregue de dar garantias semelhantes aos credores de Meryton, dos quais darei uma lista elaborada segundo informações fornecidas por ele mesmo. Ele nos relatou todas as suas dívidas; espero, pelo menos, que não nos tenha enganado. Haggerston recebeu as nossas instruções, e tudo será concluído numa semana. Eles vão, então, juntar-se ao regimento dele, a menos que sejam antes convidados a ir a Longbourn; e sei por meio da sra. Gardiner que a minha sobrinha deseja ardentemente ver vocês todos antes de deixar o Sul. Ela está bem, e pede que você e sua mãe não a esqueçam. Cordialmente, etc.,

E. GARDINER

O sr. Bennet e as filhas compreenderam todas as vantagens da saída de Wickham do regimento de ***shire com a mesma clareza com que o sr. Gardiner as percebera. A sra. Bennet, porém, não ficou tão satisfeita com

aquilo. O fato de Lydia ir morar no Norte justamente quando esperava ter mais prazer e orgulho na companhia dela, pois de modo algum desistira da ideia de residirem em Hertfordshire, era uma profunda decepção; e, além disso, era uma pena que Lydia fosse afastada de um regimento em que todos a conheciam e em que tinha tantos admiradores.

— Lydia gosta tanto da sra. Forster — disse ela —; será um horror separá-las! E há tantos rapazes, também, de que ela gosta tanto! Talvez os oficiais não sejam tão simpáticos no regimento do general ***.

O pedido da filha, pois assim ele podia ser considerado, de ser readmitida na família antes de partir para o Norte recebeu no começo uma resposta absolutamente negativa. Jane e Elizabeth, porém, que concordavam em desejar, para o bem dos sentimentos e do decoro da irmã, que seu casamento fosse reconhecido pelos pais, insistiram com tanto empenho, mas também com tanto discernimento e tanta doçura, para que ela e o marido fossem recebidos em Longbourn assim que estivessem casados, que seu pai foi convencido a pensar como as duas filhas pensavam e a agir como queriam. E sua mãe teve a satisfação de saber que poderia exibir a filha casada pela vizinhança antes que ela partisse para o exílio no Norte. Quando o sr. Bennet voltou a escrever ao cunhado, portanto, deu a eles a permissão para virem; e ficou acertado que assim que a cerimônia acabasse eles viriam a Longbourn. Elizabeth estava surpresa, porém, de Wickham ter aceitado um tal plano, e, se ela tivesse consultado apenas a sua própria inclinação, um encontro com ele seria a última coisa que teria desejado.

Capítulo 51

Chegou o dia do casamento da irmã; e Jane e Elizabeth estavam mais comovidas do que ela mesma. Foi enviada a carruagem para apanhá-los em ***, e deviam estar de volta a Longbourn na hora do jantar. A chegada do casal era mais temida pelas srtas. Bennet mais velhas, e mais especialmente por Jane, que atribuía a Lydia os sentimentos que *ela* teria sentido em seu lugar, e ficava arrasada ao pensar no que a irmã teria de suportar.

Eles chegaram. A família estava reunida na sala de desjejum para recebê-los. Sorrisos iluminaram o rosto da sra. Bennet quando a carruagem estacionou diante da porta; seu marido tinha um aspecto imperturbavelmente sério; as filhas pareciam assustadas, nervosas, agitadas.

Ouviu-se a voz de Lydia no vestíbulo; a porta escancarou-se e ela entrou correndo na sala. Sua mãe foi até ela, abraçou-a e lhe deu entusiásticas boas-vindas; estendeu a mão, com um sorriso carinhoso, para Wickham, que vinha atrás da esposa; e exprimiu-lhes seus votos de felicidade com um júbilo que demonstrava não ter nenhuma dúvida sobre a felicidade deles.

A recepção que lhes foi dada pelo sr. Bennet, para quem se voltaram, não foi tão cordial. Sua expressão ficou até ainda mais séria; e ele mal abriu a boca. A desenvolta confiança do jovem casal, sem dúvida, era o bastante para irritá-lo. Elizabeth estava desgostosa com aquilo, e até a srta. Bennet estava chocada. Lydia continuava a mesma; incorrigível, rebelde, selvagem, barulhenta e temerária. Foi de irmã a irmã, pedindo os parabéns; e quando por fim todos se sentaram olhou atentamente para toda a sala, notou

algumas pequenas mudanças e observou, rindo, que havia muito tempo não entrava ali.

Wickham não estava de modo algum mais constrangido do que ela, mas suas maneiras eram sempre tão agradáveis, que, se o seu caráter e o seu casamento tivessem sido exatamente o que deveriam, seus sorrisos e seu trato descontraído teriam conquistado a família ao se apresentar a ela. Elizabeth até então não acreditava que ele fosse capaz de tal desfaçatez; mas, quando se sentou à mesa, estava decidida a nunca mais estabelecer limites para o descaramento de um homem descarado. Ela e Jane coraram; mas as faces dos dois que haviam provocado toda a confusão não sofreram nenhuma alteração de cor.

Não faltaram as conversas. A noiva e sua mãe falavam com a máxima rapidez; e Wickham, que calhou de se sentar ao lado de Elizabeth, começou a fazer perguntas sobre os conhecidos da vizinhança, com uma desenvoltura bem-humorada que ela não conseguiu repetir em suas respostas. Cada um deles parecia ter as lembranças mais felizes do mundo. Nada do passado era recordado com pesar; e Lydia abordou com prazer assuntos a que as irmãs não teriam aludido por nada neste mundo.

— Imaginem só que faz três meses — exclamou ela — que fui embora; mas parece que foram só duas semanas; mesmo assim, aconteceram muitas coisas nesse tempo. Meu Deus! Quando parti, não tinha a menor ideia de que só voltaria casada! Mas achava que seria muito divertido se acontecesse.

Seu pai ergueu os olhos. Jane estava aflita. Elizabeth olhou para Lydia com um olhar expressivo; ela, porém, que nunca ouvia nem via nada que não lhe interessasse, prosseguiu alegremente:

— Ah, mamãe, será que o pessoal da vizinhança sabe que me casei hoje? Eu temia que não; e, ao cruzarmos com William Goulding em sua charrete, decidi que ele deveria ser informado a respeito, e então baixei os vidros da carruagem do lado dele, tirei a luva e deixei a minha mão repousar sobre o quadro da janela, para ele ver a aliança, e então o cumprimentei e sorri como quem não quer nada.

Elizabeth não podia mais suportar aquilo. Levantou-se e saiu da sala; e não voltou mais, até ouvir que estavam passando pelo corredor que levava à sala de jantar. Juntou-se a eles, então, a tempo de ver Lydia, ansiosa e triunfante, caminhar até o assento à direita da mãe, e de ouvi-la dizer à irmã mais velha:

— Ah! Jane, agora este lugar é meu, e você deve ir mais para o fundo, porque sou uma mulher casada.

Não era de supor que o tempo desse a Lydia a discrição que sempre lhe faltara completamente. Sua descontração e seu bom humor aumentaram. Queria ver a sra. Phillips, as Lucas e todas as outras vizinhas, para ouvir ser chamada de “sra. Wickham” por elas; e enquanto isso, depois do jantar, foi gabar-se de estar casada e mostrar a aliança à sra. Hill e às duas criadas.

— Mamãe — disse ela, quando todos voltaram à sala de desjejum —, e o que a senhora acha do meu marido? Não é um encanto de homem? Tenho certeza de que todas as minhas irmãs me invejam. Só espero que tenham a metade da minha boa sorte. Elas deviam ir todas a Brighton. É o lugar ideal para se arrumar marido. Que pena, mamãe, que não fomos todas para lá.

— É verdade; e, se a decisão fosse minha, teríamos ido. Mas, minha querida Lydia, não gosto de saber que você vai para tão longe. Tem mesmo de ser assim?

— Meu Deus, tem, sim... Não há nada de mal nisso. Vou adorar ir para lá. A senhora e o papai e as minhas irmãs devem ir visitar-nos. Vamos passar todo o inverno em Newcastle, e tenho certeza de que haverá bailes. Vou tratar de arrumar bons pares para todas elas.

— Eu adoraria! — disse a mãe.

— Então, quando a senhora partir, poderá deixar uma ou duas de minhas irmãs comigo; e tenho certeza de que arrumo marido para elas antes do fim do inverno.

— Muito obrigada pela minha parte em seus favores — disse Elizabeth —, mas não gosto muito da sua maneira de arrumar marido.

Os hóspedes não permaneceriam mais de dez dias com eles. O sr. Wickham recebera a convocação antes de deixar Londres, e devia juntar-se ao regimento ao cabo de quinze dias.

Só a sra. Bennet lamentou que ficassem tão pouco; e aproveitou ao máximo o tempo, fazendo visitas com a filha e recebendo muita gente em sua casa. Essas reuniões eram do gosto de todos; evitar a intimidade familiar era algo ainda mais desejado pelos que pensavam do que pelos que nada tinham na cabeça.

O amor de Wickham por Lydia era exatamente como o que Elizabeth esperara encontrar; menor do que o de Lydia por ele. Não precisava da observação direta para convencer-se, pela razão das coisas, de que a fuga fora provocada pela intensidade do amor dela, e não dele; e Elizabeth se teria admirado de que, sem estar apaixonado por ela, ele tivesse optado por fugir com sua irmã, se não tivesse a certeza de que a fuga se tornara necessária por força das circunstâncias; e, se fosse esse o caso, ele não era o tipo de rapaz que resistisse à oportunidade de levar uma companheira.

Lydia o amava demais. Em todas as ocasiões ele era o seu querido Wickham; ninguém podia comparar-se a ele. Ele era o melhor do mundo em tudo; e ela estava certa de que ele mataria mais passarinhos no dia 1º de setembro do que qualquer outra pessoa da região.

Certa manhã, logo depois da chegada do casal, estando sentada com as duas irmãs mais velhas, disse ela a Elizabeth:

— Lizzy, acho que nunca contei a *você* a história do meu casamento. Você não estava presente quando contei tudo à mamãe e às outras. Não está curiosa para saber como foi?

— Não mesmo — respondeu Elizabeth. — Acho que quanto menos falarmos no assunto, melhor.

— Ai! Você é tão esquisita! Mas eu tenho de lhe contar como foi. Nós nos casamos, você sabe, na igreja de St. Clement, porque Wickham morava naquela paróquia. E ficou acertado que todos deveríamos estar lá às onze horas. Titio, titia e eu devíamos ir juntos; e os outros nos encontrariam na igreja. Muito bem, chegou a manhã de segunda-feira e eu estava tão nervosa! Tinha muito medo de que acontecesse alguma coisa que estragasse tudo, e então quase enlouqueci. E lá estava a titia, que, durante todo o tempo em que me vestia, pregava e discursava como se estivesse lendo um sermão. Mas eu não ouvia nem uma palavra em cada dez, pois estava

pensando, é claro, no meu querido Wickham. Estava louca para saber se ele usaria a casaca azul no casamento. Então nós tomamos o café às dez, como sempre; parecia que aquilo não ia acabar nunca; porque, aliás, vocês devem saber que o titio e a titia foram terrivelmente desagradáveis durante todo o tempo em que estive com eles. Acreditam que não pus o pé para fora de casa nenhuma vez, apesar de estar lá por quinze dias? Nenhuma festa, nenhum programa, nada. É verdade que Londres não tinha muito que oferecer, mas o Little Theatre estava aberto. E então, assim que a carruagem estacionou à porta, titio foi chamado por causa de negócios por aquele horrendo sr. Stone. E, quando eles estão juntos, aquilo não acaba nunca. Eu estava tão assustada que não sabia o que fazer, pois o titio devia acompanhar-me; e, se perdêssemos a hora, não poderíamos casar naquele dia. Por sorte, ele voltou em dez minutos, e então partimos todos. Mas depois me lembrei de que, se ele não pudesse ir, o casamento não teria de ser adiado, pois o sr. Darcy poderia substituí-lo.

— O sr. Darcy! — repetiu Elizabeth, pasmada.

— Ele mesmo! Ele deveria chegar com Wickham, você sabe. Mas que cabeça a minha! Esqueci completamente! Eu não devia dizer nada sobre isso. Eu prometi solenemente a eles! O que o Wickham vai dizer? Era para ser um grande segredo!

— Se era para ser um segredo — disse Jane —, não diga mais nada sobre o assunto. Pode contar com a minha discrição.

— Ah! É claro! — disse Elizabeth, apesar de morrer de curiosidade. — Não vamos fazer nenhuma pergunta.

— Obrigada — disse Lydia —, pois, se você perguntasse, eu certamente lhe contaria tudo e o Wickham ficaria zangado.

Com tal incentivo a perguntar, Elizabeth foi forçada a fugir para escapar à tentação.

Mas era impossível viver na ignorância sobre um assunto como esse; ou pelo menos era impossível não buscar informar-se. O sr. Darcy havia estado no casamento de sua irmã. Era aquele exatamente o lugar aonde ele aparentemente tinha menos vontade de ir, com as pessoas com quem ele tinha menos a ver. De imediato ocorreram hipóteses a Elizabeth as mais

variadas e díspares sobre o significado daquilo; mas nenhuma delas a deixou satisfeita. As que mais lhe agradaram, por mostrarem o comportamento dele sob a mais nobre luz, pareciam as mais improváveis. Ela não podia suportar tal dúvida; e, tomando rapidamente uma folha de papel, escreveu uma carta à tia, pedindo-lhe uma explicação para o que Lydia deixara escapar, se tal coisa fosse compatível com o segredo prometido.

“A senhora pode compreender facilmente”, acrescentou ela, “qual não deve ser a minha curiosidade ao saber que uma pessoa sem ligação com nenhum de nós e (comparativamente falando) um estranho para a nossa família, estava presente naquele momento e lugar. Peço por favor que me escreva logo, para que eu entenda... A menos que tudo deva, por razões imperativas, permanecer em segredo, como Lydia parece julgar necessário; e então terei de me contentar com a ignorância”.

“Não que eu vá contentar-me com isso”, acrescentou ela com seus botões, ao terminar a carta.

“E, querida titia, se a senhora não me contar tudo lealmente, certamente serei obrigada a me valer de truques e estratagemas para descobrir.”

O delicado senso de honra de Jane não lhe permitiria falar em particular com Elizabeth sobre o que Lydia deixara escapar; Elizabeth ficou feliz com isso: até que ficasse claro que suas dúvidas receberiam uma resposta, ela preferia não ter confidentes.

Capítulo 52

Elizabeth teve a satisfação de receber resposta o mais breve possível. Assim que a teve em mãos, correu para o pequeno bosque, onde era menor o risco de ser interrompida, sentou-se num dos bancos e se preparou para ser feliz; pois o tamanho da carta a convenceu de que ela não continha uma negativa.

Gracechurch Street, 6 de setembro.

Minha querida sobrinha,

Acabo de receber a sua carta e vou dedicar a manhã inteira para responder a ela, pois vejo que o que tenho de lhe dizer não caberia numa carta *pequena*. Devo confessar que o seu pedido me surpreendeu; eu não esperava isso de *você*. Mas não pense que estou zangada, pois só quero dizer que não imaginava que tais perguntas fossem necessárias da *sua* parte. Se preferir não me entender, peço que perdoe a minha impertinência. O seu tio está tão surpreso quanto eu, e só mesmo a convicção de que você fosse parte interessada lhe teria permitido agir como agiu. Mas, se você realmente não estiver a par de nada, terei de ser mais clara.

No mesmo dia em que cheguei de Longbourn, seu tio recebeu uma visita completamente inesperada. Era o sr. Darcy. Seu tio teve com ele uma conversa a portas fechadas que durou várias horas. Estava tudo acabado já antes de eu chegar; por isso a minha curiosidade não foi tão duramente posta à prova quanto a *sua* parece ter sido. Ele veio dizer ao sr. Gardiner que havia descoberto onde estavam Lydia e o sr. Wickham, e que havia visto os dois e com eles falado; Wickham, várias vezes; Lydia, uma só. Ao que me lembro, ele partiu de Derbyshire só um dia depois de nós, e veio a Londres decidido a encontrá-los. O motivo alegado era a convicção de ser responsável pelo fato de a indignidade de Wickham não ser notória o bastante a ponto de tornar impossível a qualquer moça de caráter amá-lo ou confiar nele. Generosamente, pôs toda a culpa em seu próprio orgulho equivocado e confessou que antes pensava ser indigno de sua condição tornar públicos para o mundo os seus problemas particulares. O seu caráter devia falar por si mesmo. Considerava, portanto, seu dever apresentar-se para tentar remediar um mal que ele mesmo provocara. Se ele tinha *um outro* motivo, estou certa de que não era algo desonroso.

Permaneceu alguns dias na capital antes de conseguir descobrir o paradeiro dos dois; mas tinha algo para nortear sua busca, e esse algo era mais do que *nós* tínhamos; e a consciência disso era outra razão para resolver acompanhar-nos.

Há uma senhora — a sra. Younge, ao que parece — que foi durante algum tempo governanta da srta. Darcy e foi despedida do emprego por alguma razão negativa, que ele não quis revelar. E essa senhora, então, comprou uma casa grande na Edward Street e passou a se sustentar alugando quartos. Ele sabia que essa sra. Younge era muito amiga de Wickham; e o sr. Darcy foi procurá-la para obter informações sobre ele assim que chegou a Londres. Mas demorou dois ou três dias para conseguir dela o que pretendia. Creio que ela não faltaria com a palavra dada sem suborno e corrupção, pois realmente sabia onde o amigo se encontrava. Wickham, de fato, viera procurá-la assim que chegaram em Londres, e, se ela pudesse recebê-los em sua casa, eles se teriam instalado ali mesmo. Com o tempo, no entanto, o nosso bom amigo conseguiu o desejado endereço. Eles estavam na rua ***. Ele encontrou Wickham e em seguida fez questão de ver Lydia. Seu principal objetivo ao falar com ela fora, como ele mesmo reconheceu, convencê-la a largar a sua atual situação desastrosa e voltar para a sua família assim que esta fosse convencida a recebê-la. Ele lhe ofereceu toda a ajuda de que precisasse. Mas Lydia estava firmemente decidida a permanecer onde estava. Não lhe importava a família; não queria nenhuma ajuda dele; não queria ouvir falar em largar Wickham. Tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde se casariam, pouco importava quando. Como eram esses os sentimentos dela, o sr. Darcy julgou que só lhe restava garantir e apressar o casamento, o qual, como compreendeu logo em sua primeira conversa com Wickham, nunca tinha estado nos planos *dele*. Wickham confessou ter sido obrigado a deixar o regimento, em razão de algumas dívidas de honra, muito urgentes; e não teve escrúpulos em atribuir todas as más consequências da fuga de Lydia à loucura dela. Pretendia demitir-se imediatamente; e, quanto à sua situação futura, não tinha a menor ideia de como seria. Tinha de ir para algum lugar, mas não sabia onde, e sabia que não teria com que viver.

O sr. Darcy perguntou a ele por que não se casara logo com Lydia. Embora fosse notório que o sr. Bennet não era muito rico, poderia fazer alguma coisa por ele, e sua situação melhoraria com o casamento. Mas descobriu, na resposta à pergunta, que Wickham ainda tinha esperança de ficar rico com o casamento em algum outro lugar do país. Dadas as circunstâncias, porém, não era provável que resistisse à tentação de uma ajuda imediata.

Encontraram-se diversas vezes, pois havia muito que discutir. Wickham, é claro, queria mais do que podia obter; mas com o tempo foi obrigado a ser razoável.

Com tudo acertado entre *eles*, o passo seguinte do sr. Darcy foi comunicar o fato ao seu tio, e sua primeira visita à Gracechurch aconteceu uma noite antes de eu voltar para casa. Mas o sr. Gardiner não podia recebê-lo, e o sr. Darcy descobriu, ao se informar, que o seu pai ainda estava com ele, mas partiria de Londres na manhã seguinte. Ele não considerava o seu pai uma pessoa a quem pudesse consultar com tanta liberdade quanto o seu tio, e assim de bom grado adiou o encontro até a partida do sr. Bennet. Não deixou o nome, e até o dia seguinte só se soube que um cavalheiro se apresentara para tratar de negócios.

No sábado, ele tornou a vir. Seu pai já havia partido, seu tio estava em casa e, como já disse, eles tinham muito que conversar.

Encontraram-se de novo no domingo, e então *eu* também o vi. Só na segunda-feira tudo ficou acertado: assim que se chegou a um acordo, foi mandada uma mensagem urgente para Longbourn. Mas o nosso visitante era muito teimoso. Creio, Lizzy, que a teimosia é o

verdadeiro defeito do seu caráter, afinal. Ele já foi acusado de muitas imperfeições ao longo do tempo, mas *essa* é a verdadeira. Tudo que se devia fazer era ele quem fazia; embora eu tenha certeza (e não digo isto para que me agradeçam, portanto não diga nada a este respeito) de que seu tio teria acertado tudo com mais facilidade.

Discutiram longamente sobre o caso, mais do que mereciam o cavalheiro e a dama em questão. Mas por fim o seu tio foi obrigado a ceder, e, em vez de poder ser útil à sobrinha, foi forçado a contentar-se em receber o provável crédito por aquilo, o que fez muito a contragosto; e eu creio realmente que a sua carta de hoje de manhã causou a ele grande prazer, pois pedia uma explicação que o despojava de suas plumagens emprestadas, atribuindo o mérito a quem de direito. Mas, Lizzy, isso não pode ir além de você ou de Jane, no máximo.

Acho que você sabe muito bem o que foi feito pelos dois jovens. Ele tinha dívidas a pagar, que ultrapassavam em muito, creio, as mil libras, mais outras mil libras a somar ao dote dela e mais a compra do título de oficial. A razão pela qual tudo isso devia ser feito só por ele era a que expliquei acima. Era culpa dele, de seu recato e de seu erro de julgamento, que o caráter de Wickham tivesse sido tão mal interpretado e, por conseguinte, que tivesse sido tão bem recebido e apreciado como foi. Talvez houvesse algo de verdade *nisso*; embora eu duvide que o recato *dele* ou *de alguém* fosse responsável pelo caso. Mas, apesar desse belo palavrorio, minha querida Lizzy, você pode ter certeza de que seu tio jamais teria cedido, se não tivéssemos reconhecido nele *um outro interesse* no caso.

Quando tudo isso foi acertado, ele voltou para junto dos amigos, que ainda estavam em Pemberley; mas foi combinado que ele estaria de volta a Londres quando o casamento se realizasse, e então todas as questões de dinheiro seriam resolvidas.

Acho que agora já lhe contei tudo. Pelo que você me disse, tudo isto vai causar-lhe grande surpresa; espero, porém, que não lhe seja motivo de desgosto. Lydia instalou-se em nossa casa e Wickham era recebido com frequência. *Ele* era exatamente o que havia sido quando o conheci em Hertfordshire; mas não lhe contaria como fiquei pouco satisfeita com o comportamento *dela* enquanto estive conosco, se não tivesse percebido, pela carta de Jane de quarta-feira, que o seu comportamento ao chegar em casa foi exatamente o mesmo e, portanto, que o que lhe vou dizer agora não pode causar-lhe nenhum novo desgosto. Conversei com ela várias vezes da maneira mais séria, mostrando a ela todo o mal que fizera e toda a angústia que provocara na família. Se ela me escutou, foi só por acaso, pois tenho certeza de que não me deu ouvidos. Fiquei algumas vezes muito irritada, mas então eu me lembrava das minhas queridas Elizabeth e Jane, e por elas tinha paciência com Lydia.

O retorno do sr. Darcy foi pontual e, como Lydia lhe contou, ele assistiu ao casamento. Jantou conosco no dia seguinte e devia partir na quarta ou quinta-feira. Você ficará muito zangada comigo, querida Lizzy, se eu aproveitar a oportunidade para lhe dizer (o que até agora nunca tive coragem) o quanto eu o aprecio. O comportamento dele para conosco foi, em todos os aspectos, tão agradável como havia sido em Derbyshire. Agradam-me sua inteligência e suas opiniões; não lhe falta nada, a não ser um pouco mais de vivacidade, e isso, se se casar *prudentemente*, sua esposa pode ensinar-lhe. Acho-o muito esperto; ele mal mencionou o seu nome. Mas, ao que parece, a esperteza anda na moda.

Peço-lhe que me perdoe se eu tiver sido muito atrevida, ou pelo menos não me castigue excluindo-me de Pemberley. Não ficarei contente até ter conhecido todo o parque. Uma charrete com um par de pôneis bem lindinhos seria o ideal.

Mas agora tenho de parar de escrever. As crianças estão à minha espera há meia hora.

Muito cordialmente,

M. GARDINER

O conteúdo da carta deixou Elizabeth muito agitada; era difícil saber se sentia mais prazer ou dor. Revelaram-se totalmente verdadeiras as vagas e indefinidas suspeitas provocadas pela incerteza a respeito do que o sr. Darcy poderia ter feito para patrocinar o casamento da irmã dela, suspeitas estas que temia encorajar, por revelarem uma bondade grande demais para ser provável, e ao mesmo tempo temia que fossem fundadas, para não ficar em dívida com ele! Ele os seguira voluntariamente até Londres, tomara para si todo o trabalho e os sacrifícios que esse tipo de investigação envolve, teve de pedir favores a uma mulher que ele devia odiar e desprezar, foi obrigado a se encontrar com o homem que ele sempre mais quisera evitar, cujo simples nome era já para ele um suplício pronunciar, teve de vê-lo com frequência, discutir com ele, convencê-lo e finalmente suborná-lo. Fizera tudo isso por uma moça que ele não podia nem amar nem estimar. O coração de Elizabeth sugeria-lhe que ele fizera tudo aquilo por ela. Era, porém, uma esperança que se esboroava diante de outras considerações, e ela logo sentiu que até mesmo sua própria vaidade era insuficiente para fazê-la acreditar que o amor dele por ela — por uma mulher que já o recusara — seria forte o bastante para fazê-lo superar a repulsa de ter um parentesco qualquer com Wickham. Cunhado de Wickham! Qualquer senso de orgulho se revoltaria diante disso. Sem dúvida, ele fizera muitas coisas. Ela sentia vergonha de pensar em quantas. Mas dera um motivo para a sua participação, que não exigia uma dose extraordinária de credulidade. Era razoável que sentisse ter errado; era generoso, e podia exercer essa generosidade; e, embora ela não se considerasse o principal motivo dele, podia, talvez, acreditar que um resto de afeto por ela podia ter ajudado a fazê-lo intervir numa causa em que a paz de espírito de Elizabeth estava em jogo. Era doloroso, doloroso demais, saber que eles deviam favores a uma pessoa que jamais poderia ser recompensada plenamente. Deviam a reabilitação de Lydia, de seu caráter, de tudo, a ele. Ah! Como lamentava amargamente cada sentimento negativo que tivera para com ele, cada

palavra atravessada que lhe dirigira. Estava humilhada, mas orgulhosa dele. Orgulhosa por ter ele, num caso de compaixão e de honra, conseguido dar o melhor de si mesmo. Tornou a ler uma, duas, três vezes os elogios que a tia fizera a ele. Eram ainda tímidos, mas lhe agradavam. Sentia até certo prazer, embora misturado com tristeza, em ver com que firmeza seus tios estavam convencidos de que ainda havia amor e confiança entre o sr. Darcy e ela.

A chegada de alguém fez que ela se levantasse do banco e deixasse de lado as suas reflexões; e, antes de poder alcançar outra trilha, topou de frente com Wickham.

— Receio interromper seu passeio solitário, querida cunhada — disse ele, ao dar com ela.

— Certamente — replicou ela com um sorriso —, mas isso não quer dizer que a interrupção não seja bem-vinda.

— Detestaria que o fosse. Sempre fomos bons amigos; e agora, melhores ainda.

— É verdade. As outras estão saindo?

— Não sei. A sra. Bennet e Lydia vão de carruagem a Meryton. E então, querida cunhada, soube por seus tios que você esteve em Pemberley.

Ela respondeu que sim.

— Eu até invejo você, mas acho que seria demais para mim, pois senão eu incluiria Pemberley como uma etapa na minha viagem a Newcastle. E você viu a governanta? Pobre Reynolds, ela me adorava. Mas é claro que ela não mencionou o meu nome para você.

— Mencionou, sim.

— E o que disse?

— Que você se havia alistado no exército e que temia que não se tivesse dado bem. A *tamanha* distância, as coisas ficam estranhamente deformadas, não é?

— É claro — tornou ele, mordendo o lábio.

Elizabeth esperava tê-lo feito calar-se; mas logo em seguida ele prosseguiu:

— Surpreendeu-me ver Darcy em Londres o mês passado. Dei com ele várias vezes por lá. Fico pensando o que estaria fazendo na capital.

— Talvez cuidando dos preparativos do casamento com a srta. de Bourgh — disse Elizabeth. — Só mesmo algo especial poderia levá-lo até lá nesta época do ano.

— Sem dúvida. Você o viu quando estava em Lambton? Julguei que sim, pelo que me disseram os Gardiner.

— Vi, sim. Ele nos apresentou à irmã.

— E você gostou dela?

— Muito.

— Ouvi falar que ela melhorou incrivelmente nestes últimos um ou dois anos. A última vez que a vi, ela não prometia muito. Estou muito feliz por você ter gostado dela. Espero que ela tenha muito sucesso.

— Tenho certeza de que sim; já superou a idade mais ingrata.

— Passaram pela aldeia de Kympton?

— Não me lembro disso, não.

— É lá que eu deveria obter o meu benefício eclesiástico. Um lugar delicioso!... Uma casa paroquial excelente! Teria sido perfeita para mim.

— Você teria gostado de fazer sermões?

— Teria adorado. Teria considerado os sermões parte das minhas obrigações, e com um pouco de tempo já não teria nenhuma dificuldade em redigi-los. Não é bom lamuriar-se, mas teria sido ótimo para mim! A calma, a paz de uma tal vida teria correspondido a todas as minhas ideias de felicidade! Mas não era para acontecer. Alguma vez você ouviu o Darcy mencionar o caso, quando estava em Kent?

— Ouvi de uma fonte que considero *confiável* que o benefício lhe foi concedido apenas condicionalmente e segundo a vontade do atual patrono.

— Claro. Há certa verdade *nisso*; eu lhe disse desde o começo, como você deve lembrar.

— Ouvi também que houve um tempo em que fazer sermões não lhe era tão palatável como agora; que na verdade você manifestou a decisão de nunca ordenar-se e que o caso ficou comprometido por causa disso.

— Ah, você ouviu! Isso também não deixa de ter certo fundamento. Você deve lembrar-se de que eu lhe falei sobre isso, a primeira vez que conversamos sobre o assunto.

Estavam agora já quase em frente à porta da casa, pois ela andara depressa para se livrar dele; e, não querendo, pelo bem da irmã, provocá-lo, limitou-se a dizer com um sorriso bem-humorado:

— Vamos lá, sr. Wickham, somos agora cunhado e cunhada. Não vamos brigar por coisas passadas. No futuro, espero que estejamos sempre de acordo.

Ela lhe estendeu a mão; ele a beijou com afetuosa galanteria, muito sem graça, e ambos entraram na casa.

Capítulo 53

O sr. Wickham ficou tão plenamente satisfeito com essa conversa, que nunca mais se deu ao trabalho de tocar novamente no assunto, provocando sua querida cunhada Elizabeth; e ela estava contente em saber que dissera o suficiente para fazê-lo calar-se.

Logo chegou o dia da partida do jovem casal, e a sra. Bennet foi obrigada a se resignar com uma separação que, como seu marido de modo algum aceitou os planos de irem todos a Newcastle, provavelmente se prolongaria por pelo menos um ano.

— Ah! Minha querida Lydia — exclamou ela —, quando vamos ver-nos de novo?

— Ah, meu Deus! Eu não sei. Não pelos próximos dois ou três anos, talvez.

— Escreva sempre, querida.

— Sempre que puder. Mas a senhora sabe que as mulheres casadas nunca têm tempo de escrever. Minhas irmãs podem escrever para *mim*. Não vão ter mais nada para fazer, mesmo.

As despedidas do sr. Wickham foram muito mais calorosas do que as de sua esposa. Abriu um lindo sorriso e disse muitas coisas bonitas.

— É o melhor sujeito — disse o sr. Bennet, assim que eles saíram da casa — que já vi. Faz caretas, dá risadinhas e corteja toda a família. Estou prodigiosamente orgulhoso dele. Desafio até mesmo Sir William Lucas a apresentar um genro de maior valor.

A separação da filha azedou o humor da sra. Bennet por vários dias.

— Muitas vezes eu acho — disse ela — que não há nada tão ruim quanto a separação dos entes queridos. Sentimo-nos sozinhos demais sem eles.

— Essa é uma consequência, mamãe, de casar uma filha — disse Elizabeth. — Isso a fará dar mais valor ao fato de ainda ter quatro filhas solteiras.

— Não é isso. Lydia não está separando-se de mim porque se casou, mas só porque calhou de o regimento do marido estar tão distante. Se estivesse mais próximo, ela não teria partido tão cedo.

Mas o estado de abatimento em que esse acontecimento a lançou logo foi aliviado, e sua mente se abriu mais uma vez à agitação da esperança, graças a uma notícia que começou a circular. A governanta de Netherfield recebera ordens para preparar as coisas para a chegada, que devia acontecer em um ou dois dias, do patrão, vindo para caçar por várias semanas. A sra. Bennet estava muito agitada. Olhava para Jane e ora sorria, ora balançava a cabeça.

— Ora, ora, não é que o sr. Bingley está chegando, irmãzinha? — pois a sra. Phillips foi quem lhe deu primeiro a notícia. — Tanto melhor. Não que eu dê importância a isso. Ele é um estranho para nós, e lhe garanto que *eu* não quero vê-lo nunca mais. Mas será muito bem-vindo a Netherfield, se quiser vir. E quem sabe o que *pode* acontecer? Mas isso pouco nos importa. Você sabe, irmãzinha, concordamos há muito tempo em não tocar mais nesse assunto. E então, é absolutamente certo que ele vem?

— Pode ter certeza disso — replicou a outra —, pois a sra. Nicholls estava em Meryton a noite passada; eu a vi passar e saí só para saber a verdade sobre o caso; ela me disse que era coisa mais do que certa. Ele chega na quinta-feira, o mais tardar, e muito provavelmente na quarta. Ela me disse que ia ao açougue para encomendar carne para a quarta-feira, e comprou três pares de patos prontinhos para serem abatidos.

A srta. Bennet não conseguiu ouvir a notícia da chegada dele sem empalidecer. Havia meses não pronunciava o nome dele para Elizabeth; mas agora, assim que ficaram a sós, disse:

— Vi você olhar para mim hoje, Lizzy, quando a titia nos contou o caso; e sei que pareci perturbada. Mas não vá imaginar que foi por alguma causa tola. Simplesmente fiquei confusa por um momento, pois senti que *olhariam* para mim. Garanto a você que a notícia não me causa nem prazer nem dor. Estou feliz por uma coisa, que ele venha sozinho; porque assim o veremos menos. Não que eu tema por *mim*, mas tenho medo do que as outras pessoas dizem.

Elizabeth não sabia o que fazer. Se não o tivesse visto em Derbyshire, poderia supor que ele fosse capaz de vir só pelo motivo declarado; mas ainda o julgava apaixonado por Jane e hesitava quanto à maior probabilidade de ele vir com permissão do amigo ou de ser valente o bastante para vir sem ela.

“É duro”, pensava ela às vezes, “que o coitado não possa vir à casa que alugou legalmente sem provocar toda essa especulação! *Vou* deixá-lo em paz”.

Apesar do que dizia sua irmã e que ela acreditava serem realmente os seus sentimentos na expectativa da chegada dele, Elizabeth pôde facilmente perceber que o humor de Jane fora afetado pela notícia. Estava mais agitado, mais instável do que de costume.

O assunto que fora tão apaixonadamente discutido pelos pais cerca de um ano antes agora era de novo trazido à baila.

— Assim que o sr. Bingley chegar, querido — disse a sra. Bennet —, você vai visitá-lo, é claro.

— Não, não. Você me forçou a visitá-lo o ano passado e me prometeu que se eu fosse ele se casaria com uma das minhas filhas. Mas aquilo deu em nada, e não vou fazer papel de bobo mais uma vez.

A esposa mostrou a ele como seria absolutamente necessária tal atenção da parte de todos os cavalheiros da vizinhança na volta dele a Netherfield.

— Essa é uma etiqueta que desprezo — disse ele. — Se quiser a nossa companhia, que venha procurá-la. Ele sabe onde moramos. Não vou perder meu tempo a correr atrás dos vizinhos todas as vezes que eles voltam de viagem.

— Só sei que não visitá-lo será uma enorme grosseria. Isso, porém, não vai impedir-me de convidá-lo para jantar aqui. Estou decidida a fazê-lo. Convidaremos a sra. Long e os Goulding. Conosco, seremos treze; logo, vai sobrar lugar à mesa para ele.

Consolada com essa decisão, ela foi capaz de suportar melhor a descortesia do marido, embora fosse muito desagradável saber que, com isso, todos os vizinhos iriam ver o sr. Bingley antes *deles*. Ao aproximar-se o dia da chegada:

— Começo a lamentar que ele venha — disse Jane à irmã. — Para mim, não é nada; posso vê-lo com a mais perfeita indiferença, mas não suporto ouvir falarem dele sem parar. Mamãe tem boas intenções; ela, porém, não sabe, ninguém sabe, como eu sofro com o que ela diz. Ficarei muito feliz quando acabar a estada dele em Netherfield!

— Gostaria de poder dizer alguma coisa para consolá-la — tornou Elizabeth —, mas tudo isso me ultrapassa, veja bem; além disso, nem mesmo o costumeiro conselho de ter paciência eu posso dar, pois você é sempre tão paciente.

O sr. Bingley chegou. A sra. Bennet, com o auxílio dos criados, tratou de obter as primeiras notícias imediatamente, para poder prolongar ao máximo a ansiedade e o mau humor. Contava os dias que se passariam até que pudesse enviar o convite, sem esperança de vê-lo antes. Mas, na terceira manhã depois da chegada dele a Hertfordshire, ela o viu, da janela do toucador, entrar montado a cavalo pelo portão e dirigir-se para a casa.

As filhas logo foram insistentemente chamadas a participar de sua alegria. Jane manteve resolutamente o seu lugar à mesa; Elizabeth, porém, para satisfazer a mãe, foi até a janela... olhou... viu o sr. Darcy com ele e voltou a sentar-se junto da irmã.

— Há um homem com ele, mamãe — disse Kitty. — Quem será?

— Algum conhecido dele, querida; tenho certeza de que não o conheço.

— Não, não! — replicou Kitty. — Parece aquele homem que estava sempre com ele antes. O sr. não-sei-o-quê. Aquele homem alto, orgulhoso.

— Meu Deus! O sr. Darcy!... É, parece ser ele mesmo. Bem, qualquer amigo do sr. Bingley sempre será bem-vindo aqui; mas devo dizer que só de

vê-lo já sinto ódio.

Jane olhou para Elizabeth com surpresa e preocupação. Ela pouco sabia do encontro deles em Derbyshire e assim compreendeu o embaraço que ela devia estar sentindo, ao vê-lo quase que pela primeira vez depois de receber a sua carta de explicações. Ambas as irmãs estavam muito pouco à vontade. Cada uma sofria pela outra e, é claro, por si mesma; e sua mãe continuou a falar da antipatia que sentia pelo sr. Darcy e da decisão de ser educada com ele só por ser amigo do sr. Bingley, sem que nenhuma das duas a ouvisse. Elizabeth, porém, tinha motivos de embaraço de que Jane nem sequer suspeitava, pois ainda não tivera a coragem de mostrar-lhe as cartas da sra. Gardiner ou de lhe contar sua mudança de sentimentos em relação a ele. Para Jane, ele só podia ser um homem cujas propostas de casamento ela recusara e cujo mérito ela subestimara; mas para Elizabeth, que dispunha de mais amplas informações, era ele a pessoa a quem a família devia o maior dos favores, alguém que ela própria considerava com um interesse, senão tão terno, pelo menos tão razoável e justo quanto o que Jane sentia por Bingley. Seu espanto à chegada dele — à sua vinda a Netherfield, a Longbourn e procurando-a de novo espontaneamente — era quase igual ao que experimentara ao testemunhar a mudança de comportamento dele em Derbyshire.

A cor que desaparecera de seu rosto voltou depois de meio minuto, com um brilho especial, e um sorriso de satisfação deu esplendor aos seus olhos, quando lhe ocorreu que a afeição e o interesse dele por ela deviam estar intactos. Mas não tinha certeza disso.

— Vejamos antes como ele se comporta — disse ela. — Depois sempre haverá tempo para ter esperança.

Passou a se concentrar no trabalho, tentando demonstrar tranquilidade e sem ousar erguer os olhos, até que uma ansiosa curiosidade os voltou para o rosto da irmã, enquanto a criada se aproximava da porta. Jane parecia um pouco mais pálida que de costume, porém mais calma do que Elizabeth esperara. Ao aparecerem os cavalheiros, sua cor fez-se mais intensa; mesmo assim, ela os recebeu com razoável descontração e com uma correção de

maneiras que não demonstrava nem sintomas de mágoa nem uma complacência desnecessária.

Elizabeth dirigiu-se tão pouco a cada um dos dois quanto a boa educação permitia, e voltou a se ocupar com seu trabalho, com uma seriedade que nem sempre este exige. Arriscara apenas um olhar a Darcy. Ele parecia sério, como sempre; e, pensou ela, estava mais como em Hertfordshire do que como o viu em Pemberley. Mas talvez, na presença de sua mãe, ele não pudesse ser o que era diante de seus tios. Essa era uma hipótese dolorosa, mas não improvável.

Olhou também para Bingley por um instante e nesse pouco tempo viu que ele parecia ao mesmo tempo contente e constrangido. Foi recebido pela sra. Bennet com um grau de cortesia que deixou envergonhadas as duas filhas, sobretudo quando comparada à fria e cerimoniosa polidez de sua reverência ante o amigo dele e das palavras que a ele dirigiu.

Elizabeth, em especial, sabedora de que a mãe devia a este último o fato de a filha predileta ter sido preservada da infâmia, ficou dolorosamente magoada com uma distinção tão descabida.

Darcy, depois de perguntar como iam o sr. e a sra. Gardiner, pergunta a que ela não podia responder sem embarçar-se, mal abriu a boca. Não se sentou perto dela; talvez fosse essa a razão do silêncio; mas não fora assim em Derbyshire. Ali ele conversara com os amigos dela, quando não era possível falar com Elizabeth. Mas agora se passaram vários minutos sem que se ouvisse o som da sua voz; e, quando vez por outra, incapaz de resistir ao impulso da curiosidade, ela erguia os olhos para o seu rosto, via-o olhar com igual frequência ora para ela, ora para Jane, e muitas vezes para nada a não ser o chão. Era claro que estava mais pensativo e menos ansioso por agradar do que quando se viram pela última vez. Ela estava decepcionada e ao mesmo tempo irritada consigo mesma por isso.

“Poderia esperar algo diferente?”, pensou ela. “Mas então por que veio?”

Não estava disposta a conversar com ninguém, a não ser com ele; e com ele mal tinha coragem de falar.

Perguntou por sua irmã, mas não conseguiu ir além disso.

— Já faz muito tempo, sr. Bingley, que o senhor partiu — disse a sra. Bennet.

Ele concordou prontamente.

— Comecei a ficar aflita quando o senhor não voltava mais. As pessoas *diziam* que a sua intenção era deixar definitivamente a vizinhança no dia de São Miguel; espero, porém, que não seja verdade. Aconteceram muitas mudanças por aqui desde que o senhor foi embora. A srta. Lucas casou-se e saiu da casa dos pais. E uma de minhas filhas também. Imagino que já tenha ouvido falar disso; de fato, deve ter lido a respeito nos jornais. Sei que apareceu no *Times* e no *Courier*; mas não descrito como deveria. Só diziam que “recentemente, George Wickham se casou com a srta. Lydia Bennet”, sem uma sílaba acerca do pai dela, de onde ela vivia, nada. Quem redigiu o anúncio foi meu irmão Gardiner, e me admira que tenha feito um trabalho tão porco. O senhor leu?

Bingley respondeu que sim, e deu seus parabéns. Elizabeth não ousava erguer os olhos. Não podia dizer, portanto, qual a expressão do sr. Darcy.

— É maravilhoso ter uma filha bem-casada — prosseguiu a sua mãe —, mas ao mesmo tempo, sr. Bingley, é muito duro vê-la partir para tão longe. Eles foram para Newcastle, um lugar muito ao norte, ao que parece, e vão permanecer por lá não sei quanto tempo. O regimento dele é de lá; pois imagino que o senhor soube que ele deixou a milícia de ***shire e se alistou no exército regular. Graças a Deus ele tem *alguns* amigos, mas não tantos como merece.

Elizabeth, que sabia que aquilo era uma indireta contra o sr. Darcy, estava tão consternada e envergonhada, que teve de se esforçar para permanecer sentada em seu lugar. Aquilo, porém, lhe deu forças para falar, o que nada antes conseguira fazer; e perguntou a Bingley se pretendia permanecer por aquelas paragens no momento. Por algumas semanas, acreditava ele.

— Quando tiver matado todos os seus próprios pássaros, sr. Bingley — disse a mãe —, peço-lhe que venha aqui e atire em todos os que quiser nas propriedades do sr. Bennet. Tenho certeza de que ele ficará muito contente em lhe fazer esse favor, e reservará para o senhor as melhores ninhadas.

A consternação de Elizabeth aumentava diante daquela desnecessária ostentação de polidez! Se agora se abrissem as mesmas róseas perspectivas que as entusiasmaram um ano atrás, estava convicta de que tudo caminharia para a mesma conclusão desastrosa. Nesse instante, sentiu que anos de felicidade não poderiam compensar para Jane ou para si mesma aqueles momentos de doloroso embaraço.

“O meu maior desejo”, disse com seus botões, “é nunca mais estar com nenhum dos dois. A companhia deles não proporciona prazer suficiente para compensar uma desgraça destas! Nunca mais quero tornar a ver nenhum dos dois!”.

Mas aquele constrangimento, para o qual anos de felicidade não eram compensação suficiente, logo em seguida foi substancialmente aliviado, ao observar como a beleza de sua irmã reacendeu a admiração de seu antigo namorado. Assim que chegou, mal falou com ela; mas a cada cinco minutos parecia crescer a atenção que lhe dava. Julgou-a tão bela como no ano anterior; tão afável e tão simples, embora não tão loquaz. Jane estava ansiosa por não demonstrar nenhuma diferença e realmente convencida de que falava tanto quanto antes. Mas sua mente estava tão ocupada, que ela nem sempre sabia quando estava em silêncio.

Quando os cavalheiros se ergueram para partir, a sra. Bennet, fazendo questão de exibir cordialidade, convidou-os para jantar em Longbourn dali a poucos dias.

— O senhor me deve uma visita, sr. Bingley — acrescentou ela —, pois quando foi para Londres no inverno passado prometeu participar de um jantar de família conosco assim que voltasse. Como vê, eu não esqueci; e lhe garanto que fiquei muito decepcionada com o senhor por não ter voltado e não ter cumprido a promessa.

Bingley pareceu um pouco desnorteado ante tal observação, e disse alguma coisa sobre os negócios que o teriam retido. Em seguida se retiraram.

A sra. Bennet estivera muito propensa a lhes pedir que ficassem e jantassem ali; mas, embora sempre oferecesse mesa farta, achava que pelo menos dois serviços seriam necessários a um homem para quem tinha

planos tão ambiciosos ou para satisfazer o apetite de alguém com uma renda anual de dez mil libras.

Capítulo 54

Assim que eles partiram, Elizabeth saiu para espairecer, ou melhor, para refletir sem parar sobre assuntos que deviam abatê-la ainda mais. O comportamento do sr. Darcy deixou-a pasma e irritada.

— Se era para ficar calado, sério e indiferente — disse ela —, por que é que ele veio, então?

Não conseguia achar nenhuma resposta satisfatória para o problema.

— Ele ainda era simpático e agradável com meus tios, em Londres; e por que não comigo? Se tem medo de mim, por que veio aqui? Se não gosta mais de mim, por que o silêncio? Que homem irritante! Não quero mais pensar nele.

Sua decisão foi por breve tempo involuntariamente mantida graças à chegada da irmã, que dela se aproximou com uma expressão radiante, que mostrava estar mais satisfeita com os visitantes do que Elizabeth.

— Agora — disse ela — que esse primeiro encontro acabou, sinto-me completamente à vontade. Conheço o meu poder e nunca mais ficarei constrangida com a chegada dele. Estou contente por ele jantar aqui na terça-feira. Ficaré publicamente notório que nós dois nos vemos apenas como conhecidos comuns e indiferentes.

— Muito indiferentes, de fato — disse Elizabeth, rindo. — Ah, Jane, tome cuidado!

— Minha querida Lizzy, você não pode achar que eu seja tão fraca, a ponto de correr perigo agora!

— Acho que você corre um perigo muito grande de fazer que ele fique mais apaixonado do que nunca.

* * *

Não tornaram a ver os cavalheiros até terça-feira; nesse meio-tempo, a sra. Bennet retomava todos os planos felizes que o bom humor e a costureira polidez de Bingley, em meia hora de visita, ressuscitaram.

Na terça-feira, houve uma recepção bastante concorrida em Longbourn; e ambos, que eram esperados com grande expectativa, honraram sua pontualidade de desportistas, chegando exatamente na hora marcada. Quando passaram para a sala de jantar, Elizabeth observou atentamente se Bingley ocuparia o lugar que, em todos os jantares anteriores, pertencera a ele, ao lado da irmã. Sua mãe, prudentemente, com a mesma preocupação, evitou convidá-lo a se sentar a seu lado. Ao entrar na sala, ele pareceu hesitar; mas por acaso o olhar de Jane cruzou com o dele e ela sorriu: estava decidido. Ele foi sentar-se ao lado dela.

Elizabeth, triunfante, olhou para o amigo. Este suportou a coisa com nobre indiferença, e ela imaginaria que Bingley teria recebido autorização dele para ser feliz, se não tivesse visto os olhos dele igualmente voltados para o sr. Darcy, com uma expressão entre alarmada e divertida.

O comportamento dele para com a irmã durante o jantar demonstrou uma admiração por ela que, embora mais reservada do que antes, convenceu Elizabeth de que, se dependesse só dele, a felicidade de Jane e dele próprio logo estaria garantida. Embora não ousasse confiar no resultado de tudo aquilo, ela ainda ficou satisfeita em observar o comportamento dele. Isso deu a ela toda a animação que seu estado de espírito podia admitir, pois não estava de bom humor. O sr. Darcy estava quase tão distante dela quanto a mesa podia separá-los. Estava a um dos lados de sua mãe. Ela sabia quão pouco satisfatória era para ambos tal situação. Não estava perto o bastante para ouvir o que diziam, mas podia ver que raramente falavam um com o outro e como suas maneiras eram frias e formais quando o faziam. A hostilidade da mãe tornava mais dolorosa para Elizabeth a consciência do que deviam a ele; e, em certos

momentos, ela teria dado tudo para ter o privilégio de dizer a ele que nem toda a família ignorava ou desdenhava a sua bondade.

Tinha ela esperança de que o sarau oferecesse alguma oportunidade de aproximá-los; que a visita inteira não se passaria sem permitir que a conversa entre os dois fosse além dos meros cumprimentos cerimoniais que se seguiram à chegada dele. Ansiosa e agitada como estava, o tempo que passou na sala de estar, antes da chegada dos cavalheiros, foi tão desgastante e custou tanto a passar, que quase a fez cometer desaforos. Ela esperava a entrada deles como aquilo de que dependiam todas as suas possibilidades de prazer naquela noite.

— Se ele não vier ter comigo agora — disse ela —, *então* vou desistir dele para sempre.

Os cavalheiros chegaram; e ela achou que ele parecia que viria satisfazer a todas as suas esperanças; mas, desgraçadamente, havia tal concentração de damas ao redor da mesa em que a srta. Bennet preparava o chá e Elizabeth servia o café, que não havia nenhum lugar para se colocar mais uma cadeira. E, quando os cavalheiros se aproximaram, uma das jovens aproximou-se ainda mais dela e disse, num sussurro:

— Estou decidida a não deixar que os homens nos separem. Não queremos nada com eles, não é?

Darcy dirigira-se para outra parte da sala. Ela o seguiu com os olhos, teve inveja de todos com quem ele falou, mal teve paciência para servir o café a ninguém; e ainda tinha raiva de si mesma por ser tão boba!

“Um homem que já recebeu uma recusa! Como pode ser tão tola a ponto de esperar que seu amor renascesse? Existe algum homem que não protestaria contra a fraqueza de fazer uma segunda proposta à mesma mulher? Não há nada que julguem mais indigno!”

Ela, porém, recuperou um pouco de ânimo quando ele mesmo veio trazer a sua xícara de café; e ela aproveitou a oportunidade para lhe dizer:

— Sua irmã ainda está em Pemberley?

— Está, sim; vai ficar por lá até o Natal.

— E sozinha? Todos os amigos partiram?

— A sra. Annesley está com ela. Os outros partiram para Scarborough há três semanas.

Não lhe ocorria mais nada para dizer; mas, se ele tivesse querido conversar com ela, poderia ter sido mais bem-sucedida. Ele permaneceu ao lado dela, porém, por alguns minutos, calado; e por fim, quando a moça tornou a sussurrar algo ao ouvido de Elizabeth, ele se afastou.

Quando o serviço de chá foi retirado e foram montadas as mesas de jogo, todas as damas se levantaram, e Elizabeth teve a esperança de que ele logo fosse ter com ela. Mas todos os seus planos foram frustrados ao vê-lo ser vítima da rapacidade da mãe por jogadores de uíste, e poucos minutos depois sentar-se com os demais jogadores. Estavam presos pelo resto da noite a mesas diferentes, e ela nada mais tinha a esperar, a não ser que os olhos dele se voltassem tantas vezes para o lado da sala em que ela se achava, que isso o fizesse jogar tão mal quanto ela.

A sra. Bennet tinha planos de que os dois cavalheiros de Netherfield ficassem para a ceia; mas infelizmente a carruagem deles foi chamada antes de todas as outras e ela não teve a oportunidade de retê-los.

— Muito bem, meninas — disse ela, assim que ficaram sozinhas —, que acharam do dia de hoje? Creio que tudo se passou extraordinariamente bem. O jantar foi tão bem servido como nunca vi. A carne de caça estava assada no ponto ideal... e todos disseram que nunca haviam visto um pernil tão gordo. A sopa estava mil vezes melhor do que a que tomamos na casa dos Lucas na semana passada; até o sr. Darcy reconheceu que as perdizes estavam magníficas; e imagino que ele tenha pelo menos dois ou três cozinheiros franceses. E, minha querida Jane, nunca vi você tão linda. A sra. Long disse a mesma coisa, pois eu lhe perguntei se não era verdade. E o que mais você acha que ela disse? “Ah! Sra. Bennet, finalmente vamos tê-la em Netherfield.” Foi isso mesmo que ela disse. Considero a sra. Long a melhor criatura que jamais existiu igual... e suas sobrinhas são meninas muito educadinhas, mas nem um pouco bonitas: eu as adoro!

Em suma, a sra. Bennet estava no céu; pelo que vira do comportamento de Bingley para com Jane, estava convencida de que ela finalmente o agarraria; e suas expectativas de um futuro feliz para a família, quando

estava de bom humor, iam tão além dos limites do razoável, que ficou muito desapontada por não vê-lo de novo em sua casa no dia seguinte, para pedi-la em casamento.

— Foi um dia muito agradável — disse a srta. Bennet a Elizabeth. — Os convidados pareciam tão bem selecionados, tão adequados uns aos outros! Espero que venham com bastante frequência.

Elizabeth sorriu.

— Lizzy, não faça isso. Não desconfie de mim. Isso me deixa triste. Garanto-lhe que agora aprendi a apreciar a conversação dele como um jovem simpático e sensato, sem nenhum desejo escondido por trás disso. Estou totalmente satisfeita com o comportamento dele agora, que demonstra nunca ter tido intenção de conquistar o meu coração. O fato é que Deus lhe deu um trato afável e um desejo de agradar mais intenso do que o de qualquer outro homem.

— Você é muito cruel — disse a irmã —; não me deixa sorrir e não para de me provocar.

— Como é difícil às vezes fazer-se acreditar!

— E como outras vezes isso é impossível!

— Mas por que você quer convencer-me de que sinto algo mais do que digo?

— Essa é uma pergunta à qual não sei responder. Todos nós gostamos de instruir, embora só sejamos capazes de ensinar o que não vale a pena saber. Desculpe; e, se você continuar indiferente, não me escolha para ouvir suas confidências.

Capítulo 55

Poucos dias depois dessa visita, o sr. Bingley apareceu de novo, mas sozinho. Seu amigo partira para Londres naquela manhã, mas devia estar de volta em dez dias. Conversou com todos durante mais de uma hora e estava extraordinariamente animado. A sra. Bennet convidou-o para jantar; mas, com muitas expressões de pesar, ele confessou ter outro compromisso.

— A próxima vez que vier — disse ela —, espero ter mais sorte.

Ele ficaria muito honrado em vir a qualquer hora, etc.; e, se fosse convidado, aproveitaria a primeira oportunidade para vir encontrá-los.

— Pode vir amanhã?

Sim, ele não tinha nenhum compromisso para o dia seguinte; e o convite foi aceito com prazer.

Ele chegou tão cedo que nenhuma das damas já estava arrumada. A sra. Bennet entrou correndo no quarto da filha, de penhoar e com os cabelos ainda meio despenteados, gritando:

— Querida Jane, apresse-se e corra lá para baixo. Ele chegou... o sr. Bingley chegou. É isso mesmo. Depressa, depressa. Venha cá imediatamente, Sarah, para ajudar a srta. Bennet a se vestir. Não se preocupe com o penteado da srta. Lizzy.

— Vamos descer assim que pudermos — disse Jane —, mas tenho certeza de que Kitty é a mais arrumada de nós, pois subiu meia hora atrás.

— Ah! Ao diabo com Kitty! Que tem ela a ver com o caso? Venha logo, depressa! Onde está o seu cinto, querida?

Mas, assim que a mãe saiu, não foi possível convencer Jane a descer sem uma de suas irmãs.

À noite, ficou evidente a mesma ansiedade em deixá-los sozinhos. Após o chá, o sr. Bennet retirou-se para a biblioteca, como de costume, e Mary subiu para estudar piano. Assim removidos dois dos cinco obstáculos, a sra. Bennet permaneceu olhando e piscando para Elizabeth e Catherine durante longo tempo, sem causar nenhuma impressão nelas. Elizabeth não estava olhando para ela; e, quando por fim Kitty reparou, disse muito inocentemente:

— Qual é o problema, mamãe? Por que está piscando para mim? Que quer que eu faça?

— Nada, minha filha, nada. Eu não pisquei para você.

Ela então permaneceu sentada por mais cinco minutos; mas, incapaz de aproveitar uma ocasião tão preciosa, levantou-se de repente, e dizendo a Kitty “venha cá, meu amor, quero falar com você”, levou-a para fora da sala. Jane imediatamente olhou para Elizabeth, demonstrando aflição diante daquela artimanha e como que pedindo que *ela* não participasse daquilo. Em alguns minutos, a sra. Bennet entreabriu a porta e a chamou:

— Lizzy, querida, quero falar com você.

Elizabeth foi obrigada a sair.

— Vamos deixá-los sozinhos — disse a mãe, assim que ela chegou ao corredor. — Kitty e eu vamos subir e ficar na salinha.

Elizabeth não tentou argumentar com a mãe, mas permaneceu quieta no corredor, até perder de vista a ela e a Kitty, e então voltou à sala de estar.

Não deram certo os planos da sra. Bennet para aquele dia. Bingley teve todos os encantos, menos o de namorado oficial da filha. Seu desembaraço e bom humor tornaram-no um convidado agradabilíssimo; e ele suportou as inoportunas cerimônias da mãe e ouviu todas as suas tolas observações com uma paciência e um domínio de si mesmo particularmente gratos à filha.

Ele nem precisava de um convite para ficar para a ceia; e antes de partir ficou decidido, graças ao empenho da sra. Bennet e dele próprio, que voltaria na manhã seguinte para caçar com o marido dela.

Depois desse dia, Jane nada mais disse sobre a sua indiferença. As duas irmãs não trocaram uma palavra sequer a respeito de Bingley; mas Elizabeth foi dormir acreditando alegremente que tudo devia resolver-se com rapidez, a menos que o sr. Darcy voltasse antes da data prevista. Na verdade, porém, ela estava razoavelmente convencida de que tudo aquilo devia estar acontecendo com o apoio daquele cavalheiro.

Bingley foi pontual; e ele e o sr. Bennet passaram a manhã juntos, como combinado. O segundo era muito mais agradável do que seu companheiro esperava. Não havia em Bingley nenhuma presunção ou insensatez que pudessem provocar a sua ironia ou fazê-lo calar-se em desaprovação; e era mais comunicativo e menos excêntrico do que em qualquer situação anterior. Bingley, é claro, voltou com ele para jantar; e à noite entrou novamente em ação o estratagema da sra. Bennet para afastar todos das proximidades dele e de sua filha. Elizabeth, que precisava escrever uma carta, foi à copa com esse objetivo logo após o chá; pois, como todos os demais iriam jogar cartas, não queria ser a pessoa que frustrasse os planos da mãe.

Mas ao voltar à salinha, depois de terminar a carta, ela viu com infinita surpresa que havia razões para temer que a mãe tivesse sido engenhosa demais até mesmo para ela. Ao abrir a porta, viu a irmã e Bingley em pé diante da lareira, como que absortos em animada conversação; e, se isso não bastasse para despertar suspeitas, os rostos dos dois quando apressadamente viraram as costas e se separaram um do outro não deixariam nenhuma dúvida. A situação de ambos era bastante constrangedora, mas a dela lhe parecia ainda pior. Nenhum dos dois pronunciou uma sílaba sequer; e Elizabeth estava a ponto de partir novamente, quando Bingley, como Jane se havia sentado, ergueu-se de repente e, depois de sussurrar algumas palavras à irmã, saiu apressado da sala.

Jane não podia ter segredos com Elizabeth, quando a confiança era motivo de prazer; e, abraçando-a imediatamente, confessou, com a mais viva comoção, ser a criatura mais feliz do mundo.

— Isso é demais! — acrescentou ela. — Demais mesmo! Eu não mereço isso. Ah! Por que nem todos são tão felizes assim?

Os parabéns de Elizabeth foram dados com uma sinceridade, um calor, uma alegria que as palavras não podem exprimir adequadamente. Cada palavra gentil era uma nova fonte de felicidade para Jane. Ela, porém, não podia no momento permitir-se ficar com a irmã ou dizer metade do que ficara por dizer.

— Devo ir agora mesmo falar com a mamãe — exclamou ela. — Por nada neste mundo eu zombaria de sua carinhosa solicitude ou permitiria que ela recebesse a notícia de alguma outra pessoa. Ele já foi falar com o papai. Ah! Lizzy, saber que o que tenho para contar dará tanto prazer a toda a família! Será que aguento tanta felicidade?

Ela, então, saiu, correndo em busca da mãe, que fizera questão de interromper o jogo e estava no andar de cima com Kitty.

Elizabeth, que fora deixada sozinha, agora sorria da rapidez e da facilidade com que finalmente se resolvera o caso que lhes causara nos meses anteriores tanta expectativa e frustração.

— E este — disse ela — é o fim de toda aquela nervosa circunspecção do seu amigo! De todos os artifícios hipócritas da irmã! O fim mais feliz, mais sábio e mais razoável!

Poucos minutos depois, encontrou-se com ela Bingley, cuja conversa com o pai fora breve e objetiva.

— Onde está sua irmã? — disse ele afobado, ao abrir a porta.

— Lá em cima com a mamãe. Tenho certeza de que logo ela vai descer.

Ele então fechou a porta e, vindo até ela, pediu-lhe as felicitações e o carinho de uma nova cunhada. Elizabeth exprimiu-lhe sincera e calorosamente a sua alegria pela perspectiva do futuro parentesco. Deram as mãos com grande cordialidade; e então, até que a irmã descesse, ela teve de ouvir tudo o que ele tinha a lhe dizer sobre a sua própria felicidade e as perfeições de Jane; e, apesar de ele estar apaixonado, Elizabeth realmente acreditava que todas as suas expectativas de felicidade tinham um fundamento racional, pois se baseavam na excelente inteligência e no mais

do que excelente caráter de Jane e numa afinidade geral de sentimentos e gostos entre ela e ele.

Foi para todos uma noite de extraordinária alegria; a satisfação de espírito da srta. Bennet provocou um resplendor de suave animação em seu rosto, que a fez parecer mais linda do que nunca. Kitty sorria, na esperança de que logo chegaria a sua vez. A sra. Bennet não podia dar seu consentimento nem falar ou exprimir sua aprovação em termos calorosos o bastante para corresponder a seus sentimentos, embora só falasse sobre isso com Bingley durante mais de meia hora; e, quando o sr. Bennet se juntou a eles para a ceia, sua voz e seus gestos mostravam claramente quão feliz ele estava.

Não disse palavra, porém, sobre tudo aquilo, até que o visitante se despedisse tarde da noite; mas, assim que ele saiu, voltou-se para a filha e disse:

— Jane, meus parabéns. Você será uma mulher muito feliz.

Jane foi correndo até ele, deu-lhe um beijo e lhe agradeceu pela bondade.

— Você é uma boa menina — tornou ele —, e vejo com muito prazer que terá um casamento muito feliz. Não tenho a menor dúvida de que vocês vão dar-se muito bem um com o outro. Seus temperamentos são parecidos. Ambos são tão conciliadores, que nunca resolverão nada; tão pacíficos, que todos os criados vão enganá-los; e tão generosos, que gastarão sempre mais do que ganharem.

— Espero que não. A imprudência ou irreflexão em matéria de dinheiro seriam imperdoáveis em *mim*.

— Gostar mais do que ganharem! Querido sr. Bennet — exclamou sua esposa —, de que está falando? Ora, ele tem quatro ou cinco mil libras por ano, muito provavelmente até mais.

E então, dirigindo-se à filha:

— Ah! Minha querida Jane, estou tão feliz! Tenho certeza de que não vou conseguir pregar os olhos esta noite. Mas eu sabia. Eu sempre disse que tinha de ser assim, finalmente. Tinha certeza de que você não podia ser tão linda para nada! Lembro que assim que o vi, quando ele veio pela primeira

vez a Hertfordshire no ano passado, logo percebi que era provável que vocês ficassem juntos. Ah! Ele é o homem mais lindo que eu já vi!

Wickham e Lydia foram completamente esquecidos. Jane era de longe a filha predileta. Naquele momento, ela não se importava com nenhuma outra. As irmãs mais moças logo começaram a pedir os favores que no futuro Jane poderia fazer-lhes.

Mary pediu autorização para utilizar a biblioteca de Netherfield; e Kitty insistiu em que fossem dados bailes lá durante o inverno.

Bingley, é claro, passou a fazer visitas diárias a Longbourn, chegando muitas vezes antes do desjejum e permanecendo sempre até depois da ceia, a menos que algum vizinho bárbaro, absolutamente odioso, lhe tivesse feito um convite para jantar que ele julgasse obrigatório aceitar.

Elizabeth agora só dispunha de pouco tempo para conversar com a irmã, pois, enquanto ele estava lá, Jane não dava atenção a mais ninguém; mas se mostrou muito útil aos dois naquelas horas de separação que às vezes têm de acontecer. Na ausência de Jane, Bingley sempre procurava Elizabeth, pelo prazer de falar sobre ela; e, quando ele partia, Jane sempre buscava a mesma consolação.

— Ele me fez tão feliz — disse ela, uma tarde — ao me dizer que não sabia que eu estava em Londres na primavera passada! Eu não acreditava que fosse possível.

— Eu suspeitava disso — tornou Elizabeth. — Mas que explicação ele deu?

— Deve ter sido coisa das irmãs. Certamente elas não morriam de amores pelo meu relacionamento com ele, algo que não me surpreende, pois ele poderia ter escolhido alguma relação muito mais vantajosa em todos os aspectos. Mas, quando virem, como tenho certeza verão, que o irmão está feliz comigo, ficarão contentes e voltaremos a nos relacionar bem; mas nunca mais poderemos ser o que éramos umas com as outras.

— Essas são as palavras mais severas — disse Elizabeth — que já ouvi de você. Boa menina! Eu ficaria muito aborrecida de ver você ser enganada de novo pelas atenções fingidas da srta. Bingley.

— Você acreditaria, Lizzy, que quando fui para Londres em novembro ele realmente me amava, e só mesmo a certeza de que *eu* lhe era indiferente o impediu de voltar?

— Ele sem dúvida cometeu um pequeno engano; mas isso mostra que é um homem modesto.

Isso naturalmente inspirou um panegírico de Jane acerca da timidez de Bingley e da pouca conta em que tinha suas próprias boas qualidades. Elizabeth estava contente em descobrir que ele não havia revelado a intromissão do amigo; pois, embora Jane tivesse o coração mais generoso e clemente do mundo, ela sabia que aquela era uma circunstância que poderia preveni-la contra ele.

— Sou com certeza a criatura mais feliz que já existiu! — exclamou Jane. — Ah! Lizzy, por que fui escolhida dentre a família para ser a mais abençoada! Se pelo menos eu visse *você* tão feliz quanto eu! Se *existisse* outro homem como ele para você!

— Mesmo que você me desse quarenta homens como ele, eu jamais seria tão feliz como você. Até que eu tenha o seu temperamento e a sua bondade, jamais poderei ter a sua felicidade. Não, não, deixe-me tratar sozinha da minha vida; e, quem sabe, se tiver muito boa sorte, poderei encontrar a tempo outro sr. Collins.

Os acontecimentos ocorridos na casa de Longbourn já não podiam permanecer em segredo. A sra. Bennet teve o privilégio de sussurrar a história para a sra. Phillips, que passou então, sem nenhuma permissão, a fazer o mesmo com todas as vizinhas de Meryton.

Logo os Bennet passaram a ser considerados a mais afortunada família do mundo, embora poucas semanas antes, quando Lydia fugira, todos os julgassem marcados pela desgraça.

Capítulo 56

Certa manhã, cerca de uma semana depois do noivado de Bingley e Jane, enquanto ele e as mulheres da família estavam sentados na sala de jantar, a atenção de todos de repente se dirigiu para a janela, atraída pelo ruído de uma carruagem; e viram uma *chaise* de quatro cavalos que atravessava o gramado diante da casa. Era cedo demais para visitas, e além disso a equipagem não correspondia à de ninguém das vizinhanças. Os cavalos eram de posta; e nem a carruagem nem a libré do criado que a precedia lhes eram familiares. Como não havia dúvida, porém, de que alguém estava chegando, Bingley imediatamente convenceu a srta. Bennet a evitar a reclusão imposta por tais intrusos e ir com ele até o bosquinho. Os dois partiram, deixando as outras três com suas conjeturas, sem muito resultado, até que a porta se escancarou e a visitante entrou. Era *Lady Catherine de Bourgh*.

Todas estavam, é claro, preparadas para uma surpresa; mas o espanto que sentiram foi maior do que esperavam; e da parte da sra. Bennet e de Kitty, embora ela lhes fosse completamente desconhecida, inferior ao que Elizabeth sentiu.

Ela entrou na sala com um ar ainda mais antipático do que de costume, não respondeu ao cumprimento de Elizabeth senão com uma ligeira inclinação da cabeça e se sentou sem dizer palavra. Elizabeth mencionara o nome dela para a mãe quando Sua Senhoria entrou, embora não tivesse havido nenhum pedido de apresentação.

A sra. Bennet, espantadíssima, embora lisonjeada por receber a visita de alguém de tanta importância, recebeu-a com a maior cortesia. Depois de permanecer em silêncio por um momento, *Lady Catherine* disse muito friamente a Elizabeth:

— Espero que esteja bem, srta. Bennet. Imagino que esta dama seja a sua mãe.

Elizabeth respondeu muito concisamente que sim.

— E *aquela* imagino que seja uma de suas irmãs.

— Sim, senhora — disse a sra. Bennet, felicíssima por falar com *Lady Catherine*. — Ela é a minha segunda filha mais moça. A caçula casou-se há pouco, e a mais velha está pelo jardim, passeando com um rapaz que, segundo creio, logo fará parte da família.

— Vocês têm um jardim muito pequeno aqui — tornou *Lady Catherine* depois de um breve silêncio.

— Não é nada em comparação com Rosings, minha senhora, não há dúvida; mas garanto a Vossa Senhoria que é muito maior do que o de *Sir William Lucas*.

— Esta deve ser uma sala de estar muito desagradável nas noites de verão; as janelas dão para o oeste.

A sra. Bennet garantiu-lhe que jamais permaneciam ali depois do jantar e então acrescentou:

— Posso tomar a liberdade de perguntar a Vossa Senhoria se o sr. e a sra. Collins estão bem?

— Sim, muito bem. Eu os vi duas noites atrás.

Elizabeth esperava agora que ela fosse entregar-lhe uma carta da parte de Charlotte, pois aquele parecia ser o único motivo provável para a sua visita. Mas não apareceu nenhuma carta, e ela não soube mais o que pensar.

A sra. Bennet, com a máxima educação, ofereceu a Sua Senhoria um refresco; mas *Lady Catherine* recusou, com muita decisão mas pouca gentileza; e em seguida, levantando-se, disse a Elizabeth:

— Srta. Bennet, creio ter visto um bonito cantinho do parque, de aspecto um tanto selvagem. Gostaria de dar uma volta por ali, se a senhorita me fizer companhia.

— Vá, querida — exclamou a mãe —, e mostre a Sua Senhoria os diversos passeios. Acho que ela vai gostar da ermida.

Elizabeth obedeceu e, depois de ir correndo até o quarto para buscar a sombrinha, acompanhou no andar de baixo a sua nobre visitante. Quando passaram pelo saguão, *Lady Catherine* abriu as portas da sala de jantar e da sala de estar e, depois de uma rápida inspeção, sentenciando que eram cômodos decentes, seguiu em frente.

A carruagem permanecia estacionada à porta, e Elizabeth viu que a dama de companhia estava nela. Caminharam em silêncio pela vereda de cascalho que levava ao bosque; Elizabeth estava decidida a se esforçar para conversar com aquela mulher agora mais do que nunca insolente e desagradável.

“Como é que pude achar que ela se parecesse com o sobrinho?”, disse ela com seus botões, ao olhar o seu rosto.

Assim que entraram no pequeno bosque, *Lady Catherine* começou a falar nos seguintes termos:

— Tenho certeza de que sabe muito bem, srta. Bennet, a razão desta minha jornada até aqui. O seu coração, a sua consciência devem ter-lhe dito por que eu vim.

Elizabeth pareceu sinceramente surpresa.

— Vossa Senhoria está enganada. Não consigo explicar a razão da honra de tê-la conosco aqui.

— Srta. Bennet — replicou Sua Senhoria, em tom de zanga —, deve saber que não sou de brincadeiras. Mas por mais insincera que *a senhorita* tenha escolhido ser, não vai ver-me imitá-la. Meu caráter sempre foi prezado pela sinceridade e franqueza, e não pretendo mudar num momento de tal importância. Ouvi dois dias atrás um boato da mais alarmante natureza. Disseram-me que não só a sua irmã estava a ponto de fazer um casamento muito vantajoso, mas também que a srta. Elizabeth Bennet iria, muito provavelmente, casar-se em breve com meu sobrinho, meu próprio sobrinho, o sr. Darcy. Embora eu *saiba* que essa deve ser uma escandalosa mentira, embora eu não queira injuriá-lo a ponto de supor que isso seja

possível, decidi vir sem mais demora até aqui, para poder exprimir-lhe os meus sentimentos.

— Se Vossa Senhoria acha que é impossível que seja verdade — disse Elizabeth, corando de espanto e de desprezo —, não sei por que se deu ao trabalho de vir de tão longe. Que pretende Vossa Senhoria com isso?

— Insisto em que tal história seja imediatamente desmentida do modo mais peremptório.

— Sua vinda a Longbourn, para ver a mim e à minha família — disse Elizabeth com frieza —, será tida antes como uma confirmação do tal boato; naturalmente, se é que ele tenha realmente corrido.

— Se! Com que então finge que não sabe de nada? Não foi a senhorita que, espertamente, pôs o boato em circulação? Não sabe que ele se espalhou por toda parte?

— Nunca ouvi nada a esse respeito.

— E pode também dizer que ele não tem nenhum fundamento?

— Não pretendo ter a mesma franqueza que Vossa Senhoria. Vossa Senhoria talvez faça perguntas que eu prefira não responder.

— Isso é inadmissível. Srta. Bennet, insisto em que me responda. Ele, o meu sobrinho, lhe fez uma proposta de casamento?

— Vossa Senhoria já declarou que isso é impossível.

— Deveria ser; deve ser, se é que ele ainda goza de suas faculdades mentais. Mas as suas artimanhas e seduções podem, num momento de deslumbramento, tê-lo feito esquecer o que deve a si mesmo e a toda a família. A senhorita pode tê-lo seduzido.

— Se o tivesse, seria a última pessoa a confessá-lo.

— Srta. Bennet, sabe com quem está falando? Não estou acostumada com esse tipo de linguagem. Sou quase a parenta mais próxima que ele tem no mundo, e tenho o direito de saber tudo sobre os seus problemas mais íntimos.

— Mas não tem o direito de saber os meus; nem um comportamento desses nunca me levará a falar.

— Quero ser bem clara. Essa união, a que a senhorita tem a presunção de aspirar, não poderá acontecer nunca. Não, nunca. O sr. Darcy é o noivo

de minha filha. E agora, que tem a me dizer?

— Só isto: que, se assim é, Vossa Senhoria não tem motivos para imaginar que ele me haja pedido em casamento.

Lady Catherine hesitou por um momento e então replicou:

— O compromisso entre eles é de um tipo especial. Desde a infância eles foram destinados um para o outro. Este era o maior desejo da mãe *dele*, como da mãe dela. Quando ainda de berço, planejamos a união: e agora, quando os desejos das duas irmãs iriam realizar-se com o casamento, vê-los destruídos por uma mocinha de nascimento inferior, sem nenhuma importância no mundo e completamente estranha à família! Você não tem nenhuma consideração pelos sonhos dos entes queridos dele? Pelo seu tácito compromisso com a srta. de Bourgh? Perdeu todo sentimento de decoro e delicadeza? Não me ouviu dizer que desde o nascimento ele estava destinado à prima?

— Sim, e já sabia disso. Mas que importância isso pode ter para mim? Se não houver obstáculos ao meu casamento com seu sobrinho, certamente não desistirei dele porque sua mãe e sua tia queriam que ele casasse com a srta. de Bourgh. As duas fizeram o máximo que puderam ao planejar o casamento. Mas torná-lo realidade dependia de outros. Se o sr. Darcy não está preso nem pela honra nem pelos sentimentos à prima, por que não deveria escolher outra pessoa? E, se sou essa pessoa, por que não posso aceitá-lo?

— Porque a honra, o decoro, a prudência e até o interesse o proíbem. Isso mesmo, srta. Bennet, o interesse; pois não espere que a família ou os amigos dele a vejam com bons olhos se contrariar propositadamente a vontade de todos. Será criticada, humilhada e desprezada por todos os conhecidos dele. Sua união será uma desgraça; seu nome nunca mais será pronunciado por nenhum de nós.

— São grandes desgraças — replicou *Elizabeth*. — Mas a esposa do sr. Darcy disporá de fontes de alegria tão extraordinárias, ligadas necessariamente à sua condição, que não deve ter, afinal de contas, motivos para se queixar.

— Menina teimosa e cabeçuda! Estou envergonhada pela senhorita! É essa a sua gratidão pelas atenções que tive com a senhorita a primavera passada? Não deve nada a mim quanto a isso? Vamos sentar. Tem de entender, srta. Bennet, que vim até aqui com a firme resolução de conseguir o que quero; não vou deixar-me dissuadir. Não estou acostumada a curvar-me ante os caprichos de ninguém. Não tenho o costume de tolerar decepções.

— Isso vai piorar a situação de Vossa Senhoria; mas não me afetará.

— Não quero ser interrompida. Ouça-me em silêncio. Minha filha e meu sobrinho foram feitos um para o outro. Descendem, por parte de mãe, da mesma nobre linhagem; e, por parte de pai, de famílias respeitáveis, honradas e antigas, embora sem títulos de nobreza. De ambos os lados, a fortuna é imensa. Foram destinados um ao outro pelo desejo de cada um dos membros de suas respectivas casas; e o que vai separá-los? As pretensões improvisadas de uma jovem sem família, sem ligações, sem dinheiro. É intolerável! Mas isso não deve acontecer, não vai acontecer. Se você soubesse o que é bom para si mesma, não iria querer abandonar o ambiente em que foi criada.

— Ao casar com seu sobrinho, não julgaria estar abandonando esse ambiente. Ele é um cavalheiro; sou filha de um cavalheiro; nisto estamos empatados.

— É verdade. A senhorita é filha de um cavalheiro. Mas quem era a sua mãe? Quem são seus tios e tias? Não pense que desconheço a condição deles.

— Sejam quais forem os meus parentes — disse Elizabeth —, se o seu sobrinho não tiver objeções contra eles, eles não são da *sua* conta.

— Diga-me de uma vez por todas: está noiva dele?

Embora Elizabeth não quisesse, simplesmente para agradar a *Lady Catherine*, responder à pergunta, não podia deixar de dizer, depois de refletir por um instante:

— Não.

Lady Catherine pareceu contente.

— E você vai prometer-me que nunca o será?

— Não vou fazer nenhuma promessa desse tipo.

— Srta. Bennet, estou pasma e escandalizada. Esperava encontrar uma moça mais ajuizada. Mas não se iluda pensando que vou ceder. Não vou embora até que me prometa o que lhe pedi.

— E eu certamente *nunca* vou fazer tal promessa. Nada tão completamente insensato pode intimidar-me. Vossa Senhoria quer que o sr. Darcy case com sua filha; mas será que se eu fizer tal promessa esse casamento vai tornar-se mais provável? Supondo que ele goste de mim, será que se eu recusar a sua mão isso o fará querer oferecê-la à sua filha? Permita-me dizer, *Lady Catherine*, que os argumentos em que baseou esse pedido incomum foram tão frívolos quanto foi insensato o próprio pedido. Vossa Senhoria desconhece amplamente o meu caráter, se pensa que eu vá ceder ante esse tipo de argumento. Não sei até que ponto o seu sobrinho aprova a sua intromissão na vida dele; mas Vossa Senhoria certamente não tem o direito de meter-se nos meus problemas. Devo pedir-lhe, portanto, que não me importune mais com esse assunto.

— Calma lá, por favor. Ainda não acabei. A todas as objeções que apresentei, tenho de acrescentar mais outra. Não ignoro os detalhes da nefasta fuga de sua irmã mais moça. Sei tudo a respeito dela; que o rapaz só se casou graças a um acerto com seu pai e seus tios. E será que uma menina dessas pode ser cunhada do meu sobrinho? Será que o marido dela, o filho do intendente do falecido pai dele, pode ser seu cunhado? Deus do céu! O que está pensando? Será que as sombras de Pemberley devem ser assim profanadas?

— Vossa Senhoria não deve ter mais nada a dizer — disse ela, ofendida.

— Vossa Senhoria ofendeu-me de todas as maneiras possíveis. Devo pedir que voltemos para casa.

E se ergueu enquanto falava. *Lady Catherine* também se ergueu, e voltaram. Sua Senhoria estava furiosa.

— A senhorita não tem consideração pela honra e pelo bom nome do meu sobrinho! Menina insensível e egoísta! Não vê que uma aliança com a senhorita vai desgraçá-lo aos olhos de todos?

— *Lady Catherine*, nada mais tenho a dizer. Vossa Senhoria conhece os meus sentimentos.

— Está então decidida a casar-se com ele?

— Não disse isso. Só estou decidida a agir da maneira que mais me pareça convir à minha felicidade, sem ter de prestar contas a *Vossa Senhoria*, ou a qualquer pessoa que também tenha tão pouco a ver comigo.

— Muito bem. A senhorita se recusa a fazer o que lhe peço. Recusa-se a obedecer às exigências do dever, da honra e da gratidão. Está decidida a arruinar o sr. Darcy aos olhos de todos os amigos e a fazer dele a risada do mundo.

— Nem o dever, nem a honra nem a gratidão — replicou Elizabeth — têm qualquer direito sobre mim, no presente caso. Nenhum princípio de nenhuma dessas coisas seria violado pelo meu casamento com o sr. Darcy. E, com relação à mágoa da família dele ou à indignação do mundo, se a primeira *fosse* mesmo provocada pelo fato de ele casar-se comigo, isso não me preocuparia nem por um momento, e o mundo em geral teria juízo o bastante para não se unir a esse desprezo.

— E essa é a sua verdadeira opinião! Essa é a sua decisão final! Muito bem. Agora já sei o que fazer. Não vá imaginar, srta. Bennet, que a sua ambição será recompensada. Vim para pô-la à prova. Esperava que fosse razoável; mas pode ter certeza de que vou conseguir o que quero.

Lady Catherine continuou a falar nesse tom até chegarem à porta da carruagem, quando, voltando-se bruscamente, acrescentou:

— Não vou despedir-me, srta. Bennet. Não mando saudações à sua mãe. Vocês não merecem tal consideração. Estou profundamente descontente.

Elizabeth não respondeu; e, sem tentar convencer Sua Senhoria a entrar na casa, caminhou tranquilamente até ela. Ouviu a carruagem partindo enquanto subia as escadas. Sua mãe, impaciente, foi ter com ela à porta do vestíbulo, para lhe perguntar por que *Lady Catherine* não havia retornado e descansado um pouco.

— Não foi o que ela quis — disse a filha. — Preferiu ir embora.

— É uma mulher belíssima! E sua visita foi infinitamente gentil! Pois acho que veio apenas para nos dizer que os Collins vão bem. Devia estar a

caminho de algum lugar e, ao passar por Meryton, achou que podia visitar você também. Imagino que ela não tinha nada de especial para lhe falar, não é, Lizzy?

Elizabeth foi obrigada a contar uma mentira; pois era impossível confessar o tema da conversa.

Capítulo 57

A confusão mental provocada em Elizabeth por aquela visita extraordinária não foi fácil de superar; por muitas horas ela não conseguiu parar de pensar naquilo. Estava claro que *Lady Catherine* se dera ao trabalho daquela viagem com o único propósito de romper o suposto noivado dela com o sr. Darcy. Era um plano racional, com certeza! Mas Elizabeth não conseguia imaginar qual seria a origem do boato sobre o noivado, até lembrar que, sendo *ele* um amigo íntimo de Bingley e sendo *ela* a irmã de Jane, isso já era suficiente para sugerir a ideia, num momento em que a expectativa de um casamento tornava todos impacientes pelo outro. E não lhe havia escapado que o casamento da irmã devia reuni-los com mais frequência. E seus vizinhos de Lucas Lodge, portanto (pois concluiu que foi pela correspondência deles com os Collins que o boato chegara até *Lady Catherine*), haviam dado como quase certo e imediato o que *ela* considerava simplesmente possível em algum ponto do futuro.

Ao refletir sobre as palavras de *Lady Catherine*, porém, não pôde deixar de sentir-se um pouco preocupada com as possíveis consequências da persistência daquela intromissão. Pelo que ela dissera da decisão de impedir aquele casamento, ocorreu a Elizabeth que ela deveria ter planos de interpelar o sobrinho; e, como *ele* tomaria uma tal representação dos males ligados a uma união com ela, não ousava dizer. Não conhecia o grau exato de seu afeto pela tia ou de sua confiança no julgamento dela, mas era natural supor que tinha Sua Senhoria em muito mais alta conta do que *ela*; e era certo que, ao enumerar as misérias de um casamento com *alguém* cujos

parentes imediatos estavam tão abaixo dos dele, sua tia o atingiria no ponto fraco. Com suas ideias sobre a dignidade, ele provavelmente iria sentir que os argumentos que para Elizabeth pareceram fracos e ridículos continham muito bom-senso e sólidas razões.

Se já antes ele hesitava sobre o que fazer, como muitas vezes parecia provável, os conselhos e o pedido de uma parenta tão próxima talvez acabassem com todas as dúvidas e imediatamente o decidissem a ser tão feliz quanto uma impoluta dignidade o poderia fazer. Nesse caso, ele não mais voltaria. *Lady Catherine* poderia encontrá-lo a caminho de Londres; e os compromissos dele com Bingley de voltar a *Netherfield* seriam desfeitos.

“Se, então, nos próximos dias enviar desculpas ao amigo por não cumprir a promessa”, acrescentou ela, “eu vou compreender. Vou então renunciar a toda esperança, a todo desejo de sua constância. Se ele se satisfizer somente com ter saudade de mim, quando poderia ter o meu amor e a minha mão, logo deixarei completamente de sentir saudade dele”.

* * *

Foi muito grande a surpresa do resto da família, ao ouvir que a visitante havia partido; mas gentilmente se contentaram com o mesmo tipo de suposição que apaziguara a curiosidade da sra. Bennet; e Elizabeth foi poupada de muitos aborrecimentos com o assunto.

Na manhã seguinte, quando descia as escadas, deu com o pai, que saía da biblioteca com uma carta nas mãos.

— Lizzy — disse ele —, eu estava à sua procura; entre no meu quarto.

Ela o acompanhou até lá; e sua curiosidade em saber o que ele tinha a lhe dizer era avivada pela ideia de que aquilo devia estar de algum modo ligado à carta que tinha na mão. De repente lhe ocorreu que a carta podia ser de *Lady Catherine*; e ela previu desanimada todas as explicações que viriam.

Ela acompanhou o pai até a lareira e ambos se sentaram. Ele, então, disse:

— Recebi esta manhã uma carta que muitíssimo me admirou. Como se refere sobretudo a você, você deve conhecer o seu conteúdo. Eu não sabia

até agora que tinha duas filhas prestes a se casar. Quero felicitá-la por uma conquista tão importante.

O rosto de Elizabeth imediatamente ganhou nova cor, na convicção de que a carta era do sobrinho, e não da tia; e não sabia se estava mais contente por ter ele se explicado com o pai ou ofendida por não ter antes escrito para ela; o pai prosseguiu:

— Você parece estar ciente. As jovens têm grande conhecimento em assuntos como este; mas acho que posso desafiar até mesmo a *sua* sagacidade, para descobrir o nome do seu admirador. Esta carta é do sr. Collins.

— Do sr. Collins! E o que *ele* tem a dizer?

— Algo muito a propósito, é claro. Ele começa felicitando-me pelas núpcias de minha filha mais velha, as quais, ao que parece, chegaram ao seu conhecimento por intermédio das boas e fofoqueiras Lucas. Não quero pôr à prova a sua paciência, lendo o que ele diz a esse respeito. O que tem a ver com você é o seguinte: “Tendo assim oferecido os sinceros parabéns da parte da sra. Collins e de mim mesmo pelo feliz acontecimento, permita-me agora acrescentar uma breve menção a respeito de outro evento, sobre o qual fomos informados pela mesma fonte. Presume-se que a sua filha Elizabeth não mais vá ostentar o nome de Bennet, depois de sua filha mais velha ter renunciado a ele, pois o companheiro que ela escolheu para toda a vida pode ser razoavelmente tido como um dos mais ilustres personagens destas terras”.

— Você poderia dizer-me, Lizzy, o que ele quis dizer com isto? “Este jovem cavalheiro foi abençoado, de modo especial, com todos os dons que o coração de um mortal pode almejar: esplêndidas propriedades, nobre estirpe e amplo padroado. Apesar de todas essas tentações, permita-me alertar a minha prima Elizabeth e você mesmo sobre os males que podem afligi-los se aceitarem precipitadamente as propostas desse cavalheiro, das quais, é claro, estarão propensos a aproveitar-se sem mais demora.”

— Você tem ideia, Lizzy, de quem seja esse cavalheiro? Mas aqui vai: “Meus motivos para alertá-los são os seguintes: temos razões para imaginar

que a tia dele, *Lady Catherine de Bourgh*, não vê essa aliança com bons olhos”.

— *O sr. Darcy*, como você pode ver, é o homem! Agora, *Lizzy*, acredito ter surpreendido você. Será que ele ou as *Lucas* não podiam ter escolhido algum outro homem dentre os conhecidos, cujo nome pudesse dar mais credibilidade à mentira do que o citado? O sr. *Darcy*, que nunca olha para nenhuma mulher, a não ser para descobrir defeitos, e que provavelmente nunca sequer olhou para você na vida! É admirável!

Elizabeth tentou rir da brincadeira do pai, mas só conseguiu esboçar um sorriso muito relutante. Nunca a ironia de seu pai lhe fora dirigida de maneira mais desagradável para ela.

— Não acha graça?

— Ah! Claro. Por favor, continue lendo.

— “Depois que mencionei a probabilidade de tal casamento a Sua Senhoria a noite passada, ela de imediato, com a condescendência de costume, exprimiu o que sentia no momento; ficou então claro que, em razão de algumas objeções de família relativas à minha prima, ela jamais daria seu consentimento ao que chamou de aliança desastrosa. Julguei ser meu dever dar com a máxima urgência esta informação à minha prima, para que ela e seu nobre admirador fiquem cientes do que os espera e não se precipitem em celebrar um casamento que não foi convenientemente sancionado.” O sr. *Collins* também acrescenta o seguinte: “Estou sinceramente feliz por ter o triste caso da minha prima *Lydia* sido resolvido tão bem, e minha única preocupação é que o fato de terem coabitado antes do matrimônio seja de conhecimento geral. Não devo, todavia, negligenciar os deveres que meu estado me impõe ou deixar de declarar o meu pasmo ao ouvir que você recebeu o jovem casal em sua casa tão logo eles se casaram. Isso foi um incentivo ao vício; e, se eu fosse o reitor de *Longbourn*, ter-me-ia energicamente oposto a isso. Você deveria por certo perdoá-los, como cristão, mas nunca admiti-los ou permitir que seus nomes fossem pronunciados em sua presença”. Essa é a ideia que ele tem do perdão cristão! O resto da carta trata apenas da situação da sua querida *Charlotte* e de suas expectativas de um jovem herdeiro. Mas, *Lizzy*, você parece não

ter-se divertido com o que ouviu. Espero que não vá comportar-se como uma mocinha *afetada* e finja estar ofendida com um boato de quem não tem o que fazer. Pois de que serve a vida, senão para sermos enganados pelos vizinhos e depois rirmos deles por nossa vez?

— Ah! — exclamou Elizabeth. — Diverti-me até demais. Mas é tão estranho!

— É verdade... mas é *isso* que torna tudo tão divertido. Se tivessem escolhido qualquer outro homem, não seria nada; mas a perfeita indiferença *dele* e a *sua* evidente antipatia por ele fazem do caso um delicioso absurdo! Por mais que odeie escrever, por nada neste mundo abriria mão da correspondência com o sr. Collins. Ao contrário, quando leio as cartas dele, não posso deixar de dar a ele a preferência até mesmo sobre Wickham, por mais que aprecie a impudência e a hipocrisia do meu genro. E por favor, Lizzy, o que disse *Lady Catherine* sobre esse boato? Será que ela veio aqui para recusar-lhe o seu consentimento?

A essa pergunta sua filha respondeu apenas com uma risada; e, como havia sido feita sem a menor suspeita, ela não se aborreceu por ele a ter repetido. Elizabeth nunca achara mais constrangedor camuflar os próprios sentimentos. Tinha de rir, quando sentia vontade de chorar. Seu pai a humilhara cruelmente com o que dissera sobre a indiferença do sr. Darcy, e ela não podia deixar de se espantar com tamanha falta de discernimento ou deixar de temer que, possivelmente, em vez de ele ter visto de menos, ela estivesse fantasiando demais.

Capítulo 58

Em vez de receber do amigo a tal carta de desculpas, como Elizabeth em parte esperava, o sr. Bingley trouxe Darcy a Longbourn poucos dias depois da visita de *Lady Catherine*. Chegaram cedo; e, antes que a sra. Bennet tivesse tempo de lhe dizer que haviam visto a tia, como sua filha havia por um momento temido, Bingley, que queria estar a sós com Jane, propôs que todos saíssem para passear. A proposta foi aceita. A sra. Bennet não tinha o hábito de caminhar; Mary não tinha tempo para isso; mas os cinco restantes partiram juntos. Bingley e Jane, porém, logo deixaram que os outros se distanciassem. Ficaram para trás, enquanto Elizabeth, Kitty e Darcy se entretinham uns com os outros. Muito pouco foi dito por qualquer um deles; Kitty tinha medo demais dele para falar; Elizabeth estava em segredo amadurecendo uma decisão desesperada; e talvez ele estivesse fazendo o mesmo.

Caminharam até a casa dos Lucas, pois Kitty queria visitar Maria; e, como Elizabeth não considerou oportuno que todos participassem daquilo, quando Kitty os deixou ela prosseguiu corajosamente só com Darcy. Chegara a hora de executar a decisão que tomara e, enquanto sua coragem estava alta, disse imediatamente:

— Sr. Darcy, sou uma criatura muito egoísta; e, para desabafar meus sentimentos, não me importo muito em ferir os seus. Não posso mais deixar de lhe agradecer pela extraordinária generosidade com a minha pobre irmã. Desde que soube do acontecido, tenho estado ansiosa por lhe exprimir quão

agradecida eu me sinto por tudo. Se o resto da família soubesse, eu não estaria exprimindo apenas a minha gratidão.

— Lamento, lamento muitíssimo — replicou Darcy, em tom de surpresa e comoção — que a senhorita tenha sido informada do que poderia, sob uma luz enganosa, incomodá-la. Não achava que a sra. Gardiner merecesse tão pouca confiança.

— Não culpe a titia. O que me revelou que o senhor estava envolvido no caso foi a irreflexão de Lydia; e, é claro, não pude descansar até conhecer os pormenores. Quero agradecer-lhe mil vezes, em nome de toda a família, pela generosa compaixão que o levou a enfrentar tantos problemas e a suportar tantas vexações para poder descobrir onde eles estavam.

— Se quer agradecer-me — replicou ele —, faça-o só em seu próprio nome. Não nego que o desejo de fazê-la feliz deu mais força às outras considerações que me levaram a agir. Mas a sua *família* nada me deve. Por mais que os respeite, creio só ter pensado na *senhorita*.

Elizabeth estava constrangida demais para dizer qualquer coisa. Após uma breve pausa, seu companheiro acrescentou:

— A senhorita é generosa demais para zombar de mim. Se os seus sentimentos forem os mesmos de abril passado, diga-me logo. Os *meus* sentimentos e desejos não mudaram, mas diga-me uma palavra e eu os silenciarei para sempre.

Elizabeth, que sentia algo a mais do que um constrangimento e uma ansiedade comuns pela situação dele, esforçou-se por dizer alguma coisa; e de imediato, embora não com desenvoltura, deu a entender que os seus sentimentos haviam sofrido uma mudança tão considerável desde a época a que ele se referiu, que agora recebia com gratidão e prazer as suas declarações. A felicidade que tal resposta provocou foi tal como provavelmente ele nunca sentira antes; e ele se exprimiu com todo o sentimento e toda a emoção de um homem profundamente apaixonado. Se Elizabeth tivesse podido encontrar o olhar dele, teria visto como lhe caía bem a expressão de íntima alegria que tomou conta de seu rosto; mas, embora não pudesse olhar, podia ouvir, e ele lhe falou de sentimentos que,

ao provar como ela era importante para ele, tornavam seu amor cada vez mais precioso.

Eles prosseguiram na caminhada, sem saber para onde iam. Havia coisas demais a pensar e sentir e dizer para que pudessem dar atenção a qualquer outra coisa. Ela logo ficou sabendo que deviam o seu atual bom entendimento ao empenho da tia, que o *visitou* em seu retorno a Londres e lhe contou sua viagem a Longbourn, seus motivos e o conteúdo da conversa com Elizabeth, dando ênfase a cada expressão desta que, nos receios de Sua Senhoria, denotasse sua perversidade e arrogância, na crença de que tal relato seria útil a seu objetivo de obter do sobrinho a promessa que Elizabeth lhe recusara. Infelizmente, porém, para Sua Senhoria, o efeito foi exatamente o contrário.

— Aquilo me deu esperanças — disse ele — que antes eu não me permitia ter. Conheço você o bastante para saber que, se tivesse tomado um partido absolutamente irrevogável contra mim, teria dito isso a *Lady Catherine*, aberta e sinceramente.

Elizabeth corou e riu ao responder:

— É verdade, você conhece a minha franqueza e sabe que seria capaz de fazer *isso*. Depois de ter ofendido você tão abominavelmente em pessoa, não teria escrúpulos em ofendê-lo diante dos parentes.

— O que você me disse que eu não merecesse? Pois, embora as suas acusações fossem infundadas, baseadas em premissas errôneas, o meu comportamento para com você na época mereceu a mais severa reprovação. Foi imperdoável. Não consigo pensar naquilo sem me sentir horrorizado.

— Não vamos brigar sobre quem tem mais motivos de se envergonhar pelo que se passou aquela noite — disse Elizabeth. — Se examinados com atenção, o comportamento de nenhum dos dois foi inatacável; mas, desde então, espero que nós dois tenhamos feito progressos em termos de cortesia.

— Não consigo reconciliar-me comigo mesmo tão facilmente. A lembrança do que disse, do meu comportamento, das minhas maneiras, das minhas expressões durante tudo aquilo é hoje, e tem sido há muitos meses, inexprimivelmente dolorosa para mim. Sua reprovação, tão justa, eu jamais esquecerei: “Se se tivesse comportado com maior cavalheirismo...”. Essas

foram as suas palavras. Você não sabe nem pode imaginar como me torturaram, embora tenha passado certo tempo, confesso, até que eu me tornasse razoável o bastante para admitir que eram justas.

— Eu certamente estava longe de imaginar que elas causassem tamanha impressão. Não tinha a menor ideia de que o feririam tão profundamente.

— Entendo perfeitamente. Tenho certeza de que você achava que eu tinha carência de qualquer sentimento decente. Nunca me esquecerei de sua expressão ao me dizer que não me haveria aceitado fosse qual fosse a maneira de lhe pedir a mão.

— Ah! Não repita o que eu disse na época. Essas lembranças não levam a nada. Garanto-lhe que há tempo sinto profunda vergonha de ter dito isso.

Darcy mencionou a carta que escreveu.

— Ela melhorou a sua opinião a meu respeito? — disse ele. — Ao lê-la, você deu algum crédito ao seu conteúdo?

Elizabeth lhe explicou qual havia sido a impressão que a carta lhe causara e como aos poucos todos os preconceitos foram desaparecendo.

— Eu sabia — disse ele — que o que escrevi deveria ser doloroso para você, mas era necessário. Espero que tenha destruído a carta. Havia uma parte dela em especial, o começo, que eu detestaria que você lesse. Eu me lembro de algumas expressões que podem com justiça fazer que você me odeie.

— Com certeza vou queimar aquela carta, se você achar que isso é importante para preservar a minha estima; porém, apesar de ambos termos razões para pensar que as minhas opiniões não sejam completamente inalteráveis, espero que não mudem tão facilmente como isso parece implicar.

— Quando escrevi aquela carta — tornou Darcy —, julgava-me completamente calmo e sereno, mas estou convencido agora de que foi escrita num estado de terrível amargura.

— Talvez o início da carta tenha sido amargo, mas o fim, não. A despedida foi pura bondade. Mas não penso mais naquela carta. Os sentimentos da pessoa que a escreveu e da pessoa que a recebeu são agora tão diferentes do que eram então, que todas as desagradáveis circunstâncias

que a cercaram devem ser esquecidas. Você tem de aprender um pouco da minha filosofia. Só pense no passado quando as lembranças lhe trouxerem prazer.

— Não posso dar crédito a nenhuma filosofia desse tipo. As *suas* recordações devem ser tão completamente isentas de reprovação, que o contentamento por elas proporcionado não vem da filosofia, mas, o que é muito melhor, da inocência. Não é esse, porém, o meu caso. Surgirão recordações que não podem e não devem ser repelidas. Tenho sido egoísta por toda a vida, na prática, embora não por princípio. Quando menino, ensinaram-me o que era certo, mas não a corrigir o meu temperamento. Deram-me bons princípios, mas deixaram que os seguisse no orgulho e na presunção. Sendo infelizmente o único filho varão (durante muito tempo o único filho), fui mimado pelos pais, que, embora fossem bons (meu pai em especial era a benevolência e a gentileza em pessoa), permitiram, encorajaram, quase me ensinaram a ser egoísta e altivo; a não me preocupar com ninguém além do círculo familiar; a pensar mal de todo o resto da humanidade; a pelo menos querer pensar mal da inteligência e do valor dos outros, quando comparados com os meus. Assim fui eu, dos oito aos vinte e oito anos; e assim continuaria a ser, se não fosse você, minha mais do que querida, mais do que amada Elizabeth! O que não devo a você! Você me deu uma lição, dura, é verdade, no começo, mas muito útil. Fui justamente humilhado por você. Procurei você sem a sombra de uma dúvida de que seria aceito. Você me mostrou como eram insuficientes todas as minhas pretensões de agradar a uma mulher digna de ser agradada.

— Você tinha certeza, então, de que eu o aceitaria?

— Absoluta. O que você vai achar da minha vaidade? Eu acreditava que você estava desejando, esperando a minha proposta.

— Minhas maneiras devem ter sido inadequadas, mas não de propósito, garanto a você. Nunca tive intenção de enganá-lo, mas o meu humor talvez me tenha desencaminhado. Como você deve ter-me odiado depois daquela noite!

— Odiar você! No começo talvez eu me tenha zangado, mas logo a zanga começou a tomar o caminho certo.

— Estou com um pouco de medo de lhe perguntar o que você pensou de mim quando nos encontramos em Pemberley. Você pensou mal de mim por ter ido?

— Não, mesmo. A única coisa que senti foi surpresa.

— A sua surpresa não pode ter sido maior do que a *minha* ao ser bem tratada por você. Minha consciência dizia-me que não merecia grandes cortesias, e confesso que não esperava receber *mais* do que me era devido.

— Meu objetivo então — replicou Darcy — era mostrar a você, por toda a gentileza ao meu alcance, que eu não era tão mesquinho a ponto de guardar mágoa do passado; e esperava obter o seu perdão, melhorar a má opinião que você tinha de mim, mostrando-lhe que a sua desaprovação servira para alguma coisa. Não posso dizer com precisão quando comecei a sentir esperanças de outro tipo, mas creio que meia hora depois de ver você.

Falou a ela então do prazer que Georgiana teve em conhecê-la e do seu desapontamento com a brusca separação; e, como naturalmente vieram a falar da causa dessa interrupção, Elizabeth logo soube que a decisão tomada por ele de deixar Derbyshire para secundá-la na busca da irmã fora tomada antes que ele sáísse do albergue, e que sua aparência séria e pensativa tinha como única razão os obstáculos que tal objetivo o fariam enfrentar.

Ela tornou a lhe exprimir sua gratidão, mas aquele era um assunto doloroso demais para que ambos continuassem a abordá-lo.

Depois de caminhar muitas milhas despreocupadamente, e ocupados demais para notá-lo, descobriram por fim, ao consultar o relógio, que já era hora de voltar para casa.

— O que vai ser do sr. Bingley e de Jane? — foi a pergunta que introduziu a discussão sobre o outro casal. Darcy estava encantado com a notícia; ele fora o primeiro a ser informado a respeito pelo amigo.

— Posso saber se você ficou surpreso? — perguntou Elizabeth.

— Nem um pouco. Quando parti, percebi que aquilo não tardaria a acontecer.

— Ou seja, você lhe deu a sua permissão. Bem que adivinhei. — E, embora ele protestasse, ela ficou convencida de que era a pura verdade.

— Na noite de véspera de minha partida para Londres — disse ele —, confessei a ele o que creio devia ter feito havia muito tempo. Eu lhe contei tudo o que acontecera e que tornava a minha antiga intromissão em sua vida absurda e impertinente. Foi grande a sua surpresa. Ele nunca suspeitara de nada. Disse-lhe também que acreditava estar enganado ao imaginar, como o fizera, que a sua irmã fosse indiferente a ele; e, como era fácil perceber que ele continuava profundamente apaixonado, não tive mais dúvida de que seriam felizes juntos.

Elizabeth não podia deixar de sorrir da sem-cerimônia com que guiava o amigo.

— Você falou com base na sua própria observação — perguntou ela — quando disse a ele que a minha irmã o amava, ou simplesmente pelo que eu disse a você na primavera passada?

— Com base na minha própria observação. Eu a havia observado atentamente durante as duas últimas visitas que fizera a ela; e fiquei convencido de seu amor por ele.

— Imagino que a sua segurança logo convenceu Bingley.

— Convenceu, sim. Bingley é uma pessoa profundamente modesta. Sua insegurança impedira-o de confiar em seu próprio julgamento num caso tão delicado, mas sua confiança em mim facilitou tudo. Fui obrigado a confessar uma coisa que, por um tempo, e não sem razão, o ofendeu. Não podia permitir-me esconder dele que Jane estivera em Londres durante três meses no inverno passado, que eu soubera daquilo e lho ocultara de propósito. Ficou zangado. Tenho certeza, porém, de que a sua zanga não durou mais do que a última dúvida sobre os sentimentos de Jane. Ele já me perdoou de coração.

Elizabeth adoraria observar que o sr. Bingley fora o melhor dos amigos; sua docilidade tornava-o inestimável; mas se conteve. Ela se lembrou de que ele ainda tinha de aprender a suportar a ironia, e era cedo demais para começar. Ao prever a felicidade de Bingley, que, é claro, só devia ser menor do que a dele próprio, ele deu sequência à conversa até chegarem à casa. No *hall*, se despediram.

Capítulo 59

— Minha querida Lizzy, aonde você foi? — foi a pergunta que Jane dirigiu a Elizabeth assim que entrou na sala e de todos os outros quando se sentaram à mesa. Ela só pôde responder que eles passearam para lá e para cá, sem saberem aonde iam. Corou ao falar; mas nem isso, nem outra coisa, despertou suspeitas sobre a verdade.

A noite passou tranquila, sem nada de extraordinário. Os namorados assumidos conversaram e riram, os não assumidos permaneceram calados. Darcy não estava num estado de espírito em que a felicidade transborda em alegria; e Elizabeth, agitada e confusa, mais *sabia* que estava feliz do que *sentia* isso; pois, além do constrangimento imediato, havia outras forças malignas à sua frente. Previa o que a família sentiria quando a situação se tornasse conhecida; estava ciente de que ninguém gostava dele, a não ser Jane; e chegava a temer que nem toda a sua fortuna e importância pudessem vencer a antipatia dos demais.

À noite, ela abriu o coração para Jane. Embora a suspeita estivesse muito longe dos hábitos da srta. Bennet, ela manifestou então uma completa incredulidade.

— Você está brincando, Lizzy. Não é possível!... Noiva do sr. Darcy! Não, não, você não me engana. Eu sei que isso é impossível.

— Este é um mau começo, sem dúvida! Você era a única pessoa em quem eu confiava; e tenho certeza de que ninguém mais vai acreditar em mim, se você não me der crédito. Mas lhe garanto que é sério. Eu só falo a verdade. Ele ainda me ama, e somos noivos.

Jane olhou para ela, em dúvida.

— Ah, Lizzy! Não pode ser. Eu sei o quanto você o detesta.

— Você não sabe nada sobre o caso. *Aquilo* tem de ser esquecido. Talvez nem sempre o tenha amado como agora. Mas, em casos como este, a boa memória é imperdoável. Esta vai ser a última vez que vou lembrar-me daquilo.

A srta. Bennet ainda parecia pasma. Uma vez mais Elizabeth, e com mais seriedade, garantiu-lhe que era verdade.

— Meu Deus! Será que é mesmo possível? Mas agora tenho de acreditar em você — exclamou Jane. — Minha queridíssima Lizzy, eu queria... eu lhe dou meus parabéns... mas você tem certeza? Desculpe-me perguntar... tem certeza de que pode ser feliz com ele?

— Sem nenhuma dúvida. Já está resolvido entre nós que vamos ser o casal mais feliz do mundo. Mas você está contente, Jane? Vai gostar de ter um cunhado assim?

— Muito, muito mesmo. Nada poderia dar maior satisfação a Bingley ou a mim mesma. Mas achávamos e tratávamos isso como algo impossível. E você realmente o ama bastante? Ah, Lizzy! Faça tudo, menos casar sem amor. Tem certeza de sentir o que deveria sentir?

— Ah, claro! Você vai achar que eu sinto *mais* do que deveria sentir quando eu lhe contar tudo.

— Que você quer dizer com isso?

— Tenho de confessar que o amo mais do que amo o Bingley. Tenho medo de que você se zangue.

— Querida irmã, tente ser *séria*. Quero falar muito sério. Conte-me tudo que devo saber, sem mais demora. Quer dizer-me há quanto tempo você o ama?

— Foi tudo tão gradual, que mal sei quando começou. Mas acho que deve datar do dia em que vi pela primeira vez suas belas propriedades de Pemberley.

Outro pedido de que falasse sério, porém, surtiu o efeito desejado; e ela logo contentou Jane com solenes juras de amor. Quando ficou convencida disso, a srta. Bennet nada mais tinha a desejar.

— Agora estou felicíssima — disse ela —, pois você vai ser tão feliz quanto eu. Sempre gostei dele. Mesmo que fosse só pelo amor que ele tem por você, sempre o estimei; mas agora, como amigo do Bingley e seu marido, só mesmo o Bingley e você me são mais queridos do que ele. Mas Lizzy, você foi muito fechada, muito reservada comigo. Como me falou pouco do que se passou em Pemberley e Lambton! Tudo o que sei a respeito ouvi de outras pessoas, não de você.

Elizabeth contou-lhe os motivos do segredo. Não queria mencionar Bingley; e o estado incerto de seus próprios sentimentos fez que evitasse o nome de Darcy. Mas agora não queria esconder de Jane a participação dele no casamento de Lydia. Tudo foi contado e as duas passaram metade da noite a conversar.

* * *

— Meu Deus! — exclamou a sra. Bennet, diante da janela na manhã seguinte. — Não é que aquele insuportável sr. Darcy está vindo de novo com o nosso querido Bingley! Que será que ele quer, cansando-nos com essas visitas repetidas? Não sei por que ele não vai caçar ou coisa parecida, em vez de nos vir aborrecer com a sua companhia. Que vamos fazer com ele? Lizzy, você vai ter de sair para passear com ele de novo, para que ele não perturbe o Bingley.

Elizabeth mal conteve a gargalhada a uma proposta tão conveniente; mas estava realmente contrariada por sua mãe sempre o tratar mal assim.

Logo que entraram, Bingley lançou a ela um olhar tão expressivo e lhe deu a mão com tanto carinho, que não deixou nenhuma dúvida de que estava bem informado; e logo em seguida disse em voz alta:

— Sra. Bennet, a senhora não conhece outros passeios em que Lizzy possa perder-se de novo hoje?

— Aconselho o sr. Darcy, Lizzy e Kitty — disse a sra. Bennet — a irem passear no monte Oakham esta manhã. É uma caminhada bem longa e bela, e o sr. Darcy ainda não conhece aquela vista.

— Acho que será excelente para os outros — replicou o sr. Bingley —, mas tenho certeza de que é demais para a Kitty. Não é mesmo, Kitty?

Kitty admitiu que preferia ficar em casa. Darcy demonstrou grande curiosidade em conhecer a tal vista do monte, e Elizabeth silenciosamente consentiu. Quando subiu as escadas para se vestir, a sra. Bennet seguiu-a, dizendo:

— Sinto muito, Lizzy, que você seja obrigada a ter de suportar sozinha esse homem enfadonho. Mas espero que você não se importe: é tudo para o bem de Jane, é claro; e depois não terá de conversar muito com ele, só de vez em quando. Não mais do que isso.

Durante o passeio, ficou decidido que o consentimento do sr. Bennet seria pedido naquela mesma noite. Elizabeth tomou para si mesma o encargo de conseguir a permissão da mãe. Não sabia como a sra. Bennet reagiria; às vezes duvidava de que toda a riqueza e a importância dele fossem suficientes para superar a sua antipatia pelo homem. Mas quer ela se opusesse violentamente ao casamento, quer se maravilhasse com ele, o certo é que de qualquer modo suas maneiras não demonstrariam nenhum bom-senso; e Elizabeth se consternava tanto em pensar que o sr. Darcy ouviria os primeiros arroubos da alegria da mãe quanto a veemência inicial de sua desaprovação.

* * *

À noite, logo depois que o sr. Bennet se retirou para a biblioteca, ela viu o sr. Darcy levantar-se também e segui-lo, e o seu nervosismo ao ver aquilo foi enorme. Não temia a oposição do pai, mas aquilo o tornaria infeliz; e isso por causa dela... pois *ela*, sua filha predileta, lhe causaria dissabor pela sua escolha, provocaria apreensões e remorsos por perdê-la. Essa era uma reflexão amarga, e ela permaneceu prostrada até que o sr. Darcy tornou a aparecer, e então, olhando para ele, ficou mais aliviada com seu sorriso. Em alguns minutos ele se aproximou da mesa a que ela estava sentada com Kitty; e, enquanto fingia admirar o seu trabalho, disse-lhe num sussurro:

— Vá procurar seu pai, ele quer ver você na biblioteca.

Ela foi imediatamente.

Seu pai andava de um lado para o outro da biblioteca, com expressão séria e ansiosa.

— Lizzy — disse ele —, o que está fazendo? Perdeu a cabeça, ao aceitar esse homem que você sempre odiou?

Como lamentou naquele momento que suas antigas opiniões não tivessem sido mais razoáveis, suas expressões, mais moderadas! Isso lhe teria poupado ter de dar explicações e declarações extremamente constrangedoras; eram, porém, necessárias agora, e ela lhe garantiu, um tanto confusa, estar apaixonada pelo sr. Darcy.

— Ou, em outras palavras, você está decidida a casar-se com ele. Ele é rico, com certeza, e você poderá ter mais roupas finas e carruagens luxuosas do que Jane. Mas isso a fará feliz?

— Tem o senhor mais alguma objeção — disse Elizabeth —, além de crer na minha indiferença?

— Absolutamente nenhuma. Todos sabemos que ele é um homem orgulhoso e maçante; mas isso não teria nenhuma importância se você gostasse mesmo dele.

— Gosto, sim, gosto muito dele — replicou ela, com lágrimas nos olhos. — Eu o amo. Na verdade, ele não é orgulhoso. É um amor de pessoa. O senhor não sabe quem ele realmente é; então, por favor, não me torture falando dele assim.

— Lizzy — disse-lhe o pai —, dei a ele o meu consentimento. Ele é o tipo de homem a quem eu não ousaria recusar nada que ele se dignasse a me pedir. Passo agora a decisão a você, se estiver decidida a casar-se com ele. Mas aconselho você a pensar bem. Conheço o seu caráter, Lizzy. Sei que não poderia ser realmente nem feliz nem respeitável, a não ser que realmente estime o marido; a menos que o considere superior. A vivacidade dos seus talentos a faria correr os maiores perigos num casamento desigual. Dificilmente você escaparia do descrédito e da infelicidade. Minha filha, não deixe que eu tenha a tristeza de ver você incapaz de respeitar o seu companheiro na vida. Você não sabe o que tem pela frente.

Elizabeth, ainda mais comovida, foi séria e solene em sua resposta; e por fim, pelas repetidas afirmações de que o sr. Darcy era realmente o objeto de sua escolha, pela explicação da gradual mudança por que passara o seu amor por ele, declarando a sua absoluta certeza de que o afeto que

sentia não era coisa passageira, mas passara no teste de muitos meses de incerteza, e enumerando com energia todas as boas qualidades de Darcy, ela conseguiu superar a incredulidade do pai e obter o seu apoio.

— Muito bem, minha querida — disse ele, quando ela parou de falar —, nada mais tenho a dizer. Se é esse o caso, ele merece você. Eu não poderia separar-me de você, minha Lizzy, por ninguém de menor valor.

Para completar a impressão favorável, ela então lhe contou o que o sr. Darcy fizera espontaneamente por Lydia. Ele a ouviu boquiaberto.

— Esta é uma noite de muitas surpresas! E então Darcy fez tudo; acertou o casamento, deu o dinheiro, pagou as dívidas do sujeito e ainda conseguiu um posto para ele! Tanto melhor. Isso me poupará muitos problemas e dinheiro. Se tudo tivesse sido feito por seu tio, eu teria de pagar e *pagaria* a ele; mas esses jovens violentos e apaixonados arrastam tudo que encontram pela frente. Eu lhe proporei pagar amanhã; ele vai protestar furiosamente, invocando seu amor por você, e o caso estará encerrado.

Ele então se lembrou do constrangimento por que passara alguns dias antes, ao ler a carta do sr. Collins; e, depois de rir com ela por algum tempo, permitiu que ela se fosse, dizendo, quando ela saía da biblioteca:

— Se algum rapaz vier pedir a mão de Mary ou Kitty, mande-o entrar, que estou desocupado.

Aquilo tirou um grande peso da mente de Elizabeth; e, depois de refletir calmamente por meia hora em seu quarto, estava pronta para reunir-se aos outros com razoável serenidade. Tudo era recente demais para provocar alegria, mas a noite passou tranquilamente; não havia mais nada de importância que temer, e o conforto da satisfação e da familiaridade viriam com o tempo.

Quando sua mãe subiu até o vestíbulo à noite, ela a seguiu e lhe deu a importante notícia. O efeito foi mais do que extraordinário; pois, ao ouvir aquilo, a sra. Bennet sentou-se paralisada, incapaz de articular uma sílaba. Só depois de muitos e muitos minutos ela conseguiu compreender o que ouvira, embora em geral não fosse lenta em captar o que fosse proveitoso para a família ou que viesse sob a forma de um namorado para algumas

delas. Aos poucos ela começou a se recuperar, a agitar-se sobre a cadeira, a levantar-se, a sentar-se de novo, a maravilhar-se e a se persignar.

— Deus do céu! Meu Deus! Imagine só! O sr. Darcy! Quem poderia imaginar! E será mesmo verdade? Ah! Minha queridíssima Lizzy! Como você será rica e importante! Quanto dinheiro, quantas joias, quantas carruagens você vai ter! O que Jane vai ter não é nada perto de você, nadinha. Estou tão contente, tão feliz. Que homem encantador! Tão bonito! Tão alto!... Ah, minha querida Lizzy! Por favor me desculpe de ter antipatizado tanto com ele antes. Espero que ele esqueça isso. Querida, querida Lizzy. Uma casa em Londres! Tudo o que há de mais chique! Três filhas casadas! Dez mil libras por ano! Ah, Jesus! Que vai ser de mim. Vou enlouquecer.

Isso foi o bastante para provar que não havia dúvida sobre a sua aprovação: e Elizabeth, contente porque tais arroubos só foram ouvidos por ela, logo se retirou. Mas não se passaram três minutos depois que chegou ao quarto quando sua mãe entrou.

— Minha filha mais querida — exclamou ela. — Não consigo pensar em mais nada! Dez mil libras por ano, muito provavelmente mais ainda! É tão bom quanto um lorde! E uma licença especial. Você deve e vai casar-se com uma licença especial. Mas, meu amor, diga-me qual é o prato predileto do sr. Darcy, para que eu possa servi-lo amanhã.

Esse era um mau presságio de qual seria o comportamento da mãe para com Darcy; e Elizabeth descobriu que, embora de posse segura de seu mais profundo amor, e certa do consentimento da família, ainda havia algo a desejar. O dia seguinte, porém, transcorreu muito melhor do que ela esperava; pois a sra. Bennet por sorte permaneceu com tal temor reverencial do futuro genro que não se arriscou a falar com ele, a não ser para lhe demonstrar atenção ou para assinalar sua deferência pela opinião dele.

Elizabeth teve a satisfação de ver o pai dar-se ao trabalho de se aproximar dele; e o sr. Bennet logo lhe garantiu que ele subia cada vez mais em seu conceito.

— Admiro muito todos os meus três genros — disse ele. — Wickham talvez seja o meu predileto; mas acho que vou gostar tanto do *seu* marido

quanto do de Jane.

Capítulo 60

Recuperado o bom humor, Elizabeth quis que o sr. Darcy lhe explicasse como se havia apaixonado por ela.

— Como tudo começou? — disse ela. — Posso compreender que você tenha aos poucos se encantado, uma vez nascido o sentimento; mas como ele começou?

— Não sei determinar a hora, o lugar ou o olhar, ou as palavras que lançaram os fundamentos. Faz muito tempo. Já estava no meio quando percebi que tinha começado.

— Antes você havia resistido à minha beleza e, quanto às minhas maneiras, ao meu comportamento com você, sempre, no mínimo, beiravam o desaforo, e nunca falei com você sem querer causar-lhe mais mal do que bem. Agora seja sincero: você me admirava pela minha impertinência?

— Pela vivacidade da sua inteligência, sim.

— Chame de impertinência mesmo. Não era muito diferente disso. O fato é que você estava farto de cortesias, deferências, atenções servis. Não podia mais ver as mulheres que estavam sempre a falar, a olhar e a pensar só para a *sua* aprovação. Eu despertei a sua atenção e o seu interesse porque era muito diferente *delas*. Se você não fosse realmente generoso, ter-me-ia odiado por isso; mas, apesar dos esforços que fez para se disfarçar, seus sentimentos sempre foram nobres e justos; e, no fundo do coração, você desprezava profundamente as pessoas que o cortejavam com tanta assiduidade. Aí está. Eu lhe poupei o trabalho de ter de se explicar; e afinal, tudo bem considerado, começo a achar tudo muito razoável. Na verdade,

você não via nenhum mérito em mim... mas ninguém pensa *nisso* quando se apaixona.

— Não havia nenhum mérito no seu comportamento carinhoso para com Jane enquanto ela estava em Netherfield?

— Minha querida Jane! Quem poderia fazer menos por ela? Mas faça disso uma virtude, de qualquer modo. As minhas boas qualidades estão sob a sua proteção e você deve exagerá-las o máximo possível; e, em compensação, cabe a mim aproveitar todas as oportunidades para brigar e provocar você; e vou começar imediatamente, perguntando a você por que hesitou tanto antes de chegar finalmente ao ponto. O que o fez tornar-se tão tímido comigo, quando me visitou pela primeira vez, e depois, quando jantou aqui? E principalmente por que, durante a visita, fez que não se importava comigo?

— Porque você estava séria e calada, e não me deu nenhuma confiança.

— Mas eu estava constrangida.

— Eu também.

— Você podia ter falado mais comigo quando veio jantar.

— Um homem menos emocionado o teria feito.

— Que azar que você tenha uma resposta razoável para dar e que eu seja razoável o bastante para aceitá-la! Mas fico pensando até onde você *teria* chegado, se eu o deixasse solto. Fico pensando quando você *teria* falado, se eu não lhe tivesse perguntado! Minha decisão de lhe agradecer pela generosidade com Lydia certamente surtiu muito efeito. Receio que *até demais*; pois o que será da moral, se a nossa alegria vier do rompimento de uma promessa? Pois eu não deveria ter tocado no assunto. Assim não pode ser.

— Não se preocupe. A moral será perfeitamente preservada. As injustificáveis tentativas de *Lady Catherine* para nos separar acabaram com todas as minhas dúvidas. Não devo a minha felicidade presente ao seu profundo desejo de me exprimir a sua gratidão. Eu não estava disposto a esperar algum encorajamento de sua parte. As informações de tia deram-me esperança, e eu estava decidido a saber de tudo imediatamente.

— *Lady Catherine* foi enormemente útil, o que deve torná-la feliz, pois adora ser útil. Mas me diga, para que você veio a *Netherfield*? Foi só para ir até *Longbourn* e se constranger? Ou será que tinha intenções mais sérias?

— Meu real propósito era ver você e julgar, se possível, se podia ter esperança de fazer que me amasse. O objetivo confessado, ou o que confessei a mim mesmo, era ver se a sua irmã ainda gostava de *Bingley*, e, em caso afirmativo, para fazer a ele a confissão que depois eu fiz.

— Será que você vai ter coragem de anunciar a *Lady Catherine* o que a espera?

— Talvez precise mais de tempo do que de coragem, *Elizabeth*. Mas, como tem de ser feito, se você me der uma folha de papel, será para já.

— E, se eu mesma não tivesse de escrever uma carta, eu me sentaria ao seu lado para admirar a regularidade da sua letra, como outra mocinha algum tempo atrás. Mas também tenho uma tia que não deve ser deixada de lado por mais tempo.

Por não estar muito disposta a confessar o quanto a sua intimidade com o sr. *Darcy* fora superestimada, *Elizabeth* ainda não respondera à longa carta da sra. *Gardiner*; agora, porém, tendo *aquela notícia* para contar, que sabia seria muito bem-vinda, quase sentiu vergonha ao pensar que o tio e a tia já haviam perdido três dias de alegria, e de um jato escreveu o que segue:

Gostaria de lhe ter agradecido antes, querida titia, o seu longo, gentil e satisfatório relato; mas, para dizer a verdade, eu estava muito agitada para escrever. A senhora imaginava mais do que existia. Mas *agora* pode dar asas à imaginação; solte as rédeas da fantasia, permita à imaginação todos os possíveis voos que o assunto sugira e, a menos que me julgue já casada, não poderá errar muito. A senhora tem de escrever de novo muito em breve, e elogiá-lo muito mais do que na última carta. Mil vezes obrigada por não ter ido aos Lagos. Como pude ser tão tonta para querer ir! Sua ideia dos pôneis é deliciosa. Passearemos pelo parque todos os dias. Sou a criatura mais feliz do mundo. Talvez alguém já tenha dito isso antes, mas não com tanta justiça. Estou mais feliz até do que a Jane; ela apenas sorri, eu rio. O sr. *Darcy* manda-lhe todo o carinho do mundo... que consegue poupar de mim. A família toda tem de vir a *Pemberley* no Natal. Muito cordialmente, etc.

O estilo da carta do sr. *Darcy* a *Lady Catherine* era diferente; e diferente das duas era a que o sr. *Bennet* enviou ao sr. *Collins*, em resposta à última

que recebera dele.

Caro senhor,

Devo perturbá-lo mais uma vez com as minhas felicitações. Logo Elizabeth se tornará esposa do sr. Darcy. Console *Lady Catherine* o máximo que puder.

Se eu fosse o senhor, porém, ficaria do lado do sobrinho. Ele pode pagar mais.

Cordialmente, etc.

Os parabéns da srta. Bingley ao irmão pelo iminente casamento foram tão afetuosos quanto insinceros. Chegou a escrever a Jane, para exprimir a sua alegria, e repetiu todas as suas antigas expressões de carinho. Jane não se deixou iludir, mas ficou tocada; e, embora não confiasse nela, não pôde deixar de lhe escrever uma resposta muito mais gentil do que ela merecia.

A alegria demonstrada pela srta. Darcy ao receber a mesma informação foi tão sincera quanto a do irmão ao comunicá-la. Duas páginas de papel foram insuficientes para conter todo o seu contentamento e todo o seu profundo desejo de ser amada pela cunhada.

Antes que chegasse qualquer resposta da parte do sr. Collins, ou quaisquer felicitações a Elizabeth da parte da esposa dele, a família de Longbourn soube que os Collins haviam vindo em pessoa à mansão dos Lucas. A razão dessa brusca retirada logo se fez evidente. *Lady Catherine* irritara-se tão profundamente com o conteúdo da carta do sobrinho, que Charlotte, realmente feliz com a união, ficou ansiosa por partir até que a tempestade amainasse. Nesse momento, a chegada da amiga foi um sincero prazer para Elizabeth, embora durante o encontro deva ter algumas vezes achado que o preço de tal prazer fosse caro, ao ver o sr. Darcy sujeito a todas as ostentatórias e obsequiosas reverências do marido. Ele suportou tudo aquilo, porém, com admirável serenidade. Conseguiu até mesmo ouvir *Sir William Lucas* quando este o cumprimentou por ter-se apossado da mais cintilante joia da região e exprimiu seus votos de que todos se reunissem com frequência em St. James, com a mais decente compostura. Se deu de ombros, foi só depois que *Sir William* já não estava à vista.

A vulgaridade da sra. Phillips foi outro, e talvez maior, peso para a sua paciência; e, embora a sra. Phillips, assim como a irmã, se sentisse aterrorizada demais à frente dele para poder falar-lhe com a familiaridade a

que o bom humor de Bingley convidava, toda vez que *conseguia* falar, era vulgar. Tampouco era provável que o seu respeito por ele, embora a fizesse falar menos, a tornasse mais elegante. Elizabeth fez tudo que pôde para protegê-lo das assíduas atenções de ambas, e estava sempre ansiosa por tê-lo só para si e para os membros da família com quem ele podia conversar sem se aborrecer; e, embora os sentimentos de fastio provocados por tudo aquilo diminuíssem em muito o prazer da fase de namoro, aumentaram as esperanças no futuro; e ela aguardava ansiosa o momento em que se separariam de uma companhia tão pouco agradável para ambos, a fim de gozarem todo o conforto e a elegância da vida familiar em Pemberley.

Capítulo 61

Foi uma felicidade para os sentimentos maternos da sra. Bennet o dia em que viu partirem as duas filhas de maior mérito. É fácil adivinhar com que orgulho e satisfação ela depois visitou a sra. Bingley e falou da sra. Darcy. Eu gostaria de poder dizer, em favor da família, que a realização de seus sonhos mais profundos, com o casamento de tantas de suas filhas, tivesse produzido o feliz efeito de torná-la mais sensata, amável e bem-educada pelo resto da vida; embora talvez fosse uma sorte para o marido, que provavelmente não suportaria uma felicidade tão extraordinária, que ela continuasse esporadicamente nervosa e sempre tola.

O sr. Bennet sentia muita falta da segunda filha; seu amor por ela tirava-o de casa com mais frequência do que qualquer outra coisa. Ele adorava ir a Pemberley, sobretudo quando era menos esperado.

O sr. Bingley e Jane permaneceram em Netherfield só por um ano. Uma vizinhança tão próxima da mãe e dos parentes de Meryton não era desejável nem para o caráter alegre *dele* nem para o afetuoso coração *dela*. O mais ardente desejo de suas irmãs tornou-se então realidade; ele adquiriu uma propriedade num condado vizinho de Derbyshire, e Jane e Elizabeth, além de todas as outras fontes de alegria, passaram a estar a trinta milhas uma da outra.

Para grande proveito seu, Kitty passava a maior parte do tempo com as duas irmãs mais velhas. Em companhia tão superior à que antes conhecera, grande foi o seu progresso. Não tinha um temperamento tão indomável como Lydia; e, sem a influência do exemplo dela, tornou-se, com muita

atenção e orientação, menos irritadiça, menos ignorante e menos insípida. Ela era, é claro, mantida afastada da nociva companhia de Lydia, e, embora a sra. Wickham frequentemente a convidasse para vir e ficar com ela, com a promessa de bailes e rapazes, seu pai jamais permitiria que fosse.

Mary era a única filha que permanecera em casa; e foi forçosamente atrapalhada na sua busca da perfeição pelo fato de a sra. Bennet não conseguir permanecer só. Mary foi obrigada a frequentar mais o mundo, mas ainda podia dar lições de moral sobre cada visita matutina; e, como já não era humilhada pelas comparações entre a beleza das irmãs e a sua, seu pai suspeitava que ela se submetera à mudança sem muita relutância.

Quanto a Wickham e Lydia, o caráter de ambos não sofreu nenhuma revolução com o casamento das irmãs. Ele aceitou com filosofia a convicção de que Elizabeth devia agora estar ciente de toda a parte de sua ingratidão e falsidade que antes lhe era desconhecida; e, apesar de tudo, ainda tinha esperança de poder convencer Darcy a ajudá-lo a enriquecer. A carta de parabéns que Elizabeth recebeu de Lydia pelo casamento demonstrou-lhe que, pelo menos para a esposa dele, tal esperança continuava viva. Eis a carta:

Minha querida Lizzy,

Desejo-lhe muita alegria. Se você tiver pelo sr. Darcy metade do amor que tenho pelo meu querido Wickham, será muito feliz. É muito bom saber que você está tão rica e, quando não tiver nada para fazer, espero que pense em nós. Tenho certeza de que Wickham adoraria ter um cargo na Corte, e não acho que, sem alguma ajuda, tenhamos dinheiro suficiente para viver de renda. Serviria qualquer posto de trezentas ou quatrocentas libras por ano; mas não fale sobre isso com o sr. Darcy, se preferir.

Cordialmente, etc.

Como Elizabeth justamente preferia *muito* não falar a esse respeito, tratou em sua resposta de pôr um ponto-final em qualquer tentativa ou expectativa do gênero. No entanto, ela com frequência lhes enviava aquilo que podia poupar em suas despesas pessoais, pela prática do que poderia ser chamado de economia. Sempre lhe fora evidente que uma renda como a deles, sob a direção de duas pessoas tão extravagantes nos seus caprichos quanto despreocupadas com o futuro, devia ser amplamente insuficiente

para o sustento deles; e, toda vez que os dois se mudavam, Jane ou ela com certeza recebia um pedido de uma pequena ajuda para pagar as contas. Sua maneira de viver, mesmo quando a restauração da paz os trouxe de volta para casa, era extremamente irregular. Estavam sempre mudando-se de um lugar para outro na busca de uma casa barata e sempre gastavam mais do que deveriam. A afeição dele por ela logo se transformou em indiferença; a dela durou um pouco mais; e, apesar da sua juventude e das suas maneiras, ela conservou todo o direito à respeitabilidade que o casamento lhe garantia.

Embora Darcy nunca o recebesse em Pemberley, por Elizabeth ele continuava a ajudá-lo em sua profissão. De quando em quando Lydia lhes fazia uma visita, quando o marido ia divertir-se em Londres ou em Bath; e com os Bingley os dois muitas vezes permaneciam por tanto tempo, que conseguiam até mesmo acabar com o bom humor de Bingley, que chegava ao ponto de lhes sugerir que partissem.

A srta. Bingley ficou profundamente aborrecida com o casamento de Darcy; mas, como julgou aconselhável conservar o direito de visitar Pemberley, deixou de lado toda a mágoa; mostrou-se mais do que nunca carinhosa com Georgiana, quase tão atenta a Darcy quanto antes e observou com Elizabeth todas as normas da boa educação.

Pemberley passou a ser o lar de Georgiana; e a sua ligação com Elizabeth transformou-se exatamente no que Darcy esperara. Elas eram capazes de amar uma à outra, como aliás desejavam. Georgiana tinha Elizabeth na mais alta conta, embora no começo sempre ouvisse com um espanto que beirava o alarme sua maneira viva, esportiva de falar com o seu irmão. Agora via ser alvo de brincadeiras aquele que sempre lhe inspirara um respeito que quase superava o afeto. Sua mente recebia conhecimentos com que nunca antes se deparara. Pelos ensinamentos de Elizabeth, começou a compreender que uma mulher pode permitir-se com o marido certas liberdades que nem sempre um irmão permitirá numa irmã mais de dez anos mais jovem do que ele.

Lady Catherine estava extremamente indignada com o casamento do sobrinho; e, como deu azo a toda a sua genuína franqueza de caráter na sua

resposta à carta que anunciava a aliança, ela lhe escreveu palavras tão duras, sobretudo acerca de Elizabeth, que durante algum tempo toda a relação entre eles foi cortada. Mas por fim, graças à insistência de Elizabeth, ele foi convencido a esquecer a ofensa e buscar a reconciliação; e, depois de uma breve resistência da parte da tia, sua mágoa cedeu, ou pelo carinho que tinha por ele, ou pela curiosidade em ver como a esposa dele se comportava; e ela se dignou a ir encontrá-los em Pemberley, apesar da profanação que seus bosques haviam sofrido não só pela presença de uma tal patroa, mas também pelas visitas de seus tios da capital.

Com os Gardiner, eles sempre tiveram relações estreitas. Darcy e Elizabeth realmente os amavam; e ambos nutriam a mais sentida gratidão pelas pessoas que, ao trazerem-na a Derbyshire, foram os intermediários da união entre eles.

© COPYRIGHT DESTA TRADUÇÃO: EDITORA MARTIN CLARET LTDA., 2010.
TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS: *PRIDE AND PREJUDICE* (1813).

direção MARTIN CLARET

produção editorial CAROLINA MARANI LIMA
MAYARA ZUCHELI

direção de arte JOSÉ DUARTE T. DE CASTRO

ilustração de capa e miolo DANIEL DUARTE

diagramação GIOVANA GATTI QUADROTTI

revisão WALDIR MORAES

Este livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

AUSTEN, JANE, 1775-1817.

ORGULHO E PRECONCEITO [LIVRO ELETRÔNICO] / JANE AUSTEN;
TRADUÇÃO ROBERTO LEAL FERREIRA. — SÃO PAULO: MARTIN CLARET,
2020.
1.586 KB; EPUB.

TÍTULO ORIGINAL: PRIDE AND PREJUDICE.
ISBN 978-65-86014-22-8

1. FICÇÃO INGLESA I. TÍTULO.

20-33772

CDD-823

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. FICÇÃO: LITERATURA INGLESA 823
CIBELE MARIA DIAS – BIBLIOTECÁRIA – CRB-8/9427



EDITORA MARTIN CLARET LTDA.

RUA ALEGRETE, 62 – BAIRRO SUMARÉ – CEP: 01254-010 – SÃO PAULO,
SP

TEL.: (11) 3672-8144 – WWW.MARTINCLARET.COM.BR